

O JARDIM DAS BORBOLETAS

DOT HUTCHISON



NUNCA A BELEZA
FOI TÃO ASSUSTADORA



INQUIETANTE!



INESQUECÍVEL!



INTELIGENTE!



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O JARDIM DAS BORBOLETAS

DOT HUTCHISON



NUNCA A BELEZA
FOI TÃO ASSUSTADORA



INQUIETANTE!



INESQUECÍVEL!



INTELIGENTE!



DOT HUTCHISON

O JARDIM
DAS BORBOLETAS

Tradução de
ANA LOURENÇO



*Para a mãe e para a Deb
Porque iam a meio da resposta à pergunta antes de perceberem como era
profundamente perturbadora
E por tudo o resto.*

Os técnicos informam-no de que a rapariga do outro lado do vidro não disse uma palavra desde que a trouxeram. Ao início, isso não o surpreende, devido aos traumas por que ela passara, mas, ao observá-la naquele momento através do vidro espelhado, começa a questionar essa avaliação. Está curvada na cadeira dura de metal, o queixo pousado numa mão ligada enquanto a outra desenha símbolos sem sentido na superfície da mesa de aço inoxidável. Os seus olhos estão meio fechados, sombras profundas a escurecerem a pele abaixo, e o seu cabelo preto está baço e sujo, apanhado num nó desgrenhado. Está visivelmente exausta.

Mas não diria traumatizada.

Enquanto bebe o café, o agente especial do FBI Victor Hanoverian estuda a rapariga e aguarda a chegada dos membros da sua equipa. Pelo menos, a do seu parceiro. O terceiro membro principal da equipa está no hospital com as outras raparigas, a tentar obter actualizações sobre o seu estado e, quando possível, os seus nomes e impressões digitais. Outros agentes e técnicos estão na propriedade, e o pouco que soube por eles deu-lhe vontade de ligar para casa e falar com as filhas, certificar-se de que estão bem. Porém, tem um certo jeito para lidar com as pessoas, especialmente com crianças traumatizadas, pelo que a sua presença ali é a escolha sensata, e está à espera de entrar e falar com aquela vítima em particular.

Repara nas ténues linhas cor-de-rosa em torno do nariz e da boca dela, provocadas pela máscara de oxigénio, nas manchas de terra e fuligem no rosto e na roupa emprestada. Tem

ligaduras nas mãos e no braço esquerdo e o volume de outras é visível sob a camisa fina que alguém no hospital lhe deu para vestir. Treme dentro das calças verdes próprias para a cirurgia e levanta os pés descalços do chão frio, mas não se queixa.

Ele nem sabe o seu nome.

Não sabe os nomes da maioria das raparigas que salvaram ou das que chegaram tarde, demasiado tarde, para salvar. Aquela não falou com ninguém, a não ser com outras raparigas, e nem aí surgiram nomes ou informações. Houve apenas... bem, ele não pode realmente chamar-lhe consolo. «Ou vão morrer ou não vão, portanto, descontraíam-se para que os médicos possam trabalhar» não era exactamente reconfortante, mas foi assim que as outras raparigas pareceram encarar as palavras.

Endireita-se na cadeira, erguendo lentamente os braços acima da cabeça até as suas costas estarem curvas como um arco. Os microfones captam o estalido doloroso das vértebras. Abanando a cabeça, ela curva-se sobre a mesa, pressionando a face e as palmas das mãos contra o metal. Está de costas para o vidro, para ele e para os outros que sabe estarem lá, mas o ângulo oferece outra coisa interessante: as linhas.

O hospital deu-lhe uma fotografia; ele consegue apenas ver as extremidades daquelas cores intensas a espreitar na parte de trás do seu ombro. O resto do desenho é mais difícil de ver, mas a camisola interior não é suficientemente grossa para o obscurecer por completo. Ele tira a fotografia do bolso e encosta-a ao vidro, olhando para o papel brilhante e para o que consegue ver do desenho nas costas da rapariga. Não seria significativo, tirando o facto de todas as raparigas os terem, excepto uma. Cores diferentes, desenhos diferentes, mas tudo idêntico no essencial.

— Acha que ele lhes fez aquilo? — pergunta um dos técnicos, observando a rapariga no monitor. A câmara está no outro lado da sala de interrogatórios, mostrando uma imagem

ampliada do rosto dela, os seus olhos fechados, a sua respiração lenta e profunda.

— Acho que iremos descobrir. — Não gosta de fazer suposições, especialmente quando ainda sabem tão pouco. Esta é uma das raras vezes na sua carreira em que aquilo que encontraram é muito pior do que podiam ter imaginado. Está habituado a pensar o pior. Quando uma criança desaparece, uma pessoa esforça-se ao máximo mas não espera encontrar a pobre criatura viva no fim. Talvez tenha esperança, mas não espera. Viu corpos tão pequenos que admira haver caixões para eles, viu crianças violadas antes de saberem o significado da palavra, mas, de alguma forma, este caso é tão inesperado que ele ainda não sabe muito bem o que pensar.

Desconhece até a idade dela. Os médicos calcularam entre dezasseis e vinte e dois, mas isso não ajuda muito. Com dezasseis anos, ela provavelmente devia ter ali alguém dos Serviços Sociais, mas essas pessoas já encheram o hospital e dificultaram as coisas. Dispõem de serviços valiosos e necessários, mas isso não os tira do seu caminho. Tenta pensar nas filhas, no que fariam se estivessem trancadas numa sala como aquela rapariga, mas nenhuma é assim tão contida. Isso significa que ela é mais velha? Ou apenas que tem mais prática de fingir não parecer afectada?

— Já tivemos mais notícias do Eddison ou da Ramirez? — pergunta ele aos técnicos, sem tirar os olhos da rapariga.

— O Eddison vem a caminho. A Ramirez ainda está no hospital com os pais da rapariga mais nova — informa uma das mulheres. Yvonne não olha para a rapariga na sala, nem sequer pelos monitores. Tem uma filha pequena em casa. Victor pergunta-se se deve tirá-la do caso (ela acabou de regressar ao trabalho), mas acha que ela dirá alguma coisa se não conseguir lidar com a situação.

— Foi ela quem desencadeou a busca?

— Só desapareceu há uns dois dias. Estava no centro comercial às compras com as amigas. Disseram que ela saiu dos provadores para pedir um tamanho diferente e não voltou.

Menos uma pessoa para encontrar.

No hospital tinham tirado fotografias a todas as raparigas, mesmo as que haviam morrido no caminho ou à chegada, e estão a compará-las com as da base de dados das pessoas desaparecidas. No entanto, os resultados demorarão a surgir. Quando os agentes ou os médicos perguntavam os nomes às que estavam em melhor forma, elas voltavam-se para esta rapariga, claramente uma líder, e a maioria não dizia nada. Algumas pareciam pensar um pouco antes de se desfazerem em lágrimas que traziam as enfermeiras a correr.

Mas não esta rapariga na sala de interrogatórios. Quando lhe perguntaram, ela apenas lhes virou costas. Tanto quanto podem deduzir, aquela rapariga não tem interesse em ser encontrada.

O que faz que alguns deles se perguntem se ela é mesmo uma vítima.

Victor suspira e acaba o café, esmagando o copo de papel antes de o deitar no caixote junto à porta. Preferia esperar por Ramirez; outra mulher na sala é sempre útil em circunstâncias como esta. Poderá esperar por ela? Não há como saber quanto tempo vai demorar com os pais ou se outros pais acorrerão ao hospital quando as fotografias forem divulgadas pela Comunicação Social. Se forem divulgadas, corrige ele de sobrolho franzido. Detesta essa parte, detesta escarrapachar os retratos das vítimas nos ecrãs de televisão e nos jornais para que não seja possível esquecerem o que lhes aconteceu. Pelo menos, podem esperar até obter os dados das pessoas desaparecidas para falarem com os jornalistas.

A porta abre-se e fecha-se atrás dele. O aposento é à prova de som, mas o vidro estremece um pouco e a rapariga endireita-se com rapidez, fitando, de olhos semicerrados, o espelho. E,

presumivelmente, visualizando as pessoas que sabe estarem atrás dele.

Victor não se vira. Ninguém bate com a porta como Brandon Eddison.

— Alguma coisa?

— Encontraram duas correspondências bastante recentes, e os pais estão a caminho. Até agora, é tudo da Costa Leste.

Victor afasta a foto do vidro e guarda-a no bolso do casaco.

— Mais alguma coisa acerca da nossa rapariga?

— As outras chamaram-lhe Maya depois de ela ser trazida para cá. Nenhum apelido.

— Nome verdadeiro?

Eddison resfolegou.

— Duvido.

Tenta correr o fecho do casaco sobre a *T-shirt* dos Redskins. Assim que a equipa de emergência encontrou as sobreviventes, a equipa de Victor foi chamada da folga para dar seguimento à investigação. Tendo em conta os gostos de Eddison, Victor sente-se grato por não haver imagens de mulheres nuas na *T-shirt*.

— Temos uma equipa a analisar a casa para ver se o estupor guardava lá alguma coisa pessoal.

— Sabemos ambos que ele guardou algumas coisas muito pessoais delas.

Talvez lembrando-se do que viu na propriedade, Eddison não responde.

— Porquê esta? — pergunta. — A Ramirez diz que há outras com poucos ferimentos. Mais assustadas, talvez mais dispostas a falar. Esta parece dura de roer.

— As outras raparigas admiram-na. Quero saber porquê. Devem estar desejosas de ir para casa. Então porque olham para ela e decidem não responder às perguntas?

— Achas que ela pode fazer parte disso?

— É o que precisamos de descobrir. — Pegando na garrafa de água que estava na bancada, Victor respira fundo. — Muito bem. Vamos falar com a Maya.

Ela está recostada na cadeira quando entram na sala, com os dedos cobertos de gaze entrelaçados sobre a barriga. Não é uma postura tão defensiva como ele esperaria, e é claro, pela testa franzida do colega, que ele também está surpreso. O seu olhar pousa neles, abarcando pormenores e arquivando pensamentos, nenhum dos quais se adivinha pela sua expressão.

— Obrigado por vir connosco — diz ele à laia de cumprimento, ignorando o facto de ela não ter tido escolha. — Este é o agente especial Brandon Eddison e eu sou o agente especial no comando Victor Hanoverian.

O canto da boca dela inclina-se para cima num movimento fugaz que ele não pode realmente considerar um sorriso.

— Agente especial no comando Victor Hanoverian — repete ela com a voz rouca de um fumador. — Um título comprido.

— Preferia Victor?

— Na verdade, não tenho preferência, mas obrigada.

Ele desenrosca a tampa e entrega-lhe a garrafa de água, aproveitando o momento para ajustar a sua estratégia. Não está traumatizada e também não é tímida.

— Em geral, a outra parte também se apresenta.

— Os pormenores úteis? — pergunta ela. — O senhor gosta de fazer sesta e nadar e Eddison gosta de andar na rua de saltos e minissaia?

Eddison rosna e bate com um punho na mesa.

— Como se chama?

— Não seja grosseiro.

Victor morde o lábio para não sorrir. Isso não ajudará na situação — certamente não ajudará no estado de espírito do seu parceiro —, mas a tentação existe.

— Importa-se de nos dizer como se chama?

— Obrigada, mas não. Acho que não quero partilhar isso.

— Algumas raparigas chamam-lhe Maya.

— Então porque se deu ao trabalho de perguntar?

Ele ouve a inspiração de Eddison, mas ignora-a.

— Gostávamos de saber quem é, como veio aqui parar. Gostaríamos de a ajudar a chegar a casa.

— E se eu disser que não preciso da vossa ajuda para chegar a casa?

— Perguntar-me-ia porque não foi para casa antes disto.

Há um arremedo de sorriso e um levantar de sobrancelha que pode significar aprovação. É bonita, tem a pele dourada e olhos castanho-pálidos, quase âmbar, mas não é fraca. Um sorriso terá de ser merecido.

— Acho que ambos sabemos a resposta. Mas já lá não estou, pois não? Posso voltar para casa daqui.

— E onde é a sua casa?

— Não sei se ainda existe.

— Isto não é um jogo — declara Eddison.

A rapariga avalia-o friamente.

— Não, claro que não. Morreram pessoas, há vidas destruídas e tenho a certeza de que para si foi uma chatice ter de deixar o seu jogo de futebol.

Eddison cora, subindo mais o fecho do casaco.

— Não parece muito nervosa — diz Victor.

Ela encolhe os ombros e bebe um gole de água, segurando a garrafa cuidadosamente nas suas mãos ligadas.

— Devia estar?

— A maioria das pessoas está quando fala com o FBI.

— Não é tão diferente de falar com... — Ela morde o lábio inferior gretado, faz um esgar de dor ao sentir as gotas de sangue. Bebe outro gole.

— Com...? — incita ele suavemente.

— Ele — responde. — O Jardineiro.

— O homem que vos prendeu... falou com o jardineiro dele?
Ela abana a cabeça.

— Ele *era* o Jardineiro.

Têm de entender que não lhe dei esse nome por medo ou receio ou por algum sentimento de decência mal orientado. Não lhe dei esse nome, ponto final. Como qualquer outra coisa naquele sítio, era feita a partir do tecido da nossa ignorância. O que não era conhecido era criado, o que não era criado acabou por deixar de importar. É uma forma de pragmatismo, suponho. As pessoas carinhosas e afectuosas que necessitam desesperadamente da aprovação de outras são vítimas da síndrome de Estocolmo, enquanto as restantes adoptam o pragmatismo. Tendo visto as duas facetas nos outros, escolho a do pragmatismo.

Ouvi o nome no meu primeiro dia no Jardim.

Cheguei com uma dor de cabeça lancinante, cem vezes pior do que qualquer ressaca que já tive. Nem conseguia abrir os olhos. A dor atravessava-me o crânio a cada inspiração, e mais ainda a cada movimento. Devo ter emitido algum som porque, de repente, senti um pano fresco e húmido na testa e nos olhos e uma voz a certificar que era apenas água.

Não sei o que me perturbou mais: o facto de aquilo ser, obviamente, uma preocupação frequente para ela ou o facto de ser uma *ela*. Não havia nenhuma mulher no par que me raptara, disso eu tinha a certeza.

Um braço deslizou por trás dos meus ombros, erguendo-me suavemente, e uma mão encostou um copo aos meus lábios.

— É só água, prometo — repetiu ela.

Bebi. Não importava realmente se era «só água» ou não.

— Consegues engolir comprimidos?

— Sim — sussurrei, e até aquele som cravou outro prego no meu crânio.

— Então abre a boca. — Quando obedeci, ela colocou dois comprimidos na minha língua e levantou de novo a água. Engoli obedientemente e tentei não vomitar quando me baixou com cuidado sobre um lençol fresco e um colchão duro. Não disse mais nada durante bastante tempo, não até as luzes coloridas pararem de dançar nas minhas pálpebras e eu começar a mover-me de livre vontade. Depois tirou o pano do meu rosto, protegendo-me os olhos da luz do tecto até eu conseguir deixar de pestanejar.

— Então já fizeste isto antes — grasei.

Ela passou-me o copo de água.

Mesmo dobrada sobre si mesma, num banquinho ao lado da cama, era fácil ver que era alta. Alta e musculosa, com pernas longas e músculos delineados como uma amazona. Ou uma leoa, na verdade, porque se curvava de forma flexível como um gato. O cabelo castanho-avermelhado fora apanhado no alto da cabeça num penteado absurdo e extravagante, revelando um rosto esculpido e olhos castanhos encovados com pontos dourados. Usava um vestido preto sedoso atado ao pescoço.

Aceitou a minha franca avaliação com uma espécie de alívio. Suponho que era melhor que a reacção histérica que, provavelmente, costumava ter.

— Chamam-me Lyonette — anunciou quando me fartei de olhar para ela e voltei a minha atenção para a água. — Não precisas de me dizer o teu nome, porque não vou poder usá-lo. É melhor esquecê-lo, se puderes.

— Onde estamos?

— No Jardim.

— O Jardim?

Ela encolheu os ombros, e até isso foi um gesto fluido, gracioso em vez de deselegante.

— É um nome tão bom como qualquer outro. Queres vê-lo?

— Calculo que não conheças um atalho daqui para fora, certo?

Ela limitou-se a olhar para mim.

Certo. Empurrei as pernas para a beira da cama, finquei os punhos no colchão e percebi que conseguia ver todo o meu corpo.

— Roupa?

— Toma. — Entregou-me uma coisa preta sedosa que era um vestido justo, pelo joelho, subido no pescoço e decotado atrás. Bastante decotado. Se eu tivesse covinhas no traseiro, ela tê-las-ia visto. Ajudou-me a amarrar uma faixa estreita em torno das ancas, depois empurrou-me suavemente para a porta.

O aposento era simples, quase austero, e tinha apenas a cama, uma pequena sanita e o lavatório a um canto. No outro canto ficava o que parecia ser um pequeno chuveiro aberto. As paredes eram de vidro espesso, com uma abertura no lugar da porta, e havia uma espécie de calha de cada lado do vidro.

Lyonette viu-me a olhar para as calhas e franziu o sobrolho.

— Há umas paredes que descem para nos manterem nos nossos quartos e fora de vista — explicou.

— Muitas vezes?

— Algumas.

A abertura dava para um corredor estreito que seguia para a minha direita e só um pouco para a minha esquerda antes de chegar a uma esquina. Quase em frente à abertura havia outra com mais calhas: conduzia a uma gruta húmida e fresca. Um arco aberto no lado mais distante da gruta deixava entrar a brisa no espaço de pedra escura, e a luz reflectia-se na queda-d'água que jorrava lá fora. Lyonette levou-me para lá da cortina de água até um jardim tão bonito que olhar para ele quase fazia doer. Flores de todas as cores concebíveis floresciam numa profusão caótica de folhas e árvores, com

nuvens de borboletas a pairar entre elas. Um penhasco artificial erguia-se acima de nós, mais vegetação e árvores na sua parte superior plana, e as árvores nas extremidades quase roçavam os lados do telhado de vidro, que se erguia impossivelmente longe. Eu podia ver muros pretos através da vegetação do nível inferior, demasiado altos para alcançar o que estava a seguir, e pequenas zonas de espaço aberto rodeadas de trepadeiras. Pensei que podiam ser portas para corredores como aquele em que tínhamos estado.

O espaço era enorme, quase avassalador no seu tamanho antes mesmo de se olhar para o tumulto de cor. A queda-d'-água alimentava um riacho estreito que serpenteava até uma pequena lagoa coberta de nenúfares e havia carreiros de areia branca através da vegetação até às outras portas.

A luz que entrava pelo tecto tinha uma tonalidade roxa com laivos cor-de-rosa e índigo: era noite. O meu rapto tivera lugar da parte da tarde, mas, não sei porquê, não achava que fosse o mesmo dia. Virei-me, descrevendo um círculo lento, tentando abarcar tudo, mas era demasiado. Os meus olhos não conseguiam ver metade do que ali estava e o meu cérebro não era capaz de processar metade do que eu via.

— Mas que porra?

Lyonette soltou uma gargalhada, um som forte abruptamente interrompido como se ela tivesse medo de que alguém o ouvisse.

— Chamamos-lhe Jardineiro — disse secamente. — É adequado, não?

— Que lugar é este?

— Bem-vinda ao Jardim das Borboletas.

Virei-me para perguntar o que significava isso, mas então vi.

Ela bebe um longo gole de água, rolando a garrafa nas

palmas das mãos. Como não mostra sinais de continuar, Victor bate suavemente na mesa para lhe chamar a atenção.

— O quê? — pergunta.

Ela não responde.

Victor tira a fotografia do bolso do casaco, colocando-a sobre a mesa entre eles.

— O quê? — pergunta de novo.

— Fazer-me perguntas para as quais já sabe a resposta não me faz confiar em si. — Mas os seus ombros descontraem-se e ela recosta-se de novo na cadeira, em terreno familiar.

— Somos do FBI. Habitualmente, as pessoas pensam que somos os bons.

— E o Hitler pensava que era mau?

Eddison avança até à extremidade da sua cadeira.

— Está a comparar o FBI ao Hitler?

— Não, estou a participar numa discussão sobre perspectiva e relatividade moral.

Quando receberam o telefonema, Ramirez fora direita ao hospital e Victor para ali, para coordenar o dilúvio de informações recebidas. Fora Eddison quem visitara a propriedade. Eddison reage sempre ao horror com mau humor. E, lembrando-se disso, Victor volta os olhos para a rapariga do outro lado da mesa.

— Doeu?

— Como tudo — responde ela, percorrendo a fotografia com o dedo.

— O hospital diz que já tem uns anos?

— Isso soa a uma pergunta.

— Uma afirmação que precisa de ser confirmada — esclarece ele, e desta vez o sorriso surge.

Eddison olha-o, carrancudo.

— Os hospitais são muitas coisas, mas completamente incompetentes não costuma ser uma delas.

— E que diabo significa isso? — pergunta Eddison.

— Sim, tem alguns anos.

Ele reconhece o padrão após anos a perguntar às filhas pelos boletins, pelos testes e pelos namorados. Deixa o silêncio estender-se por um minuto, depois dois, e observa a rapariga a virar a fotografia com todo o cuidado. Os psiquiatras da equipa provavelmente teriam uma ou duas coisas a dizer a respeito disso.

— Quem tinha ele para as fazer?

— A única pessoa no mundo em quem podia confiar sem reservas.

— Um homem de muitos talentos.

— Vic...

Sem tirar os olhos da rapariga, Victor dá um pontapé na perna da cadeira do parceiro, abanando-o. É recompensado com a tal sugestão de um sorriso. Não a sério, nem sequer uma sombra, mas algo parecido.

A rapariga espreita para baixo das ligaduras que lhe envolvem os dedos, que mais parecem luvas do que mitenes.

— As agulhas fazem cá uma barulheira, hem? Em especial quando não temos escolha! Mas é uma escolha, porque *há* a alternativa.

— Morte — adivinha Victor.

— Pior.

— Pior que a morte?

Mas Eddison empalidece e a rapariga percebe e, em vez de o gozar por isso, dirige-lhe um aceno de cabeça solene.

— Ele sabe. Mas o senhor não esteve lá, pois não? Ler sobre o assunto não é a mesma coisa.

— O que é pior que a morte, Maya?

Ela raspa com a unha uma das crostas recentes do dedo indicador, arrancando-a, e gotas de sangue surgem contra a gaze.

— Ficaria admirado com a facilidade com que se arranja equipamento para tatuar.

Durante a primeira semana, meteram-me qualquer coisa no jantar para me tornar dócil. Lyonette ficava comigo durante o dia, mas as outras raparigas — que eram muitas — mantinham-se à distância. Isso era normal, disse-me quando comentei o assunto durante o almoço.

— O choro enerva toda a gente — disse ela depois de ingerir uma garfada de salada. Independentemente do que pudesse ser dito sobre o misterioso Jardineiro, ele fornecia excelentes refeições. — A maioria prefere manter-se à distância até sabermos como é que a rapariga reage.

— Menos tu.

— Alguém tem de fazer isto. Aguento as lágrimas, se for preciso.

— Então, deves estar muito grata por eu não as ter derramado.

— Quanto a isso... — Lyonette espetou um bocado de galinha grelhada e girou o garfo. — Chegaste a chorar?

— Teria valido a pena fazê-lo?

— Ou vou amar-te ou odiar-te.

— Diz-me, para eu tentar comportar-me em conformidade.

Ela esboçou um grande sorriso, mostrando todos os dentes.

— Mantém essa atitude, mas não com ele.

— Porque quer ele que eu durma à noite?

— Medidas de precaução. Afinal, há um penhasco lá fora.

O que me fez perguntar quantas raparigas se teriam atirado de lá antes de ele implementar essas medidas de precaução. Tentei calcular a altura da monstruosidade artificial. Oito, talvez dez metros? Seria o suficiente para matar alguém?

Tinha-me habituado a acordar naquele quarto vazio quando

o efeito das drogas passava, com Lyonette sentada num banco ao lado da cama. Mas, no fim da primeira semana, acordei de barriga para baixo num banco de estofa rijo e senti o cheiro adstringente de anti-séptico no ar. Era um aposento diferente, maior, com paredes de metal em vez de vidro.

E havia outra pessoa lá dentro.

Não consegui ver de início, não com o sono drogado ainda a colar-me as pálpebras, mas sentia alguém ali. Mantive a respiração lenta e uniforme, esforçando-me por ouvir, mas uma mão pousou na barriga da minha perna.

— Sei que estás acordada.

Era a voz de um homem, não muito alta e com o sotaque culto da região nordeste. Uma voz agradável. A mão deslizou pela minha perna, pelo meu traseiro e ao longo da curva das minhas costas. Deixou pele de galinha no seu rasto, apesar do calor ambiente.

— Gostava que ficasses muito quieta, caso contrário, ambos nos arrependemos. — Quando tentei virar a cabeça na direcção da sua voz, a mão deslocou-se até à minha nuca para me manter imóvel. — Preferia não te amarrar para isto. Estraga o trabalho. Se sentes que não consegues permanecer imóvel, dou-te uma coisa que o vai garantir. Mais uma vez, preferia não o fazer. Consegues ficar quieta?

— Para quê? — perguntei, quase num sussurro.

Ele enfiou-me um papel liso na mão.

Tentei abrir os olhos, mas os comprimidos para dormir deixavam-nos sempre mais ramelosos do que o habitual.

— Se não vai começar *já*, posso, por favor, sentar-me?

A mão acariciou o meu cabelo, as unhas a rasparem ao de leve no meu couro cabeludo.

— Podes — respondeu ele, soando admirado. No entanto, ajudou-me a sentar no banco. Esfreguei os cristais dos olhos e olhei para a foto na minha mão, consciente de que a dele

continuava a acariciar-me o cabelo. Pensei em Lyonette, nas outras raparigas que eu vira de longe, e não posso dizer que fiquei admirada.

Assustada, mas não admirada.

O homem manteve-se atrás de mim, o ar em volta dele impregnado de um perfume com um toque condimentado. Discreto, provavelmente caro. À minha frente estava toda a parafernália de um tatuador, as tintas dispostas numa bandeja de pé.

— Hoje não será o desenho completo.

— Porque nos marca?

— Porque um jardim deve ter as suas borboletas.

— Há alguma possibilidade de deixarmos isso no campo metafórico?

Ele riu, um som cheio e fácil. Era um homem que adorava rir e não tinha tantos motivos para o fazer como gostaria. Ficava, portanto, sempre encantado com a oportunidade. Aprendemos algumas coisas com o tempo, e essa foi uma das mais importantes que aprendi sobre ele. Queria encontrar mais alegria na vida.

— Não admira que a Lyonette goste de ti. Tens um espírito forte, como ela.

Não tive resposta para aquilo, nada que fizesse sentido dizer.

Enfiou cuidadosamente os dedos no meu cabelo, puxando-o para trás sobre os ombros, e pegou numa escova. Passou-ma pelo cabelo até não haver um único nó, e continuou. Na verdade, acho que era uma tarefa que lhe agradava bastante. Escovar o cabelo de outra pessoa é um prazer simples. Ter autorização para o fazer. Por fim, apanhou-o num rabo-de-cavalo com um elástico, depois enrolou-o num nó pesado e segurou-o com um *scrunchie* e ganchos com pontas de borracha.

— De barriga para baixo, por favor.

Obedeci e, quando ele se afastou, vislumbrei calças de cáqui

engomadas e uma camisa. Virou-me o rosto para longe dele, a minha bochecha pressionada contra o couro preto, e pousou-me os braços junto aos flancos. Não era muito confortável, mas também não era terrivelmente desconfortável. Quando me contrái para não saltar ou me encolher, deu-me uma palmadinha no traseiro.

— Descontraí-te — instruiu. — Se estiveres tensa, vai doer mais e demorar mais a sarar.

Respirei fundo e forcei os meus músculos a soltarem-se. Fechei e abri os punhos e de cada vez que os abria libertava mais um pouco da tensão das minhas costas. Sophia ensinou-nos isso, principalmente para evitar que Whitney tivesse as suas crises periódicas e...

— Sophia? Whitney? São algumas das raparigas? — interrompe Eddison.

— São raparigas, sim. Bem, a Sophia provavelmente conta como mulher. — Bebe outro gole, avalia a quantidade que resta na garrafa. — Por acaso, a Whitney também, acho. Então são mulheres.

— Que aspecto têm? Podemos comparar os seus nomes com...

— Não são do Jardim. — É difícil interpretar o olhar que ela dirige ao agente mais jovem, um misto de piedade, diversão e zombaria. — Eu tive uma vida antes, sabe. A vida não começou no Jardim. Bem, seja como for, não neste Jardim.

Victor vira a foto, tentando calcular quanto tempo uma coisa daquelas deve ter levado. Tão grande, com tantos pormenores.

— Não foi feita de uma vez — responde a rapariga, seguindo os olhos até ao desenho. — Começou pelos contornos. Depois voltou atrás no curso de duas semanas para acrescentar todas as cores e pormenores. E, quando terminou, ali estava eu,

apenas mais uma das Borboletas no seu Jardim. Deus a criar o seu próprio pequeno mundo.

— Fale-nos da Sophia e da Whitney — pede Victor, satisfeito por deixar a tatuagem durante algum tempo. Tem um pressentimento em relação ao que aconteceu depois de estar terminada e está disposto a chamar-se cobarde se isso significar ainda não o ouvir.

— Eu morava com elas.

Eddison tira o *Moleskine* do bolso.

— Onde?

— No nosso apartamento.

— Tem de...

Victor cala-o.

— Fale-nos do apartamento.

— Vic — protesta Eddison. — Ela não está a dar-nos nada!

— Mas vai dar — responde ele. — Quando estiver pronta.

A rapariga observa-os sem fazer comentários, deslizando a garrafa de uma mão para a outra como um disco de hóquei.

— Fale-nos do apartamento — pede ele de novo.

* * *

Vivíamos lá oito e trabalhávamos todas no restaurante. Era um enorme apartamento tipo *loft*, um espaço amplo com camas e cacifos dispostos como num quartel. Cada cama tinha um suporte para cabides de um lado e um varão para cortinas do outro e aos pés da cama. Não havia muita privacidade, mas funcionava relativamente bem. Em circunstâncias normais, a renda teria sido altíssima, mas era um bairro de merda e nós éramos tantas que conseguíamos ganhar a renda numa ou duas noites e passar o resto do mês a gastar dinheiro.

Algumas até o faziam.

Éramos um grupo diverso e estranho, estudantes e miúdas

travessas e uma prostituta reformada. Algumas queriam ter liberdade para ser o que quisessem, outras queriam a liberdade de ser deixadas em paz. As únicas coisas que tínhamos em comum eram trabalhar no restaurante e viver juntas.

E sabem que mais? Era uma espécie de Céu.

Claro que por vezes havia confrontos, discussões e lutas e mesquinhez ocasional, mas quase sempre essas coisas acabavam depressa. Havia sempre alguma disposta a emprestar-nos um vestido ou um par de sapatos ou um livro. Havia trabalho, aulas para quem estudava, mas, de resto, tínhamos dinheiro e uma cidade inteira aos nossos pés. Até para mim, que cresci com o mínimo de supervisão, esse tipo de liberdade era maravilhoso.

O frigorífico estava abastecido com *bagels*, álcool e garrafas de água, e havia sempre preservativos e aspirina nos armários. Às vezes encontravam-se restos de *takeaway* no frigorífico, e, sempre que os Serviços Sociais vinham visitar Sophia e ver como ela estava a melhorar, íamos a correr à mercearia e escondíamos a bebida e os preservativos. Habitualmente, comíamos fora ou pedíamos para entregar em casa. Como trabalhávamos com alimentos todas as noites, geralmente evitávamos a cozinha do apartamento.

Oh, e o tipo bêbedo. Nunca soubemos se ele vivia mesmo no prédio ou não, mas de tarde víamo-lo a beber na rua e todas as noites desmaiava em frente à nossa porta. Não a porta do prédio — a nossa porta. Também era um maldito tarado, portanto, quando voltávamos depois do anoitecer — o que acontecia quase todas as noites —, subíamos as escadas até ao telhado e depois descíamos um andar pela escada de incêndio e entrávamos pela janela. O nosso senhorio pôs um trinco especial para nós, porque Sophia tinha pena do tarado bêbedo e não queria denunciá-lo à Polícia. Dada a situação dela — prostituta reformada e toxicodependente a desintoxicar para

recuperar as filhas —, não insistíamos.

As raparigas foram as minhas primeiras amigas. Suponho que conheci pessoas como elas antes, mas era diferente. Eu podia ficar longe das pessoas e, habitualmente, fazia-o. Mas trabalhava com as raparigas e depois vivi com elas e foi... diferente.

Havia Sophia, que era a mãe de todas e estava completamente limpa havia mais de um ano quando a conheci, e isso depois de dois anos de tentativas e deslizes. Tinha duas filhas muito bonitas, que, por acaso, estavam juntas na mesma família de acolhimento. Melhor ainda, os pais de acolhimento apoiavam plenamente o objectivo de Sophia de as recuperar. Deixavam-na ver as meninas sempre que ela queria. Quando as coisas ficavam difíceis, quando que o vício ressurgia, uma de nós enfiava-a num táxi para ver as filhas e lembrar-lhe aquilo que tanto se esforçava por alcançar.

Havia Hope e a sua pequena escudeira Jessica. Hope era a das ideias, da vivacidade, e Jessica alinhava em tudo o que ela dizia e fazia. Hope enchia o apartamento de risos e sexo, e, se Jessica usava o sexo como forma de se sentir melhor em relação a si própria, pelo menos, Hope ensinava-a a divertir-se com ele. Eram as bebés, com apenas dezasseis e dezassete anos quando me mudei para lá.

Amber também tinha dezassete anos, mas, ao contrário das outras duas, tinha um plano. Conseguiu emancipar-se para poder sair do sistema de acolhimento, terminou o secundário e estava a ter aulas numa escola técnica. Havia Kathryn, dois anos mais velha, que nunca, mas nunca, falava da vida antes do apartamento. Ou de qualquer outra coisa, para dizer a verdade. Por vezes, Kathryn podia deixar-se persuadir a ir connosco fazer alguma coisa, mas nunca fazia nada sozinha. Se alguém nos encostasse às oito a uma parede e perguntasse quem andava a fugir de alguma coisa ou de alguém, apontaria

sempre para Kathryn. Mas nós não lhe fazíamos perguntas. Uma das regras básicas do apartamento era não indagar pela história pessoal. Todas tínhamos coisas que queríamos esconder.

A Whitney que mencionei tinha crises periódicas. Estudava Psicologia, mas era tão nervosa... Não de uma maneira desagradável, apenas não reagia bem ao *stress*. Nas férias entre os semestres, era fantástica. Durante os semestres, todas nos revezávamos para a ajudar a descontraír. Noémie também era estudante, a tirar um dos cursos mais inúteis que se possa imaginar. Para falar verdade, acho que a bolsa de estudo era a única razão por que andava na faculdade, e uma licenciatura em Inglês dava-lhe uma desculpa para ler *muito*. Felizmente, era muito generosa a partilhar os seus livros.

Foi Noémie quem me falou do apartamento na minha segunda semana no restaurante. Era a terceira semana que passava na cidade e ainda vivia num albergue, levando todas as minhas coisas comigo para o trabalho todos os dias. Estávamos no pequeno quarto das funcionárias, a vestir os nossos uniformes. Eu guardava o meu no restaurante para o caso de me roubarem as coisas enquanto estava a dormir e, assim, poder, pelo menos, ir trabalhar. Toda a gente mudava de roupa lá, porque o uniforme — um vestido comprido e saltos altos — não era o tipo de coisa que se vestia para regressar a casa.

— Então, hum... tu és de confiança, certo? — perguntou ela sem preâmbulos. — Quero dizer, não te irritas com os ajudantes ou com a recepcionista, não roubas nada a ninguém no quarto dos funcionários. Nunca cheiras a drogas ou coisa parecida.

— Onde queres chegar? — Enfiei o *soutien* e preendi os colchetes atrás de mim, ajeitando os seios para caberem. Viver num albergue dava-nos uma certa falta de modéstia, que era intensificada pelo pequeno quarto do pessoal e o número de

funcionárias que tinha de se mudar ali.

— A Rebekah disse que quase moras na rua. Sabes que algumas de nós vivemos juntas, certo? Bem, temos uma cama extra.

— Ela está a falar a sério — disse Whitney, soltando o cabelo vermelho-dourado do seu nó entrançado. — É uma cama.

— E um cacifo — acrescentou Hope a rir.

— Falámos disso e queríamos saber se gostarias de te mudar. A renda seria trezentos por mês, com água, luz, gás e aquecimento.

Eu não estava na cidade assim há tanto tempo, mas até eu sabia que era impossível.

— Trezentos? Que diabo se consegue com trezentos?

— A renda é dois mil — corrigiu Sophia. — A tua parte seriam trezentos. O resto paga as despesas da casa.

Fosse como fosse, parecia-me bem...

— Quantas vivem lá?

— Contigo, seríamos oito.

O que não seria muito diferente de viver no albergue.

— Posso ficar com vocês esta noite para ver a casa e decidir amanhã?

— Ótima ideia! — Hope passou-me uma saia de ganga que parecia não ter sequer tamanho para me tapar as cuecas.

— Isso não é meu.

— Eu sei, mas acho que te ficaria muito bem. — Ela já estava a enfiar uma perna nas minhas calças de bombazina enormes, portanto, em vez de discutir, enfiei-me na saia e decidi ter muito cuidado quando me inclinasse. Hope era bastante curvilínea, quase roliça, pelo que consegui puxar a saia para baixo nas ancas e ganhar mais alguns centímetros de comprimento.

Os olhos do dono iluminaram-se quando me viu sair *com* as raparigas.

— Agora viveres com elas, sim? Estares em segurança?

— Os clientes já foram embora, Guilian.

Ele largou o sotaque italiano e pousou a mão no meu ombro.

— São boas raparigas. Alegra-me que vás viver com elas.

A sua opinião contribuiu bastante para me convencer, mesmo antes de ver o apartamento. A minha primeira impressão de Guilian fora que era um tipo duro, mas justo, e comprovou que eu estava certa quando ofereceu uma semana à experiência a uma rapariga que foi à entrevista com um saco de viagem e uma mala. Fingia ser italiano porque isso levava os clientes a pensar que a comida era melhor, mas não passava de um ruivo alto e pesado com cabelo ralo e um bigode que tinha comido o seu lábio superior e agora tentava devorar o resto da cara. Ele acreditava que o trabalho de uma pessoa dizia mais sobre ela do que as suas palavras, e era assim que a avaliava. No final da minha primeira semana, entregou-me o horário da semana seguinte já com o meu nome.

Eram três da manhã quando partimos. Memorizei as ruas e os comboios e não estava tão nervosa como devia quando entrámos no bairro. Com os pés doridos depois de horas com sapatos de salto alto, subimos os muitos lanços de escadas até ao último andar e depois para o telhado, contornando vários móveis de jardim, grelhadores tapados e o que parecia ser um fluorescente jardim de marijuana a um canto e depois descemos um lanço pela escada de incêndio até à parede de janelas. Sophia rodou a chave na fechadura enquanto Hope me explicava, a rir, que havia um tarado bêbedo no corredor.

Tínhamos alguns como ele no albergue.

Era um espaço enorme e amplo, com quatro camas encostadas a cada parede e um conjunto de sofás agrupados ao meio. A cozinha tinha um balcão a separá-la do resto do espaço, e uma porta conduzia à casa de banho, que tinha um enorme chuveiro aberto com dez cabeças de duche diferentes

voltadas em várias direcções.

— Não fazemos perguntas sobre as pessoas que viveram aqui antes — disse Noémie delicadamente quando mo mostrou. — Mas é só um chuveiro, não uma orgia.

— Conseguem que vos façam a manutenção disto?

— Oh, não, passamos o tempo todo a avariá-los. Isso é metade da diversão.

Sorri, contrariada. Era divertido trabalhar com as raparigas, que passavam a vida a lançar piadas e insultos e elogios na cozinha, a desabafar sobre clientes irritantes ou a namoriscar com os cozinheiros e os rapazes da louça. Eu sorria mais nas últimas duas semanas do que me lembrava de sorrir antes. Toda a gente largou as malas nos seus cacifos e muitas vestiram os pijamas, ou o que fazia de pijama, mas o sono ainda estava longe. Whitney abriu o livro de Psicologia enquanto Amber tirava vinte copos de *shots* e os enchia de tequila. Estendi a mão para um, mas Noémie entregou-me antes um copo de vodka.

— A tequila é para estudar.

Então sentei-me num dos sofás e vi Kathryn ler as perguntas do teste de Amber, um copo de *shot* para cada pergunta. Se Amber errasse a resposta, tinha de beber o *shot*. Se acertasse, poderia fazer alguém bebê-lo. Ela entregou-me o primeiro e eu tentei não me engasgar com a terrível mistura de tequila e vodka.

Ainda estávamos acordadas quando o dia nasceu, e Noémie, Amber e Whitney saíram para as aulas enquanto nós, por fim, adormecíamos. Quando acordámos, ao início da tarde, assinei o acordo que elas tinham em vez de um contrato de arrendamento e paguei o primeiro mês com as gorjetas das duas últimas noites. De um momento para o outro, deixei de ser uma sem-abrigo.

— Disse que essa era a sua terceira semana na cidade? — pergunta Victor, pensando nas várias cidades a que ela podia estar a referir-se. A rapariga não tem sotaque nem usa regionalismos que possam ajudar a identificar a sua origem. Victor tem a certeza de que isso é propositado.

— Sim.

— Onde estava antes disso?

Ela acaba a água em vez de responder. Pousando cuidadosamente a garrafa vazia a um canto da mesa, recosta-se na cadeira e, devagar, esfrega os braços com as mãos ligadas.

Victor levanta-se e tira o casaco, contornando a mesa para lhe cobrir os ombros com ele. Ela fica hirta quando o vê aproximar-se, mas ele tem o cuidado de não deixar a sua pele roçar na dela. Quando regressa ao seu lado da mesa, ela descontraí-se o suficiente para enfiar os braços nas mangas. O casaco fica-lhe grande, mas as suas mãos emergem confortavelmente dos punhos.

Nova Iorque, decide ele. Apartamentos estilo *loft*, restaurantes abertos até muito tarde. Além do mais, ela disse comboios em vez de metro — isso significa alguma coisa, não? Ele toma mentalmente nota para entrar em contacto com o escritório de Nova Iorque, para ver se conseguem encontrar alguma coisa sobre a rapariga.

— Andava na escola?

— Não. Só trabalhava.

Uma batida na janela faz Eddison sair da sala. A rapariga vê-o partir com alguma satisfação, depois volta-se inexpressivamente para Victor.

— O que a fez decidir ir para a cidade? — pergunta ele. — Não me parece que conhecesse lá alguém ou que tivesse um plano para quando lá chegasse. Porque foi?

— Porque não? É uma coisa nova, certo? Diferente.

— Distante?

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Como se chama?

— O Jardineiro chamava-me Maya.

— Mas antes o seu nome era outro.

— Às vezes era mais fácil esquecer, sabe? — Ela mexe nos punhos do casaco, enrolando-os e desenrolando-os com movimentos rápidos. Provavelmente, não muito diferente de enrolar talheres em guardanapos. — Você esteve lá, não havia possibilidade de fuga, de voltar à vida que conhecíamos, portanto, porquê apegarmo-nos a ela? Porquê sofrer mais ao recordar o que já não tínhamos?

— Está a dizer que esqueceu?

— Estou a dizer que ele me chamava Maya.

Vivi essencialmente isolada das outras raparigas até a minha tatuagem estar terminada. A única excepção era Lyonette, que ainda vinha todos os dias conversar comigo e aplicar pomada nas minhas costas em ferida. Deixava-me estudar a sua marca sem qualquer sinal de vergonha ou nojo. Fazia parte dela agora, como respirar, como a graciosidade inconsciente dos seus movimentos. O nível de pormenor era impressionante e perguntei-me quanto é que os pormenores intrincados sofreriam quando chegasse a altura de refrescar a tinta. Algo me impediu de perguntar. Uma boa tatuagem levava anos a desvanecer-se o suficiente para precisar de ser retocada; não queria pensar no que significaria estar no Jardim tanto tempo.

Ou, pior, no que significaria não estar.

Os soníferos ainda vinham com o meu jantar, que Lyonette me trazia num tabuleiro juntamente com o seu. De vez em quando, eu acordava não na cama mas no banco de couro duro, com o Jardineiro a passar as mãos pelas áreas previamente tatuadas para testar a sua cicatrização, a sua sensibilidade.

Nunca me deixou vê-lo, e, ao contrário do meu quarto com o seu vidro meio reflector por todo o lado, as paredes mate de metal não me davam a menor esperança de um vislumbre.

Ele cantarolava enquanto trabalhava, um som que era adorável sozinho, mas que colidia horrivelmente com o zumbido mecânico das agulhas. Clássicos, na maior parte: Elvis, Sinatra, Martin, Crosby, até as Andrews Sisters. Provocava uma estranha espécie de dor, ficar deitada sob as agulhas e deixá-lo gravar o seu título de proprietário na minha pele. No entanto, não me parecia ter alternativa. Lyonette disse que ficava com cada rapariga até as asas estarem feitas. Eu ainda não podia explorar o Jardim, não podia procurar uma saída. Ainda não tinha a certeza se Lyonette sabia que não havia saída ou se, simplesmente, já não se importava. Então deixei-o fazer aquelas malditas asas nas minhas costas. Nunca perguntei o que aconteceria se lutasse, se me recusasse.

Quase o fiz, mas Lyonette empalideceu e então mudei a pergunta para outra coisa.

Julguei que tinha algo a ver com o facto de ela nunca me levar pelos corredores, só para o próprio Jardim, através da gruta atrás da queda-d'-água. Independentemente do que ela não queria que eu visse — ou que não queria mostrar-me, o que não é a mesma coisa —, eu podia esperar. Era cobardia, acho. Ou apenas pragmatismo.

Ele terminou quase no fim da terceira semana no Jardim.

Durante toda a manhã parecera mais intenso, mais concentrado, fizera menos intervalos e mais curtos. No primeiro dia, pintara ao longo da minha coluna e trabalhara no contorno das asas, das veias e fizera as partes com desenhos maiores. Depois disso, tinha começado nas pontas das asas e fora em direcção à minha coluna, alternando entre os quatro quadrantes das costas para impedir que uma área ficasse demasiado ferida. Era bastante meticuloso.

Então o cantarolar parou e as suas inspirações tornaram-se curtas e rápidas enquanto limpava o sangue e o excesso de tinta. As suas mãos tremiam, ao passo que antes se tinham mantido mais do que firmes. Seguiu-se uma pomada fria esfregada cuidadosamente em cada centímetro de pele.

— És fabulosa — disse ele com voz rouca. — Absolutamente perfeita. Uma adição realmente digna do meu jardim. E agora... agora tens de ter um nome.

Os seus polegares acariciaram a minha coluna, onde a primeira tinta fora aplicada e era a zona mais cicatrizada, viajando até à minha nuca para emaranhar o cabelo apanhado. A pomada gordurosa agarrara-se às suas mãos, deixando-me o cabelo pegajoso e pesado. Sem aviso, puxou-me para baixo no banco até os meus pés estarem no chão, a metade superior do meu corpo ainda sobre o couro. Ouvi-o mexer no cinto e no fecho das calças e apertei os olhos.

— Maya — gemeu ele, passando as mãos pelos meus flancos. — Agora és a Maya. Minha.

Uma batida na porta impede-a de descrever o que ocorreu a seguir, e ela parece, ao mesmo tempo, sobressaltada e grata.

Victor pragueja entredentes, levanta-se da cadeira e vai até à porta, abrindo-a. Eddison chama-o ao corredor.

— Qual é o teu problema? — silva ele. — Ela estava a falar.

— A equipa técnica que está a analisar o escritório do suspeito encontrou qualquer coisa. — Ergue um grande saco de provas cheio de cartas de condução e documentos de identificação. — Parece que ele os guardou todos.

— Pelo menos, os das que os tinham. — Pega no saco... bolas, são muitos cartões... e agita-o um pouco para ver além da primeira camada de nomes e fotos. — Encontraste os dela?

Eddison entrega-lhe um saco diferente, mais pequeno,

contendo um único cartão de plástico. É uma identificação de Nova Iorque e ele reconhece-a de imediato. Um pouco mais jovem, o rosto mais suave, embora a sua expressão não o seja.

— Inara Morrissey — lê, mas Eddison abana a cabeça.

— Examinaram os restantes e estão a começar a digitalizá-los, mas puseram este à frente. A Inara Morrissey não existia até há quatro anos. O número da Segurança Social corresponde ao de uma menina de dois anos que morreu nos anos setenta. O escritório de Nova Iorque vai mandar alguém para o último local de trabalho que consta, um restaurante chamado Evening Star. O endereço no cartão é um prédio devoluto, mas ligámos para o restaurante e conseguimos a morada do apartamento. O agente com quem falei assobiou quando mo deu. Pelos vistos, é um bairro perigoso.

— Ela disse-nos isso — comenta Victor, distraído.

— Sim, ela é tão de confiança e faladora.

Ele não responde logo, concentrado em estudar a identificação. Acredita no que o parceiro lhe disse, que é falsa, mas, raios, também muito boa. Em circunstâncias normais, tem de admitir que se deixaria enganar.

— Quando é que ela deixou de aparecer no trabalho?

— Há dois anos, segundo o chefe. Os impostos confirmam-no.

— Dois anos... — Devolve o saco maior e dobra o saco de plástico com o cartão até conseguir enfiá-lo no bolso de trás. — Pede-lhes que investiguem esses o mais depressa possível, que solicitem técnicos a outras equipas, se conseguirem. Identificar as raparigas no hospital tem de ser uma prioridade. Depois arranja-nos uns auriculares para que os técnicos possam passar-nos as actualizações vindas de Nova Iorque.

— Entendido. — Ele franziu o sobrolho para a porta fechada.

— Ela estava mesmo a falar?

— Fazê-la falar não tem sido propriamente difícil. — Ri-se.

— Casa-te, Eddison, ou, melhor ainda, tem filhas adolescentes. Ela é melhor que a maioria, mas o padrão de comportamento é igual. Tens apenas de analisar a informação para ver o que é importante. Ouvir o que não está a ser dito.

— Há uma razão para eu preferir falar com os suspeitos, e não com as vítimas. — Ele entra na sala onde está a técnica, sem esperar por uma resposta.

Já que está fora da sala, Victor pode aproveitar a pausa. Caminha rapidamente pelo corredor e chega à sala principal da equipa, contornando as secretárias e os cubículos parciais até ao canto que serve de cozinha ou sala de descanso. Tira a cafeteira da máquina e cheira o conteúdo. Não está quente, mas ainda não cheira a ranço. Deita-o em duas canecas que parecem limpas e mete-as no microondas. Enquanto aquecem, vasculha o frigorífico à procura de qualquer coisa comestível.

Bolo de anos não é exactamente o que procura, mas serve, e em breve tem pratos de papel com duas fatias grossas e vários pacotes de açúcar e natas. Enfia os dedos nas pegadas das canecas e regressa.

Eddison franze a testa, mas segura-lhe os pratos para ele poder inserir o auricular. Victor não tenta esconder o fio; a rapariga é demasiado inteligente para isso. Quando já o colocou numa posição confortável, pega nos pratos e entra na sala.

Surpreende-a com o bolo e esconde cuidadosamente um sorriso enquanto faz deslizar um dos pratos e uma caneca sobre a superfície de aço inoxidável.

— Lembrei-me de que podia ter fome. Não sei como bebe o café.

— Não tenho, mas obrigado. — Bebe um gole de café simples, faz uma careta, mas engole e bebe mais um pouco.

Ele espera até ela ter na boca uma rosa vermelha de açúcar.

— Fale-me do Evening Star, Inara.

Ela não se engasga, não se encolhe, mas há uma ligeira pausa, um momento de imobilidade que desapareceu tão depressa que ele não o teria visto se não estivesse à procura. Ela engole e lambe o açúcar dos lábios, deixando neles riscos vermelhos.

— É um restaurante, mas sabe isso.

Victor tira a identificação do bolso e coloca-a no saco sobre a mesa. Ela bate com uma unha no cartão, tapando intermitentemente o seu rosto.

— Ele guardou-os? — pergunta com incredulidade. — Isso parece...

— Insensato?

— Claro. — O rosto dela adquire uma expressão pensativa e os seus dedos endireitam-se para esconder o cartão de plástico.

— Todos?

— Tanto quanto percebemos.

Ela faz girar o café na caneca, olhando para o minúsculo remoinho.

— Mas Inara é uma construção, tal como Maya, não é? — pergunta ele baixinho. — O seu nome, a sua idade, nada disso é real.

— É bastante real — emenda ela, com suavidade. — Real para o que precisa de ser.

— Suficientemente real para conseguir um emprego e um lugar para viver. Mas o que veio antes?

* * *

Uma das coisas boas de Nova Iorque era que ninguém jamais fazia perguntas. É apenas um daqueles lugares para onde as pessoas vão, sabe? É um sonho, um objectivo, um lugar onde se pode desaparecer entre milhões de pessoas que fazem a mesma coisa. Ninguém se interessa de onde viemos ou porque viemos,

já que estão demasiado focados em si mesmos e no que querem e para onde vão. Nova Iorque tem tanta história, mas todos querem apenas saber do futuro. Mesmo que sejamos *de* Nova Iorque, podemos esconder-nos e talvez nunca nos encontrem.

Apanhei o autocarro para Nova Iorque com tudo o que possuía num saco e numa mala. Encontrei uma sopa dos pobres onde não se importavam que dormisse na clínica do primeiro andar desde que ajudasse a servir a comida, e um dos outros voluntários falou-me de um tipo que acabara de lhe fazer documentos para a mulher, que era uma imigrante ilegal da Venezuela. Liguei para o número que ele me deu e no dia seguinte estava na biblioteca, sentada debaixo da estátua de um leão, à espera de que um desconhecido me abordasse.

Ele não me inspirou muita confiança quando, por fim, apareceu com hora e meia de atraso. Era de altura mediana e magro, a roupa tesa devido ao sal e a outras nódoas que não quis identificar. O cabelo escorrido estava prestes a formar *dreadlocks* e ele fungava constantemente, sempre a olhar em volta, inquieto de cada vez que levantava uma manga para limpar o nariz vermelho. Podia ser um génio das falsificações, mas não era difícil adivinhar para onde ia o dinheiro.

Não perguntou o meu nome, ou melhor, só perguntou o nome que eu queria. Data de nascimento, morada, carta de condução ou identificação e se queria ser dadora de órgãos. Enquanto falávamos, entrámos na biblioteca para termos uma desculpa para falarmos baixinho, e, quando chegou junto de uma faixa com uma parte branca, encostou-me a ela e tirou-me uma fotografia. Eu tinha-me produzido antes de ir ao encontro dele, até comprara maquilhagem, portanto, sabia que parecia ter dezanove. O truque são os olhos, realmente. Se já vimos o suficiente, parecemos mais velhas, independentemente do resto da cara.

Disse-me para ir ter com ele a um determinado carrinho de

cachorros-quentes naquela noite, que já teria tudo pronto. Quando voltámos a encontrar-nos — chegou outra vez atrasado —, mostrou-me um envelope. Uma coisa tão pequena, na verdade, mas suficiente para mudar uma vida. Disse-me que custaria mil dólares, mas que faria um desconto de quinhentos se eu dormisse com ele.

Paguei-lhe os mil.

Ele afastou-se numa direcção e eu noutra e, quando voltei para o albergue onde planeava passar a noite — bastante longe da sopa dos pobres e de qualquer pessoa que pudesse lembrar-se de uma rapariga a ser informada sobre documentos ilegais —, abri o envelope e olhei pela primeira vez para Inara Morrissey.

— Por que motivo não queria ser encontrada? — pergunta ele, usando uma caneta para mexer as natas em pó no café.

— Não estava preocupada em ser encontrada. Para isso, alguém teria de andar à minha procura.

— Porque não andaria alguém à sua procura?

— Sinto saudades de Nova Iorque. Lá, ninguém faz esse tipo de perguntas.

Ouve o crepitar da estática na orelha quando um dos técnicos abre uma linha.

— Nova Iorque diz que ela obteve o diploma do secundário há três anos. Passou com distinção, mas nunca se inscreveu em exames de admissão ou pediu que a classificação fosse enviada para uma faculdade ou um patrão.

— Abandonou o secundário? — pergunta ele. — Ou conseguiu o diploma para não ter de provar que o frequentou?

— Agora, que tem um nome, é muito mais fácil vasculhar a minha vida, não é? — Ela termina o bolo e pousa o garfo de plástico em ângulo sobre o prato, os dentes para baixo. Rasga

um dos pacotes de açúcar e entorna-o no prato. Lambendo a única ponta de dedo não coberta de gaze e fita adesiva, pressiona-o contra o açúcar e enfia-o na boca. — No entanto, isso só lhe dirá sobre o tempo que passei em Nova Iorque.

— Eu sei, por isso, preciso que me fale do que aconteceu antes.

— Eu gostava de ser a Inara.

— Mas não é — diz ele num tom meigo, e a fúria brilha nos olhos dela. Desapareceu tão depressa como os seus quase sorrisos ou a sua surpresa, mas esteve lá também.

— Então, uma rosa com qualquer outro nome não continua a ser uma rosa?

— Isso é linguagem, não identidade. Você não é apenas um nome, é também uma história, e preciso de saber a sua.

— Porquê? A minha história não lhe diz nada sobre o Jardineiro. Não é disso que estamos aqui a tratar? O Jardineiro e o seu Jardim? Todas as suas Borboletas?

— Se ele sobreviver para ir a julgamento, precisamos de apresentar ao júri testemunhas credíveis. Uma jovem que nem sequer diz a verdade sobre o seu nome não serve.

— É apenas um nome.

— Não, se for o seu.

Aquele quase sorriso torce-lhe os lábios brevemente.

— A Bliss disse isso.

— A Bliss?

* * *

Lyonette estava à porta da sala de tatuagens como sempre, os seus olhos educadamente desviados até eu conseguir enfiar o reduzido vestido preto que se tornara a minha única peça de roupa.

— Fecha os olhos — disse ela. — Vamos fazer isto por

etapas.

Eu mantivera os olhos fechados tanto tempo naquela sala, que a ideia de estar voluntariamente cega de novo me repugnou. Mas Lyonette tinha-me tratado bem até ao momento, e era claro que fizera o mesmo antes com as outras. Escolhi confiar nela um pouco mais. Assim que fechei os olhos, ela pegou-me na mão e levou-me pelo corredor na direcção oposta à que costumávamos ir. Era um longo corredor, e virámos à esquerda no fim. Mantive a mão direita encostada às paredes de vidro, e o meu braço flutuava livre sempre que passávamos por uma das portas abertas.

Então ela levou-me através de uma das portas e posicionou-me onde queria com as mãos meigas nos meus braços. Senti-a recuar.

— Abre os olhos.

Estava à minha frente, num quarto quase idêntico ao meu. Este tinha pequenos toques pessoais: criaturas em origâmi numa prateleira por cima da cama, lençóis e cobertores e almofadas, cortinas cor de abóbora a esconder a sanita, o lavatório e o chuveiro. O canto de um livro saía de debaixo da almofada maior e havia gavetas a encher o espaço sob a cama.

— Que nome te deu ele?

— Maya. — Contive o estremecimento originado por dizê-lo em voz alta pela primeira vez, pela recordação dele a repeti-lo enquanto...

— Maya — repetiu ela, e deu-me outro som a que me agarrar. — Olha para ti agora, Maya. — Ergueu um espelho, posicionando-o de forma a eu poder usá-lo para me ver no outro espelho atrás de mim.

Uma grande parte das minhas costas ainda estava rosada, ferida e inchada em torno da tinta fresca, que eu sabia que era mais escura agora do que seria assim que as crostas caíssem. Eram visíveis as marcas de dedos nos meus flancos, onde o

tecido expunha a pele, mas não havia nada para obscurecer o desenho. Era feio e terrível.

E lindo.

As asas superiores eram douradas e castanhas como o cabelo e os olhos de Lyonette, salpicadas de preto, branco e bronze-escuro. As asas inferiores eram em tons de rosa e roxo, também marcadas com pontos pretos e brancos. O pormenor era assombroso, ligeiras variações de cor a darem a impressão de escamas individuais. As cores eram ricas, quase saturadas, e cobriam-me as costas praticamente na totalidade, desde os ombros até um pouco abaixo da curva das ancas. As asas eram altas e estreitas, as partes exteriores a curvarem-se ligeiramente para os meus flancos.

O trabalho artístico não podia ser negado. Fosse o Jardineiro aquilo que fosse, confesso que era talentoso.

Eu detestei, mas *era* lindo.

Uma cabeça surgiu na entrada, rapidamente seguida do resto de uma rapariga minúscula. Não podia ter mais de metro e meio com os ombros para trás, mas ninguém podia ver aquelas curvas e pensar que ela era uma criança. Tinha uma pele perfeita, muito branca, e enormes olhos azul-violeta, emoldurados por uma profusão de caracóis negros. Toda ela era contrastes, com um nariz achatado, mais engraçado do que bonito, mas, como todas as raparigas que eu avistara no Jardim, era deslumbrante.

A beleza perde o significado quando estamos rodeados por um excesso dela.

— Então, esta é a rapariga nova. — Deixou-se cair na cama, abraçando uma pequena almofada contra o peito. — Que nome te deu o estupor?

— Ele pode ouvir-te — advertiu Lyonette, mas a rapariga na cama limitou-se a encolher os ombros.

— Que ouça. Nunca nos pediu para o amarmos. Então, que

nome te deu?

— Maya — respondi ao mesmo tempo que Lyonette, e a palavra tornou-se um pouco menos difícil de ouvir. Perguntei-me se continuaria a ser assim, se com o tempo a palavra não magoaria nada ou se seria um pequeno fragmento que magoaria sempre, como uma farpa a que não conseguimos chegar com a pinça.

— Hum, não é muito mau. O cabrão chamou-me Bliss. — Ela revirou os olhos e resfolegou. — Bliss! Pareço uma pessoa feliz? Ooh, deixa cá ver. — Os seus dedos fizeram um movimento giratório, e, naquele momento, ela recordou-me um pouco Hope. Com isso em mente, girei lentamente para lhe mostrar as minhas costas. — Nada mau. As cores assentam-te bem. Vamos ter de ver de que espécie é.

— É uma *Western Pine Elfin*[1]. — Lyonette suspirou, encolhendo os ombros ao ver o meu olhar de esguelha. — É uma coisa a fazer. Talvez torne tudo um pouco menos terrível. Eu sou uma *Lustrous Copper*[2].

— Eu sou uma *Mexican Bluewing*[3] — acrescentou Bliss. — É suficientemente bonita. Horrível, claro, mas não tenho de olhar para ela. Enfim, a questão do nome? Ele podia chamar-nos A, B ou Três, que não faria qualquer diferença. Responde-lhe, mas não finjas que, de alguma forma, é teu. É menos confuso dessa maneira.

— *Menos* confuso?

— Claro! Lembra-te de quem és e a seguir é só representar um papel. Se começares a pensar nele como teu, surge uma crise de identidade. Geralmente, a crise de identidade leva a um colapso nervoso e um colapso aqui leva a...

— Bliss.

— O quê? Ela parece ser capaz de lidar com isso. Ainda não está a chorar, e todos sabemos o que ele faz quando a tatuagem está concluída.

Como Hope, mas muito mais esperta.

— Então, a que conduz um colapso?

— Vê os corredores, só não o faças depois de comer.

— Você tinha acabado de passar pelos corredores — recorda Victor.

— De olhos fechados.

— Então, o que havia no corredor?

Ela agita o resto do café na caneca em vez de responder, lançando-lhe um olhar que sugere que ele já devia saber.

Ouve de novo estática no ouvido.

— A Ramirez ligou do hospital — diz Eddison. — Vai mandar fotografias daquelas que os médicos contam que sobrevivam. Os tipos das Pessoas Desaparecidas tiveram sorte. Entre elas e as da morgue, identificaram cerca de metade das raparigas. E temos um problema.

— Que tipo de problema?

A rapariga olha para ele bruscamente.

— Uma das que eles identificaram é de uma família importante. Ainda diz chamar-se Ravenna, mas as suas impressões digitais correspondem às de Patrice Kingsley.

— A filha desaparecida da senadora Kingsley?

Inara reclina-se na cadeira com uma expressão divertida. Victor não sabe o que ela acha engraçado naquilo que promete ser uma complicação dos diabos.

— A senadora já foi informada? — pergunta ele.

— Ainda não — responde Eddison. — A Ramirez quis dizer-nos primeiro. A senadora Kingsley tem andado desesperada à procura da filha, Vic. Vai querer ter acesso à investigação.

E, quando isso acontecer, qualquer privacidade que possam oferecer àquelas raparigas irá por água abaixo. Os seus rostos aparecerão em todos os canais de notícias dali até à Costa

Oeste. E Inara... Victor esfrega os olhos, cansado. Se a senadora descobre que eles desconfiam daquela jovem reservada, não descansará até a acusar formalmente de alguma coisa.

— Diz à Ramirez para aguentar o máximo que puder — responde ele por fim. — Precisamos de tempo.

— Entendido.

— Recorda-me há quanto tempo desapareceu ela!

— Quatro anos e meio.

— Quatro anos e meio?

— Ravenna — murmura Inara, e Victor olha para ela. — Nunca ninguém esquece quanto tempo lá esteve.

— Porque não?

— Isso muda tudo, não é? Ter uma senadora envolvida.

— Também muda as coisas para si.

— Claro. Como poderia não mudar?

Inara sabe, percebe ele, inquieto. Talvez não saiba pormenores, mas sabe que desconfiam de algum tipo de envolvimento da parte dela. Victor avalia o divertimento nos seus olhos, o trejeito cínico da sua boca. Ela parece demasiado à vontade com aquela nova informação.

Então está na altura de mudar de assunto, antes que ele perca o poder na sala.

— Disse que as raparigas do apartamento foram as suas primeiras amigas.

Ela agita-se um pouco na cadeira.

— Isso mesmo — responde com ar cauteloso.

— Porquê?

— Porque não tive outras antes.

— Inara.

Ela responde àquele tom de voz do mesmo modo que as suas filhas — instintivamente, a contragosto, quando se apercebe disso demasiado tarde, e um pouco mal-humorada.

— O senhor é bom nisso. Tem filhos?

— Três filhas.

— E, ainda assim, trabalha com crianças destroçadas.

— Tento salvar crianças destroçadas — corrige ele. — Tento obter justiça para elas.

— Acha mesmo que essas crianças se preocupam com a justiça?

— Você não se preocuparia?

— Nunca me preocupei, não. Na maior parte das vezes, a justiça é uma coisa defeituosa e, na verdade, não melhora nada.

— Diria isso se tivesse tido justiça em criança?

Aquele quase sorriso, amargo e que desaparece muito depressa.

— E para que teria eu precisado de justiça?

— É o meu trabalho e acha que não reconheço uma criança destroçada quando ela está sentada à minha frente?

Inara inclina a cabeça para lhe dar razão, depois morde o lábio e faz uma careta.

— Não é exactamente verdade. Digamos que sou uma criança-sombra, negligenciada em vez de destroçada. Sou o ursinho de peluche a acumular algodão debaixo da cama, não o soldadinho de chumbo só com uma perna.

Victor sorri um pouco e bebe o café que está a arrefecer rapidamente. Ela voltou ao ringue. Por mais desconcertante que Eddison possa considerá-lo, Victor está em terreno familiar.

— De que maneira?

Por vezes, podemos olhar para um casal e perceber com uma certa resignação que qualquer criança produzida naquele casamento será inevitavelmente perturbada e lixada. É um facto, não uma premonição, antes uma aceitação sombria de que essas duas pessoas não deviam — mas vão mesmo — procriar.

Como os meus pais.

A minha mãe tinha vinte e dois anos quando casou com o meu pai; ele era o seu terceiro marido. O primeiro foi quando ela tinha dezassete e casou com o irmão do então marido da mãe. Ele morreu em menos de um ano, de ataque cardíaco, durante o sexo. Deixou-a muito bem. Então, alguns meses depois, ela casou com um homem apenas quinze anos mais velho do que ela, e quando se divorciaram, um ano depois, ficou ainda melhor. Então veio o meu pai, e, se ele não a tivesse emprenhado, duvido que o casamento tivesse acontecido. Ele era bonito, mas não era rico e não tinha perspectivas e era apenas dois anos mais velho, o que para a minha mãe era uma série insuperável de obstáculos.

Podemos agradecer à mãe *dela* por isso; teve nove maridos antes de a menopausa precoce a fazer decidir que estava demasiado murcha para voltar a casar. E todos eles morreram, cada um mais depressa do que o anterior. Não houve sequer uma marosca. Eles apenas... morreram. A maioria tinha já uma certa idade, claro, e todos a deixaram com uma boa maquia, mas a minha mãe cresceu com certas expectativas e o seu terceiro marido não ia ao encontro de nenhuma.

Uma coisa tenho de admitir: eles tentaram. Nos dois primeiros anos, vivíamos perto da família dele e havia primos e tios e quase me lembro de brincar com outras crianças. Então mudámo-nos, e os laços foram cortados de um lado ou do outro, e depois ficámos só eu e os meus pais e os seus vários casos amorosos. Estavam sempre a visitar os seus amantes mais recentes ou enfiados nos seus quartos, portanto, tornei-me uma criança bastante auto-suficiente. Aprendi a usar o microondas, decorei o horário do autocarro para poder ir ao supermercado, descobri os dias da semana em que um dos meus pais devia ter dinheiro na carteira para poder realmente comprar coisas.

E seria de esperar que parecesse estranho, certo? Mas,

sempre que alguém na loja perguntava — uma mulher preocupada, um caixa —, eu dizia que a minha mãe estava no carro com o bebê e o ar condicionado ligado. Mesmo no Inverno acreditavam nisso e sorriam e diziam-me que eu era uma filha e irmã maravilhosa.

Assim, não só era auto-suficiente como comecei a ter uma opinião muito negativa sobre a inteligência da maioria das pessoas.

Eu tinha seis anos quando eles decidiram experimentar o aconselhamento conjugal. Não para se empenharem realmente, mas apenas para tentarem. Alguém no escritório do meu pai lhe disse que o seguro cobriria o aconselhamento, e o aconselhamento parecia melhor a um juiz e ajudaria a acelerar o divórcio. Uma das coisas que o psicólogo os aconselhou a fazer foi uma viagem em família, apenas nós os três, a algum sítio divertido e especial. Um parque temático, talvez.

Chegámos ao parque por volta das dez e, durante as primeiras duas horas, as coisas correram bem. A seguir, veio o carrossel. Detesto carrosséis. O meu pai ficou na saída à espera que eu descesse, a minha mãe ficou à entrada para me ajudar a subir, e limitaram-se a ficar ali em lados opostos da coisa a verme dar voltas e voltas em círculos. Eu era demasiado pequena para chegar aos anéis de ferro e o cavalo em que eu estava era tão largo que me fazia doer as ancas, mas dei voltas, voltas e mais voltas e vi o meu pai afastar-se com uma latina baixinha. Mais uma volta e vi a minha mãe afastar-se com um ruivo alto e sorridente num *kilt* com bolsos.

Um simpático miúdo mais crescido ajudou-me a descer do cavalo depois de pôr a irmã mais nova no chão e deu-me a mão enquanto nos dirigíamos para a saída. Eu queria ficar com aquela família, ser a irmã mais nova de alguém que andasse nos carrosséis comigo e me desse a mão enquanto caminhava,

alguém que sorrisse e perguntasse se estava a divertir-me. Mas saímos do carrossel e eu agradeci-lhe, acenando a uma mulher que só prestava atenção ao telemóvel, pelo que o miúdo pensou que eu tinha encontrado a minha mãe, e vi-o ir com a irmã para junto dos pais, que ficaram encantados por os verem.

Passei o resto do dia a vaguear pelo parque, tentando não ser notada pela segurança, mas o pôr-do-sol veio e o parque fechou e eu ainda não tinha encontrado nenhum dos meus pais. A segurança reparou em mim e arrastou-me para a Sala da Vergonha. Bem, chamam-lhe Lugar dos Pais Perdidos. Fizeram vários apelos através dos altifalantes, pedindo aos pais que dessem por falta dos filhos que viessem buscá-los. Também ali estavam outros miúdos que tinham sido esquecidos ou simplesmente se tinham afastado ou escondido.

Então ouvi um dos adultos mencionar os Serviços Sociais. Mais especificamente, a mulher disse que ia chamar os Serviços Sociais para qualquer criança que não fosse reclamada antes das dez horas. Os nossos vizinhos do lado eram pais de acolhimento e só de pensar em viver com pessoas como eles era horrível. Felizmente, um dos miúdos mais novos mijou-se e gritou tanto que todos os adultos começaram a tentar acalmá-lo; aproveitei para me esgueirar pela porta e voltar ao parque.

Demorou algum tempo, mas, por fim, encontrei o portão principal e saí sem ser vista, juntando-me a um grupo escolar que ficara preso durante algum tempo numa das diversões, chegando ao estacionamento. Dali, demorei mais de uma hora a atravessar todos os parques de estacionamento até chegar a uma estação de serviço que ainda estava bem iluminada por causa de todas as pessoas que regressavam a casa. Ainda tinha a maior parte do dinheiro para a comida, que o meu pai me tinha enfiado no bolso antes do carrossel, e liguei para os telemóveis deles, depois para o telefone da casa e depois, porque não conseguia pensar em mais nada para fazer, liguei

para o meu vizinho do lado.

Eram quase dez da noite, mas ele meteu-se no carro e conduziu duas horas para me vir buscar e mais duas horas para regressar. Não havia luzes nenhuma em minha casa.

— Esse era o vizinho que era pai de acolhimento? — pergunta Victor quando ela se cala para lambe os lábios gretados. Pega na garrafa de água vazia e levanta-a para o vidro espelhado, não a pousando até um dos técnicos dizer que Eddison está a caminho.

— Sim.

— Mas ele levou-a para casa em segurança. Então por que motivo a ideia de morar com ele era tão horrível?

— Quando parámos diante da casa dele, disse-me que eu tinha de agradecer-lhe a boleia lambendo-lhe o chupa-chupa.

A garrafa de plástico grita em protesto quando ele a esmaga no punho.

— Céus!

— Quando ele puxou a minha cabeça na direcção do seu colo, enfiei um dedo na garganta e obriguei-me a vomitar para cima dele. Também carreguei na buzina, para que a mulher dele fosse lá fora. — Abre outro pacote de açúcar e despeja metade na boca. — Ele foi preso por abuso sexual cerca de um mês depois, e ela mudou-se.

A porta escancara-se e Eddison lança uma garrafa de água à rapariga. O protocolo diz que devem abrir-lhas — perigo de asfixia —, mas a sua outra mão está ocupada a segurar uma pilha de fotografias que ele deixa cair sobre a mesa, juntamente com o saco dos cartões de identificação pendurado na dobra do cotovelo.

— Se não nos disser a verdade, está a proteger o homem que fez isto — rosna ele.

Inara estava certa; é diferente ver as coisas ou apenas ler sobre elas. Victor exala lentamente, tentando reprimir a repulsa instintiva. Tira a primeira fotografia da pilha, depois a segunda, a terceira, a quarta, todas a retratar partes dos corredores no complexo arruinado do jardim.

Ela pára-o na sétima e pega no papel para o ver com mais atenção. Quando torna a colocá-lo na pilha, o seu dedo afaga uma curva castanha perto do centro da imagem.

— Esta é a Lyonette.

— A sua amiga?

O dedo ligado move-se suavemente ao longo da linha de vidro na imagem.

— Sim, era — sussurra.

Os aniversários, como os nomes, deviam ser esquecidos no Jardim. À medida que fui conhecendo as outras raparigas, percebi que eram todas bastante jovens, mas a idade não era coisa que se perguntasse. Simplesmente, não parecia necessário. A certa altura, morreríamos, e os corredores forneciam lembretes diários do que isso significaria. Então, para quê contribuir para a tragédia?

Até Lyonette.

Eu estava no Jardim há seis meses e, embora me desse com a maioria das outras raparigas, era mais chegada a Lyonette e a Bliss. Eram as mais parecidas comigo, as que, na verdade, não tinham pachorra para o drama do choro ou dos queixumes devido aos nossos destinos inevitavelmente trágicos. Não nos encolhíamos diante do Jardineiro, não lhe dávamos graxa, como se tornarmo-nos as suas favoritas fosse, de alguma forma, alterar a nossa sorte. Éramos as únicas que aguentávamos o que tínhamos de aguentar e que fazíamos as nossas coisas.

O Jardineiro adorava-nos.

Tirando as refeições, que eram servidas em horários específicos, nunca havia sítio onde tivéssemos de estar, por isso, a maioria de nós frequentava os quartos das outras. Se o Jardineiro quisesse alguma, bastava-lhe olhar para as câmaras e ir buscá-la. Quando Lyonette me convidou, e a Bliss, para passar a noite no seu quarto, não achei nada de extraordinário. Era uma coisa que fazíamos a toda a hora. Devia ter reconhecido o desespero na sua voz, a tensão nas suas palavras, mas isso era algo para o qual o Jardim nos entorpecia. A beleza, o desespero e o medo eram tão comuns como respirar.

Davam-nos roupa para usar durante o dia — sempre preta, sempre coisas que nos deixavam as costas à mostra para que as asas pudessem ser vistas —, mas nada com que dormir. A maioria dormia em roupa interior e desejava ter um *soutien*. O albergue e o apartamento haviam sido um bom treino para mim; tinha muito menos modéstia do que a maioria das outras raparigas do Jardim, menos uma humilhação que podia quebrar-me.

Enroscámo-nos as três no colchão, à espera de que as luzes se apagassem, e, gradualmente, apercebemo-nos de que Lyonette estava a tremer. Não de uma convulsão ou coisa do género, apenas um tremor que tinha origem sob a sua pele e electrificava cada parte dela com movimento. Sentei-me, estendendo a mão para entrelaçar os nossos dedos.

— O que se passa?

As lágrimas brilhavam nos seus olhos salpicados de dourado, deixando-me, de repente, enjoada. Nunca tinha visto Lyonette chorar; ela detestava lágrimas em qualquer pessoa, sobretudo em si própria.

— Amanhã faço vinte e um anos — sussurrou.

Bliss soltou um guincho e abraçou a nossa amiga, enterrando o rosto no ombro dela.

— Porra, Lyon, sinto tanto!

— Então temos um prazo de validade? — perguntei calmamente. — Vinte e um?

Lyonette apertou-nos às duas com uma força desesperada.

— Não consigo decidir se devo lutar ou não. Vou morrer de qualquer maneira, e quase quero dar-lhe trabalho, mas... e se lutar tornar tudo mais doloroso? Merda, sinto-me uma cobardolas, mas, se tiver de morrer, não quero que doa!

Começou a soluçar e desejei que aquela fosse uma das vezes em que as paredes sólidas desciam junto aos vidros para podermos ficar presas naquele pequeno espaço e o choro dela não ser ouvido por ninguém no corredor. Lyonette tinha uma reputação de força entre as raparigas, e eu não queria que a considerassem fraca assim que ela tivesse desaparecido. Mas, na maior parte das vezes, as paredes só desciam duas manhãs por semana — a que chamávamos o fim-de-semana, quer fosse quer não — para que os verdadeiros jardineiros pudessem tratar da manutenção do jardim em torno da nossa bela prisão. Os homens nunca nos viam, e os vários conjuntos de portas fechadas entre nós e eles garantiam que também nunca nos ouviam.

Não, espere. As paredes também desciam quando chegava uma nova rapariga. Ou quando uma morria.

Não gostávamos que as paredes descessem. Desejar isso era algo extraordinário.

Ficámos com Lyonette a noite inteira, muito depois de ela ter adormecido a chorar, exausta, e de ter acordado para chorar de novo. Por volta das quatro, despertou o suficiente para cambalear até ao chuveiro, e nós ajudámo-la a lavar o cabelo, a escová-lo e a penteá-lo numa coroa entrançada. Havia um novo vestido no seu roupeiro, uma peça de seda âmbar com fios de ouro que brilhavam como uma chama em contraste com o preto. A cor fazia as suas asas brilharem contra a pele castanho-clara, cor de abóbora salpicada de dourado e amarelo

mais perto das manchas e das faixas pretas nas pontas. As asas abertas de uma *Lustrous Copper*.

O Jardineiro veio buscá-la pouco antes do amanhecer.

Era um homem elegante, talvez um pouco mais alto que a média, bem constituído. O tipo de homem que aparentava sempre ter, no mínimo, menos uns dez ou quinze anos do que realmente tinha. Cabelo loiro-escuro, sempre bem penteado e bem aparado, olhos verde-claros como o mar. Era bonito, isso não se punha em causa, mesmo que o meu estômago ainda se embrulhasse quando ele aparecia. Nunca o tinha visto de preto. Ficou à porta, os polegares enfiados nos bolsos, e limitou-se a olhar para nós.

Respirando fundo, Lyonette abraçou Bliss com força e sussurrou-lhe algo ao ouvido antes de lhe dar um beijo de despedida. Então virou-se para mim, os seus braços dolorosamente apertados em torno das minhas costelas.

— O meu nome é Cassidy Lawrence — sussurrou tão baixinho que mal a ouvi. — Por favor, não me esqueças. Não permitas que ele seja o único a lembrar-se de mim. — Beijou-me, fechou os olhos e deixou que o Jardineiro a levasse.

Bliss e eu passámos o resto da manhã no quarto de Lyonette a analisar os pequenos objectos pessoais que ela conseguira acumular nos últimos cinco anos. Estivera ali cinco *anos*. Tirámos as cortinas, dobrámo-las juntamente com a roupa de cama numa pilha na beira do colchão. O livro que ela tinha sob a almofada era a Bíblia, com cinco anos de raiva e desespero e esperança rabiscados em torno dos versículos. Havia animais de origâmi suficientes para todas as raparigas no Jardim e ainda sobravam, portanto, passámos a tarde a dá-los, juntamente com a roupa preta. Quando nos reunimos para jantar, não restava nada de Lyonette no quarto.

Naquela noite, as paredes desceram. Bliss e eu enroscámo-nos na minha cama, que agora já tinha mais do que apenas um

lençol. Os retoques pessoais eram coisas que ganhávamos por não sermos problemáticas, por não nos tentarmos matar, por isso, agora eu tinha lençóis e cobertores, do mesmo rosa e roxo da parte inferior das asas nas minhas costas. Bliss chorou e praguejou quando as paredes desceram e nos prenderam no quarto. Subiram ao fim de algumas horas e, antes de se terem levantado mais de trinta centímetros do chão, ela agarrou-me a mão e passámos pela abertura para podermos vasculhar os corredores.

Mas demos apenas alguns passos.

O Jardineiro estava ali, encostado à parede do lado do Jardim, a estudar a rapariga na vitrina. Ela tinha o queixo quase encostado ao peito, pequenos estribos sob as axilas a manterem-na na vertical. Resina translúcida enchia o resto do espaço, o vestido preso no líquido como se estivesse debaixo de água. Podíamos ver quase todos os pormenores das asas brilhantes nas suas costas, quase encostadas ao vidro. Tudo o que era Lyonette — o seu sorriso, os seus olhos — estava escondido, pelo que as asas se encontravam no centro.

Ele virou-se para nós e passou uma mão pelo meu cabelo despenteado do sono, puxando suavemente os nós que encontrou.

— Esqueceste-te de apanhar o cabelo, Maya. Não consigo ver as tuas asas.

Comecei a juntá-lo para o torcer num nó, mas ele agarrou-me o pulso e arrastou-me.

Para o meu quarto.

Bliss praguejou e correu pelo corredor, mas não antes de eu ver as suas lágrimas.

O Jardineiro sentou-se na minha cama e escovou-me o cabelo até este brilhar como seda, passando os dedos por ele repetidas vezes. Então as suas mãos moveram-se para outro lado, bem como a sua boca; fechei os olhos e, em silêncio, recitei «O Vale

do Desassossego».

* * *

— Espere, o quê?— interrompe Eddison com uma expressão enojada.

Ela desvia os olhos da fotografia, lançando-lhe um olhar confuso.

— «O Vale do Desassossego» — repete. — É um poema de Edgar Allan Poe. «Partiram todos para a guerra, encomendando às estrelas, de doces olhos, que velassem, à noite, do alto de azuladas torres»... Gosto de Poe. Há algo refrescante num homem que é tão descaradamente taciturno.

— Mas o que...?

— Era o que eu fazia quando o Jardineiro ia ao meu quarto — diz ela, directa. — Não lutava com ele, porque não queria morrer, mas também não participava. Então deixava-o fazer o que queria e, para manter a mente ocupada, recitava poemas de Poe.

— No dia em que ele terminou a sua tatuagem, foi a primeira vez, hum... a primeira vez...?

— Que recitei Poe? — termina Maya por ele, levantando uma sobrancelha com ar zombeteiro. Victor cora, mas assente. — Não, graças a Deus. Eu tinha ficado curiosa a respeito do sexo uns meses antes. Hope emprestou-me um dos seus rapazes. Mais ou menos.

Eddison parece engasgar-se e Victor não pode deixar de se sentir grato pelo facto de ser a sua mulher a ter este tipo de conversas com as filhas.

Em qualquer outro cenário, provavelmente teríamos chamado puta a Hope, mas Sophia — que fora, de facto,

prostituta até as filhas serem levadas pela Polícia — era bastante sensível a palavras dessas. Além disso, Hope fazia aquilo para se divertir, não pelo dinheiro. Mesmo assim, poderia ter feito fortuna. Homens, mulheres, casais, trios ou grupos. Hope estava disposta a tudo.

E, na verdade, não havia privacidade no apartamento. Tirando a casa de banho, era um espaço amplo, e as cortinas entre as camas não eram suficientemente grossas para esconder muito. Não havia dosséis, mas, fosse como fosse, estes também não insonorizavam. Hope e Jessica não eram as únicas a levar pessoas lá para casa, mas faziam-no com a maior frequência, às vezes mais de uma vez por dia.

A minha exposição precoce aos pedófilos deixou-me quase sem interesse pelo sexo. Isso e os meus pais. Parecia uma coisa horrível na qual eu não queria participar, mas viver com as raparigas mudou isso aos poucos. Quando não estavam a fazê-lo, estavam muitas vezes a falar do assunto, e mesmo quando se riam de mim respondiam a perguntas tolas sobre o tema — Hope decidiu até demonstrar como era masturbar-se. Portanto, a curiosidade acabou por vencer a repulsa e decidi experimentar. Bem, decidi pensar em experimentar. Recusei muitas oportunidades no início, porque ainda não tinha a certeza.

Então, uma tarde em que não tinha de ir trabalhar à noite, Hope chegou a casa com dois rapazes. Trabalhávamos com Jason, um dos poucos homens que servia às mesas, e o seu amigo Topher ia com regularidade ao apartamento. Passavam muitas vezes por lá quer Hope estivesse quer não; achávamo-los divertidos. Às vezes traziam comida. Ainda os três mal tinham entrado pela porta e já Hope se ocupara a tirar a roupa a Jason, e estavam completamente nus quando caíram a rir pelas cortinas na cama dela.

Topher pelo menos teve a graça de corar e empurrar as

roupas para perto da cama.

Eu estava num dos sofás com um livro. Uma das primeiras coisas que fiz assim que tive uma morada foi arranjar um cartão da biblioteca, e ia lá umas duas vezes por semana. A leitura tinha sido uma fuga quando eu era mais nova, e, mesmo que naquela altura já não tivesse nada a que precisasse de escapar, ainda era uma coisa que eu adorava. Quando a roupa ficou mais ou menos arrumada, Topher encheu dois copos com sumo de laranja — os Serviços Sociais tinham lá ido alguns dias antes, de modo que o frigorífico estava cheio — e entregou-me um deles enquanto se sentava ao meu lado no sofá.

— O quê, não te juntas a eles? — brinquei, e o rubor dele intensificou-se.

— Já se sabe que estar com a Hope é um pouco como ter um *timeshare*, mas eu não partilho ao mesmo tempo — murmurou ele, e eu ri-me. Hope era *mesmo* como um *timeshare*, e tinha orgulho nisso.

Topher era modelo, devia ter uns dezanove anos, e às vezes ajudava Guilian com as entregas para ganhar mais alguns cobres. Era bonito daquela maneira agradável dos modelos — sabem, o tipo de beleza que parece realmente comum porque nos é mostrada a toda a hora? No entanto, era um rapaz decente. Falámos do filme que tínhamos ido ver na semana anterior, de um trabalho que ele ia ter dali a alguns dias como manequim vivo numa exposição temporária num museu, do casamento de um dos nossos conhecidos e se duraria ou não, enquanto Hope e Jason continuavam naquilo, aos gritos e às gargalhadas.

Afinal, uma tarde bastante normal.

Mas, por fim, a diversão tinha de acabar.

— São quase quatro horas! — gritei sobre os gemidos. — Têm de ir trabalhar!

— Está bem, vou despachá-lo!

Fiel à sua palavra, ela fez Jason grunhir dali a menos de trinta segundos, e dez minutos depois já tinham tomado um duche rápido e ido trabalhar. A maioria das raparigas trabalhava naquela noite, com excepção de Noémie e Amber, que tinham uma aula nocturna às quartas-feiras e só voltariam pelas dez. Topher saiu durante algum tempo, mas voltou com comida do Taki da esquina.

Eu sabia que o convite habitual de Hope para o sexo era beijar alguém e enfiar-lhe a mão nas calças, mas eu não era Hope.

— Ei, Topher?

— Sim?

— Queres ensinar-me o que é o sexo?

Eu também era directa, mas tinha um estilo diferente.

Qualquer outra pessoa teria, provavelmente, empalidecido, mas Topher era amigo de Hope. Além disso, estivera presente durante algumas das conversas. Limitou-se a sorrir e senti-me mais tranquilizada pelo facto de não ser um sorriso desdenhoso.

— Claro, se achas que estás preparada para isso.

— Acho que sim. Quer dizer, podemos sempre parar.

— Sim, podemos. Diz-me só se não te sentires à vontade, está bem?

— Sim.

Ele pegou nos restos do nosso jantar e enfiou-os no caixote do lixo a transbordar perto da porta; Hope devia tê-lo despejado quando saíra para o trabalho. Quando voltou para o sofá, sentou-se na almofada e puxou-me devagar para ele.

— Vamos começar devagar — disse. E beijou-me.

Na verdade, não fizemos sexo naquela noite; ele chamou-lhe Tudo Menos. Mas foi agradável, divertido, e rimos imenso, o que em si teria sido estranho um ano antes, quando eu me mudara para ali. Ficámos vestidos depois de Noémie e Amber

voltarem da aula, mas ele passou aquela noite comigo na minha cama estreita e brincámos mais debaixo dos lençóis até Noémie — na cama ao lado — se rir e dizer que se não nos calássemos ela se juntaria a nós. Só alguns dias mais tarde é que tivemos a privacidade para ir até ao fim, e da primeira vez não percebi porquê tanto alarido.

Depois repetimos, e daquela vez já percebi.

Passámos as semanas seguintes a brincar, até que ele conheceu na igreja uma rapariga com quem queria namorar a sério, mas, tão facilmente como nos tornámos amigos coloridos, voltámos a ser só amigos, sem qualquer constrangimento ou mágoa. Nenhum de nós se tinha apaixonado pelo outro nem queria mais do que o outro. Eu adorava que ele fosse ao apartamento, mas não porque esperava sexo depois de ele começar a namorar com a rapariga da igreja. Topher era apenas um bom rapaz, alguém que todas adorávamos.

No entanto, não me fez compreender o fascínio dos meus pais pelo sexo, com exclusão de tudo o resto.

Ela desenrosca a tampa e bebe um demorado gole de água, massajando a garganta dorida enquanto engole. Victor sente-se grato pelo silêncio e acha que Eddison também deve sentir o mesmo enquanto olham ambos para a mesa. Sendo os traumas o que são, Victor não se recorda de uma conversa com uma vítima onde o sexo tenha sido um tópico tão franco.

Aclara a garganta, virando as fotos para não ter de ver os corredores com as raparigas mortas em vidro e resina.

— Quando era criança, o seu vizinho era pedófilo, segundo disse, mas quando é que viu os outros?

— O tipo que cortava a relva à minha avó. — Detém-se, pestaneja e olha para a garrafa de água, e Victor fica com a impressão de que ela não queria dizer aquilo. Talvez a exaustão

esteja a fazer-se sentir mais. Ele arquiva esse pensamento por enquanto, mas estará atento a outras oportunidades.

— Via a sua avó muitas vezes?

Ela suspira e arranca a crosta de um dos dedos.

— Eu vivia com ela — responde com relutância.

— Quando foi isso?

Os meus pais acabaram por se divorciar quando eu tinha oito anos. Todas as questões relativas a dinheiro, à casa, aos carros e ao resto foram decididas numa reunião. Passaram os oito meses seguintes a tentar empurrar-me um para o outro.

Não é fantástico? Todas as crianças deviam ser obrigadas a ouvir durante oito meses os pais dizerem que não as querem.

Por fim, decidiu-se que eu iria viver com a minha avó materna e que os meus pais lhe pagariam a pensão de alimentos. Quando chegou o dia da minha partida, sentei-me nos degraus da entrada com três malas, duas caixas e um ursinho de peluche, tudo o que possuía. Nenhum dos meus pais estava em casa.

Um ano antes, tinham ido morar umas pessoas novas para a casa em frente, um jovem casal que acabara de ter o primeiro filho. Eu adorava ir lá ver o bebé, um menino lindo que ainda não fora lixado por ninguém. Com pais como o dele, talvez nunca fosse. Ela dava-me sempre um prato com bolachas e um copo de leite e ele ensinou-me a jogar póquer e vinte e um. Foram eles que me levaram para o terminal de camionagem, que me ajudaram a comprar o bilhete com o dinheiro que os meus pais tinham deixado na minha mesa-de-cabeceira no dia anterior, que me ajudaram a meter tudo na bagageira do autocarro, me apresentaram ao motorista e me ajudaram a encontrar um lugar. Ela ainda me deu o almoço para a viagem, que incluía bolachas de aveia com passas ainda quentes do

forno. Também desejei fazer parte daquela família, mas eu não era deles. Ainda assim, acenei-lhes enquanto o autocarro se afastava, e eles ficaram juntos no passeio, com o bebé entre eles, a dizer adeus até já não conseguirmos ver-nos.

Quando cheguei à cidade onde a minha avó vivia, tive de apanhar um táxi do terminal para casa dela. O motorista praguejou todo o caminho sobre pessoas que não tinham o direito de ter filhos, e, quando lhe perguntei o que significavam algumas das palavras, ele próprio me ensinou a usá-las em frases. A minha avó morava numa casa grande e delapidada, num bairro que fora abastado sessenta anos antes mas que depressa se degradara, e, quando o motorista me ajudou a levar a bagagem para o pequeno alpendre da frente, paguei-lhe e desejei-lhe um dia do caralho.

Ele riu-se, puxou-me a trança e desejou-me boa sorte.

A menopausa fez coisas estranhas à minha avó. Ela fora uma noiva em série — e viúva — quando era mais nova, mas a mudança de idade convencera-a de que estava murcha e a meio caminho da sepultura. Então escondeu-se em casa e começou a encher todas as assoalhadas e corredores com coisas mortas.

Não, a sério, *com coisas mortas*. Até os taxidermistas achavam que ela metia medo, e é preciso ser mesmo marado para ganhar esse estatuto. Tinha coisas que comprara feitas, como animais de caça ou exóticos, tipo ursos e leões de montanha que não eram coisa que se visse numa cidade. Tinha pássaros e tatus e, o que eu mais detestava, a colecção de gatos e cães da vizinhança que tinham morrido de várias maneiras ao longo dos anos e que ela mandara empalhar. Estavam por toda a parte, até nas casas de banho e na cozinha, e ocupavam todas as assoalhadas.

Quando entrei a arrastar as minhas coisas para o vestíbulo, ela não se encontrava à vista. No entanto, ouvi-a.

— Se é um violador, estou toda mirrada, não perca o seu

tempo! Se é um ladrão, não tenho nada que valha a pena roubar, e, se é um assassino, devia ter vergonha!

Segui o som da sua voz e, finalmente, encontrei-a numa pequena sala com zonas de passagem estreitas entre todas as pilhas de animais empalhados. Encontrava-se numa poltrona, num *maiot* com padrão de tigresa e um casaco de peles castanho-escuro, a fumar sem parar enquanto via *O Preço Certo* numa televisão de sete polegadas cuja imagem tremia e perdia a cor com frequência.

Não olhou para mim até aos anúncios.

— Oh, estás aqui. Primeiro andar, terceira porta à direita. Sê uma linda menina e, antes de ires, traz-me a garrafa de uísque que está no aparador.

Fui buscar-lha — porque não? — e foi com espanto que a vi despejar a garrafa inteira em pequenos pratos e tigelas diante dos gatos e cães mortos alinhados num sofá que seria considerado horrível nas melhores circunstâncias.

— Bebam, minhas belezas, estar morto não é fácil, vocês merecem.

Os vapores do uísque depressa encheram a sala, juntando-se ao perfume bafiento das pelagens e do tabaco.

Lá em cima, a terceira porta à direita dava para um quarto tão cheio de animais mortos, que caíram quando abri a porta. Passei o resto daquele dia e toda aquela noite a arrastá-los de lá para fora e a encontrar sítio para eles, a fim de poder levar as minhas coisas. Dormi em cima da minha mala maior, pois os lençóis metiam nojo. Passei o dia seguinte a limpar o quarto de alto a baixo, a limpar o pó e os excrementos de rato — e os cadáveres de ratos — do colchão e a pôr os meus lençóis na cama. Depois de ter dado ao espaço uma aparência de lar, voltei lá para baixo.

A única indicação de que a minha avó tinha saído dali era o seu *maiot*, agora de um roxo-vivo.

Esperei até aos anúncios e depois aclarei a garganta.

— Esvaziei e limpei o quarto — anunciei. — Se lá meteres mais coisas mortas enquanto eu aqui estiver a viver, pego fogo à casa.

Ela riu-se e deu-me uma bofetada.

— Linda menina. Gosto da tua garra.

E foi isto a mudança para casa da minha avó.

O cenário mudou, mas a vida não. A comida era entregue em casa uma vez por semana por um rapaz de aparência nervosa que recebia uma gorjeta quase tão grande como a despesa da mercearia, só porque era a única maneira de ele vir ao nosso bairro. Era muito simples ligar para a mercearia e pedir para juntarem coisas novas à lista. Eu estava matriculada numa escola que não ensinava absolutamente nada, onde os professores nem sequer faziam a chamada porque não queriam que os chumbos por faltas os fizessem ficar com os alunos mais um ano. Parece que havia alguns professores bons na escola, mas eram poucos e intervalados e nunca apanhei nenhum. O resto estava-se nas tintas, desde que recebesse o ordenado.

Na verdade, os alunos incentivavam isso. Vendia-se droga nas salas de aula, até na escola primária, em nome de irmãos mais velhos. Quando entrei na escola secundária, havia detectores de metal em todas as portas exteriores, mas ninguém se importava ou investigava quando eles disparavam, o que acontecia com frequência. Ninguém reparava se não estávamos na aula, ninguém ligava para casa para saber dos alunos que não apareciam há vários dias seguidos.

Testei isso uma vez, fiquei em casa uma semana. Nem sequer me mandaram fazer trabalhos de casa extra quando voltei. Só voltei porque estava aborrecida. Triste, para ser franca. Não me metia com ninguém e ninguém se metia comigo. Não saía de casa depois do anoitecer e todas as noites adormecia ao som de tiros e sirenes. E quando o tipo da relva vinha, duas vezes por

mês, escondia-me debaixo da minha cama, não fosse ele entrar na casa.

Devia rondar os trinta anos, talvez fosse um pouco mais velho, e usava sempre calças de ganga demasiado justas e demasiado descaídas, para tentar realçar o material que já naquela idade eu não achava grande coisa. Gostava de me chamar *coisinha linda* e, se estava lá quando eu voltava da escola, tentava tocar-me e pedia-me que lhe levasse coisas. Uma vez dei-lhe um pontapé em cheio nos tomates e ele praguejou e correu atrás de mim para dentro de casa, mas tropeçou no veado da entrada e a avó insultou-o por fazer muito barulho durante as suas novelas.

Depois disso, passei a esperar na bomba de gasolina a alguns quarteirões até ver a carrinha dele passar.

— E os seus pais nunca se interessaram pelo seu bem-estar?
— Ele sabe que é uma pergunta estúpida, mas já está fora da sua boca, e acena com a cabeça enquanto a boca dela se contorce.

— Os meus pais nunca me foram ver, nunca ligaram, nunca mandaram postais ou prendas ou qualquer outra coisa. A minha mãe mandou cheques durante os primeiros três meses, o meu pai durante os primeiros cinco, mas depois pararam. Nunca vi os meus pais nem tive notícias deles depois de ter ido viver com a minha avó. Sinceramente, nem sei se ainda são vivos.

Estão naquilo desde o início do dia, e o bolo de aniversário foi a primeira coisa que ele comeu desde o jantar da noite anterior. Consegue sentir o estômago a roncar, sabe que ela deve ter tanta fome como ele. Há quase vinte e quatro horas que o FBI chegou ao Jardim. Ambos estão acordados há mais tempo do que isso.

— Inara, estou disposto a deixá-la contar as coisas ao seu ritmo, mas preciso que me dê uma resposta directa a uma pergunta: devíamos ter aqui os Serviços Sociais?

— Não — diz ela de imediato. — E essa é a verdade.

— Até que ponto essa verdade está perto da mentira?

Desta vez, é mesmo um sorriso, torto e irónico, mas até um pequeno sorriso como aquele suaviza toda a sua expressão.

— Ontem fiz dezoito anos. Parabéns para mim.

— Tinha *catorze* quando chegou a Nova Iorque? — pergunta Eddison.

— Sim.

— Que diabo?

— A minha avó morreu. — Ela encolhe os ombros, pegando na garrafa de água. — Cheguei a casa, da escola, e ela estava morta na cadeira com queimaduras nos dedos onde o cigarro ardera até ao fim. Admira-me que a casa não tenha pegado fogo com os vapores do uísque. Acho que o coração dela se foi abaixo, ou coisa parecida.

— Comunicou isso às autoridades?

— Não. O tipo da relva ou o rapaz do supermercado encontrá-la-iam quando fossem receber o dinheiro, e não queria que ninguém decidisse o que fazer comigo. Talvez localizassem um dos meus pais e eu seria forçada a ir para junto deles, ou punham-me simplesmente no sistema. Ou talvez tivessem encontrado um dos tios do lado do meu pai e me empurrassem para outro parente que não me queria. Essas opções não me agradavam.

— Então o que fez?

— Enchi uma mala e uma mochila, depois assaltei o esconderijo da minha avó.

Victor não sabe se vai lamentar a resposta, mas tem de perguntar.

— Esconderijo?

— Onde ela tinha o dinheiro. A minha avó não confiava muito nos Bancos, de modo que, sempre que recebia um cheque, levantava-o e escondia metade no cu do pastor alemão. A cauda estava presa a uma dobradiça, pelo que se podia levantá-la e puxar o dinheiro para fora. — Bebe mais água, depois franze os lábios e pressiona-os contra o gargalo da garrafa, deixando a água hidratar a pele gretada. — Estavam lá quase dez mil dólares — continua quando afasta a garrafa. — Escondi-os na mala e na mochila, passei a noite lá em casa e de manhã acordei e fui até ao terminal dos autocarros em vez de ir para a escola e comprei um bilhete para Nova Iorque.

— Passou a noite em casa com a sua avó morta.

— Ela ainda não estava empalhada, mas, de resto, que diferença havia de qualquer outra noite?

Ele sente-se grato pela estática no seu ouvido.

— Pedimos comida para vocês os três — informa Yvonne da sala de observação. — Chega daqui a uns minutos. E a Ramirez ligou. Algumas das raparigas começaram a falar. Não muito, ainda. Parecem mais preocupadas com as mortas do que com elas próprias. A senadora Kingsley já saiu de Massachusetts e vem a caminho.

Bem, começou com uma boa notícia. Provavelmente, é esperar demasiado que a senadora seja forçada a aterrar algures de emergência devido ao mau tempo.

Victor abana a cabeça e recosta-se na cadeira. A senadora ainda não chegou; vão ter de lidar com ela assim que chegar.

— Em breve vamos fazer uma pausa para comer, mas mais uma pergunta antes disso.

— Só uma?

— Conte-nos como foi parar ao Jardim.

— Isso não é uma pergunta.

Eddison bate na coxa com impaciência, mas ainda é Victor quem fala.

— Como foi parar ao Jardim?

— Fui raptada.

Três filhas adolescentes, e ele pode praticamente ouvir o «dâa» não pronunciado no final da frase.

— Inara.

— Você é *muito* bom nisso.

— Por favor.

Ela suspira e levanta os pés, pousando-os na beira da cadeira e envolvendo os tornozelos com as mãos ligadas.

O Evening Star era um restaurante elegante. Só com reserva, a menos que houvesse poucos clientes, mas os preços eram suficientemente altos para não se entrar nele por impulso. Em noites normais, os empregados usavam *smokings* e as empregadas vestidos pretos sem alças com colarinhos e punhos à parte como os *smokings*. Até tínhamos laços pretos que eram difíceis de pôr direitos — não eram permitidos aqueles de fixar.

Guilian sabia atender os estupidamente ricos e podia reservar-se o restaurante inteiro para ocasiões especiais e fazer os empregados vestirem roupas de fantasia. Havia algumas regras básicas — ele não permitia coisas indecentes —, mas, dentro de uma gama bastante ampla de opções, o cliente podia fornecer as fantasias e nós usávamo-las no evento e depois podíamos ficar com elas. Ele dizia-nos sempre antes qual era o tipo de fantasia, para podermos trocar de turnos se não nos sentíssemos à vontade com elas.

Duas semanas antes do meu décimo sexto aniversário — ou, para as outras raparigas, o meu vigésimo primeiro —, o restaurante foi alugado para uma angariação de fundos para um dos teatros. O primeiro espectáculo seria uma produção de *Madame Butterfly*, portanto, estávamos vestidas em consonância. Neste evento só estavam autorizadas a trabalhar

raparigas, a pedido do cliente, e todas recebemos vestidos pretos com um par de asas de arame e seda, que se fixavam com cola cosmética e látex — porra, que trabalhadeira que foi! — e tínhamos de usar o cabelo apanhado.

Concordámos que sempre era melhor que a fantasia fetiche de pastora ou que o jantar de ensaio do casamento com tema da Guerra Civil. Para este, tivemos de usar saias de armação que acabámos por transformar em candelabros de Natal quando nos fartámos de as ver a ocupar um canto inteiro do apartamento. Mesmo que tenha implicado começar a trabalhar horas mais cedo para podermos fixar as malditas asas, o resto não foi muito mau, e podíamos voltar a usar os vestidos. Servir às mesas com umas asas enormes atrás de nós foi lixado, e, depois de o prato principal ter sido servido e podermos ir para a cozinha durante a apresentação da angariação de fundos, não sabíamos se havíamos de praguejar ou rir. Algumas fizeram as duas coisas.

Rebekah, a chefe de sala, suspirou e deixou-se cair num banco, apoiando os pés num caixote. A sua gravidez, afinal, tinha impossibilitado os saltos altos e também lhe poupava, naquela altura, ter de suportar a indignidade das asas.

— Esta coisa tem de sair já de dentro de mim — gemeu.

Enfiei-me a custo atrás do banco por causa das asas e comecei a massajar-lhe os ombros tensos e as costas.

Hope espreitou pela abertura da porta de vaivém.

— Mais alguém acha que o tipo que reservou isto é bastante fodível para velho?

— Ele não é assim tão velho, e cuidado com a língua — retorquiu Whitney. Havia algumas palavras que Guilian preferia que não usássemos no trabalho, nem sequer na cozinha, e *foder* era uma delas.

— Bem, o filho dele parece mais velho que eu, portanto, ele é velho.

— Então olha para o filho.

— Não, obrigado. Ele é giro, mas tem qualquer coisa estranha.

— Não está a olhar para ti?

— Está a olhar de mais para várias de nós. Não é normal. Prefiro galar o velho.

Ficámos na cozinha, a conversar e a trocar mexericos sobre os convidados, até ao intervalo da apresentação, quando circulámos com as bebidas e as sobremesas. Na mesa do anfitrião pude olhar bem para o velho de Hope e o filho dele. Logo percebi o que ela quisera dizer a respeito do filho. Ele *era* bonito, musculado e bem proporcionado, com olhos castanho-escuros e o cabelo louro-escuro do pai, que contrastava bem com a sua pele bronzeada.

Embora o bronzeado parecesse um pouco falso.

Era algo mais profundo do que isso, porém, havia uma crueldade visível no sorriso aparentemente encantador e na forma como nos observava enquanto circulávamos pela sala. Ao lado dele, o pai era apenas encantador, com um sorriso fácil que agradecia sem palavras os nossos esforços. Deteve-me encostando dois dedos ao meu pulso, não demasiado informal nem ameaçador.

— Que bela tatuagem, minha querida.

Olhei para a racha na minha saia. Todas nós no apartamento, até Kathryn, tínhamos ido juntas fazer tatuagens iguais uns meses antes, algo que ainda achávamos absurdo, e não conseguíamos perceber exactamente por que o tínhamos feito; creio que estávamos quase todas um pouco embriagadas nesse dia e Hope chateara-nos até cedermos. Fi-la na parte externa do tornozelo direito, logo acima do osso, e era um desenho elegante de linhas pretas curvas. Fora Hope quem o escolhera. Sophia, a outra sóbria, não queria a borboleta, porque era demasiado rebuscada e se via muito por aí, mas Hope não

cedeu. Ela era uma chata muito persistente quando queria; chamou-lhe borboleta tribal. Habitualmente, tínhamos de manter as tatuagens tapadas com roupa ou maquilhagem para o trabalho, mas, por causa do tema do evento, Guilian dissera que podíamos deixá-las à mostra.

— Obrigada. — Servi-lhe vinho espumante.

— Gosta de borboletas?

Não particularmente, mas não me pareceu boa ideia mencionar isso, dado o tema da sua festa.

— São lindas.

— Sim, mas, como a maioria das criaturas bonitas, de vida muito curta. — Os seus olhos verde-pálidos viajaram da tatuagem no meu tornozelo pelo meu corpo acima até ele poder sorrir e olhar-me nos olhos. — Não é apenas a sua tatuagem que é bonita.

Tomei nota mentalmente para dizer a Hope que o velho era tão assustador como o filho.

— Obrigada.

— Parece muito nova para trabalhar num restaurante destes.

Uma coisa que nunca ninguém me dissera era que eu parecia demasiado nova para alguma coisa. Olhei para ele durante bastante tempo e vi um brilho de prazer cintilar nos seus olhos pálidos.

— Algumas de nós envelheceram demasiado depressa — respondi, por fim, e de imediato me arrependi. A última coisa de que eu precisava era que um cliente rico convencesse Guilian de que eu mentira sobre a minha idade.

Ele não disse nada quando me afastei para encher o copo seguinte, mas senti os seus olhos em mim até regressar à cozinha.

Durante a segunda metade da apresentação, fui ao vestiário buscar um tampão à minha mala, mas, quando virei para a casa de banho, o filho estava parado à porta. Devia ter uns vinte e

poucos anos, mas, sozinha com ele num espaço pequeno, apercebi-me ainda mais do seu ar ameaçador. Não costumava achar que Hope fosse muito perspicaz, mas ela estava certa, havia qualquer coisa errada com aquele tipo.

— Desculpe, mas esta área é reservada aos funcionários.

Ele ignorou-me, ainda a bloquear a entrada enquanto estendia uma mão para tocar numa das asas.

— O meu pai tem um gosto requintado, não acha?

— Tem de se ir embora, por favor. Esta área não é para os clientes.

— Sei que deve dizer isso.

— E eu também o digo. — Kegs, um dos ajudantes, afastou-o com força. — Sei que o dono lamentaria obrigá-lo a sair do restaurante, mas fá-lo-á sem problema se o senhor não voltar para a sua festa.

O tipo olhou-o de alto a baixo, mas Kegs era grande e corpulento e perfeitamente capaz de pegar tanto em pessoas como em barris de cerveja. Com uma carranca, o tipo assentiu e foi-se embora.

Kegs ficou a observá-lo até ele virar a esquina para a sala de jantar.

— Estás bem, linda?

— Estou, obrigada.

Chamávamos-lhe «nosso» ajudante porque Guilian mandava-o sempre para junto de nós e porque ele nos considerava as suas raparigas. Quer estivesse a trabalhar à noite ou não, Kegs acompanhava sempre as últimas raparigas a sair até ao metro e ficava connosco até entrarmos na carruagem. Era a única pessoa que, inexplicavelmente, ignorava as regras de Guilian sobre tatuagens e *piercings*. É verdade, ele era um ajudante, não um empregado de mesa, portanto, não interagia com os clientes, mas era visível. Guilian nunca fez comentários sobre as orelhas furadas, os *piercings* na sobrancelha, nos lábios e na

língua nem sobre as enormes tatuagens tribais pretas que cobriam os seus dois braços e quase eram visíveis através da *T-shirt* branca. Eram visíveis abaixo dos punhos nas costas das mãos e na parte de trás do pescoço quando não estavam tapadas pelo cabelo comprido. Às vezes apanhava o cabelo e víamos as tatuagens subir pela parte inferior rapada do crânio.

Ele beijou-me no rosto e acompanhou-me à casa de banho, ficando à porta enquanto eu fazia o que tinha a fazer, e depois levou-me de novo para a cozinha.

— Tenham cuidado com o filho do anfitrião — anunciou a todas as meninas.

— Eu disse-te — riu Hope.

Naquela noite, Kegs acompanhou-nos até ao apartamento. No dia seguinte, Guilian, com uma expressão preocupada, ouviu o que tinha acontecido e depois disse-nos para não nos preocuparmos muito, porque os clientes tinham voltado para Maryland. Ou assim pensávamos.

Algumas semanas depois, quando Noémie e eu saímos da biblioteca uma tarde e encontrámos duas das suas colegas de turma, eu mandei-a ir com elas e disse-lhe que podia fazer o resto do caminho para casa sozinha.

Consegui percorrer três quarteirões antes de me espetarem alguma coisa e, antes sequer de conseguir gritar, as minhas pernas cederam e o mundo ficou preto.

— À tarde, nas ruas de Nova Iorque? — pergunta Eddison com cepticismo.

— Como eu disse, a maioria das pessoas em Nova Iorque não faz muitas perguntas, e tanto o pai como o filho conseguem ser encantadores quando querem. Tenho a certeza de que disseram alguma coisa que fez sentido para as pessoas à nossa volta.

— E você acordou no Jardim?

— Sim.

A porta abre-se para mostrar a analista com a anca ainda no puxador, as mãos ocupadas com as bebidas e os sacos de comida. Quase os deixa cair na mesa, agradecendo a Victor enquanto ele a ajuda a endireitar a bandeja de cartão.

— Há cachorros-quentes, hambúrgueres e batatas fritas — anuncia Yvonne. — Não sabia quais as suas preferências, então pedi que colocassem alguns dos condimentos à parte.

A rapariga leva um momento a perceber que estão a dirigir-se a ela, e depois tudo o que diz é obrigada.

— Há novidades da Ramirez? — pergunta Eddison.

Ela encolhe os ombros.

— Nada de especial. Identificaram outra rapariga, e algumas deram os seus nomes e moradas ou moradas parciais. A família de uma delas mudou-se para Paris, pobrezinha.

Enquanto divide a comida, Victor vê Inara a estudar a analista. Há perguntas na sua expressão, mas ele não consegue entendê-las. Ao cabo de um momento, ela abana a cabeça e pega num pacote de *ketchup*.

— A senadora? — pergunta Eddison.

— Ainda no ar. Tiveram de contornar uma tempestade.

Bem, Victor quase conseguira realizar o seu desejo.

— Obrigado, Yvonne.

A analista toca na orelha.

— Se surgir alguma coisa interessante, informo-vos. — Acena com a cabeça a Inara e sai da sala. Alguns segundos mais tarde, o espelho estremece ligeiramente quando a porta da sala de observação se fecha.

Victor olha para Inara enquanto põe mostarda e molho condimentado no seu cachorro-quente. Não sabe se deve fazer a pergunta. Nunca se sentiu inseguro acerca da dinâmica de poder numa sala, não com uma vítima, mas ela não é exactamente uma vítima típica, pois não? Isso é, pelo menos,

metade do problema. Franze a testa para a sua refeição, não querendo que a rapariga pense que a carranca é dirigida a ela.

Eddison ocupa-se dessa parte.

No entanto, ele tem de saber.

— Não ficou admirada ao ouvir o nome da senadora Kingsley.

— Devia ter ficado?

— Então todas vocês sabem os nomes verdadeiros umas das outras.

— Não. — Ela põe *ketchup* nas batatas fritas e enfia uma batata na boca.

— Então como...?

— Algumas não conseguem parar de falar das famílias. Têm medo de as esquecer, acho. Mas nada de nomes. Ravenna disse que a mãe era senadora. Era só o que sabíamos.

— O verdadeiro nome dela é Patrice — diz Eddison.

Inara limita-se a encolher os ombros.

— O que chama a uma Borboleta a meio caminho entre o Jardim e o Exterior?

— Então? O que lhe chama?

— Suponho que isso depende de a mãe ser senadora ou não. Quantos danos serão causados se ela for forçada a tornar-se Patrice antes de estar pronta a largar Ravenna? — Dá uma grande dentada no hambúrguer e mastiga lentamente, fechando os olhos. Um som baixo como um gemido escapa e a sua expressão suaviza-se devido ao prazer.

— Há muito tempo que não comia *fast food*? — pergunta Eddison com um sorriso relutante.

Ela assente com a cabeça.

— A Lorraine tinha instruções rigorosas para fazer comida saudável.

— A Lorraine? — Eddison pega no caderno e passa várias páginas. — Os paramédicos levaram uma mulher chamada

Lorraine. Ela disse que era funcionária. Quer dizer que ela sabia do Jardim?

— Ela vive lá.

Victor olha fixamente para ela, mal se apercebendo do molho que cai do seu cachorro-quente para o alumínio. Inara leva o seu tempo com a comida e não volta a falar até a última batata frita ter desaparecido.

— Creio que referi que algumas raparigas tentaram dar graxa ao Jardineiro.

Lorraine foi uma delas em tempos, uma pessoa tão desesperada por agradar ao Jardineiro que estava completamente disposta a ajudá-lo a fazer o que ele quisesse às outras pessoas desde que ele a amasse. Podia estar destroçada já antes de ele a raptar. Por norma, as raparigas como ela recebiam outra marca, outras asas, mas no rosto, para mostrar a todos que adoravam ser uma das Borboletas dele. Mas o Jardineiro arranjou outro plano para Lorraine e até a deixava sair do Jardim.

Mandou-a para a escola de enfermagem e ter aulas de culinária, e ela estava tão quebrada pela submissão aos interesses dele, tão apaixonada por ele, que nunca tentou fugir, nunca tentou contar a ninguém a existência do Jardim nem das Borboletas mortas ou das vivas que ainda podiam ter tido *alguma* esperança. Ia às aulas e, quando voltava para o Jardim, estudava e praticava. Quando fez vinte e um anos, ele tirou-lhe todos aqueles vestidos pretos bonitos e deu-lhe um uniforme cinzento que a cobria por completo. Lorraine tornou-se a cozinheira e a enfermeira do Jardim.

Nunca mais lhe tocou, nunca falava com ela a não ser sobre os seus deveres, e foi nessa altura que, por fim, começou a odiá-lo.

Não foi o suficiente, acho, porque nem assim ela abriu a boca.

Nos dias melhores — que não eram muitos —, quase conseguia ter pena dela. Ela tem o quê, quarenta e tal anos agora? Foi uma das primeiras Borboletas; está no Jardim há mais tempo do que esteve cá fora. A certa altura, talvez *tenha* de se ceder. Pelo menos, a opção dela poupou-a à vitrina, por mais que ela viesse a arrepender-se disso.

Era a nossa cozinheira-enfermeira, e nós detestávamo-la. Até as graxistas a desprezavam, porque mesmo as graxistas teriam fugido se pudessem, teriam tentado chamar a Polícia por causa das outras. Ou, pelo menos, era o que diziam a si próprias. No entanto, se a oportunidade surgisse... não sei. Havia histórias sobre uma rapariga que fugira.

— Alguém fugiu? — perguntou Eddison.

Ela esboça um sorriso de esguelha.

— Havia rumores, mas ninguém sabia ao certo. Não era da nossa geração nem da de Lyonette. Parecia mais uma história apócrifa do que qualquer outra coisa, algo em que a maioria de nós acreditava simplesmente porque precisava de acreditar que a fuga era possível, não porque pensávamos que era real. Apesar de tudo, era difícil acreditar na fuga quando Lorraine escolhera ficar.

— Você teria tentado? — pergunta Victor. — Fugir?

Ela dirige-lhe um olhar pensativo.

Talvez há trinta anos as raparigas fossem diferentes. Bliss gostava particularmente de atormentar Lorraine, sobretudo porque ela não podia fazer nada para se vingar. O Jardineiro ficava furioso se ela estragava a nossa comida ou não satisfazia

as nossas necessidades médicas. Ela era incapaz de nos insultar, porque as palavras têm de significar alguma coisa para magoar.

Achávamos que os jardineiros que faziam a manutenção do Jardim não sabiam da existência das Borboletas. Estávamos sempre escondidas quando eles iam para a estufa e não podíamos ser vistas nem ouvidas. As paredes desciam, opacas e à prova de som. Nós não conseguíamos ouvi-los, assim como eles não conseguiam ouvir-nos. Lorraine era a única pessoa que *conhecíamos* que sabia da nossa existência, mas era inútil tentar pedir-lhe para fazer alguma coisa ou mandar um recado a alguém. Não só ela não o faria como iria logo contar ao Jardineiro.

E a seguir outra rapariga acabava em vidro e resina no corredor.

Por vezes, Lorraine olhava para aquelas raparigas expostas com uma inveja tal que era doloroso ver. Patético, claro, e irritante, porque, pelo amor de Deus, ela tem ciúmes de miúdas assassinadas, mas o Jardineiro *amava* aquelas raparigas nas vitrinas. Cumprimentava-as quando passava, ia lá apenas para olhar para elas, lembrava-se dos seus nomes, chamava-lhes suas. Às vezes penso que Lorraine ansiava juntar-se a elas um dia. Tinha saudades do tempo em que o Jardineiro a amava como nos amava a nós.

Não acho que ela percebesse que isso jamais aconteceria. As raparigas nas vitrinas estavam todas conservadas no auge da sua beleza, as asas nas suas costas brilhantes e luminosas contra a pele jovem, perfeita. O Jardineiro nunca se daria ao trabalho de conservar uma quarentona — ou fosse qual fosse a idade dela quando morresse — cuja beleza se desvanecera há décadas.

As coisas bonitas são de curta duração, disse-me ele da primeira vez que nos vimos.

Ele certificava-se disso e a seguir esforçava-se por dar às suas

Borboletas uma estranha espécie de imortalidade.

Nem Victor nem Eddison têm resposta para aquilo.

Ninguém pede para investigar um crime contra crianças por não ter nada para fazer. Tem de haver uma razão. Victor sempre fez questão de conhecer os motivos daqueles que trabalham para ele. Eddison olha para os punhos cerrados sobre a mesa e Victor sabe que está a pensar na irmã mais nova que desapareceu com oito anos e nunca foi encontrada. Os casos arquivados afectavam-no sempre bastante, pois as famílias têm de esperar por respostas que podem nunca chegar.

Victor pensa nas filhas. Não porque algo tenha alguma vez acontecido, mas porque sabe que enlouqueceria se alguma coisa acontecesse.

Mas, porque é pessoal, porque são empenhados, os agentes que investigam os crimes contra crianças são, muitas vezes, os primeiros a ir abaixo. Depois de três décadas no FBI, Victor viu isso acontecer a muitos agentes, bons e maus. Quase lhe acontecera o mesmo depois de um caso particularmente difícil, depois de demasiados funerais com caixões pequenos para as crianças que não tinham sido capazes de salvar. As filhas convenceram-no a ficar. Chamavam-lhe o seu super-herói.

Esta rapariga nunca teve um super-herói. Pergunta-se se alguma vez terá querido um.

Ela observa ambos, o rosto a não revelar nada dos seus pensamentos, e Victor tem a sensação desconfortável de que ela os entende muito melhor do que eles a ela.

— Quando o Jardineiro vos ia ver, alguma vez levou o filho?
— pergunta ele, tentando recuperar algum controlo da sala.

— *Levou o filho?* Não. Mas o Avery entrava e saía a seu bel-prazer.

— Ele alguma vez... consigo?

— Recitei Poe algumas vezes debaixo da sua atenção — responde ela com um encolher de ombros. — Mas o Avery não gostava de mim. Eu não conseguia dar-lhe o que ele queria.

— E o que era?

— Medo.

* * *

O Jardineiro só matava raparigas por três razões.

Primeira, serem demasiado velhas. A data de validade era os vinte e um, e depois disso, bem, a beleza é efémera e fugaz e ele tinha de a captar enquanto podia.

A segunda razão estava ligada à saúde. Se estivessem muito doentes ou muito feridas ou muito grávidas. Bem, grávidas, acho. Estar *muito* grávida é um pouco como estar *muito* morta; não é bem um estado flexível. Ele ficava sempre um pouco desapontado com as gravidezes; quatro vezes por ano, Lorraine dava-nos injeções que deviam evitar esse tipo de inconveniente, mas nenhum controlo de natalidade é completamente infalível.

A terceira razão era se uma rapariga era totalmente incapaz de se habituar ao Jardim. Se depois das primeiras semanas não parava de chorar, se tentasse passar fome ou matar-se mais de um certo número de vezes «permitidas». As raparigas que lutavam muito, as raparigas que se iam abaixo.

Avery matava-as por diversão e às vezes por acidente. Sempre que isso acontecia, o pai bania-o do Jardim durante algum tempo, mas a seguir ele voltava.

Eu encontrava-me lá há quase dois meses quando ele me foi procurar. Lyonette fazia companhia a uma rapariga nova que ainda não tinha nome e Bliss aturava o Jardineiro. Eu estava no pequeno penhasco acima da queda-d'água com Poe, a tentar memorizar o «O País das Fadas». A maioria das outras raparigas

não podia subir ao penhasco sem querer atirar-se de lá, então, eu, habitualmente, tinha-o só para mim. Era um sítio tranquilo. Silencioso, mas o Jardim era sempre silencioso. Mesmo quando algumas das raparigas mais bem adaptadas brincavam à apanhada ou às escondidas, nunca eram barulhentas. Tudo era discreto, e nenhuma de nós sabia se era assim que o Jardineiro preferia ou se era apenas instinto. Enquanto grupo, aprendíamos todos os nossos comportamentos com outras Borboletas, que os tinham aprendido de outras Borboletas, porque o Jardineiro raptava raparigas havia mais de trinta anos.

Não raptava ninguém com menos de dezasseis anos e optava por mais velhas se não tinha a certeza, pelo que o tempo de vida de uma borboleta era de cinco anos. Sem contar as sobreposições, isso dava mais de seis *gerações* de Borboletas.

Quando conheci Avery no restaurante, ele vestia um *smoking* como o pai. Sentada e encostada a uma pedra, com o livro nos joelhos enquanto me aquecia à luz do Sol que entrava pelo telhado de vidro, olhei para cima quando a sombra dele caiu sobre mim e vi-o de calças de ganga e camisa desabotoada. Tinha arranhões no peito e o que parecia uma marca de dentada no pescoço.

— O meu pai quer-te só para ele — disse. — Não falou de ti, nem sequer disse o teu nome. Não quer que eu me lembre de ti.

Virei a página e olhei para o livro.

Ele agarrou-me no cabelo para me obrigar a olhar para cima e deu-me uma bofetada com a outra mão.

— Desta vez, não há nenhum colega aqui para te salvar. Desta vez, vais ter o que estás a pedir.

Continuei a agarrar no livro e não disse nada.

Ele bateu-me de novo, o sangue espirrou para a minha língua, proveniente do lábio ferido, e vi luzes coloridas a dançar diante dos olhos. Tirou-me o livro da mão e atirou-o

para a água; fiquei a vê-lo desaparecer na queda-d'água para não ter de olhar para ele.

— Vens comigo.

Conduziu-me pelo cabelo, que Bliss tinha apanhado numa elegante banana e em breve se soltou na mão dele. Sempre que eu não avançava suficientemente depressa, ele virava-se e esbofeteava-me de novo. As outras raparigas desviaram o olhar quando passámos por elas e uma até começou a chorar, embora as mais próximas a tenham rapidamente mandado calar, não fosse Avery decidir que uma chorosa seria mais divertida.

Ele atirou-me para um quarto onde eu nunca estivera antes, que ficava perto da sala de tatuagem, na parte da frente do Jardim. Era um quarto que estava fechado e trancado, a menos que ele se encontrasse lá a brincar. Já lá estava uma rapariga, com os pulsos amarrados à parede. Tinha sangue a cobrir-lhe as coxas e partes do rosto, uma dentada feia num dos seios, e a sua cabeça pendia para a frente num ângulo estranho. Não olhou para cima, mesmo quando eu aterrei no chão com um baque forte.

Não respirava.

Avery acariciou o cabelo flamejante da rapariga, enrolando os dedos nele para lhe puxar a cabeça para trás. Havia marcas de mãos em torno da sua garganta e um osso empurrava a pele num dos lados.

— Ela não era tão forte como tu.

Lançou-se sobre mim, claramente à espera de que eu lutasse, mas não o fiz. Não fiz nada.

Não, isso não é inteiramente verdade.

Recitei Poe, e, quando se acabaram os poemas que eu sabia de cor, declamei-os uma e outra e outra vez até que ele me atirou contra a parede com um grunhido enojado e saiu do quarto com as calças de ganga abertas. Acho que se pode dizer que ganhei.

Mas, na altura, aquilo não soube a vitória.

Quando, por fim, o quarto deixou de girar, levantei-me e procurei uma chave ou um trinco, qualquer coisa que me permitisse tirar a pobre rapariga daquelas algemas. Nada. Encontrei um armário fechado com um cadeado que, quando entreabri a porta o máximo que consegui, me revelou chicotes e manguais; encontrei barras e molas e objectos que a minha mente logo tentou esquecer; encontrei várias coisas, na verdade, excepto uma maneira de lhe dar alguma dignidade.

Então peguei nos restos do meu vestido e arranjei forma de a tapar com ele e proteger as suas partes mais importantes. Dei-lhe um beijo no rosto e pedi desculpa com todas as minhas forças, como nunca pedira desculpa a ninguém.

— Ele não pode voltar a magoar-te, Giselle — sussurrei contra a sua pele ensanguentada.

E saí nua para o corredor.

Tudo me doía, e cada rapariga por que passei suspirou de pena. Nenhuma se ofereceu para me ajudar. Deveríamos ir ter com Lorraine para isso, para que ela pudesse catalogar todas as lesões e comunicá-las ao Jardineiro, mas não me apetecia olhar para o seu rosto empedernido ou senti-la pressionar os hematomas com mais força do que o necessário. Fui ao lago apanhar o resto do livro de poesia, voltei para o meu quarto e sentei-me no chuveiro estreito. A água só vinha à noite — cada uma de nós tinha uma hora atribuída, a menos que tivéssemos estado com o Jardineiro. As raparigas que estavam lá há mais tempo podiam ligar a água quando queriam, outro privilégio conquistado, mas eu ainda não. Só dali a mais alguns meses.

Queria tanto chorar. Tinha visto a maioria das outras raparigas fazê-lo uma e outra vez, e algumas delas pareciam sempre sentir-se melhor depois. Eu não chorava desde aquele maldito carrossel quando tinha seis anos, quando estava presa no cavalo de cores lindas a descrever círculos ao mesmo tempo

que os meus pais se afastavam e se esqueciam de mim. E, como se viu, ficar horas sentada no chuveiro à espera de água que não viria também não me fez chorar.

Bliss veio ter comigo, a água ainda a escorrer na pele depois do duche, o cabelo embrulhado numa toalha azul, a cor das asas que cobriam as suas costas.

— Maya, o que...? — Ela parou, a olhar para mim. — Porra, o que aconteceu?

Até me custava falar, pois tinha o lábio inchado e o queixo dorido de tantas bofetadas, entre outras coisas.

— Avery.

— Espera aqui.

Até parece que eu tinha muitos sítios para onde ir.

Mas quando voltou trazia o Jardineiro, que estava estranhamente desgrenhado. Não disse uma palavra, limitou-se a levá-lo ao meu quarto; largou-lhe a mão e afastou-se.

As mãos dele tremiam.

Atravessou o quarto lentamente, a sua expressão cada vez mais horrorizada ao catalogar cada ferimento visível, cada dentada e arranhão, cada hematoma ou marca de mão. Porque o mais doentio era que (e havia muito por onde escolher) ele se preocupava genuinamente connosco ou, pelo menos, com a imagem que tinha de nós. Ajoelhou-se à minha frente e observou-me com olhos preocupados e dedos meigos.

— Maya, eu... lamento imenso. A sério.

— A Giselle está morta — sussurrei. — Não consegui soltá-la. Ele fechou os olhos com uma expressão de dor genuína.

— Ela pode esperar. Vamos tratar de ti.

Até então, eu não percebera que ele tinha uma suíte no Jardim. Quando passámos pela sala de tatuagem, ele gritou o nome de Lorraine. Ouvi-a sair da enfermaria na sala ao lado, o seu cabelo grisalho e castanho a esvoaçar em torno do rosto ao começar a soltar-se.

— Traz-me ligaduras, anti-séptico. Algo para diminuir o inchaço.

— O queacon...?

— Despacha-te — interrompeu ele. Fitou-a até ela desaparecer, regressando momentos depois com um pequeno saco de malha cheio de medicamentos.

Marcou um código no painel da parede e uma secção deslizou para o lado, revelando um quarto em tons vermelho-escuros, dourados e de mogno. Havia um sofá de aspecto confortável, uma poltrona sob um grande candeeiro de leitura, uma televisão na parede, e não consegui ver mais nada antes de ele me levar por outra porta até uma casa de banho com uma banheira de hidromassagem maior que a minha cama. Ajudou-me a sentar na beira e abriu a água, depois molhou uma toalha para limpar a maior parte do sangue.

— Não vou deixá-lo voltar a fazer-te isto — sussurrou. — O meu filho é... o meu filho não consegue controlar-se.

Entre outras coisas.

E, tal como eu o deixava fazer outras coisas, deixei-o limpar-me, cuidar de mim e enfiar-me na sua cama enquanto ele ia pedir um tabuleiro a Lorraine. Não julguei que conseguisse dormir, mas dormi toda a noite com a respiração dele contra a parte de trás do meu pescoço enquanto me afagava o cabelo e os flancos.

Na tarde seguinte, enquanto descansava na minha cama na companhia de Bliss, Lorraine atirou-me um pacote. Bliss murmurou algo sobre cabras mal-humoradas que deviam enfiar a cabeça num forno, e eu abri o papel castanho e comecei a rir.

Era um livro de Poe.

— Então o Jardineiro não aprovava o que filho fazia?

— O Jardineiro estimava-nos e tinha mesmo pena de nos

matar. O Avery era apenas... — Abana a cabeça, dobrando as pernas debaixo dela na cadeira. Estremece e pousa uma mão na barriga. — Desculpem, mas preciso mesmo de ir à casa de banho.

A analista abre a porta um minuto depois. Inara levanta-se e junta-se a ela, depois olha para Victor como a pedir autorização. Quando ele anui, saem e fecham a porta.

Victor olha para as fotografias dos corredores, tentando contar os pares de asas.

— Achas que são todas as raparigas que ele raptou? — pergunta Eddison.

— Não — responde Victor com um suspiro. — Gostava de poder dizer que sim, mas se uma rapariga fosse ferida de tal forma que ficava com as asas ou as costas danificadas? Duvido que ele a exhibisse então, porque estas estão todas em perfeito estado.

— Estão mortas.

— Mas muito bem preservadas. — Levanta um dos grandes planos. — Ela disse vidro e resina. Os técnicos já confirmaram isso?

— Vou saber. — Empurra a cadeira para trás e tira o telemóvel do bolso. Desde que trabalham juntos, Victor nunca o viu ser capaz de ficar parado enquanto está ao telefone e assim que o número é marcado, Eddison começa a andar de um lado para o outro na sala estreita, como um tigre enjaulado.

Pegando na caneta presa ao caderno de Eddison, Victor rabisca as suas iniciais no saco com as identificações e abre-o, deixando os cartões plásticos espalharem-se sobre a mesa. Recebe um olhar curioso de Eddison, que ignora enquanto os percorre até encontrar o nome que procura. Cassidy Lawrence.

Lyonette.

A carta de condução tinha apenas três dias quando ela fora raptada, e a jovem bonita na fotografia sorri com entusiasmo. É

um rosto feito para sorrir, para sentir alegria, e ele tenta envelhecê-la e transformá-la na rapariga de olhos determinados que acolheu Inara no Jardim. Não consegue. Mesmo quando coloca a identificação ao lado da fotografia daquelas asas cor de abóbora presas no vidro, não consegue aceitar a ligação.

— Qual achas que é a Giselle? — pergunta Eddison, guardando o telemóvel no bolso.

— Há demasiadas ruivas para tentar adivinhar, a menos que a Inara nos possa dizer que borboleta ela tinha.

— Como é que ele pode estar a fazer isto há trinta anos sem que tenhamos percebido?

— Se a Polícia não tivesse recebido aquele telefonema e reparado nos nossos alertas em alguns desses nomes, quanto mais tempo achas que ele teria passado despercebido?

— Mas que pergunta terrível.

— O que disseram os técnicos?

— Estão a fechar o local por hoje e a dar indicações aos guardas que lá vão ficar esta noite. Vão tentar abrir as vitrinas amanhã.

— Fechar? — Ele gira o pulso e olha para o relógio. Quase dez horas. — Céus!

— Vic... não podemos libertá-la. Ela pode desaparecer outra vez. Não estou convencido de que ela não faz parte disto.

— Eu sei.

— Então porque não estás a ser mais insistente?

— Porque ela é suficientemente inteligente para virar o bico ao prego e... — ele solta uma gargalhada — e suficientemente espertinha para gostar de o fazer. Deixa-a contar a história à sua maneira. Só nos custa é tempo, e este é um dos poucos casos em que *temos* tempo. — Inclina-se para a frente, apertando as mãos contra a mesa. — Os suspeitos não estão bem. Podem ou não sobreviver a esta noite. Ela é a nossa melhor oportunidade de compreender o Jardim.

— Se estiver a dizer a verdade.

— Ela não nos mentiu.

— Que saibamos. As pessoas com identificações falsas não costumam ser inocentes, Vic.

— Ela pode estar a dizer a verdade acerca do motivo por que a tem.

— Continua a ser ilegal e continuo a não confiar nela.

— Dá-lhe tempo. Isso também *nos* dará tempo para que as outras raparigas recuperem o suficiente para falar connosco. Quanto mais tempo a mantivermos aqui, maior será a nossa possibilidade de fazer as outras raparigas falar.

Eddison franze a testa, mas assente.

— Ela é irritante.

— Algumas pessoas permanecem destroçadas, quebradas. Outras pegam nos pedaços e voltam a colá-los com as arestas afiadas à mostra.

Revirando os olhos, Eddison guarda de novo os cartões no saco. Arruma as fotografias numa pilha e alinha os cantos com o da mesa.

— Estamos a pé há mais de trinta e seis horas. Precisamos de dormir.

— Sim...

— Então, o que vamos fazer com ela? Não podemos deixá-la desaparecer. Se a levarmos para o hospital e a senadora souber dela...

— Ela fica aqui. Arranjamos uns cobertores, procuramos um divã e continuamos de manhã.

— Achas mesmo que é boa ideia?

— Melhor do que deixá-la ir. Se a mantivermos aqui em vez de a mudarmos para uma cela, continua a ser uma sessão de interrogatório em curso. Nem a senadora Kingsley entra aqui durante um interrogatório em curso.

— Tens mesmo a certeza? — Ele recolhe o lixo do jantar,

enfiando tudo num dos sacos de papel até este quase rebentar, e dirige-se para a porta. — Vou procurar um divã. — Abre a porta, olha de testa franzida para Inara e Yvonne, que regressam, e afasta-se. Yvonne acena com a cabeça a Victor e volta para a sala de observação.

— Que homem tão simpático — observa Inara com secura, e senta-se na sua cadeira no lado mais distante da mesa. Os vestígios de fuligem e sujidade desapareceram do seu rosto e o cabelo foi apanhado num nó torto.

— Tem a sua utilidade.

— Por favor, diga-me que falar com crianças traumatizadas não é uma delas.

— Ele é melhor com suspeitos — admite Victor, e recebe um arremedo de sorriso. Procura algo para ocupar as mãos, mas a compulsão de Eddison arrumou tudo na mesa. — Conte-nos como foi estar no Jardim.

— Como assim?

— O dia-a-dia, quando não acontecia nada fora do comum. Como era?

— Uma seca do caraças — responde ela sucintamente.

Victor aperta a cana do nariz.

Não, a sério, era uma seca.

Geralmente, havia sempre entre vinte a vinte e cinco raparigas no Jardim, sem contar com Lorraine, porque, na verdade, ela não contava para nada. A menos que não estivesse na cidade, o Jardineiro «visitava» todos os dias pelo menos uma de nós, às vezes duas ou três, se não tivesse de trabalhar ou passar tempo com a família ou os amigos, o que significava que não passava tempo com todas numa semana. Depois do que Avery fez a Giselle e a mim, só estava autorizado a ir ao Jardim uma vez por semana e apenas sob a supervisão do pai,

embora infringisse essa regra sempre que achava que conseguia safar-se. Não durou muito, de qualquer forma.

O pequeno-almoço era servido na cozinha às sete e meia e tínhamos até às oito para comer, para que Lorraine conseguisse limpar tudo. Não era possível saltar refeições — ela via-nos a comer e informava o Jardineiro —, mas uma vez por dia tínhamos autorização para não «sentir muita fome». Se fazíamos isso duas vezes, ela aparecia no nosso quarto para ver o que se passava.

Depois do pequeno-almoço — tirando as duas manhãs da manutenção do Jardim, quando ficávamos presas atrás das paredes —, ficávamos livres até ao meio-dia, quando o almoço era servido durante outra meia hora. Metade das raparigas voltava para a cama, como se pensassem que dormir faria os dias passar mais depressa. Eu costumava seguir o exemplo de Lyonette, mesmo depois de ela estar na vitrina, e disponibilizava as minhas manhãs a todas as raparigas que precisavam de conversar. A gruta sob a queda-d'água tornou-se uma espécie de escritório. Havia câmaras por toda a parte, e microfones, mas o barulho de uma queda-d'água mesmo tão pequena impedia que as conversas fossem ouvidas com clareza.

— E ele permitia isso? — pergunta Victor, incrédulo.

— Assim que lhe expliquei, claro.

— Que lhe explicou?

— Sim. Uma noite, ele levou-me a jantar na sua suíte, para me fazer perguntas sobre esse assunto. Creio que queria ter a certeza de que não estávamos a fomentar uma rebelião ou coisa do género.

— E como é que explicou?

— Que as raparigas precisavam de alguma privacidade para o seu bem-estar mental, e, desde que essas conversas

mantivessem as Borboletas saudáveis e normais, que porra interessava? Bem, fui um pouco mais eloquente do que isto. O Jardineiro gostava de elegância.

— Essas conversas com as raparigas... como eram?

Com algumas era apenas desabafar. Estavam ansiosas e assustadas e furiosas e precisavam de alguém com quem falar desses sentimentos. Andavam de um lado para o outro, enfureciam-se e batiam nas paredes, mas, no fim, se as suas mãos e os seus corações estavam doridos, pelo menos ficavam um pouco mais longe de se irem abaixo. Estas eram as raparigas como Bliss, só que não tinham a coragem dela.

Bliss dizia o que queria, onde e quando queria. Como observou quando a conheci, o Jardineiro nunca nos pediu para o amarmos. Queria que o fizéssemos, acho, mas nunca nos pediu. Acho que ele apreciava a sinceridade dela, tal como veio a apreciar a minha franqueza.

Algumas das raparigas precisavam de ser consoladas, e eu não era muito boa nisso. Conseguia ter paciência para as lágrimas ocasionais ou para as lágrimas que surgiam no primeiro mês no Jardim, mas, quando isso se arrastava durante semanas, meses e até anos... bem, eu perdia a paciência e dizia-lhes para ultrapassarem aquilo.

Ou, se me sentia magnânima nesse dia, mandava-as ter com Evita.

Evita era uma *American Lady*^[4], com as costas cobertas de laranjas-desbotados e amarelos antes de as pontas das asas se abrirem em padrões pretos intrincados. Evita era querida, mas não muito inteligente. Não digo isto para ser má, mas porque é verdade. Tinha a inteligência de uma criança de seis anos, portanto, o Jardim era uma fonte diária de admiração para ela. O Jardineiro só a procurava uma ou duas vezes por mês,

porque ela ficava sempre muito confusa e assustada com o que ele queria dela, e Avery não podia sequer aproximar-se. Sempre que o Jardineiro chegava, todas receávamos que ela fosse acabar numa vitrina, mas ele parecia apreciar aquela doçura simples.

Essa doçura simples significava que uma rapariga podia ir ter com ela, chorar baba e ranho, e a seguir ela abraçava-a, fazia-lhe festas e emitia uns sons reconfortantes até ela parar de chorar; e ouvia-a desabafar sem dizer uma palavra. Para aquelas raparigas, estar perto do sorriso luminoso de Evita fazia-as sempre sentirem-se melhor.

Para mim, estar perto de Evita só me deixava triste, mas, quando o Jardineiro a procurava, ela vinha ter comigo e era a única pessoa cujas lágrimas eu conseguia sempre perdoar.

— Precisamos de mandar para um hospital alguém especializado em necessidades especiais?

A rapariga abana a cabeça.

— Ela morreu há seis meses. Um acidente.

Por volta das onze e um quarto, o «escritório» fechava e algumas de nós percorriam os corredores em passo de corrida. Lorraine observava-nos, furiosa, se estivesse presente, mas nunca disse nada contra, porque era realmente o único exercício que fazíamos. O Jardineiro não nos dava pesos, passeadeiras nem nada do género, porque temia que nos pudéssemos magoar. Então, a seguir ao almoço, a tarde era nossa até ao jantar, às oito horas.

E era nessa altura que o tédio se instalava.

O cimo do penhasco tornou-se o meu lugar preferido, ainda mais do que a gruta, porque eu era uma das poucas que

gostava de trepar até lá acima e de me deitar perto do vidro que assinalava a fronteira da nossa prisão. A maioria das raparigas fingia que o céu não estava tão próximo, que o nosso mundo era maior do que na realidade era e que nada as esperava no Exterior. Se isso as ajudava, quem era eu para discutir com elas? Mas adorava estar lá em cima. Alguns dias até subia às árvores, esticava-me e encostava a mão ao vidro. Gostava de lembrar a mim mesma que havia um mundo além da minha jaula, mesmo que nunca mais voltasse a vê-lo.

No início, às vezes, eu, Lyonette e Bliss deitávamo-nos a apanhar o sol da tarde e a conversar ou a ler. Lyonette fazia os seus origâmi, Bliss modelava a cerâmica plástica que o Jardineiro lhe comprava e eu lia em voz alta peças de teatro, romances e poesia.

Outras vezes descíamos para o nível principal, onde o riacho dividia ao meio a vegetação quase selvagem, e passávamos tempo com as outras raparigas. Outras, ainda líamos juntas ou falávamos de temas menos sensíveis. Mas também havia jogos quando já estávamos muito aborrecidas.

Esses eram os dias que pareciam deixar o Jardineiro mais feliz. Sabíamos que havia câmaras por toda a parte, porque à noite víamos os pontos vermelhos a piscar, mas, nos dias em que jogávamos, ele vinha ao Jardim e observava-nos das rochas junto à queda-d'água com um sorriso terno no rosto, como se aquilo fosse um sonho.

O facto de não fugirmos para os nossos quartos e actividades solitárias assim que o víamos penso que prova quão aborrecidas estávamos.

Há uns seis meses, umas dez de nós brincavam às escondidas e era a vez de Danelle nos procurar. Tinha de contar até cem perto do Jardineiro, porque era o único sítio onde nenhuma se esconderia e, por isso, o único lugar onde ela não nos ouvia. Não sei se ele se apercebia da lógica ou não, mas parecia

encantado por fazer parte do jogo, ainda que o seu papel fosse pequeno.

Eu subia quase sempre à árvore durante estes jogos, principalmente porque subir e descer durante dois anos a escada de incêndio do apartamento me permitia trepar mais alto e mais depressa do que qualquer outra rapariga. Podiam encontrar-me com facilidade, mas não conseguiam chegar-me para me tocar.

Evita tinha medo das alturas e de espaços fechados. Ficava sempre alguém com ela à noite, para o caso de as paredes descerem e assim ela não sentir medo. Evita nunca trepava. Excepto naquele dia. Não sei porque o quis fazer, pois todas víamos o medo que ela sentia a dois metros do chão, mas, mesmo quando lhe dissemos que não era preciso, que podia esconder-se noutro lado, ela mostrou-se determinada.

— Consigo ser corajosa — disse ela. — Consigo ser corajosa como a Maya.

Ao lado de Danelle, o Jardineiro observava-nos com uma expressão preocupada, como fazia sempre que uma de nós contrariava os nossos hábitos.

Danelle chegou aos noventa e nove e parou, dando a Evita mais tempo para se esconder. Todas o fazíamos de vez em quando, se conseguíamos ouvi-la. Danelle manteve as costas voltadas e as mãos sobre o rosto tatuado, à espera de silêncio.

Evita levou quase dez minutos, mas içou-se pela árvore centímetro a centímetro até estar a cinco metros de altura, sentada num dos ramos. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto, mas olhou para mim numa árvore próxima e dirigiu-me um sorriso trémulo.

— Consigo ser corajosa — disse.

— Tu és muito corajosa, Evita — respondi. — Mais corajosa que todas nós.

Ela assentiu e olhou por entre os pés para o chão que parecia

tão distante.

— Não gosto de estar aqui.

— Queres que te ajude a descer?

Ela assentiu novamente.

Levantei-me com cuidado no meu ramo e virei-me para poder começar a descer a minha árvore, mas, nesse momento, ouvi Ravenna gritar atrás de mim.

— Evita, não! Espera pela Maya!

Olhei por cima do ombro a tempo de ver Evita a esbracejar descontroladamente e a recuar pelo ramo até ele ficar demasiado estreito para suportar seu peso. O ramo partiu-se e Evita gritou ao cair. Todos saíram a correr dos seus esconderijos para tentar ajudar, mas a cabeça dela bateu num ramo inferior com um barulho horrível e os seus gritos pararam abruptamente.

Caiu no lago com um grande estrondo e ficou imóvel.

Desci da árvore o mais depressa que pude, arranhando as pernas e os braços no tronco, mas mais ninguém se moveu, nem sequer o Jardineiro. Estavam todos a olhar para a rapariga no lago, para o sangue que jorrava debaixo do seu cabelo loiro-claro. Metendo-me na água, agarrei-a pelo tornozelo e puxei-a para mim.

Por fim, o Jardineiro veio a correr e, sem se importar com a sua roupa elegante, ajudou-me a tirá-la da água. Os lindos olhos azuis de Evita estavam abertos, mas não valia a pena tentar fazê-la respirar.

Aquele estalido que ouvíamos fora o pescoço a partir-se.

A morte era uma coisa estranha no Jardim, uma ameaça omnipresente, mas não algo que realmente víssemos. As raparigas eram simplesmente levadas e substituídas por um par de asas numa vitrina nos corredores. Para a maioria, aquela foi a primeira vez que viram a morte em primeira mão.

As mãos do Jardineiro tremiam quando ele afastou o cabelo

molhado de Evita do rosto e amparou a parte de trás do crânio onde ela batera no ramo. Nessa altura, estávamos todas a olhar para ele, não para Evita, porque ele começara a *chorar*. Todo o seu corpo se agitava com a força dos soluços, os seus olhos a fecharem-se contra aquela dor inesperada, e balançava para trás e para a frente com o corpo de Evita encostado ao peito, o sangue a manchar-lhe a manga e a água a encharcar-lhe a camisa e as calças.

Parecia que tinha também roubado as nossas lágrimas. Alertadas pelos gritos, as outras raparigas tinham vindo a correr dos seus quartos ou de qualquer outro sítio no Jardim, e juntas, as vinte e duas, ficámos em silêncio, sem lágrimas, enquanto o nosso captor chorava pela morte da única rapariga que *não* matara.

Ela pega na pilha de fotografias do corredor e passa-as até encontrar a que quer.

— Penteou-a de forma que a fractura não aparecesse — diz a Victor, pousando-a para ele ver. — Passou o resto daquele dia e daquela noite a fazer qualquer coisa onde não conseguíamos vê-lo, e as paredes desceram, e no dia seguinte ela estava na vitrina e ele adormecido diante dela, os olhos vermelhos e inchados. Ficou lá o resto do dia, à frente dela. Até há uns dois dias, ele tocava no vidro sempre que passava por ali, até nem sequer parecer dar-se conta de que o fazia. Mesmo quando a vitrina estava tapada, tocava na parede.

— Ela não foi a única morte accidental, pois não?

Ela abana a cabeça.

— Não, nem de longe. Mas a Evita era... bem, ela era amorosa. Muito inocente, incapaz de compreender as coisas más. Quando elas lhe aconteciam, afectavam-na levemente e depois largavam-na. De certo modo, acho que ela era a mais

feliz do grupo, simplesmente porque não sabia ser de outra forma.

Eddison entra com um ranger de metal barato, arrastando um divã atrás dele, com o outro braço cheio de cobertores e almofadas finas. Larga-os no canto mais afastado e, ofegante, vira-se para o parceiro.

— Recebi um telefonema da Ramirez. O filho morreu.

— Qual deles?

As palavras são ditas tão baixo, tão cheias de ar e de uma certa emoção indefinível, que Victor não tem a certeza de sequer as ter ouvido. Olha para a rapariga, mas os olhos dela estão fixos em Eddison, uma unha enfiada sob a ligadura até o sangue lhe escorrer pelo dedo.

Eddison também fica admirado. Olha para Victor, que encolhe os ombros.

— Avery — responde, perplexo.

Ela dobra-se, escondendo o rosto nos braços. Victor pergunta-se se estará a chorar, mas quando ela levanta a cabeça, um minuto depois, tem os olhos secos. Parece atormentada, de uma forma nova e inexplicável, mas tem os olhos secos.

Eddison olha para Victor, mas este não faz ideia do que passa pela cabeça da rapariga. Não devia sentir-se contente com a morte do seu verdugo? Ou, pelo menos, aliviada? E talvez isso esteja ali, sob toda a complexidade, mas ela parece mais resignada do que outra coisa.

— Inara?

Os seus olhos castanho-claros passam rapidamente pelo divã, os dedos a esgaravatar sob as ligaduras em ambas as mãos.

— Isso significa que posso dormir? — pergunta num tom monótono.

Victor levanta-se e faz sinal a Eddison para sair. Ele obedece sem tecer comentários, levando as fotografias e os sacos de

provas, e, em menos de um minuto, Victor está sozinho com a criança destroçada que talvez nunca compreenda. Sem falar, desdobra as pernas perras do divã e monta-o no canto mais distante da porta, onde a mesa fica entre a rapariga e qualquer pessoa que entre, e estende um dos cobertores sobre o colchão como se fosse um lençol. Deixa o outro dobrado ao fundo e as almofadas na cabeceira.

Quando termina, ajoelha-se ao lado da cadeira dela e pousa suavemente uma mão nas suas costas.

— Inara, sei que está cansada, por isso, vamos deixá-la dormir agora. Voltamos de manhã com o pequeno-almoço e mais perguntas e, espero, mais informações sobre as outras raparigas. Mas antes de ir...

— Tem de ser agora?

— O filho mais novo já sabia do Jardim?

Ela morde o lábio até o sangue lhe pingar pelo queixo.

Com um suspiro profundo, ele entrega-lhe um lenço de papel que tirou do bolso e caminha até à porta.

— Des.

Ele olha-a, ainda com uma mão na porta, mas Inara tem os olhos fechados e uma expressão indizível de dor.

— Desculpe?

— Ele chama-se Des. Desmond. E, sim, ele sabia do Jardim. De nós.

A voz dela fica embargada e, embora ele saiba que um bom agente deve aproveitar esta fenda, esta vulnerabilidade, vê as filhas ali sentadas com aquela dor... e não é capaz.

— Estará alguém a vigiá-la na outra sala — diz em voz baixa.
— Se precisar de alguma coisa, eles ajudam-na. Durma bem.

Aquele som fracturado pode ser um riso, mas não é um som que ele queira ouvir de novo.

Fecha a porta com um clique discreto ao sair.

A rapariga — é estranho chamar-lhe Inara, quando sabe que não é o seu nome verdadeiro — ainda está a dormir, o rosto enterrado na gola do casaco que ele lhe emprestou, quando Victor chega e cumprimenta o pessoal do turno da noite. Um deles entrega-lhe uma pilha de recados: informações que chegaram do hospital durante a noite, dos agentes na casa, sobre o passado do maior número possível de intervenientes. Ele lê-os enquanto bebe o café comprado na cafeteria — um pouco melhor que a mixórdia deixada na cozinha da equipa —, tentando conciliar as imagens com os nomes nas histórias da rapariga.

São apenas seis horas quando Yvonne entra, os olhos inchados pela falta de sono.

— Bom dia, agente Hanoverian.

— O seu turno só começa às oito. Porque não está a dormir?

A analista limita-se a abanar a cabeça.

— Não preguei olho. Passei a noite no quarto da minha filha, sentada na cadeira de balouço a olhar para ela. Se alguém alguma vez... — Abana de novo a cabeça, com mais força, como se afastasse os maus pensamentos. — Saí assim que a minha sogra ficou suficientemente acordada para tratar da bebé.

Ele pensa dizer-lhe para procurar um gabinete vazio e dormir uma soneca, mas duvida de que alguém da equipa tenha dormido bem a noite passada. Ele também não pregou olho, atormentado pelas fotografias do corredor e as memórias distantes das filhas a correrem pelo jardim com asas de borboleta presas às costas. É mais fácil os horrores afectarem

uma pessoa quando ela não tem nada para fazer.

Victor levanta o saco de lona aos seus pés.

— Tenho bolos de canela fresquinhos para si se me fizer um favor — diz ele, e vê-a endireitar-se com uma energia súbita. — A Holly deu-me roupa para a Inara. Acha que podia levá-la ao vestiário e deixá-la tomar duche?

— A sua filha é um anjo. — Ela olha através do vidro para a rapariga adormecida. — Mas detesto ter de a acordar.

— É melhor ser você do que o Eddison.

Ela sai da sala sem dizer mais uma palavra e pouco depois a porta da sala de entrevistas abre-se com um ligeiro rangido.

É o suficiente; a rapariga senta-se num emaranhado de cabelos e cobertor, as costas contra a parede, até que identifica Yvonne junto à porta, com as mãos estendidas e abertas. Olham uma para a outra até Yvonne esboçar um pequeno sorriso.

— Bons reflexos.

— Às vezes ele ficava à porta. Parecia sempre desapontado se não dávamos pela sua presença. — Boceja e espreguiça-se, as articulações a estalarem devido ao divã desconfortável.

— Lembrámo-nos de que podia querer tomar duche — diz Yvonne, levantando o saco de lona. — Temos algumas roupas que lhe devem servir e sabonete.

— Eu beijava-a, se gostasse desse tipo de coisas. — A caminho da porta, bate no vidro. — Obrigada, agente especial no comando Victor Hanoverian.

Ele ri, mas não tenta responder.

Enquanto ela se lava, ele entra na sala de entrevistas para continuar a analisar as novas informações. Uma rapariga morreu durante a noite, mas espera-se que as outras sobrevivam. Contando com Inara, isso perfaz um total de treze. Treze sobreviventes. Talvez catorze, dependendo do que ela puder dizer-lhes sobre o rapaz. Se ele é filho do Jardineiro, será cúmplice do pai e do irmão?

Ela ainda está no vestiário quando Eddison chega, barbeado e de fato. Pousa na mesa uma caixa de bolachas sortidas.

— Onde está ela?

— A Yvonne levou-a a tomar duche.

— Achas que nos vai contar alguma coisa hoje?

— À maneira dela.

Um resfolegar diz-lhe o que o parceiro pensa da ideia.

— Sim, bem... — Entrega-lhe a pilha de papéis que já analisou e durante algum tempo os únicos sons são o dos papéis a passar e os goles no café.

— A Ramirez diz que a senadora Kingsley montou acampamento no átrio do hospital — comenta Eddison alguns minutos depois.

— Li isso.

— Diz que a filha não quis ver a senadora. Alegou que não estava pronta.

— Também li isso. — Victor larga os papéis na mesa e esfrega os olhos. — Podes culpá-la? Cresceu sob os olhares das câmaras, com tudo o que fazia a reflectir-se na mãe. Sabe... provavelmente melhor do que qualquer uma das outras... a confusão mediática que as aguarda. Ver a mãe é o começo disso.

— Alguma vez te perguntaste se somos realmente os bons da fita?

— Não a deixes afectar-te. — Sorri ao ver o olhar surpreendido do parceiro. — Temos um trabalho perfeito? Não. *Fazemos* um trabalho perfeito? Não. Não é possível. Mas fazemos o nosso trabalho e, ao fim e ao cabo, fazemos muito mais bem do que mal. A Inara é boa a fugir às perguntas. Não podes deixá-la afectar-te.

Eddison lê outra folha antes de dizer qualquer coisa.

— A Patrice Kingsley... a Ravenna... disse à Ramirez que quer falar com a Maya antes de tomar uma decisão sobre a

mãe.

— Quererá conselhos? Ou alguém para tomar a decisão por ela?

— Não disse. Vic...

Victor espera.

— Como sabemos que ela não é como a Lorraine? Ela cuidou daquelas raparigas. Como sabemos que não foi para agradar ao Jardineiro?

— Não sabemos — admite Vic. — Ainda. De uma forma ou de outra, acabaremos por descobrir.

— Antes de morrermos de velhice?

O agente mais velho revira os olhos e volta-se para os papéis.

É uma rapariga diferente que finalmente regressa com Yvonne, o cabelo penteado, solto, a chegar-lhe às ancas. As calças de ganga não assentam bem, apertadas nas ancas com os botões abertos para dar um pouco mais de espaço, mas a camisola de alças com folhos quase tapa isso e o casaco verde-musgo envolve as suas curvas. Os chinelos de enfiar no dedo batem no chão enquanto ela anda. Já não traz as ligaduras e Victor encolhe-se ao ver as queimaduras arroxeadas nas mãos dela e os cortes provocados pelos vidros e pelos detritos que fez durante a fuga.

Segue o olhar dele para as suas mãos e estende-as para ele as inspeccionar enquanto se instala na sua cadeira do outro lado da mesa.

— Doem mais do que parece, mas os médicos disseram que, se eu não for estúpida, não devo perder capacidades motoras.

— E o resto do corpo?

— Tenho umas belas contusões e os pontos estão um pouco rosados e doridos, mas não inchados. É melhor serem vistos por um médico em breve. Mas, sabe, estou viva, ao contrário de muitas pessoas que conheci.

Está à espera de que ele comece pelo rapaz. Victor percebe-o

no seu rosto, na tensão dos seus ombros, na forma como os dedos pressionam as crostas na mão oposta. Está preparada. Então, em vez disso, ele empurra na direcção dela o copo que resta — chocolate quente em vez de café, dada a sua aversão por ele ontem — e abre a tampa de alumínio da embalagem dos bolos de canela. Entrega um a Yvonne, que murmura um agradecimento e se retira para a sala de observação.

As sobranceiras de Inara juntam-se ao ver aquilo, a cabeça inclinada como um pássaro a estudar o conteúdo.

— Que tipo de padaria embrulha as coisas em alumínio?

— A padaria conhecida como minha mãe.

— A sua *mãe* fez-lhe o pequeno-almoço? — A boca dela forma algo que pode ser um sorriso menos chocado. — Também meteu o seu almoço num saquinho castanho?

— Até escreveu um bilhete, a dizer-me para fazer boas escolhas hoje — mente ele com uma cara séria, e ela franze os lábios para impedir que o sorriso cresça. — Mas você nunca teve isso, pois não? — acrescenta num tom mais suave.

— Uma vez — corrige ela, já sem o menor vestígio de humor. — O casal do outro lado da rua que me levou ao autocarro, lembra-se? Ela fez-me o almoço, e dentro do saco estava um bilhete a dizer que tinham gostado muito de me conhecer e que teriam muitas saudades minhas. Deixaram o número de telefone e pediram para lhes ligar quando chegasse a casa da minha avó, para saberem que eu estava bem. Para lhes ligar sempre que quisesse, só para falar. Tinham assinado com abraços, os dois, e até o bebé rabiscara no fundo com lápis de cera.

— Você não ligou, pois não?

— Uma vez — repete ela, quase num sussurro. As pontas dos seus dedos percorrem cada corte. — Quando cheguei à estação perto da casa da minha avó, liguei-lhes a dizer que tinha lá chegado. Eles pediram para falar com a minha avó, mas eu

disse-lhes que ela estava a tentar arranjar um táxi. Disseram que eu podia ligar-lhes sempre que quisesse. Estava parada no passeio junto à estação, à espera de um táxi, e não conseguia tirar os olhos daquele papel tolo. Então deitei-o fora.

— Porquê?

— Porque ficar com ele ter-me-ia magoado muito. — Endireita-se na cadeira, cruzando as pernas pelo joelho, e apoia os cotovelos na mesa. — Parece ter uma imagem estranha de mim como criança perdida, como se tivesse sido atirada para a sarjeta como lixo ou um animal atropelado... Mas as crianças como eu? Não estamos perdidas. Podemos ser as únicas que nunca estão. Sabemos sempre exactamente onde estamos e até onde podemos ir. E até onde não podemos.

Victor abana a cabeça, não querendo discutir o argumento, mas igualmente incapaz de concordar com ele.

— Por que razão as suas amigas de Nova Iorque não comunicaram o seu desaparecimento?

Ela revira os olhos.

— Não tínhamos esse tipo de relacionamento.

— Mas eram amigas.

— Sim. Amigas que fugiam de outras coisas. Antes de me mudar para lá, a cama estava vazia porque a última rapariga tinha ido embora de repente. Andava atrás dela um tio furioso que queria saber o que ela tinha feito ao bebé que ele lhe fizera ao violá-la três anos antes. Por muito que nos escondamos, há sempre *alguém* que consegue encontrar-nos.

— Só se andarem à procura.

— Ou se temos realmente azar.

— O que quer dizer? — pergunta Eddison.

— O quê, acha que eu queria que o Jardineiro me raptasse? Tinha uma cidade inteira para desaparecer, mas ele encontrou-me.

— Isso não explica...

— Explica, sim — diz ela. — Se somos um certo tipo de pessoa.

Victor bebe o seu café, tentando decidir se deve forçar a conversa na direcção necessária ou deixá-la seguir um curso que pode, ou não, revelar-se útil.

— Que tipo de pessoa, Inara? — pergunta por fim.

— Se esperamos ser esquecidas, ficamos sempre pelo menos um pouco admiradas quando alguém se lembra de nós. Nunca conseguimos compreender aquelas criaturas estranhas que realmente esperam que as pessoas se lembrem delas e voltem.

A seguir, leva o seu tempo a comer o bolo de canela, mas Victor percebe que ela continua a matutar naquela ideia. Talvez ainda não esteja totalmente formada — a sua filha mais nova às vezes faz isso, cala-se até saber o resto das palavras. Não sabe se essa é a razão de Inara, mas ainda é um padrão de comportamento que ele conhece, então dá um pontapé a Eddison debaixo da mesa para o calar quando ele abre a boca.

Eddison olha para ele e empurra a cadeira vários centímetros para trás, mas não diz nada.

— As filhas da Sophia esperam que ela volte — continua em voz baixa. Lambe o açúcar dos dedos feridos e faz um esgar de dor. — Estão com a família de acolhimento há... bem, estavam lá há quase quatro anos quando fui raptada. Qualquer pessoa teria entendido se elas tivessem abandonado a esperança. Mas não abandonaram. Independentemente do que acontecia, de as coisas correrem mal, sabiam que a mãe estava a lutar por elas. Sabem que ela irá sempre, *sempre*, voltar por elas. Não percebo. Acho que nunca vou perceber. Mas também nunca tive uma Sophia.

— Mas tem a Sophia.

— Tinha — corrige. — E não é a mesma coisa. Não sou filha dela.

— Mas é da família. Certo?

— Amiga. Não é o mesmo.

Ele não sabe se acredita naquilo nem se ela própria acredita. Talvez seja mais fácil para ela fingir que sim.

— As suas filhas acreditam sempre que voltará a casa, não é, agente Hanoverian? — Ela passa a mão pela manga macia do casaco. — Receiam que um dia possa morrer no cumprimento do dever, mas não acreditam que algo pudesse mantê-lo longe se ainda estivesse vivo.

— Não fale nas filhas dele — intervém Eddison, e ela sorri.

— Conseguimos ver as filhas nos olhos dele sempre que olha para mim ou para uma daquelas fotografias. É por isso que faz o que faz.

— Sim, é verdade — diz Victor, terminando o café. — E uma delas mandou outra coisa para si. — Enfia a mão no bolso e tira uma bisnaga de *gloss* arroxeadado. — É da minha mais velha, que também lhe mandou a roupa.

Aquilo merece um sorriso, um sorriso genuíno que faz o seu rosto iluminar-se por alguns segundos, os olhos salpicados de âmbar a enrugarem-se nos cantos.

— *Gloss*.

— Ela disse que é uma coisa de raparigas.

— Espero que sim. Essa cor não lhe ficaria nada bem. — Destapando o *bâton* com cautela, ela aperta o tubo até uma gota de cor cintilante escorrer pela extremidade. Aplica-a ao longo do lábio inferior e espalha-a no superior sem se sujar nem falhar nenhuma zona, apesar de os seus olhos nunca se voltarem para o espelho unidireccional. — Costumávamos pintar-nos no comboio a caminho do trabalho. Quase todas conseguíamos pintar o rosto sem nunca olhar para o espelho.

— Tenho de admitir que nunca tentei — diz ele com secura.

Eddison endireita a pilha de papéis, alinhando os cantos com os da mesa. Victor observa-o, habituado às compulsões do parceiro, mas ainda divertido com elas. Eddison vê-o a

observar e franze a testa.

— Inara — diz Victor por fim e, relutantemente, ela abre os olhos. — Temos de começar.

— Des — suspira ela.

Victor assente.

— Fale-me do Desmond.

Eu era a única que gostava de encontrar os sítios altos no Jardim, portanto, fui eu a encontrar o *outro* Jardim. No cimo da pequena falésia, havia um pequeno grupo de árvores — eram cinco — que cresciam encostadas ao vidro. Pelo menos algumas vezes por semana, eu subia a uma delas, instalava-me no ramo mais alto que conseguia aguentar o meu peso e encostava a cara ao vidro. Por vezes, se fechasse os olhos, podia fingir que estava na nossa escada de incêndio, encostada às nossas janelas, a ouvir Sophia falar das filhas ou a ouvir um rapaz no outro prédio a tocar violino, com Kathryn sentada ao meu lado. À minha frente e à minha esquerda, conseguia ver quase todo o Jardim, tirando os corredores que nos envolviam e o que estava escondido pelo penhasco. À tarde, via as raparigas jogarem às escondidas ao longo do riacho, uma ou duas a boiar na pequena lagoa ou sentadas entre as rochas ou arbustos, com livros e palavras cruzadas e várias coisas.

Mas também podia ver fora do Jardim, ainda que só um pouco. Tanto quanto me apercebia, a estufa a que chamávamos Jardim era realmente uma de duas, uma dentro da outra como bonecas russas. A nossa ficava no centro, muito alta, com os corredores a formarem um quadrado. Os tectos dos nossos quartos não eram especialmente altos, mas as paredes subiam até às árvores do penhasco, pretas e lisas em cima, e, do outro lado, mais um telhado de vidro inclinava-se sobre outra estufa. Era mais uma fronteira do que um quadrado isolado, com um

caminho largo bordejado — pelo menos do lado que eu conseguia avistar — com plantas. Era difícil ver, mesmo do cimo das árvores. Apenas uma nesga aqui ou ali, onde o ângulo era certo. *Nessa* estufa estava o mundo real, com jardineiros de que ninguém se escondia e portas que conduziam ao exterior, onde as estações mudavam e a vida não acabava aos vinte e um.

O mundo real não tinha o Jardineiro, mas o homem que as não-Borboletas conheciam, um homem que estava relacionado com artes e filantropia e uma empresa qualquer — ou melhor, várias empresas, pelo que depreendíamos do que ele às vezes insinuava. Aquele homem tinha uma casa algures na propriedade, que não era visível sequer das árvores. Esse homem tinha mulher e família.

Bem, tinha Avery, e, claramente, o imbecil tinha de vir de algum lado, mas ainda assim...

Havia uma mulher.

E ela e o Jardineiro passeavam juntos naquela estufa exterior quase todas as tardes, das duas às três, de braço dado. Ela era magra, de uma forma quase doentia, com cabelo escuro e muito distinta. De longe, era só o que eu conseguia ver. Caminhavam lentamente por um dos lados do quadrado, parando de vez em quando para observar uma flor ou uma planta mais de perto, e depois continuavam lentamente até saírem do meu limitado campo de visão. Regressavam uma ou duas vezes antes do fim do passeio.

Era ela que determinava o ritmo e, quando abrandava, ele voltava-se para ela muito solícito. Era a mesma ternura que mostrava às suas Borboletas, meiga e sincera, de uma forma que me deixava toda arrepiada e apreensiva.

Era a mesma ternura com que tocava no vidro das vitrinas, com que chorara Evita. Foi a forma como as suas mãos tremeram quando viu o que Avery me tinha feito.

Era amor, como ele o conhecia.

Duas ou três vezes por semana, Avery acompanhava-os, caminhando atrás e raramente ficando a hora inteira. Geralmente, dava uma única volta e então entrava no Jardim, onde procurava alguém que fosse doce e inocente e lhe desse com facilidade o medo por que ele ansiava.

E duas vezes por semana, em dias consecutivos, que eram os mesmos das manhãs em que os jardineiros vinham tratar do Jardim, havia um filho mais novo, com o cabelo escuro da mãe e a sua constituição esguia. Tal como com a mãe, os pormenores perdiam-se na distância, mas era evidente que ela o adorava. Quando se lhes juntava, deslocava-se entre o marido e o filho mais novo.

Durante meses, observei-os sem ser vista, até que um dia o Jardineiro ergueu os olhos.

E pousou-os em mim.

Mantive a cara encostada ao vidro, enroscada no meio das folhas no alto da minha árvore, e não me mexi.

Passaram-se outros três dias até falarmos disso, e mesmo assim apenas sobre a cama de uma estranha, nem sequer uma Borboleta.

* * *

Victor respira fundo, afastando aquela bizarra imagem de normalidade. A maioria dos tarados que ele prende parece, à primeira vista, normal.

— Ele tinha raptado outra rapariga?

— Raptava várias por ano, mas nunca até a anterior estar totalmente tatuada e mais ou menos instalada.

— Porquê?

— Porque raptava várias por ano? Ou porque esperava entre cada uma?

— Sim — responde Victor, e ela sorri.

— Quanto à primeira pergunta, por causa do desgaste. Nunca levava para lá mais do que o Jardim podia suportar, então geralmente só ia às compras quando uma das Borboletas morria. Não era sempre assim, mas por norma era. Quanto à segunda... — Ela encolhe os ombros e pressiona as palmas contra a mesa, estudando a pele queimada nas costas das mãos.

— Uma nova rapariga significava uma altura de tensão no Jardim. Todas ficavam nervosas, lembrando-se dos seus próprios raptos e de como fora quando acordaram na primeira vez, e depois as inevitáveis lágrimas pioravam tudo. Assim que uma nova rapariga se instalava, as coisas ficavam calmas durante algum tempo, até à morte seguinte, às asas seguintes em exibição, à nova rapariga seguinte. O Jardineiro era sempre... na maior parte das vezes... bastante sensível ao ambiente do Jardim.

— Era por isso que deixava Lyonette comportar-se como uma guia?

— Porque ajudava, sim.

— Então como acabou a fazer isso?

— Porque alguém tinha de o fazer. Bliss estava sempre muito zangada e as restantes tinham demasiado medo.

* * *

Não foi a rapariga depois de mim, mas outra a seguir que comecei a ajudar, porque Avery tinha trazido a gripe para o Jardim e havia uma epidemia entre as raparigas.

Lyonette estava de rastos. Pálida e suada, o cabelo castanho-avermelhado colado ao pescoço e ao rosto, e a sanita tornou-se uma companhia mais assídua do que eu. Bliss e eu dissemos-lhe para ficar na cama, para deixar o Jardineiro resolver a sua própria confusão, para variar, mas, assim que as paredes

subiram para nos deixar sair dos quartos, ela vestiu-se e cambaleou para o corredor.

A praguejar, enfiei um vestido e corri atrás dela até conseguir pôr um dos seus braços sobre os meus ombros. Ela estava tão tonta que não conseguia andar sem manter a mão na parede. Não se afastou das vitrinas como costumava fazer depois de quase cinco anos.

— Porque tens de ser tu?

— Porque tem de ser alguém — sussurrou ela, e parou para reprimir a sua necessidade de vomitar. De novo. Embora tivesse estado ajoelhada diante da sanita durante a maior parte das últimas dezoito horas.

Não concordei com ela, não naquela altura.

Talvez nunca tenha concordado.

O Jardineiro era muito, muito bom a adivinhar idades, melhor do que qualquer maluco de feira popular de que tivesse ouvido falar. Algumas raparigas chegavam com dezassete, mas a maioria tinha dezasseis anos. Ele não raptava ninguém mais novo — e, se achava que havia uma possibilidade de elas terem quinze ou menos, dizia que escolhia outra pessoa —, mas tentava não escolher mais velhas. Acho que queria os cinco anos completos sempre que possível.

As coisas de que o homem gostava de falar com as suas prisioneiras... ou talvez só comigo.

A nova rapariga estava num quarto tão despido como aquele em que eu tinha acordado. O meu começava lentamente a adquirir alguns toques pessoais, mas, por enquanto, ela tinha um lençol cinzento simples e nada mais. O seu tom de pele era escuro e, combinado com as feições, sugeria uma mistura de raças: mexicana e africana, vim a descobrir mais tarde. Não era muito mais alta que Bliss e, tirando um par de mamas bastante surpreendente, que parecia ter sido a sua prenda de *quinceañera*, era muito magra. Uma das orelhas tinha furos até

acima e a outra quase outros tantos. Mais um furo na narina e ainda outro em volta do umbigo sugeriam que adorava *piercings*.

— Porque os tirou todos?

— Talvez achasse que eram foleiros — gemeu Lyonette, deixando-se cair no chão ao lado da sanita.

— Eu tinha dois furos em cada orelha quando cheguei. Ainda tenho.

— Talvez ele pense que os teus são elegantes.

— Mais o brinco na cartilagem da direita.

— Maya, não te armes em cabra. Isto é difícil, está bem?

Surpreendentemente, bastou aquilo para me fazer parar. Não apenas porque ela estava de rastos naquele momento. Era também o que estava subentendido. Tentar compreender por que motivo o Jardineiro fazia o que fazia era inútil, e, além disso, completamente desnecessário. Não precisávamos de saber porquê. Só precisávamos de saber o quê.

— Não que sejas capaz de ir a algum lado, mas espera aqui.

Ela fez um gesto com a mão e fechou os olhos.

Havia dois frigoríficos na cozinha ligada à nossa sala de jantar. Um continha os ingredientes das refeições e estava sempre trancado; Lorena andava com a única chave. O outro continha bebidas e os *snacks* que estávamos autorizadas a comer entre as refeições. Tirei duas garrafas de água para Lyonette e um sumo para mim, depois fui buscar um livro à biblioteca para lhe ler em voz alta enquanto esperávamos que a nova rapariga acordasse.

— Havia uma biblioteca? — pergunta Eddison, incrédulo.

— Bem, sim. Ele queria que fôssemos felizes. Isso significava que tinha de nos manter ocupadas.

— Que tipo de livros vos dava?

— Aquilo que pedíssemos, para ser franca. — Encolhe os ombros e encosta-se, os braços cruzados sobre o peito. — De início eram sobretudo clássicos, mas nós, que gostávamos mesmo de ler, começámos a deixar uma lista de desejos à porta, e de vez em quando ele acrescentava uma dezena de livros. E algumas tinham livros pessoais, prendas dele, que ficavam nos nossos quartos.

— E você era uma das leitoras.

Ela começa a lançar-lhe um olhar desgostoso, depois reconsidera.

— Oh, certo, você não estava cá nessa parte.

— Que parte?

— A parte em que expliquei que viver no Jardim era uma seca.

— Se isso é uma seca, não está a contar bem a história — murmura, e o comentário arranca dela uma gargalhada.

— Não era uma seca quando a escolha era minha — admite.
— Mas isso foi antes do Jardim.

Victor sabe que devia arrastar a conversa de volta à pergunta original, mas vê-los concordar a respeito de algo é demasiado divertido, então deixa-se estar, até ignora o leve vestígio de mentira no rosto da rapariga.

— Suponho que o seu favorito era Poe?

— Oh, não, Poe tinha um propósito: distrair. Eu gostava dos contos de fadas. Não das merdas aguadas da Disney nem das versões higienizadas de Perrault. Gostava das verdadeiras, onde aconteciam coisas horríveis a todos e se percebia que não eram dirigidas a crianças.

— Nada de ilusões? — pergunta Victor, e ela acena com a cabeça.

— Exactamente.

A rapariga nova levou muito tempo a recuperar os sentidos, tempo suficiente para que Lyonette pensasse em mandar chamar Lorraine. Dissuadi-a. Se a rapariga ia morrer, a nossa enfermeira pouco podia fazer para evitar isso, e aquela cabra de expressão azeda não seria a primeira coisa que eu gostaria de ver. Lyonette usou isso para insistir que eu devia ser a primeira coisa que a nova rapariga visse.

Como Lyonette parecia prestes a morrer, eu nem sequer discuti... muito.

A tarde já ia no fim quando a rapariga finalmente se mexeu, e fechei o *Oliver Twist* sobre um dedo para ver se ela estava mesmo a acordar. Tivemos mais duas horas de leitura antes de ela conseguir dizer coisa com coisa. Seguindo as instruções de Lyonette, enchi um copo com água e molhei alguns panos para ajudar na dor de cabeça. Quando pus um deles dobrado sob o pescoço da rapariga, ela bateu-me na mão e insultou-me em espanhol.

Não era mau sinal.

Por fim, despertou o suficiente para afastar os panos da cara e tentar sentar-se, mas o seu corpo oscilava devido às náuseas.

— Cuidado — disse eu em voz baixa. — Bebe um pouco de água, vai ajudar.

— Afasta-te de mim, sua tarada de merda!

— Não fui eu quem te raptou, portanto, poupa-me. Ou queres a água e a aspirina ou podes comer merda e morrer. A escolha é tua.

Lyonette gemeu.

— Maya.

A rapariga pestanejou, mas, obedientemente, aceitou os comprimidos e o copo.

— Assim é melhor. Estás prisioneira de um homem conhecido como Jardineiro. Ele dá-nos nomes novos, portanto, não te incomodes em dizer-nos o teu. Lembra-te dele, mas não

o digas. Eu chamo-me Maya e aquela querida além com gripe é a Lyonette.

— Eu sou...

— Ninguém — lembrei-lhe com brusquidão. — Não até ele te dar um nome. Não tornes isto mais difícil do que tem de ser.

— Maya!

Olhei para Lyonette, que me lançava o olhar patético, exasperado e incrédulo que habitualmente reservava para Evita.

— Então faz tu isto. Não foste a primeira cara que ela viu, viva! Agora podes tratar do resto, se não gostas do meu método.

Eu tivera Sophia como exemplo maternal. A nova rapariga não era tão nova como as filhas dela, e eu não era Sophia.

Lyonette fechou os olhos e murmurou uma oração para conseguir ter paciência. Antes de terminar, porém, teve de se virar de novo para a sanita.

As mãos da nova rapariga começaram a tremer, e eu segurei-as entre as minhas. Estava sempre calor no Jardim, tirando às vezes na gruta atrás da queda-d'-água, mas eu sabia que os arrepios eram do choque mais do que de qualquer outra coisa.

— Então é assim, e é terrível e desconcertante e muito de injusto, mas não deixa de ser assim: estamos aqui como convidadas à força de um homem que procurará a tua companhia e, muitas vezes, o teu sexo. De vez em quando, o filho dele virá procurar-te. Agora pertences-lhes, e eles farão contigo o que quiserem, incluindo marcar-te como sua propriedade. Somos muitas aqui e apoiamo-nos como podemos, mas a única maneira de saíres daqui é morta, portanto, vais ter de decidir se esta nossa vida é melhor ou pior que a morte.

— O suicídio é um pecado mortal — sussurrou ela.

— Ótimo, isso significa que, provavelmente, não vais querer matar-te.

— Bolas, Maya, porque não lhes dás uma corda?

A rapariga engoliu em seco, mas — Deus a abençoe — apertou-me as mãos.

— Há quanto tempo estás aqui?

— Há cerca de quatro meses.

Olhou para Lyonette.

— Há quase cinco anos — murmurou ela. Se eu tivesse sabido nessa altura... Mas não importava. Nunca importava. Saber não mudava nada.

— E ainda estão vivas, e a minha mãe costuma dizer: onde há vida há esperança. Espero.

— Mas tem cuidado com a esperança — adverti. — Um bocadinho está bem. Demasiada é incapacitante.

— Maya...

— Então, rapariga nova, queres fazer uma visita guiada?

— Estou nua.

— Não é nada de especial aqui. Vais habituar-te a isso.

— Maya!

— Trouxeste um vestido? — perguntei, e Lyonette corou sob a sua palidez doentia. — E não vou deixá-la usar o teu. Deves tê-lo enchido de vomitado.

Não tinha, mas o seu vestido preto chegava ao chão. Seria impossível a nova rapariga, que era muito pequena, conseguir andar com ele. Eu ter-lhe-ia emprestado o meu, se fosse mais pequeno.

— Espera aqui — disse com um suspiro. — Vou pedir alguma coisa emprestada à Bliss.

A nossa amiga não estava no quarto quando lá cheguei, então agarrei numa coisa ao acaso e voltei para o quarto da nova rapariga que era, como sempre, cuidadosamente evitado pelas outras Borboletas. Ela fez uma careta ao ver o tecido preto — até eu tinha de admitir que não era uma cor que lhe ficava bem —, mas aprendíamos a temer roupas coloridas no

Jardim.

Quando recebíamos outra coisa além de preto, era porque esse era o vestido com que o Jardineiro queria que morrêssemos.

Ela obedeceu quando lhe disse para não olhar para o corredor — nem eu era tão cruel ao ponto de lhe querer mostrar logo isso. Ela ficava na outra ponta do Jardim em relação ao meu quarto, perto do de Lyonette, e ao lado da terra-de-ninguém que continha os quartos onde não devíamos entrar, a porta para o exterior que devíamos fingir que não existia. Daquela posição, ela conseguia abarcar todo o Jardim: todas as coisas verdejantes, as flores de cores vivas e os carreiros de areia branca, a queda-d'água, o riacho e a lagoa, o penhasco, todas as árvores, as borboletas verdadeiras a pairarem sobre as plantas e o telhado de vidro claro que parecia tão impossivelmente longe.

Ela começou a chorar.

Lyonette lançou-se para a frente, mas recuou de imediato, a tremer violentamente. A gripe talvez não fosse a melhor maneira de dar as boas-vindas a alguém na nossa jaula verdejante. Eu... bem, eu não era muito maternal. Como já ficara provado. Vi a rapariga nova lançar-se ao chão, enrolar-se numa bola minúscula e pôr os braços em volta da barriga como se aquilo fosse um golpe físico que pudesse evitar.

Por fim, quando os soluços convulsivos se transformaram em gemidos e arquejos, ajoelhei-me ao lado dela, pousando uma mão nas suas costas ainda sem marcas.

— Esta não é a dor pior — disse eu no tom mais meigo que consegui. — Mas acho que é o pior choque. Daqui em diante, já sabes o que esperar.

De início, não soube se ela me tinha ouvido, porque os gemidos continuaram. Então inclinou-se para o lado, pondo os braços em volta da minha cintura e enterrando a cara no meu

colo enquanto o seu choque e a sua dor se intensificavam de novo em soluços guturais. Não lhe fiz festas, não mexi a mão — ela aprenderia a odiar esse gesto no Jardineiro —, mas mantive-a encostada à sua pele quente para ela saber que eu estava lá.

— Ainda têm aqui as fotografias do corredor? — pergunta ela abruptamente, e os agentes libertam-se do feitiço das suas palavras. É Eddison que lhe entrega a pilha, os punhos a premirem as coxas enquanto a vê passá-las. Ela pega numa fotografia, olha-a durante um momento e pousa-a voltada para cima na mesa, para os homens poderem ver.

— Uma *Chiricahua White*[\[5\]](#). — Ela passa um dedo pelo desenho branco e preto nas asas. — Ele chamou-lhe Johanna.

Victor pestaneja.

— Johanna?

— Não sei se ele nos atribuíra nomes segundo algum método. Acho que olhava para vários até encontrar um de que gostava. Quero dizer, ela com certeza não tinha *cara* de Johanna, mas pronto.

Victor força-se a examinar as asas no vidro. Ela tem razão, a rapariga era pequena, embora seja difícil calcular a sua altura daquela posição.

— O que lhe aconteceu?

— Ela era... temperamental. Parecia estar a adaptar-se bem, mas de repente tinha umas oscilações de humor que perturbavam todo o Jardim. E então a Lyonette morreu e o Jardineiro trouxe uma nova rapariga.

Ele aclara a garganta quando ela não continua.

— O que lhe aconteceu? — pergunta de novo, e Inara suspira.

— As paredes desceram para que o Jardineiro pudesse levar

a nova rapariga para uma sessão de tatuagem, mas Johanna conseguiu ficar no Jardim. Quando as paredes subiram, encontrámo-la na lagoa. — Com um movimento fluido, ela agarra na fotografia e vira-a, pousando-a com estrondo no metal. — Lá se foi o pecado mortal.

Empurrando outra pilha de fotografias e papéis para a frente dele, Victor passa-as em silêncio até encontrar a que procura. É um rapaz, provavelmente um pouco mais velho do que parece, com cabelo artisticamente despenteado de um castanho tão escuro que é quase preto. Os olhos verde-claros destacam-se num rosto delgado e pálido. É um rapaz bem-parecido, mesmo naquela imagem com pouca definição, alguém que — pelo menos pela aparência — ele não se importaria que Holly levasse lá a casa para o conhecer. Deve trazer a conversa de volta para este rapaz.

Ainda não. Só mais um pouco.

Não sabe se é por ela ou por si.

— Quando o Jardineiro a viu nas árvores...

— O que tem?

— Disse que foi falar consigo junto à cama de uma desconhecida. Era a rapariga depois da Johanna?

Não é um sorriso, antes uma careta para indicar que ouviu.

— Não. A que veio depois.

Um pouco mais.

— Qual acabou por ser o nome dela?

Ela fecha os olhos.

— Não o chegou a receber.

— Porque não...?

— Tempo. Às vezes, tudo se resumia a isso.

Tinha pele como ébano, quase preto-azulada contra o lençol cinzento, com a cabeça rapada e feições que não ficariam

deslocadas nas paredes de um túmulo egípcio. Nos dias que se seguiram à morte de Lyonette, eu precisava desesperadamente de alguma coisa — qualquer coisa — para fazer, mas, ao contrário de Bliss e Lyonette, não tinha talento nem interesse para criar coisas. Li, e li muito, mas não fiz nada. Bliss dedicou-se à cerâmica plástica, enchendo o forno com figurinhas, metade das quais mais tarde destruiu em ataques de fúria, mas eu não tinha esse escape da criação ou da destruição.

Três dias depois, porém, o Jardineiro trouxe a nova rapariga, e já não havia Lyonette para a receber com alguma ternura. Nenhuma das outras raparigas queria aproximar-se dela até que estivesse instalada e perguntei-me há quanto tempo faria Lyonette aquele trabalho para que mais ninguém parecesse pensar nele.

Nos dias que se seguiram à morte de Johanna, eu perguntara-me até que ponto não fora culpada da escolha dela. Se lhe tivesse apresentado a situação de uma forma mais meiga, se tivesse sido mais simpática ou mais reconfortante, talvez ela tivesse sido capaz de se agarrar à esperança que a mãe lhe dissera para ter. Ou talvez não. Talvez aquela primeira visão do Jardim, aquele primeiro momento em que se tornava real, fosse o que fazia a diferença.

Não que eu lhe pudesse perguntar.

Então fiquei com a rapariga nova, fui o mais paciente com ela que consegui e engoli os comentários mais mordazes. Tendo em conta o número de vezes em que ela irrompeu em lágrimas, foi preciso mais paciência do que aquela que eu julgava ter. Bliss salvou-me algumas vezes.

Não indo ter comigo — isso teria sido uma péssima ideia —, mas mandando Evita para se mostrar doce e sincera e, em muitos aspectos, uma pessoa melhor do que eu poderia esperar ser.

No dia seguinte à terceira sessão de tatuagem, fiquei com ela

durante a noite até o seu jantar drogado surtir efeito. Normalmente era quando eu saía, mas tinha visto algo que desejava investigar sem a alarmar, o que significava que ela precisava de estar a dormir. Mesmo depois de ouvir a sua respiração profunda e constante e de a forma como toda a tensão deixou o seu corpo dizer-me que dormia, deixei a droga actuar ainda mais.

Talvez uma hora depois de ela adormecer, pousei o meu livro e virei-a de barriga para baixo. Ela geralmente dormia de barriga para cima, mas a tatuagem fazia-a dormir de lado para evitar a pressão nas áreas doridas. O livro de borboletas na biblioteca — com a letra de Lyonette rabiscada nas margens, a listar nomes e locais nos corredores — disse-me que o Jardineiro escolhera uma *Falcate Orangetip*[\[6\]](#) para ela, essencialmente branca, com um pouco de laranja na orla de cada asa superior. Por alguma razão, ele gostava de escolher brancos e amarelo-claros para as raparigas de pele mais escura. Acho que receava que as cores mais escuras não se vissem com a mesma clareza. Com aquela rapariga, já tinha terminado o laranja e passado para as secções brancas, e alguma coisa nelas parecia errada.

Agora, que podia curvar-me para observar o desenho sem a assustar, podia ver a inflamação, os inchaços semelhantes a escamas sob a tinta, a maneira como o branco formava enormes bolhas grotescas. As pontas alaranjadas das asas estavam igualmente más. Nas zonas mais próximas da coluna, até os contornos pretos e as veias tinham bolhas.

Tirei um dos meus brincos — o Jardineiro nunca mos tirara — e usei-o para perfurar cuidadosamente uma das bolhas mais pequenas. Do minúsculo furo saiu um líquido transparente, mas, quando pressionei com cuidado, saiu também um branco-leitoso.

Lavei o brinco e pu-lo na orelha enquanto tentava pensar

numa solução. Não sabia se ela estava a reagir às tintas ou às agulhas, mas havia de certeza uma reacção alérgica de algum tipo. Não tão perigosa e fatal como pode ser uma alergia a amendoins, mas não deixava curar. A infecção podia matar, tal como uma reacção à histamina, ou pelo menos fora o que Lorraine nos contara num dos seus raros dias simpáticos.

Claro, ela estava a fazer Bliss sofrer muito enquanto lhe tirava lascas dos pés, o que provavelmente contribuía para o seu bom humor.

À falta de uma ideia melhor, voltei para junto da rapariga e tentei perceber a gravidade da reacção em cada zona. Tinha analisado a cor de laranja e ia a meio da branca quando senti a mudança.

O Jardineiro estava ali.

Encostou-se à porta com os polegares enfiados nos bolsos das calças de cáqui engomadas. As luzes estavam a apagar-se por todo o Jardim à medida que as raparigas iam para a cama, à espera de verem se era aquela a noite em que seriam obrigadas a entreter o seu captor. Ele nunca tinha chamado Lyonette quando ela estava a instalar uma nova garota, mas eu não era Lyonette.

— Pareces preocupada — disse ele à laia de saudação.

Apontei para as costas da rapariga.

— Ela não vai sarar.

Quando entrou no quarto, desabotoou os punhos e enrolou as mangas da camisa verde-escura até aos cotovelos. A cor fazia os seus olhos claros brilharem no rosto. Pressionou as costas dela com mãos suaves, encontrando as mesmas coisas que eu, e gradualmente a preocupação transformou-se em profunda tristeza.

— Toda a gente reage de forma diferente a tatuagens.

Eu deveria ter sentido tristeza, fúria ou confusão.

Senti-me apenas entorpecida.

— O que faz às raparigas que nunca terminam as suas asas?
— perguntei em voz baixa.

Ele lançou-me um olhar rápido e pensativo, e eu interroguei-me se seria a primeira a perguntar aquilo.

— Enterro-as condignamente na propriedade.

Eddison rosna e pega no seu caderno.

— Ele disse onde, na propriedade?

— Não, mas acho que tinha vista para um rio. Às vezes ele chegava ao Jardim com lama nos sapatos e uma expressão melancólica e, nesses dias, dava a Bliss pedras do rio para ela usar como base para algumas das suas figuras. Nada que eu pudesse ver das árvores.

Ele enrola a folha de alumínio e atira-a ao espelho unidireccional.

— Manda uma equipa para a margem do rio, procurem sepulturas.

— Podia pedir por favor.

— Estou a dar-lhes uma tarefa, não a pedir um favor — responde ele com os dentes cerrados.

Ela encolhe os ombros.

— O Guilian pedia sempre por favor. A Rebekah, também, mesmo quando estava apenas a atribuir mesas. Mas acho que é por isso que eu adorava trabalhar para o Guilian. Ele tornava aquilo um lugar muito agradável e respeitoso.

Podia muito bem ter-lhe dado uma estalada. Victor vê o rubor irritado subir do colarinho do parceiro e desvia o olhar para não sorrir. Ou, pelo menos, para que Eddison não veja.

— Eram só as raparigas que morreram antes de as asas estarem terminadas? — pergunta ele rapidamente.

— Não. Se elas morressem de uma forma que dava cabo das asas, ele não as exibia. O Avery pôs várias raparigas no chão e

não na vitrina, quando as chicoteava com força suficiente para deixar marcas na tatuagem — Ela toca levemente no pescoço. — Giselle.

— Não foi aí que a conversa terminou, pois não?

— Não, mas o senhor já sabe isso.

— Sim, mas gostaria de ouvir o resto — responde ele, como faria com as filhas.

Ela ergue uma sobrancelha.

Como Lyonette, eu costumava pedir um banco na enfermaria para ficar ao lado da cama da rapariga. Provavelmente, não faria mal sentar-me *na* cama, mas isto dava-lhe um pouco mais de espaço. Dava-lhe um território que era dela. O Jardineiro não reconhecia o território dessa maneira. Sentou-se encostado à cabeceira da cama, pondo a cabeça da rapariga no colo para poder passar a mão pelo seu crânio rapado. Tanto quanto eu sabia, ele nunca visitava as raparigas nos seus quartos até estarem totalmente tatuadas, até depois de as violar pela primeira vez.

Afinal, era isso que as tornava suas.

Mas, por outro lado, ele não estava ali para ver a rapariga nova. Estava ali para falar comigo.

E não parecia ter muita pressa em fazê-lo.

Levantei os pés, sentando-me de pernas cruzadas no banco estreito, e pus o meu livro no regaço, lendo para preencher o espaço vazio até ele estender a mão e o fechar delicadamente. Então dei-lhe a minha atenção.

— Há quanto tempo observas a minha família?

— Quase desde que as minhas asas foram feitas.

— Mas não disseste nada.

— Nem a si nem a ninguém. — Nem sequer a Lyonette ou a Bliss, embora me tivesse sentido tentada. Não sabia porquê.

Talvez fosse mais fácil pensar nele como apenas o nosso captor. Juntar uma família a isso tornava... bem, tornava aquilo mais errado, de alguma forma. Só o facto de poder *ser* mais errado já era suficientemente perturbador.

— E o que pensas quando nos vês?

— Penso que a sua mulher está doente. — Eu raramente mentia ao Jardineiro; a verdade era a única coisa que podia ser sempre minha. — Acho que ela tem medo do Avery e não quer mostrá-lo e acho que ela adora o vosso filho mais novo. Acho que gosta daqueles passeios consigo, pois é quando tem toda a sua atenção.

— Tudo isso de cima de uma árvore? — Felizmente, ele parecia mais divertido do que qualquer outra coisa. Acomodou as costas de forma mais confortável na cabeceira da cama, pondo um braço curvado atrás dele para servir de almofada.

— Estou errada?

— Não. — Ele olhou para a rapariga no seu colo, depois para mim. — Há anos que ela tem um problema no coração. Não é suficientemente grave para poder fazer um transplante, mas piora de forma significativa a sua qualidade de vida.

Então a mulher dele também era uma espécie de borboleta.

— E vai uma.

— E ela adora o nosso filho mais novo. Tem muito orgulho nele. Ele tem excelentes notas, é sempre educado e é um prazer ouvi-lo tocar piano e violino.

— E vão duas.

— Entre o Jardim e a minha empresa e as actividades caritativas dela e a organização da casa, os nossos horários estão muitas vezes em conflito. Arranjamos tempo para os nossos passeios da tarde, a menos que estejamos fora da cidade. É bom para o coração dela.

— E vão três.

E restava apenas a mais difícil, aquela que nenhum pai quer

admitir.

Então ele não o fez. Deixou-o por dizer, e no silêncio havia verdade.

— Prestas muita atenção às coisas, não é, Maya? Às pessoas, aos padrões, aos acontecimentos. Encontras nisso mais significado do que as outras.

— Presto atenção — concordei. — Não sei se encontro mais significado.

— Observaste um passeio numa estufa e fizeste-o significar isso tudo.

— Não o *fiz* significar nada. Só reparei na linguagem corporal.

A linguagem corporal foi uma das coisas que me disse que o meu vizinho era um pedófilo muito antes da primeira vez em que se exibiu, muito antes de ele me tocar pela primeira vez ou me pedir para lhe tocar. Era a maneira como ele me observava, e às outras crianças do bairro, os olhares sofridos dos miúdos que viviam com ele. Eu estava preparada para os seus avanços porque sabia que viriam. A linguagem corporal advertiu-me quanto ao jardineiro da minha avó, quanto aos miúdos na escola que tentariam espancar-nos só porque podiam. A linguagem corporal era melhor que uma luz a piscar à laia de aviso.

E a linguagem corporal disse-me que, por muito que ele quisesse parecer perfeitamente descontraído naquele momento, não era capaz.

— Não tenciono contar a ninguém, sabe?

Ali estava. Nem toda a tensão deixou o seu corpo, mas uma boa parte dela. Tirando as alturas em que a luxúria o dominava, ele era um homem muito contido.

— Nós não sabemos deles... E eles não sabem de nós, não é?

— Não — sussurrou ele. — Algumas coisas... — Não concluiu a frase, pelo menos em voz alta. — Eu nunca

magoaria intencionalmente a Eleanor.

Não sabia o nome dele, mas agora sabia o da mulher.

— E o seu filho?

— O Desmond? — Ele pareceu realmente admirado por um momento, depois abanou a cabeça. — O Desmond é muito diferente do Avery.

Mesmo naquele momento, só consegui pensar: *Graças a Deus!*

Ele tirou a cabeça da rapariga do colo e levantou-se da cama, estendendo a mão para mim.

— Gostava de te perguntar uma coisa, se puder.

Eu não sabia por que motivo fazer-me uma pergunta implicava que eu me mexesse, mas obedeci e agarrei-lhe na mão, deixando o livro no banco. A rapariga só acordaria de manhã, portanto, eu não era necessária junto à sua cama. Ele levou-me pelos corredores, tocando distraidamente em cada vitrina ocupada ao passar. Se eu quisesse, podia ter-lhe pedido para dizer os nomes delas, e ele poderia tê-los dito. Cada nome, cada borboleta, conhecia-as e lembrava-se de todos.

Eu nunca quis saber.

Pensei que estava a levar-me para o meu quarto, mas ele virou no último momento e levou-nos para a gruta atrás da queda-d'água. Tirando o luar que entrava pelo telhado de vidro da estufa e se reflectia na água a cair, a gruta estava às escuras.

Oh, tirando o olho vermelho da câmara a piscar.

Ficámos em silêncio na escuridão, a ouvir a água bater no riacho e nas pedras decorativas. Pia, que estava lá há mais um ano do que eu, dizia que havia canos no fundo do lago que mantinham a água a um certo nível, escoando-a e encaminhando-a para outro cano até ao minúsculo lago sobre o penhasco que alimentava a queda-d'água. Ela devia ter razão. Como eu não sabia nadar, nunca tentei ir ao fundo do lago para confirmar. Pia gostava de observar as coisas e descobrir como

funcionavam. Quando as paredes subiram para revelar Johanna no vidro, Pia foi até ao lago e disse que agora havia sensores ao longo da margem.

— Já me perguntei o que te atrairá neste sítio — disse ele ao fim de algum tempo. — Quase consigo entender o cimo do penhasco. É um espaço amplo, livre, a altura dá-te uma sensação de segurança. Mas este sítio... O que pode esta gruta oferecer-te?

A possibilidade de dizer o que me desse na gana sem me preocupar com represálias, porque o barulho da queda-d'-água era suficientemente forte para abafar o que os microfones podiam captar.

Mas ele procurava algo mais pessoal, algo com o significado que achava que eu dava a tudo. Levei um minuto ou dois a encontrar uma resposta, algo bastante perto da verdade.

— Aqui não há ilusão — respondi, por fim. — Não é exuberante e verde, a crescer e à espera da morte e da possibilidade de apodrecer. É apenas rocha e água.

Ali, eu e as raparigas sentávamo-nos de frente umas para as outras, com os joelhos encostados, e geralmente era fácil fingir que não havia Borboletas. As graxistas tinham as asas tatuadas em volta dos olhos como máscaras de Carnaval, mas, mesmo assim, na escuridão enevoadada da caverna, era fácil pensar que eram causadas pela luz. Soltávamos o cabelo, encostávamo-nos às pedras e não havia borboletas. Apenas por alguns momentos.

Afinal, talvez houvesse ali alguma ilusão, mas era a nossa ilusão, não uma que ele tivesse criado para nós.

Ele soltou-me a mão e começou a tirar todos os ganchos que seguravam o meu cabelo na sua coroa entrançada, até ele cair frisado. Escondendo as asas. Era a única coisa que ele nunca fazia, a menos que estivesse a escová-lo. Mas deixou-o solto, enfiando os ganchos no bolso do peito da camisa.

— És bastante diferente de qualquer uma das outras — disse,

por fim.

Não era inteiramente verdade. Tinha mau feitio, como Bliss, só que me continha. Era impaciente como Lyonette, mas fazia o possível por não o mostrar. Lia como Zara, corria como Glenys, dançava como Ravenna e entrançava o cabelo como Hailee. Tinha partes da maioria das outras raparigas, com excepção da doce simplicidade de Evita.

A única coisa que me tornava realmente diferente era eu ser a única que nunca chorava.

Que nunca conseguia.

Maldito carrossel.

— Fazes pedidos de livros nas listas, mas nunca pedes abertamente nada. Ajudas as outras raparigas, ouve-las, acalma-las. Guardas os seus segredos e, aparentemente, também os meus, mas não dás a ninguém um segredo teu para guardar.

— Os meus segredos são velhos amigos. Sentir-me-ia uma má amiga se os abandonasse agora.

O riso baixo dele ecoou na gruta antes que a queda-d'-água engolissem o som.

— Não estou a pedir que os partilhes, Maya. A tua vida de antes é tua.

Ela lança a Eddison um olhar cheio de significado, e Victor não consegue deixar de rir.

— Não vou pedir desculpa — diz-lhe Eddison sem rodeios. — Este é o meu trabalho, e temos de saber a verdade para arranjar provas suficientes contra ele. Os médicos estão confiantes de que sobreviverá para ser julgado.

— Que pena.

— Um julgamento significa justiça — diz ele.

— De certo modo, claro.

— De certo modo? Isto...

— Será que a «justiça» muda alguma coisa do que ele fez? Alguma coisa daquilo por que passámos? Será que dá vida às raparigas nas vitrinas?

— Bem, não, mas impede-o de voltar a fazê-lo.

— Tal como a sua morte e sem o sensacionalismo e o dinheiro dos contribuintes.

— Voltemos à queda-d'água — anuncia Victor, abafando o início do protesto de Eddison.

— Desmancha-prazeres — murmura a rapariga.

— Pergunta-me uma coisa, Maya.

Havia um desafio nos seus olhos, também perceptível na voz. Ele esperava que eu pedisse algo impossível, como liberdade. Ou talvez esperasse que eu fosse como Lorraine, que pedisse algo que poderia ter-me tirado do Jardim, mas que não era de todo liberdade.

Sabia que não o devia fazer. Tal como deitar fora números de telefone de pessoas bem-intencionadas, sabia que não devia pedir coisas que claramente não podia ter.

— Será que esta câmara pode ser desactivada sem surgir outra no seu lugar? — perguntei prontamente, e vi o choque no seu rosto ensombrado. — Nenhuma câmara, nenhum microfone?

— É isso?

— Seria bom ter um lugar verdadeiramente privado — expliquei com um encolher de ombros. Era quase estranho sentir o cabelo a roçar-me as costas e os ombros com o gesto. — Pode ver-nos em qualquer outro sítio, até na casa de banho, se assim o desejar. Ter um sítio desprovido de câmaras seria benéfico. Um exercício de saúde mental, de certa forma.

Ele observou-me durante bastante tempo antes de responder.

— Algo que vos beneficia a todas.

— Sim.

— Digo-te para pedires uma coisa e tu pedes algo que beneficia todas.

— Também me beneficia.

Ele riu de novo e estendeu o braço para mim, puxando-me contra o seu peito para poder beijar-me. As suas mãos moveram-se sobre os fechos do meu vestido e, quando me deitou na pedra húmida, fechei os olhos e deixei os meus pensamentos irem para Annabel Lee e o seu túmulo no reino junto ao mar.

Não me parecia que os anjos fossem algum dia invejar-me.

É surpreendente como ela pode responder a uma pergunta sem nunca realmente responder à pergunta. Há uma parte pequena e inoportuna de Victor que adoraria levá-la a tribunal agora e ver os advogados dos dois lados arrancarem os cabelos de frustração. Mesmo quando ela fala muito, as suas respostas quase sempre viram para o lado, fornecendo algo parecido à substância sem revelar o cerne. Perguntem-lhe pelo rapaz e ela começa ali, ou parece começar, e de alguma forma termina numa conversa completamente diferente, e o rapaz mal aparece. Sim, os advogados vão odiá-la aquando do julgamento. Ele reprime o impulso e tira a fotografia do rapaz da pilha, colocando-a sobre a mesa para que ela possa vê-la voltada para cima.

Ao início, ela desvia o olhar, observando o espelho, o chão, as suas mãos queimadas e cortadas, antes de um suspiro fazer estremecer o seu corpo e ela virar o rosto para a fotografia. Levanta-a suavemente pelos cantos, estudando a ampliação da carta de condução dele. O papel brilhante treme na sua mão, mas ninguém menciona isso.

— Uma pessoa habitua-se às coisas no Jardim — diz, pensativa. — Até as novas raparigas que chegam são algo a que apenas nos habituamos, algo que esperamos quando outra morre. E então, de repente, tudo muda.

— Quando?

— Há pouco menos de seis meses. Uns dias depois de Evita morrer.

Talvez tenha sido o facto de Evita ser uma daquelas pessoas que não podemos deixar de amar. Talvez tenha sido o facto de a sua morte ser um acidente, nada para que nos pudéssemos ter preparado. Talvez tenha sido a reacção do Jardineiro, a sua franqueza.

O que quer que tenha sido, reinava no Jardim um enorme desespero nos dias que se seguiram ao acidente de Evita. A maioria das raparigas ficou nos seus quartos, e Lorraine teve de pôr todas as refeições em tabuleiros e trazê-los para junto de nós. Bolas, isso enfureceu-a, e de que maneira. Claro, ela também estava deprimida como nós, embora por uma razão diferente. Chorávamos Evita. Ela chorava outra vitrina ocupada que não a incluía.

Anormal do caraças!

Saí do meu quarto à noite, incapaz de suportar as quatro paredes e o silêncio. O fim-de-semana não vinha aí, portanto, não precisava de me preocupar com os tipos da manutenção ou com a descida das paredes. Não havia uma única razão no mundo para eu não poder passar a noite a vaguear. Por vezes, a ilusão de liberdade, de escolha, era mais dolorosa que o cativeiro.

O Jardineiro poderia encontrar-me se me quisesse, mas desfrutava da companhia de outra pessoa.

À noite, o Jardim estava essencialmente em silêncio. Havia a

queda-d'-água, é claro, e o murmúrio do riacho, o zumbido das máquinas e do ar em movimento e o som abafado das raparigas a chorar em pontos dispersos, mas, comparado com o dia, aproximava-se o suficiente do silêncio. Levei o meu livro e a minha lanterna para o penhasco e sentei-me numa das rochas grandes. Chamava-lhe rocha dos banhos de sol.

Bliss chamava-lhe Pedra do Rei e riu-se quando a desafiei a encontrar um leão que olhasse para baixo ali da beirinha.

Ela fez um de cerâmica plástica e, quando consegui recomeçar a respirar depois de tanto rir, deu-mo. Vivia na prateleira por cima da minha cama, juntamente com as outras coisas que me eram mais preciosas. Acho que ainda lá está, ou estava, até...

Bliss juntou-se a mim no penhasco por volta da meia-noite e atirou-me uma estatueta. Segurei-a debaixo da lanterna e vi que se tratava de um dragão enrolado sobre si mesmo. Era azul-escuro, com a cabeça curvada para os ombros, e a forma da testa sobre os enormes olhos pretos dava-lhe o ar mais patético que uma figura de cerâmica podia ter.

— Porque está ele tão triste?

Ela olhou para mim.

Certo.

A casa do dragão era ao lado da de *Simba* e, ao passo que o leão era apenas uma piada, o dragão veio realmente a significar algo.

Mas naquele dia ele era novo e triste, e Bliss estava zangada e triste. Então apoiei-o no joelho e voltei a ler *Antígona* até ela sentir vontade de falar.

* * *

— Se o meu quarto estiver intacto, acham que há alguma possibilidade de eu recuperar as estatuetas? E os animais de

origâmi? E a... bem, tudo, realmente.

— Podemos perguntar — responde Victor, e ela suspira.

— Porquê *Antígona*? — pergunta Eddison.

— Sempre a achei muito fixe. É forte, corajosa e desenrascada, usando até um certo nível de manipulação emocional, e morre, mas nos seus termos. É condenada a viver o resto dos seus dias num túmulo e diz que se lixe isso, vou enforcar-me. E depois há o noivo, que a ama tanto que se passa com a morte dela e tenta matar o próprio pai. E então, claro, ele também morre, porque, vamos lá, é uma tragédia grega, e os gregos e Shakespeare, na verdade, adoram matar pessoas. É uma grande lição, de facto. Toda a gente morre. — Pousa a fotografia e tapa o rosto do rapaz com as mãos. Victor não consegue perceber se ela sabe que o fez. — Mas eu podia ter escolhido outra coisa se soubesse que a Bliss ia fazer-me companhia.

— Ai sim?

— O livro pareceu inspirá-la.

Ela andava de um lado para o outro à minha volta enquanto eu lia, arrancando folhas às plantas e rasgando-as, até podermos acompanhar o seu progresso pelos pedacinhos verdes na rocha. Rosnava e praguejava a cada passo, por isso não me dei ao trabalho de olhar para cima até ela se calar.

Estava mesmo na beira do falso penhasco, os dedos dos pés enrolados sobre a rocha, os braços abertos. A pele pálida brilhava ao luar e era visível através das aberturas no vestido preto até ao joelho.

— Eu podia saltar — sussurrou.

— Mas não o vais fazer.

— Podia — insistiu, e eu abanei a cabeça.

— Mas não vais.

— Vou!

— Não, não vais.

— E por que raio de porra não vou? — perguntou, girando para me enfrentar com os punhos assentes nas ancas.

— Porque não podes garantir que vais morrer e, se ficares ferida, pode não ser com gravidade suficiente para que ele te mate. Não é uma queda assim tão grande.

— A Evita caiu de um sítio mais baixo.

— A Evita partiu o pescoço num ramo. Tu tens a minha sorte. Se tentasses, estragavas tudo e ficavas óptima, com excepção de algumas contusões.

— Foda-se, caralho! — Sentou-se ao meu lado na pedra, com o rosto escondido nos braços, e chorou. Bliss estava ali há mais três meses do que eu. Vinte e um meses, para ela. — Porque não há uma opção melhor?

— A Johanna afogou-se. Achas que isso é menos doloroso que uma queda incerta?

— A Pia diz que não vai funcionar. Ele meteu uns sensores nas margens. Se a água sobe, envia-lhe um sinal de alarme e ele pode verificar as câmaras. Ela disse que se podem ver as câmaras mais próximas moverem-se para se focarem em quem está a nadar.

— Se esperasses até ele estar fora de casa, ou fora da cidade, provavelmente terias tempo suficiente para te afogar se quisesses mesmo.

— Não quero afogar-me — suspirou ela, endireitando-se para limpar as lágrimas com o vestido. — Não quero morrer.

— Toda a gente morre.

— Então não quero morrer agora — rosnou ela.

— Então porquê saltar?

— Tu não és nada compreensiva.

Não era bem verdade, e ela sabia-o, mas pronto.

Fechei o livro e desliguei a lanterna, colocando ambos no

chão com o pequeno dragão triste em cima, para poder virar-me de barriga para baixo e ficar ao lado dela.

— Estou tão farta deste sítio — sussurrou ela, e, embora não estivéssemos na gruta, o único sítio mesmo privado, achei que ela falara em voz suficientemente baixa para evitar ser ouvida. Nenhuma de nós sabia se ele analisava as gravações, nunca soubemos se era seguro falar mesmo quando tínhamos a certeza de que não estava sentado diante de um monitor.

— Todas estamos.

— Então porque não posso aproveitá-lo ao máximo, como tu fazes?

— Tinhas um lar feliz, certo?

— Certo.

— É por isso que não podes aproveitá-lo ao máximo.

Eu fora feliz no apartamento, que acabou por se tornar um lar, mas tinha passado por coisas más antes de lá chegar, portanto, tinha vivido coisas más antes de ir para ali. Bliss não tinha ou, pelo menos, não com a mesma gravidade. O seu termo de comparação era bastante diferente do meu.

— Conta-me uma coisa de antes.

— Sabes que não vou fazê-lo.

— Não algo pessoal. Apenas... alguma coisa.

— Um dos meus vizinhos tinha um jardim de erva no terraço — disse eu ao fim de algum tempo. — Quando me mudei para lá, era apenas num canto, mas, como o tempo passou e ninguém fez queixa, ele expandiu aquilo até cobrir metade do terraço. Algumas das crianças dos andares de baixo costumavam brincar às escondidas nele. Um dia, porém, alguém chamou a Polícia e ele viu-os chegar, entrou em pânico e pegou fogo a tudo. Andámos todos um pouco pedrados durante uma semana e tivemos de lavar várias vezes o que tínhamos para tirar o cheiro.

Bliss abanou a cabeça.

— Nem consigo imaginar.

— Isso não é mau.

— Começo a esquecer-me de coisas de casa — confessou ela.
— Estava a tentar lembrar-me da minha morada e não consegui recordar se era uma estrada ou uma avenida ou uma rua ou outra coisa. Ainda não consigo. Um-zero-nove-dois-nove Northwest Fifty Eighth... qualquer coisa.

Aquilo era a origem do problema. Mudei de posição para pousar uma mão sobre a dela, porque não havia nada que pudesse dizer.

— Todas as manhãs quando acordo e todas as noites antes de adormecer, digo a mim mesma o meu nome, os nomes dos meus familiares. Recordo as caras deles.

Eu tinha visto a família de Bliss, uma colecção de figuras de cerâmica. Ela fazia tantas figuras que não havia nenhuma razão para dar àquele conjunto qualquer significado especial, a menos que se reparasse nas partes brilhantes onde os seus dedos tinham alisado o barro com o uso ou nas que estavam posicionadas de tal forma que eram as primeiras e últimas coisas que ela via todos os dias.

Talvez o Jardineiro estivesse certo e eu atribuisse significado a tudo.

— O que acontece quando isso não é suficiente?

— Continua a recordar — aconselhei. — Continua a fazer isso, e terá de ser suficiente.

— Resulta para ti?

Nunca decorei a minha morada em Nova Iorque. Quando tinha de a escrever num formulário, perguntava a uma das outras raparigas, e elas riam-se sempre de mim, mas nunca fizeram que a decorasse. Nunca mudei a carta de condução falsa, porque não sabia se ela resistiria a um escrutínio como deve ser ou se a Divisão de Veículos Motorizados faria mais do que uma verificação superficial da informação.

Mas lembrava-me de Sophia, da figura roliça que adquiriu depois de largar o vício, do cabelo vermelho-dourado de Whitney, do riso de Hope e da risada nervosa de Jessica. Lembrava-me da magnífica estrutura óssea de Noémie, graças a um pai *blackfoot* e uma mãe *cherokee*, lembrava-me da forma como o sorriso de Kathryn podia iluminar uma sala nas raras ocasiões em que ela o esboçava. Lembrava-me da roupa colorida e vistosa de Amber, dos padrões que nunca combinavam e, no entanto, combinavam sempre, porque ela os amava tanto. Não me lembrava delas, não me esforçava por mantê-las na minha memória, porque estavam indelevelmente gravadas nela.

Tal como teria gostado de esquecer os rostos dos meus pais, os *maiots* da minha avó, quase todas as pessoas de antes de Nova Iorque. Mas também me lembrava delas e, de uma forma ténue, até me lembrava de tias e tios e primos e de correr em jogos complicados que nunca entendi e de posar para fotos que nunca vi. Lembrava-me das coisas, das pessoas.

Mesmo quando preferia não me lembrar.

Soerguemo-nos ao mesmo tempo, apoiando-nos nos cotovelos, quando uma porta se abriu e o feixe de uma lanterna percorreu a extremidade do Jardim.

— Mas que porra? — sussurrou Bliss, e eu assenti em silêncio.

O Jardineiro estava no quarto de Danelle, a procurar consolo e, alegadamente, a consolá-la, por ter sido ela a contar até cem no último jogo das escondidas de Evita. Mesmo que estivesse a sair, ele nunca precisava de uma lanterna. Nem Avery, que estava proibido de ir ao Jardim durante mais duas semanas por ter partido o braço de Pia, ou Lorraine, que estava a dormir ou a chorar até adormecer àquela hora da noite. Havia um botão na enfermaria que soava no seu quarto e na cozinha se ela fosse necessária nas suas funções de enfermeira.

A figura estava vestida de preto, o que poderia ter parecido uma boa ideia até chegar a um daqueles caminhos de areia branca. Movia-se cautelosamente, o cone de luz a analisar o chão antes de cada passo, mas percebíamos pela sua postura que estava a observar tudo.

Nunca pus em causa ter imediatamente rotulado o intruso de homem. Qualquer coisa na sua forma de andar, talvez. Ou a idiotice de trazer uma lanterna se estava a tentar passar despercebido.

— O que achas que nos arranjará mais problemas? — sussurrou Bliss contra o meu ouvido. — Descobrir quem ele é ou ignorá-lo?

Eu tinha uma ideia de quem era o intruso, mas dissera ao Jardineiro que não contaria a ninguém. Não que uma promessa feita a um assassino em série tenha um grande peso, mas ainda assim... Eu quase nunca fazia promessas, porque me sentia obrigada a mantê-las.

Mas que porra estava o filho mais novo do Jardineiro a fazer ali no complexo interno da estufa? E que poderia isso significar para nós?

A primeira pergunta obteve resposta assim que surgiu, porque era a mesma razão pela qual eu subia àquelas árvores quase todas as tardes para ter aqueles vislumbres de um mundo real fora do vidro. Curiosidade, entre outras coisas, para mim. Provavelmente, apenas curiosidade para ele.

Quanto à segunda pergunta...

Havia raparigas que podiam morrer se tomássemos a decisão errada. Se ele ficasse apenas no Jardim, não haveria problema — era um jardim privado, quem se importava? —, mas se ele explorasse os corredores...

Talvez visse as raparigas mortas e chamasse a Polícia.

Ou talvez não, e então Bliss e eu teríamos de explicar por que motivo vimos um intruso e não fizemos nada.

Praguejando baixinho, escorreguei da rocha, agachando-me no chão.

— Fica aqui e mantém-te de olho nele.

— E faço o quê se ele fizer alguma coisa?

— Grita!

— E tu vais...?

— Contar ao Jardineiro, para ele tratar do assunto.

Ela abanou a cabeça, mas não tentou deter-me. Nos seus olhos, eu via a mesma dúvida e hesitação. Não podíamos arriscar a vida de todas na esperança de que aquele rapaz fosse melhor que o resto da família. E ver o Jardineiro com outra rapariga não seria novidade para mim. Ele costumava usar a privacidade de um quarto, mas de vez em quando... bem... Como eu disse, era um homem bastante contido, até deixar de o ser.

Quase rastejei pelo caminho do outro lado do penhasco, onde havia uma encosta em vez de uma parede vertical. A areia amorteceu os meus passos quando cheguei ao chão, e eu, movendo-me lentamente, consegui entrar no riacho sem provocar salpicos. Baixei-me atrás da queda-d'água e depressa me desloquei pelo corredor até ao quarto de Danelle.

O Jardineiro tinha vestido as calças, mas não a camisa ou calçado os sapatos, e estava sentado na beira da cama a escovar os caracóis castanhos de Danelle até eles formarem uma juba à volta dela. Mais do que qualquer uma de nós, Danelle detestava o fascínio dele pelo nosso cabelo, porque tornava sempre o dela incontrolável.

Ambos levantaram a cabeça quando entrei no quarto, a confusão de Danelle espelhada, mas acompanhada de fúria, no rosto do Jardineiro.

— Desculpe — sussurrei —, mas é importante.

Danelle levantou uma sobrancelha. Quando viera para o Jardim, quatro anos antes, julgara que dar graxa ao Jardineiro

a faria voltar para casa, e tinha as asas pintadas na cara a comprová-lo, uma máscara vermelha e roxa. No entanto, acalmara ao longo dos anos e, naquela altura, a sua filosofia era «deixa-o fazer o que quiser, mas não participes». Eu sabia o que ela estava a perguntar, mas limitei-me a encolher os ombros. Se eu ia ou não dizer-lhe dependeria muito do que acontecesse.

Enfiando os pés nos sapatos e pegando na camisa, o Jardineiro seguiu-me para o corredor.

— Isto...

— Está alguém no Jardim — interrompi na voz mais baixa possível. — Acho que é o seu filho mais novo.

Os olhos dele arregalaram-se.

— Onde está ele?

— Quando vim buscá-lo, estava perto da lagoa.

Ele vestiu a camisa e indicou-me que a abotoasse enquanto passava as mãos pelo cabelo para o alisar. No entanto, o cheiro a sexo traía-o. Quando ele avançou pelo corredor, segui-o. Afinal, não me dissera para não o fazer. Bem, pelo menos não até chegarmos a uma das portas e ele poder ver o rapaz, ainda a agitar a porcaria da lanterna. O homem observou o filho durante bastante tempo em silêncio, e não consegui ler a sua expressão. Com uma mão no meu ombro, apontou para baixo, o que podia significar senta-te ou fica aqui.

Eu não era cadela para me sentar, então decidi ficar ali, e ele não discutiu comigo.

Do corredor, vi-o sair para o Jardim, abertamente e sem hesitação aparente. A sua voz quebrou o silêncio quase como um tiro.

— Desmond!

A cabeça do rapaz rodou e ele deixou cair a lanterna. Bateu numa rocha com o som de plástico a rachar e, quando caiu na areia, a luz piscou e morreu.

— Pai!

A mão do Jardineiro enfiou-se no bolso e um momento depois as paredes desceram à minha volta, trancando as outras raparigas nos seus quartos e escondendo as vitrinas. E deixaram-me a mim e a Bliss encalhadas, ela na rocha e eu no corredor. E eu não tinha propriamente dito ao Jardineiro que ela estava lá em cima. Merda.

Encostei-me à parede e esperei.

— Que diabo estás aqui a fazer? Eu disse-te que não podias vir à estufa interior.

— Ouvi o Avery falar dela e... quis apenas vê-la. Desculpa ter-te desobedecido, pai.

Era difícil atribuir uma idade à sua voz. Era um tenor ligeiro, que o fazia soar jovem. Estava confrangido e envergonhado, claramente, mas não parecia assustado.

— Como chegaste até aqui?

E poderia uma Borboleta usar o mesmo caminho para sair?

O rapaz — Desmond, calculei — hesitou.

— Há algumas semanas, vi o Avery afastar um painel junto a uma das portas — disse ele, por fim. — Fechou-o de novo quando viu que eu estava lá, mas não antes de eu ver teclas com números.

— E há um código de segurança. Então como é que entraste?

— O Avery usa as mesmas três palavras-passe para tudo. Limitei-me a experimentá-las.

Fiquei com a sensação de que Avery ia ter de criar uma quarta palavra passe em breve. Não devíamos aproximar-nos da entrada principal. Naquela zona, de cada um dos lados da porta trancada, ficava o quarto de Lorraine, a sala de jogos de Avery antes de ter sido desmantelada, a enfermaria e a cozinha/sala de jantar, a sala de tatuagem, que conduzia à suíte do Jardineiro e a duas assoalhadas que não sabíamos para que serviam, mas calculávamos. Era ali que morríamos. Todas

as coisas a que não devíamos prestar atenção, menos a cozinha, e nem o Jardineiro nem Avery saíam enquanto houvesse uma Borboleta capaz de os ver.

— O que achaste que ias encontrar? — perguntou o Jardineiro.

— Um... um jardim... — respondeu o rapaz devagar. — Só queria ver por ser tão especial.

— Por ser privado — suspirou o pai, e perguntei-me se fora mesmo por essa razão que ele tirara a câmara e o microfone da gruta atrás da queda-d'-água. Por valorizar a sua privacidade o suficiente para nos permitir fingir que tínhamos a nossa. — Se realmente queres ser psicólogo, Desmond, terás de respeitar a privacidade das pessoas.

— A não ser quando essa privacidade forma um bloqueio para o seu bem-estar mental, e nesse caso eu seria profissionalmente obrigado a exortá-las a revelar esses segredos.

Engraçado, Whitney nunca mencionara aquele tipo de considerações éticas quando falava das suas aulas de Psicologia.

— Depois ficarás profissionalmente obrigado a guardar esses segredos para ti — lembrou-lhe o Jardineiro. — Agora, vamos.

— Dormes aqui?

— De vez em quando. Vamos, Desmond.

— Porquê?

Mordi o lábio para conter uma gargalhada. Era um prazer raro ver o Jardineiro verdadeiramente perplexo.

— Porque o acho tranquilizador — respondeu ele, por fim. — Pega na lanterna. Vou levar-te para casa.

— Mas...

— Mas o quê? — ripostou ele.

— Porque manténs este lugar secreto? É apenas um jardim.

O Jardineiro não respondeu de imediato, e eu soube que

devia estar a pensar nas suas opções. Dizer ao filho a verdade e esperar que ele a guardasse, a mantivesse em segredo? Mentir-lhe e arriscar que a verdade fosse descoberta de qualquer maneira, porque um filho que desobedece uma vez pode revelar-se desobediente de novo? Ou estaria a pensar em algo pior, que, de alguma forma, um filho poderia ser tão descartável como uma Borboleta?

— Se eu te disser, tens de prometer guardar segredo — acabou ele por responder. — Não podes falar disto fora destas paredes. Nem comentar com o teu irmão. Nem uma palavra, entendes?

— Sim, pai. — Ainda não era medo, mas havia ali alguma coisa, algo um pouco tenso e desesperado.

Ele queria deixar o pai orgulhoso.

Um ano antes, o Jardineiro dissera-me que a *mulher* estava orgulhosa do filho mais novo, não que ele próprio estava. Não parecera decepcionado, mas talvez, comparado com o orgulho fácil da mãe, o do pai fosse mais difícil de detectar. Ou talvez o pai simplesmente contivesse os elogios até sentir que tinham sido merecidos. Havia várias explicações possíveis, mas aquele rapaz queria deixar o pai orgulhoso, queria sentir-se parte de algo maior.

Estúpido.

Então ouviram-se passos cada vez mais ténues, a afastarem-se. Fiquei onde estava, presa até as paredes subirem. Um minuto ou dois mais tarde, o Jardineiro surgiu na outra extremidade do corredor e chamou-me com um gesto. Obedeci, como sempre fazia, e ele passou distraidamente uma mão pelo meu cabelo, agora de novo apanhado ao acaso. Estava à procura de consolo, acho.

— Anda comigo, por favor.

Esperou mesmo que eu assentisse antes de pousar a mão nas minhas costas e me encaminhar na direcção do corredor. A sala

de tatuagem estava aberta, as máquinas envoltas em proteções de plástico até à chegada de uma nova rapariga; quando entrámos, ele tirou do bolso um pequeno comando preto, premiu um botão e a porta desceu atrás de nós. A porta para a sua suíte privada também estava aberta. O painel emitiu um *bip* quando a porta se fechou. O filho estava em frente à estante e voltou-se ao ouvir o barulho.

Olhou para mim em choque, de boca aberta.

De perto, via-se que ele herdara os olhos do pai, mas a maior parte dele pertencia à mãe. Tinha uma constituição esbelta e dedos longos e elegantes. Mãos de músico, pensei quando me lembrei do que o pai dissera dele. Ainda era difícil adivinhar a sua idade. Podia ter a minha, talvez fosse um pouco mais velho. Eu não era tão boa nesse jogo como o Jardineiro.

O pai apontou para a poltrona sob o candeeiro.

— Senta-te, por favor. — Ele próprio se instalou no sofá e me fez sentar ao lado dele, sempre mantendo as minhas costas escondidas. Enrolei as pernas ao meu lado e encostei-me às almofadas macias, as mãos dobradas sobre o colo. O filho ainda estava de pé, ainda a olhar para mim.

— Desmond, senta-te.

As pernas cederam e ele deixou-se cair na poltrona reclinável.

Se eu contasse histórias de terror a este rapaz chocado, conseguiria ele que a Polícia ali chegasse mais depressa do que o pai poderia matar-me? Ou iria o pai simplesmente matá-lo para o silenciar? O problema dos sociopatas é que nunca sabemos onde eles param.

Não consegui decidir se valia a pena correr o risco, e o que acabou por me conter foi pensar nas outras raparigas. Todo o ar do Jardim vinha de um sistema centralizado. Para nos matar a todas bastava ao Jardineiro colocar algum pesticida ou outra coisa no ar. Afinal, ele devia ter inúmeros produtos químicos

de reserva para tratar das estufas.

— Maya, este é o Desmond. Está no primeiro ano no Washington College.

O que explicava porque só estava com os pais aos fins-de-semana.

— Desmond, esta é a Maya. Ela vive aqui no jardim interior.

— Vive... vive aqui?

— Vive aqui — afirmou. — Como algumas outras. — O Jardineiro sentou-se na beira do sofá, as mãos em volta dos joelhos. — O teu irmão e eu resgatamo-las das ruas e trazemo-las para aqui para uma vida melhor. Alimentamo-las, vestimo-las e cuidamos delas.

Muito poucas raparigas vinham das ruas e não fôramos resgatadas de lado nenhum, mas o resto podia ser verdade, visto de uma certa perspectiva distorcida. Fosse como fosse, o Jardineiro nunca parecia pensar em si como um vilão.

— A tua mãe não sabe disto nem pode saber. A tensão de cuidar de tantas pessoas seria um enorme esforço para o seu coração. — Parecia tão sério, tão sincero. E eu via o filho a acreditar nele. A sua expressão inundou-se de alívio, fazendo desaparecer o horror fugaz que surgira quando pensara que o pai tinha ali um harém para seu bel-prazer.

Era mesmo estúpido.

Havia de aprender. Da primeira vez que ouvisse uma rapariga chorar, da primeira vez que visse as asas de alguém, da primeira vez que as paredes subissem e mostrassem todas aquelas raparigas em resina e vidro, havia de aprender. Por enquanto, engolia tudo. Quando aprendesse, estaria já demasiado envolvido naquilo para fazer o que estivesse certo?

Ficámos ali quase uma hora enquanto o Jardineiro explicava a sua versão das coisas, de vez em quando olhando para mim, para que eu assentisse e sorrisse. Obedeci, sentindo um nó no estômago, mas, tal como Bliss, eu ainda não queria morrer. Não

tinha a esperança da mãe de Johanna, mas, se me restassem alguns anos, queria gozá-los, nem que fosse ali. Tivera demasiadas oportunidades para desistir, ceder, e continuara em frente. Se não cedera ao suicídio, não ia entregar-me à morte sem resistência.

Por fim, o Jardineiro olhou para o relógio.

— São quase duas da manhã — disse com um suspiro — e tu tens uma aula às nove. Anda, vou levar-te a casa. E lembra-te, nem uma palavra, nem sequer ao Avery, a menos que estejas aqui. Dar-te-emos um código quando eu tiver a certeza de que to posso confiar.

Eu também me teria levantado, mas, quando pus os pés no chão, ele fez um gesto discreto que me obrigou a voltar a afundar-me no sofá.

Acho que, afinal, eu era o tipo certo de cadela.

Ele chamava-nos Borboletas, mas, na verdade, éramos cães bem treinados.

Fiquei no sofá exactamente como ele me deixou, sem sequer me levantar para passear pela suíte. Não havia janelas nem outra porta, portanto, não valia a pena. Já tinha visto tudo, claro, mas desta vez não sentia dor nem choque. Isto era algo privado para ele, ainda mais que o Jardim. Nem as Borboletas tinham ali lugar.

Então por que porra estava eu ali? Sobretudo sem ele se encontrar presente?

O Jardineiro voltou cerca de meia hora depois.

— Vira-te — ordenou com voz rouca, despiando a roupa e deixando-a cair numa pilha desordenada no tapete. Obedeci antes que ele pudesse ver-me a cara, virando-me para ficar de joelhos com o vazio atrás de mim. Ele ajoelhou-se, percorrendo cada linha nas minhas costas com os dedos e os lábios trémulos, e percebi que estava a ir-se abaixo devido ao *stress* de contar ao filho, à excitação de que talvez o filho mais novo

pudesse partilhar os seus interesses de uma maneira mais suave do que o mais velho. Atrapalhou-se com os colchetes do meu vestido e, como não conseguiu abri-los à primeira ou segunda tentativa, simplesmente rasgou o tecido, deixando-me com farrapos de seda preta.

Mas se a esperança voou na noite, no dia ou numa visão, ou nenhuma, não ficaria alguma? Tudo o que vemos ou parecemos não passa de um sonho dentro de um sonho.

Nessa altura, eu vivia no Jardim há ano e meio, e até Poe era mais um hábito que uma verdadeira distração. Estava mais consciente daquilo que ele fazia do que gostaria, do suor que caía do seu peito nas minhas costas, dos seus gemidos de cada vez que me puxava para mais perto dele. Demasiado consciente de como ele tentava obter respostas de mim e de todas as formas como o meu corpo me traía, obedecendo, porque nunca houve medo suficiente em mim ou brutalidade da parte dele para me fazer desligar por completo.

Mesmo quando pareceu que ele tinha terminado, ficou onde estava e soprou para os contornos das asas, e, depois de uma volta completa, fê-lo novamente com beijos leves e voltou a fazer tudo de novo, e ocorreu-me que era tão injusto ele ter-nos feito borboletas.

As verdadeiras borboletas podiam voar para longe, para fora do alcance dele.

As Borboletas do Jardineiro só podiam cair, e apenas raramente.

Ela tira o gloss do bolso e reaplica-o com mãos trémulas. Observando-a, vendo como o gesto a ajuda a recuperar alguma dignidade, Victor toma nota mentalmente para agradecer à filha a sua consideração. Uma coisa tão simples, mas que resulta muito mais do que ele podia ter esperado.

— E foi assim que conheci o Desmond — diz ela após um minuto.

Eddison franze a testa para as pilhas de fotografias e outros papéis.

— Como pôde ele...?

— As pessoas que querem muito acreditar numa coisa geralmente acreditam — responde ela. — Ele queria que o pai tivesse uma explicação boa e razoável, e, quando esta lhe foi apresentada, quis acreditar e acreditou. Durante algum tempo, acreditou.

— Disse que nessa altura estava lá há ano e meio — murmura Victor. — Contava os dias?

— Não ao início. Então recebi um presente inesperado no meu aniversário.

— Da Bliss?

— Do Avery.

Depois daquela primeira vez, quando o pai o puniu pelo que ele me tinha feito, e a Giselle, Avery só me tocara duas vezes e apenas com o consentimento específico do pai e a ameaça de que, se me acontecesse alguma coisa desagradável, lhe aconteceria o mesmo. Não me esbofeteou nem me estrangulou, não me amarrou, para além de me prender os pulsos atrás das costas, mas conhecia outras formas de tornar as coisas dolorosas.

Depois de cada uma dessas duas vezes com Avery, passei a maior parte da semana seguinte desidratada, porque, se urinar ia doer, pelo menos queria que isso não acontecesse muitas vezes.

Ele ainda me observava, provavelmente como Desmond o observara até encontrar uma maneira de entrar no jardim interior. Eu era algo que não devia ser tocado, portanto, era

fascinante e desejável.

A quarta vez que tive de o suportar, começou como nas vezes mais recentes, com o Jardineiro a vir ter comigo e a explicar que Avery pedira autorização para estar algum tempo na minha companhia, mas que tinha os seus limites, tal como das duas últimas vezes. Era a sua forma de me reconfortar. Ainda não podíamos dizer que não, porque isso lhe desagradava, mas ele achava que era reconfortante saber que Avery não podia magoar-nos sem haver repercussões.

O facto de as repercussões só acontecerem depois de termos sido mutiladas ou mortas não era nada reconfortante, mas ele nunca parecia perceber isso. Ou talvez percebesse e apenas ignorasse a preocupação. Afinal, aquele homem parecia acreditar genuinamente que estava a dar-nos uma vida melhor do que a que tínhamos no Exterior, que estava a cuidar de nós.

Assim, não particularmente reconfortada, segui Avery até à sua sala de jogos e vi-o fechar a porta, despi-me quando ele me mandou e deixei-o prender-me às algemas na parede, deixei-o amarrar uma venda com força sobre os meus olhos. Na altura, já passara para a prosa de Poe, pois era mais difícil de decorar porque não rimava, e preparei-me para recitar «O Coração Delator».

Ao contrário do Jardineiro, Avery não acreditava nos preliminares, não se preocupava em preparar-nos ou, pelo menos, lubrificar-nos, porque gostava de nos magoar. Não me espantou que tenha ido directo ao assunto.

A certa altura, surpreendeu-me ao retirar-se antes de terminar. Ouvi-o na extremidade do aposento, onde guardava a maior parte dos seus brinquedos, mas o tempo foi passando e ele não voltou para mim. Ao poucos, porém, apercebi-me de um cheiro diferente. Não consegui identificá-lo, parecia café velho ou uma cafeteira ao lume depois de toda a água ter evaporado. Por fim, ouvi os seus passos pesados no chão de

metal frio quando ele voltou, e a seguir, meu Deus, a dor lancinante quando ele encostou qualquer coisa à minha anca que me queimou e rasgou. Era diferente de tudo o que eu já sentira antes, uma agonia tão intensa que me concentrou toda num único ponto e tentou destruir-me.

Gritei, a minha garganta contraindo-se em volta do som que irrompeu dela.

Avery riu-se.

— Parabéns, sua puta arrogante.

A porta abriu-se e ele girou, mas, mesmo depois de a ferramenta ser retirada, a agonia permaneceu, roubando-me todo o fôlego e fazendo morrer o meu grito. Ouvi sons no quarto, mas não consegui entendê-los. Arquejei e tentei inspirar, mas parecia que os meus pulmões se tinham esquecido de como funcionar.

Em seguida, umas mãos mexeram nas algemas dos meus pulsos e tornozelos, e eu encolhi-me.

— Sou eu, Maya, só eu. — Reconheci a voz do Jardineiro, senti mãos familiares a arrancarem-me a venda para eu poder vê-lo. No chão atrás dele, Avery jazia esparramado de forma pouco elegante, com uma agulha hipodérmica a tremer no pescoço. — Sinto muito, nunca pensei... ele tem estado... sinto muito. Nunca mais te tocará.

A ferramenta estava no chão ao lado de Avery. Quando a vi, mordi a língua para me impedir de vomitar. O jardineiro soltou a última das algemas e quase tornei a gritar quando tentei dar um passo.

Ele pegou-me ao colo e cambaleou dali para fora em direcção à enfermaria. Quase me deixou cair no divã estreito para poder premir o botão de chamada de Lorraine. Então ajoelhou-se ao meu lado, apertando a minha mão nas suas e dizendo uma e outra vez que lamentava muito, mesmo depois de Lorraine ter chegado, arquejante, e deitado mãos à obra.

O lado positivo de tudo isto foi não ter de lidar com Avery durante muito tempo e a sua sala de jogos ter sido completamente desmantelada. Mas o pai não podia negar-lhe completamente o acesso — o Jardim era quase a única maneira que ele tinha de controlar Avery —, portanto, ainda havia outras formas de ele magoar as raparigas. Lá se ia o lado positivo da coisa.

Ele não quer saber. Não quer mesmo saber e vê esse desejo espelhado em Eddison.

Mas têm de saber.

— No hospital não disseram nada.

— Vocês arrastaram-me para aqui antes de eles me terem examinado.

Ele inspira profundamente, um pouco trémulo, e exala, quase num silvo.

— Inara.

Sem uma palavra, ela levanta-se e enrola o casaco e o *top* até ao meio da barriga, expondo outras queimaduras, cortes e a borda inferior de uma costura no flanco. O botão das calças de ganga já está desabotoado. Então ela desce o fecho, depois leva a mão ao lado esquerdo e prende um polegar nas calças e nas cuecas de algodão às riscas verdes, baixando-as apenas o suficiente para os agentes verem.

O tecido cicatricial é cor-de-rosa e ondulado ao longo do osso da anca. Apenas as extremidades das asas desbotaram para rosa-pálido e branco. Ela esboça um meio sorriso de esguelha.

— Dizem que não há duas sem três.

Três borboletas para uma rapariga alquebrada: uma pela personalidade, uma pela posse e uma pela insignificância.

Ela arranja a roupa e senta-se, tirando uma bolacha da caixa que foi preterida pelos bolos de canela caseiros.

— Há alguma possibilidade de se arranjar água, por favor?

Em resposta, ouve-se uma pancada do outro lado do vidro.

Victor acha que deve ser Yvonne. Porque é mais fácil quando se tem algo para fazer.

A porta abre-se, mas é um analista que espreita, atirando três garrafas de água a Edison antes de voltar a fechar a porta. Edison entrega uma a Victor, depois desenrosca a tampa de outra e coloca-a diante de Inara. Ela olha para as mãos feridas, para os sulcos da tampa de plástico, e assente, bebendo um longo gole.

Victor pega na fotografia do rapaz e coloca-a em destaque sobre a mesa.

— Fale-nos do Desmond e do Jardim, Inara.

Ela pressiona a base das mãos contra os olhos. Por um momento, a pele rosa, vermelha e roxa sobre o seu rosto parece uma máscara.

Quase como uma borboleta.

Victor estremece, mas estende a mão sobre a mesa para lhe baixar delicadamente os braços. Mantém as mãos sobre as dela, tendo o cuidado de não exercer demasiada pressão sobre as queimaduras, e espera que ela encontre as palavras. Ao fim de vários minutos de silêncio, ela vira as mãos sob as dele até poder apertar-lhe levemente os pulsos, e ele corresponde ao aperto.

— Durante algum tempo, o Desmond não soube a verdadeira natureza do Jardim — diz para as mãos dele. — Talvez durante bastante tempo, pelos vistos. O pai certificou-se disso.

O Jardineiro não deu logo um código de acesso ao filho mais novo. Durante as primeiras semanas, acompanhou Desmond pelo Jardim, controlando o que ele via e com quem falava. Bliss, por exemplo, foi uma das apresentações mais recentes,

depois de o Jardineiro ter tido a oportunidade de conversar longamente com ela sobre o que era e não era apropriado mostrar ou dizer ao filho.

Desmond não viu as que gritavam nem as que davam graxa, e as que eram autorizadas a interagir com ele receberam um vestido com costas.

Bliss teve um ataque de riso quando encontrou o dela cuidadosamente dobrado à porta do quarto. Fora Lorraine quem os deixara ali, e durante algum tempo pareceu muito satisfeita. Não sabia que Desmond tinha descoberto o Jardim, não sabia que aquilo era temporário.

Julgou que estávamos a partilhar o seu castigo, o seu exílio.

Os vestidos eram simples, mas elegantes, como tudo o resto no nosso roupeiro. Ele sabia todos os nossos tamanhos e é provável que tivesse mandado Lorraine ir comprá-los — apesar dos ataques de pânico dela ao pensar em deixar a segurança do Jardim —, mas, como os tivemos tão depressa, não pode ter havido outra maneira. Ainda eram pretos, claro. O meu era quase uma camisa, sem mangas e com botões até à cintura; depois tinha um cinto largo preto e alargava numa saia até aos joelhos. Adorei-o, embora não o confessasse a ninguém.

As nossas asas estavam escondidas, mas, para deleite do Jardineiro, eu ainda tinha umas à mostra. A borboleta preta tribal que fizera com as raparigas no apartamento continuava bastante nítida no meu tornozelo direito. Como as nossas asas estavam escondidas, podíamos usar o cabelo como queríamos. Bliss soltou o dela num emaranhado de caracóis que se prendia em tudo, enquanto eu usava o meu numa trança simples. Parecia um grande luxo.

O Desmond das duas primeiras semanas era a sombra do pai, educado e respeitoso, atento às perguntas que fazia para não forçar a paciência do progenitor. Fomos cuidadosamente treinadas nas nossas respostas. Se ele perguntasse alguma coisa

sobre as nossas vidas de antes, deveríamos baixar os olhos e murmurar algo acerca de ser melhor esquecer coisas dolorosas. Só à quinta ou sexta vez que ele ouviu isto é que começou a achar estranho.

Que tenha sequer achado isto estranho fez-me rever a minha avaliação inicial da sua inteligência.

Só um pouco, no entanto. Afinal, ele ainda acreditava na história do pai.

Vinha à noite durante algumas horas, não todas as noites, mas quase. Depois das aulas, se não tinha muitos trabalhos de casa. Durante essa apresentação, Avery foi completamente banido do Jardim e o Jardineiro não tocava em nenhuma de nós enquanto Desmond lá estava. Tocava-nos mais tarde, claro, ou antes, mas não onde o filho pudesse ver. As paredes mantiveram-se descidas para as raparigas nas vitrinas, não apenas a partir do exterior mas também as paredes laterais dos quartos. Estivemos *semanas* sem ver as mortas e, embora houvesse um certo sentimento de culpa por querermos esquecê-las ou ignorá-las, era fantástico não ter aquele lembrete constante da nossa morte iminente e da nossa imortalidade.

A introdução de Desmond foi semelhante à forma como Lyonette trazia as raparigas para o Jardim. Primeiro, fazia-as sentirem-se melhor. Em seguida, mostrava-lhes, dizia-lhes, uma coisa de cada vez. Não se fala imediatamente nas tatuagens, não se fala imediatamente no sexo. Elas são aclimatadas a um aspecto de cada vez e, quando já não vacilam perante ele, conhecem outro.

Essa era uma das muitas razões pelas quais as minhas introduções não eram tão meigas como as de Lyonette.

Basicamente, mantinha a minha rotina quer Desmond estivesse ou não no Jardim. Passava as manhãs a conversar com raparigas na gruta, corria antes do almoço e passava as tardes a ler no penhasco ou a jogar no chão. Onde quer que ele

e o pai começassem à tarde, em geral acabavam a conversar comigo no penhasco. Bliss às vezes também lá estava.

Na maior parte das ocasiões, ela via-os subir e descia pelo outro lado, a fim de os evitar.

Por mais que gostasse do temperamento e do espírito de Bliss, o Jardineiro não se importava com isso. Significava menos um risco; assim, talvez o filho não descobrisse a verdade antes de o pai o ter preparado de forma adequada.

Naquela última noite de supervisão directa, o Jardineiro começou a conversar comigo e com Desmond, depois deixou-nos e desceu, dirigindo-se aos corredores. As vitrinas tinham estado cobertas, e acho que ele sentia falta delas. Mas a conversa esmoreceu pouco tempo depois, e, como Desmond não conseguiu encontrar uma maneira de continuar — porque com certeza não era responsabilidade minha fazê-lo —, voltei-me para o meu livro.

— *Antígona?* — pergunta Eddison.

— *Lisístrata* — corrige ela com um pequeno sorriso. — Precisava de uma coisa um pouco mais leve.

— Não posso dizer que o tenha lido.

— Não me surpreende. É o tipo de coisa que se aprecia mais quando se tem uma mulher constante na vida.

— Como...

— A sério? A forma como explode e rosna, a brusquidão e falta de tacto com que interage... quer tentar dizer-me que tem mulher ou namorada?

Um rubor feio mancha o seu rosto, mas... ele está a aprender. Não morde o isco.

Ela sorri.

— Desmancha-prazeres.

— Alguns de nós têm trabalho — responde ele. — Tente

namorar quando o trabalho exige a sua presença a qualquer momento.

— O agente Hanoverian é casado.

— Casou na faculdade.

— O Eddison andava muito ocupado a ser preso na faculdade — observa Victor.

Um rubor mancha a parte de trás do pescoço do parceiro.

Inara anima-se.

— Embriaguez e comportamento desordeiro? Lascívia?

— Agressão.

— Vic...

Mas Victor interrompe-o.

— A faculdade e a Polícia local fizeram merda na investigação de uma série de violações ocorridas no *campus*. Possivelmente de propósito... o suspeito era o filho do chefe da Polícia. Ninguém apresentou queixa. A escola não impôs disciplina.

— E o Eddison foi atrás do rapaz.

Ambos assentem.

— Um justiceiro. — Ela reclina-se na cadeira com uma expressão pensativa. — Quando não recebemos justiça, fazemo-la.

— Isso foi há muito tempo — murmura Eddison.

— Foi?

— Eu defendo a lei. Não é perfeita, mas é a lei, e é o que temos. Sem justiça, não temos ordem nem esperança.

Victor vê a rapariga a absorver aquilo, a analisá-lo.

— Gosto da sua ideia de justiça — diz ela, por fim. — Não sei é se realmente existe.

— Isto — diz Eddison e bate na mesa —, isto também faz parte da justiça. É aqui que começamos a encontrar a verdade.

Ela esboça um breve sorriso.

E encolhe os ombros.

Ficámos em silêncio tempo suficiente para que ele se sentisse desconfortável. Mudou de posição na rocha e puxou a camisola do corpo por causa do calor que vinha do telhado de vidro. Ignorei-o, até que o aclarar da sua garganta indicou que queria finalmente falar. Fechei o livro sobre um dedo e dei-lhe a minha atenção.

Ele recuou.

— Tu... hum... és uma pessoa muito *directa*, não és?

— Isso é mau?

— Não... — disse ele devagar, como se não tivesse a certeza. Respirou fundo e fechou os olhos. — Quanto do que o meu pai me anda a dizer é mentira?

Aquilo merecia que eu encontrasse o marcador. Enfiei-o entre as páginas e pousei o livro na rocha atrás de mim com cuidado.

— O que te faz pensar que alguma coisa o é?

— Ele está a esforçar-se demasiado. E... bem, essa coisa toda de ser um assunto privado... Quando eu era pequeno, ele levou-me ao seu escritório, mostrou-me tudo e explicou que trabalhava muito lá e que eu nunca devia interrompê-lo. *Mostrou-me tudo*. Nunca o fez com este sítio, portanto, eu sabia que tinha de ser diferente.

Virei-me de frente para ele com as pernas cruzadas na rocha aquecida pelo sol e compus a saia para tapar o que era importante.

— Diferente de que maneira?

Ele seguiu o meu exemplo, e ficou tão próximo que os nossos joelhos se tocaram.

— Ele está realmente a salvar-vos?

— Não achas que essa é uma pergunta que deves fazer ao teu pai?

— Prefiro fazê-la a alguém que me possa contar a verdade.

— E achas que sou eu?

— Porque não? És uma pessoa muito directa.

Sorri, contrariada.

— Directa não significa sincera. Pode apenas significar que sou muito directa nas minhas mentiras.

— Então tencionas mentir-me?

— Tenciono dizer-te para perguntares ao teu pai.

— Maya, o que está o meu pai a fazer aqui?

— Desmond, se achasses que o teu pai estava a fazer alguma coisa menos correcta, qual seria a tua reacção? — Será que ele tinha ideia da eventual importância da sua resposta?

— Eu... bem, faria... — Abanou a cabeça, coçando o cabelo já um pouco comprido. — Acho que isso dependeria da coisa.

— Então o que achas que ele está a fazer?

— Para além de trair a minha mãe?

Bem visto.

Ele respira fundo.

— Acho que ele vem fazer sexo com vocês.

— E se assim for?

— Está a enganar a minha mãe.

— O que seria problema da tua mãe, não teu.

— Ele é meu pai.

— Não é teu cônjuge.

— Porque não me dás uma resposta directa?

— Porque me perguntas a mim e não a ele?

— Porque não sei se posso confiar no que ele diz. — Corou, como se pôr em causa a palavra do pai fosse algo vergonhoso

— E achas que podes confiar em mim?

— Todas as outras confiam. — O seu gesto abarcou todo o Jardim, a meia dúzia de raparigas que podia sair dos quartos quando Desmond lá estava.

Mas todas as paredes estavam descidas sobre as raparigas que costumavam insinuar-se na esperança de serem libertadas, com as segundas asas nos rostos. Estavam descidas sobre as

choronas e as apáticas e — tirando Bliss — as cronicamente birrentas. Estavam descidas sobre aquelas dezenas de raparigas nas vitrinas e sobre as vitrinas vazias que não eram suficientes para conter as gerações atuais, e ninguém sabia o que ele faria quando acabassem.

— Não és um de nós — disse eu sem rodeios. — Por causa de quem és, do que és, nunca serás.

— Porque sou privilegiado?

— Mais do que imaginas. Elas confiam em mim porque lhes provei que podem. Não tenho interesse em provar-te isso.

— Qual achas que seria a reacção dele se eu lhe perguntasse?

— Não sei, mas ele vem a subir, e peço-te que não lhe perguntes à minha frente.

— Não é fácil perguntar-lhe seja o que for — murmurou.

Eu sabia por que motivo isso era verdade para nós. Achei que era cobardia ser, aparentemente, verdade para ele.

O pai juntou-se a nós, então, observando-nos de pé com um sorriso.

— Estás a dar-te bem, Desmond?

— Sim, pai. É muito agradável conversar com a Maya.

— Alegra-me ouvir isso. — A sua mão agitou-se como se fosse tocar-me no cabelo, mas conteve-se no último segundo e levantou-a para esfregar o queixo. — Está na hora de nos juntarmos à tua mãe para o jantar. Vejo-te mais tarde, Maya.

— Claro.

Desmond levantou-se e levou as costas da minha mão aos lábios. A sério?

— Obrigado pela tua companhia.

— Claro — repeti.

Vi-os atravessar o Jardim. Em breve estariam sentados numa sala de jantar com Eleanor e Avery, uma família perfeitamente normal a conversar durante uma refeição, apesar das mentiras que pairavam sobre a mesa como uma névoa.

Minutos depois, ouvi Bliss aproximar-se.

— Que idiota. — Ela resfolegou.

— Talvez.

— Vai falar com a Polícia?

— Não — respondi com relutância. — Acho que não.

— Então é um idiota.

Por vezes, era difícil argumentar com a lógica de Bliss.

Mas, outras vezes, os idiotas podiam ser usados.

— Porque pensou que ele não falaria com a Polícia?

— Pela mesma razão que não fazia ao pai aquelas perguntas importantes — responde ela com um encolher de ombros. — Porque tinha medo. E se ele fosse à Polícia e a explicação do pai fosse verdade? Ou, pior, e se não fosse? Talvez ele quisesse fazer o correcto, mas acabara de completar vinte e um anos. Quantos de nós sabem o que é correcto nessa idade?

— Você ainda não chegou a essa idade — observa Eddison, e a rapariga acena com a cabeça.

— E não alego saber o que é correcto. Ele queria acreditar no pai. Eu nunca tive ninguém em quem quisesse acreditar assim tanto. Nunca senti necessidade de que alguém se orgulhasse de mim.

Ela sorri de repente, meiga e amarga e ligeiramente triste.

— Mas a Lotte preocupava-se com isso.

— A Lotte?

— A filha mais nova da Sophia. Lembro-me de uma vez, depois de termos trabalhado até às três da manhã, em que a Sophia apareceu na escola das filhas às oito e meia para poder ver as peças de teatro da turma. Contou-nos como tudo correria depois de ter dormido a sesta. — O sorriso alarga-se, intensifica-se e, por um momento, Victor pensa estar a ver a verdadeira Inara Morrissey, a rapariga que encontrou um lar

naquele apartamento estranho. — A Jillie era destemida, confiante, o tipo de criança que se metia em qualquer coisa, sem hesitação. Lotte... não. Raparigas com irmãs mais velhas como Jillie provavelmente nunca o são.

»De qualquer forma, estávamos em volta da mesinha de centro, sentadas no chão a comer um sortido louco de comida do Taki. A Sophia sentia-se demasiado cansada para se vestir. Aproximou-se em roupa interior, o cabelo a tapar-lhe a maior parte das tatuagens e pouco dos seios, e sentou-se para comer. Lotte andara preocupada com a sua fala durante semanas, ensaiando-a repetidamente com cada uma de nós quando íamos visitá-la com a mãe, e todas queríamos saber como ela se saíra.

Victor assistira àquelas peças da escola.

— E então?

— Lembrara-se de metade. Da plateia, a Jillie gritara o resto. — O sorriso muda, desaparece. — Nunca fui invejosa, nunca percebi o objectivo. Mas aquelas raparigas... aquilo que tinham uma com a outra e com a Sophia... mereciam ser invejadas.

— Inara...

— Podíamos comprar qualquer coisa no Taki — interrompe ela rapidamente, agitando os dedos queimados e cortados como se quisesse rejeitar o sentimentalismo. — Ficava entre a estação e o nosso prédio, nunca fechava, e ele fazia qualquer coisa, mesmo se comprássemos os ingredientes na mercearia ao lado. Como trabalhávamos num restaurante, nenhuma de nós queria cozinhar.

O momento em que ele podia ter insistido desapareceu tão depressa como surgiu, mas toma nota mentalmente. Não é ingénuo ao ponto de pensar que ela confia neles. Ainda assim, não acredita que queira revelar tanta emoção. Está tão concentrada no que quer esconder — e concorda com Eddison, ela está a esconder algo importante —, que as outras coisas começam a surgir.

Ele gosta de Inara e vê as filhas sempre que olha para ela, mas tem um trabalho a fazer.

— E o Jardim? — pergunta num tom inexpressivo. — Acho que comentou que Lorraine tinha ordens para preparar apenas comida saudável!

Ela faz uma careta.

— Estilo cantina. Íamos para a fila, recebíamos a comida e depois sentávamo-nos naquelas mesas com bancos que nos faziam sentir que tínhamos voltado à primária. A menos que quiséssemos levar o tabuleiro para o nosso quarto, o que podíamos fazer sempre que quiséssemos, desde que o devolvêssemos na refeição seguinte.

— E se não gostavam do que era servido?

— Comíamos tudo o que conseguíamos. Se havia uma verdadeira alergia a determinado alimento, éramos perdoadas, mas, se não comêssemos o suficiente ou fôssemos muito esquisitas, as coisas não acabavam bem para nós.

Havia duas gémeas quando lá cheguei. Pareciam iguais, tal como as asas tatuadas nas suas costas, mas eram pessoas muito, muito diferentes. Magdalene e Magdalena. Maggie, a mais velha alguns minutos, era alérgica à vida. A sério, não era sequer capaz de sair para o Jardim porque não conseguia respirar lá fora. Se alguma vez precisássemos de ajuda para adormecer, bastava pedirmos-lhe que enumerasse as suas alergias alimentares. Lena, por outro lado, não era alérgica a nada. Num dos seus raros momentos de insensibilidade, o Jardineiro pô-las no mesmo quarto e visitava-as sempre ao mesmo tempo.

Lena gostava de correr no Jardim e muitas vezes acabava encharcada e enlameada e coberta de plantas. Isto gerava um grande problema quando tentava voltar ao quarto para tomar

duche. Mesmo que Maggie estivesse na sala de jantar, voltaria mais tarde, encontraria uma folha de erva no chão e enlouqueceria. Maggie era alérgica aos primeiros vinte sabonetes fornecidos pelo Jardineiro e, mesmo assim, queixava-se de que a sua pele era seca, de que o seu cabelo era escorrido e sempre, *sempre*, de que não conseguia respirar e de que os seus olhos estavam inflamados e de que nenhuma de nós tinha qualquer pena dela, etc.

Maggie estava habituada a que os pais se esforçassem para que ela estivesse sempre confortável.

Mas eu gostava de Lena. Nunca se queixava — nem quando Maggie estava numa fase irritante — e explorava o Jardim tanto como eu. Às vezes, o Jardineiro até escondia pequenos tesouros para ela encontrar, simplesmente porque sabia que os encontraria. Ela adorava rir e aproveitava qualquer desculpa para o fazer, e tinha uma daquelas disposições implacavelmente alegres que seriam irritantes se não *soubéssemos* que ela conhecia a gravidade da situação. Escolheu ser feliz porque não gostava de estar triste ou chateada.

Tentou explicar-me isto, e quase percebi, mas não muito bem, porque, sejamos francos: não sou esse tipo de pessoa. Não escolho estar triste ou zangada mas também não escolho exactamente estar feliz.

Maggie nunca comia connosco, porque dizia que estar no mesmo aposento com certos alimentos lhe provocaria uma reacção grave. A irmã tinha quase sempre de lhe levar um tabuleiro de comida especialmente preparada, depois ir buscá-lo antes da refeição seguinte. Mas Lena tinha tempo para isso, porque lhe podíamos colocar qualquer refeição à frente que ela a engolia em menos de cinco minutos. Lena comia tudo sem se queixar.

E Lena era uma das poucas pessoas no Jardim com quem eu me preocupava de veras, porque entendíamos que, se o

Jardineiro mantinha as gêmeas como um par em todas as outras coisas, também o faria na morte.

Elas estavam lá há seis meses quando cheguei, com Lyonette a formar uma barreira cuidadosa entre Maggie e o resto do nosso pequeno mundo, e felizmente o Jardineiro parecia divertido com a necessidade que Maggie tinha de atenção especial.

Pelo menos, até se aborrecer.

Eu encontrava-me presente quando essa mudança teve início, e já não havia Lyonette para se preocupar com Maggie.

De vez em quando, o Jardineiro sentia o desejo de jantar connosco, como um rei com a sua corte. Ou, como disse Bliss, um sultão com o seu harém. Mandava Lorraine informar-nos durante o pequeno-almoço de que viria jantar naquela noite, suponho que para podermos ter um cuidado especial com a nossa aparência.

Naquela tarde, encontrava-me no quarto de Danelle com uma tigela de água no colo para poder humedecer cuidadosamente o seu cabelo sempre que precisava de passar a escova por ele. Ela estava sentada à minha frente na cama, a entrançar fitas no cabelo de Evita antes de o apanhar na sua nuca loira. Eu entrançava pequenas partes do cabelo de Danelle para o drapear entre dois nós altos e outras para lhe caírem pelas costas. Eram demasiado finos para tapar as asas, mas eram o seu pequeno gesto de desafio. Hailee estava atrás de mim a fazer qualquer coisa com uma escova e ganchos, enquanto Simone estava atrás dela com fitas e elásticos e óleo.

Eu nunca tinha frequentado uma escola de dança, mas podia ter parecido que estávamos a preparar-nos para algo parecido, algo divertido e maravilhoso, algo por que ansiar, e ao fim da noite teríamos recordações agradáveis para guardar. Não era nada disso que acontecia aqui no Jardim. Com a presença da água e a hipótese de ela se entornar, vestíamos apenas roupa

interior, e ninguém estava a rir ou a tagarelar como provavelmente estariam raparigas que se preparassem para dançar.

Lena entrou, ainda a pingar do duche — ou de um mergulho na lagoa, conhecendo-a —, e sentou-se no chão.

— Ela diz que não vai.

— Mas vai — suspirou Danelle.

Terminei a última trança e deixei-a cair contra as suas costas.

— Ela diz que não.

— Nós tratamos disso. — Deu uma palmadinha na nuca de Evita e levantou-se da cama com a escova. — Senta-te. — Ajoelhou-se atrás de Lena, que obedeceu prontamente.

Devia ter sido o fim da conversa, sobretudo quando Danelle chegou ao quarto de Maggie, mas, enquanto nos vestíamos e reuníamos no corredor, podíamos ouvi-las a discutir. Algo se estilhaçou contra uma parede, e um minuto depois uma Danelle com uma bochecha rosada saiu de lá. Apenas uma parte da marca da mão era visível através das asas vermelhas e roxas.

— Ela está a vestir-se. Vamos.

O Jardineiro ainda não estava na sala de jantar quando chegámos, duas a duas, como meninas da escola. Danelle e eu ficámos para trás, a fim de deixarmos as outras entrar, puxando os vestidos para assentarem correctamente, fixando um gancho aqui ou ali. Quando todas estavam sentadas, encostei-me à parede.

— Ela está mesmo a vestir-se?

Danelle revirou os olhos.

— Céus, espero que sim.

— Acho que vou certificar-me.

— Maya... — Ela parou, depois abanou a cabeça. — Não interessa, vai lá. — Danelle decidira abandonar a sua apatia pós-graxista para me ajudar depois de Lyonette ir para a

vitrina. Eu ainda não arranjava forma de lhe dizer como estava grata.

Maggie não começara a vestir-se. Na verdade, estava muito ocupada a tentar enfiar toda a sua roupa — que partilhava com a irmã gémea — na sanita. Encolheu-se quando aclarei a garganta junto à entrada, depois ofegou com esforço enquanto me fitava com ar de desafio. Tinha o mesmo cabelo loiro-escuro que o Jardineiro e Avery, naquele momento em desalinho sobre a cara. Com os olhos castanhos e o nariz direito, podia facilmente ter passado por filha dele.

O que, sabem, seria nojento.

— Não vou.

— Vais sim, porque estás a pôr em perigo a tua irmã.

— E ela não me põe em *perigo* sempre que entra aqui coberta de coisas capazes de me matar? — perguntou.

— Alergias não são o mesmo que irritar o Jardineiro, e tu sabe-lo bem.

— Não vou! Não vou, não vou, não vou!

Dei-lhe uma bofetada.

O som ecoou no pequeno quarto, a pele imediatamente a ficar rosada em torno da zona de impacto. Ela olhou para mim com lágrimas nos olhos enquanto cobria o rosto com uma mão. Avery não tinha autorização de lhe tocar por causa das alergias, portanto, duvido que alguma vez tivesse sido esbofetada antes, por muito rápida que fosse a esbofetear os outros. Enquanto o choque a mantinha imóvel, apanhei-lhe o cabelo e preendi-o num nó alto, segurando-o com alguns ganchos.

Agarrei-lhe no braço com força e arrastei-a para o corredor.

— Vamos.

— Não vou — soluçou ela, arranhando-me a mão e o braço.
— Não vou!

— Se tivesses conseguido agir com um pouco de maturidade,

podias estar vestida e calma e isto tudo acabaria ao fim de uma hora, ou coisa parecida, mas não, tinhas de te armar em princesa mimada, e agora estás nua e nervosa e vais explicar ao Jardineiro porque o desrespeitas desta forma.

— Diz-lhe que estou doente!

— Ele já sabe que não estás — rosnei. — A Lorraine ter-lhe-ia dito, ou não achaste estranho ela ter ido ver como estávamos durante a tarde?

— Isso foi há horas!

— Tu tens todas as alergias e a Lena toda a inteligência — murmurei, e tirei um cabelo solto da boca. — Magdalene, por favor, tenta não ser *idiota*. É uma refeição. A tua comida será preparada à parte, como sempre, sentar-te-ás na ponta da mesa, longe dos pratos das outras, como sempre.

— Porque é que nenhuma de vocês percebe? — Ela tentou dar-me um pontapé e, como não conseguiu, atirou-se para o chão. Continuei a arrastá-la atrás de mim até que a fricção no seu flanco a fez voltar a ficar de pé. — Posso adoecer mesmo! Posso morrer!

Foi a gota de água.

Virei-me e empurrei-a contra uma das vitrinas, a sua cabeça entre as asas abertas da tatuagem. A garota estivera lá antes de Lyonette, antes da que dera as boas-vindas a Lyonette, e nenhuma de nós sabia o seu nome, apenas que era uma *Gulf Fritillary*^[7], e era lastimável saber isso.

— Se não jantares connosco, vais morrer, tal como a tua irmã. Vê se percebes de uma vez por todas.

Ela começou a chorar mais, com grande soluços e muito ranho. Enojada, voltei a apertar-lhe o braço e dobrei a esquina.

O Jardineiro estava à entrada da sala de jantar, com os braços cruzados sobre o peito e o rosto franzido.

Porra.

— Há algum problema, meninas? — perguntou.

Olhei para Maggie, nua e chorosa, e para a marca rosada da minha mão no seu rosto, bem como para o começo do que provavelmente seria uma bela nódoa negra no seu braço onde a agarrava.

— Não? Estou a ver.

Infelizmente, via mesmo. Observou-a durante o jantar, sentado na ponta da mesa entre mim e Danelle, e viu Maggie empurrar a comida no prato especialmente preparado, sem comer uma única garfada. Viu-a recusar-se a entrar na conversa ou até a responder às perguntas que lhe eram feitas directamente. Viu-a encostar o copo de água gelada à face — enquanto Danelle simplesmente fingia que a sua bochecha inchada não a incomodava —, viu-a curvar-se sobre si mesma o máximo que a mesa permitia, para esconder a sua nudez.

Enquanto comíamos, um pouco confrangidas, o *cheesecake* e bebíamos café, ele aclarou a garganta e inclinou-se para mim.

— A bofetada era realmente necessária?

— Sim, para a acalmar.

— Aquilo é estar calma?

Considereei a melhor maneira de responder. Não queria lixar Maggie — Lena, na verdade — mas também não me queria lixar.

— Mais calma.

Ele limitou-se a assentir e, quando olhei para Danelle e vi a resignação sombria nos seus olhos, senti um aperto no estômago.

— Quanto tempo? — pergunta Eddison.

— Mais duas semanas — murmura ela. — Já ouviram aquela expressão: o que foi visto não pode ser esquecido? Depois daquela noite, ele estava sempre carrancudo quando olhava para uma das gémeas. Então, uma noite, as paredes foram

descidas. Dois dias depois, elas foram postas imediatamente à direita da sala de jantar.

Victor entrega-lhe a pilha de fotos do corredor. Um minuto ou mais depois, ela devolve-a com uma fotografia diferente em cima.

— Juntas?

— Na morte como na vida — concorda ela com uma expressão sombria.

Lado a lado na mesma vitrina, as gémeas estão muito próximas, de mão dada.

— *Swamp Metalmarks*[\[8\]](#) — acrescenta a rapariga enquanto passa um dedo sobre as asas cor de laranja e acobreadas. Uma tem a cabeça apoiada no ombro da outra; a cabeça da irmã repousa contra a dela. Parecem...

— Nunca se deram tão bem quando eram vivas.

Ela pega na pilha de fotografias do corredor e percorre-as com uma expressão indecifrável. Ao cabo de um momento, começa a separá-las em duas pilhas à sua frente. Quando termina, a da esquerda é muito mais alta. Empurra-a para a extremidade mais afastada da mesa e então pousa as mãos na pilha mais pequena, os dedos cruzados.

— Conheço estas raparigas — diz em voz baixa. A sua expressão é neutra. — Algumas não muito bem, outras eram como pedaços da minha alma, mas conhecia-as. Sabia os nomes que ele lhes deu. E, depois de Lyonette nos apresentar Cassidy Lawrence, de nos apresentar a parte que podia viver depois de Lyonette entrar na vitrina, as outras aproveitaram as horas antes da morte para nos dizerem os nomes que tinham antes.

— Sabe os seus nomes verdadeiros?

— Não acha que, a certa altura, os nomes das borboletas se tornaram verdadeiros?

— Os seus nomes legais, então.

— Alguns.

— Já podíamos estar a informar as famílias — diz Eddison.
— Porque não nos disse antes?

— Porque não gosto de si — diz ela sem rodeios, e ele tira as fotos de debaixo das suas mãos.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Acredita mesmo que saber permite encerrar o luto, não é?
— pergunta. Pode estar incrédula, ou a gozar; Victor não consegue perceber. Talvez seja outra coisa inteiramente diferente.

— As famílias merecem saber o que aconteceu.

— Merecem?

— Sim! — Afastando-se da mesa, Eddison começa a andar de um lado para o outro diante do vidro espelhado. — Algumas esperam há décadas ter notícias dos seus entes queridos. Se puderem saber... saber que podem finalmente desistir...

Os olhos dela seguem-no através da pequena sala.

— Então você nunca soube.

— O quê?

— O que aconteceu a quem desapareceu. Nunca soube.

Victor pragueja em voz baixa ao ver o rosto pasmado do parceiro. Oh, a rapariga é boa, ele admite isso. Não que seja difícil irritar Eddison, mas afectá-lo tanto?

— Vai encomendar comida — ordena ele. — Descansa alguns minutos.

A porta bate atrás de Eddison.

— Quem foi? — pergunta Inara.

— Acha mesmo que é da sua conta?

— Quanto do que vocês me perguntaram é realmente da vossa?

Não é o mesmo, e ambos o sabem.

— Não acredito que saber ajuda — diz Inara após um momento. — Se os meus pais estão vivos, se estão mortos, isso não muda o que aconteceu naquela altura. Deixou de doer há

muito tempo, assim que aceitei que eles não voltariam.

— Os seus pais decidiram partir — lembra ele. — Nenhuma de vocês optou por ser raptada.

Ela olha para as mãos queimadas.

— Acho que não vejo a diferença.

— Se uma das filhas da Sophia fosse raptada, acha que ela iria parar até saber?

Inara pestaneja.

— Mas como é que isso ajuda? Saber que morreram há anos. Saber que foram violadas e assassinadas e depois violadas ainda mais na morte?

— Porque assim já não têm de se interrogar. Não acha que as raparigas no apartamento estão preocupadas consigo?

— As pessoas partem — diz ela com um encolher de ombros.

— Mas você teria voltado se pudesse — arrisca ele.

Inara não responde. Alguma vez lhe ocorreu voltar? Que podia voltar?

Ele suspira e esfrega o rosto cansado. Não é um debate que algum deles possa ganhar.

A porta bate contra a parede ao abrir-se muito depressa e Eddison entra. Victor pragueja de novo em voz baixa e começa a levantar-se, mas Eddison abana a cabeça.

— Deixa-me ir, Vic. Eu conheço os meus limites.

Ultrapassar esses limites na faculdade fez que o FBI quisesse contratá-lo; ultrapassá-los algumas vezes desde então meteu-o em apuros. Sob a fúria que lhe tinge o rosto de vermelho, Victor pode ver uma determinação calma. É o suficiente para se sentar de novo. Mas, não vá o Diabo tecê-las, fica na beirinha da cadeira.

Eddison contorna a mesa para poder inclinar-se sobre Inara.

— Como você gosta de dizer, é o seguinte: a maioria das pessoas tem alguém que sente a sua falta. Lamento que tenha tido uma família de merda. A sério. Nenhuma criança merece

crescer dessa maneira. Lamento que ninguém tenha sentido a sua falta, mas não tem o direito de decidir por todas essas raparigas que ninguém sente a falta delas.

Pousa uma moldura na mesa; Victor não precisa de olhar para saber o que a moldura contém.

— Esta é minha irmã, Faith — continua Eddison. — Desapareceu quando tinha oito anos, e não, nunca tivemos notícias. Não sabemos se está viva ou morta. Durante vinte anos, a minha família procurou e esperou. Mesmo que tivéssemos encontrado o seu corpo, pelo menos saberíamos. Eu deixaria de olhar para as loiras perto dos trinta e de me perguntar se uma delas é Faith, se estou a passar por ela e não sei. A minha mãe poderia deixar de actualizar o *site* que espera que Faith encontre por acaso. O meu pai poderia pegar no dinheiro da recompensa por informações que guardou todos estes anos e reparar a casa que está a cair à volta deles. Poderíamos finalmente deixar ir a minha irmã.

»Não saber é incapacitante. Vai levar muito tempo a tirar aquelas raparigas da resina e ainda mais a identificá-las. Demasiado tempo. Você tem a oportunidade de dar paz a essas famílias. Tem a oportunidade de as deixar finalmente fazer o luto e prosseguir com as suas vidas. Tem a oportunidade de devolver essas raparigas às suas famílias.

A menina na foto usa uma tiara cor-de-rosa e um fato completo de tartaruga ninja, com máscara nos olhos e tutu cor-de-rosa, e segura uma fronha da Super-Mulher numa das mãos. Um Eddison muito mais novo segura-lhe a outra mão, sorrindo para ela. Não está mascarado, mas a menina que sorri para ele sem dois dentes de baixo não parece importar-se.

Inara toca no sorriso coberto de vidro da criança. Tocou na foto de Lyonette da mesma maneira.

— Ele tirava-nos fotografias — diz, por fim. — Frente e costas, assim que as tatuagens estavam prontas. Se as tirava,

deve tê-las guardado. Não na sua suíte do Jardim... procurei uma vez, mas Lyonette achava que ele devia guardá-las dentro de algum livro, para lhe fazerem companhia quando tinha de estar longe do Jardim. — Ela estuda a foto mais um pouco, depois devolve-lha. — Lotte tinha quase oito anos.

— Vou ligar para a Polícia Científica — diz Eddison a Victor —, pedir-lhes que revistem de novo a casa. — Põe a moldura debaixo de um braço com cuidado e sai da sala.

O silêncio que se segue é quebrado pelo resfolegar suave de Inara.

— Continuo a não gostar dele.

— Está no seu direito — diz Victor com uma risada. — O Desmond alguma vez viu esse livro?

Ela encolhe os ombros.

— Se viu, nunca o mencionou.

— Mas, a certa altura, ele descobriu a verdadeira natureza do Jardim.

— A certa altura.

Desmond usou os seus novos códigos pela primeira vez depois da meia-noite de uma quinta-feira. Bem, tecnicamente, sexta-feira. Passou uma semana ou mais até que o pai acabou por lhos atribuir, uma semana de visitas apenas com o pai, sem fazer perguntas até mesmo quando este se afastava. Já há três semanas que conhecia o Jardim, mas não o verdadeiro.

Eu tinha passado a maior parte do dia isolada no quarto de Simone, ajudando-a com os panos frios e os copos de água enquanto ela sofria de náuseas e vômitos constantes. Era o terceiro dia consecutivo e tínhamos até agora conseguido ocultar de Lorraine o estado dela, mas eu não sabia quanto tempo isso poderia durar. Entre as náuseas e algumas zonas específicas doridas, tive o mau pressentimento de que Simone

estava grávida.

Acontecia algumas vezes, porque nenhuma contracepção é completamente infalível, mas significava sempre outra vitrina cheia e um quarto vazio por algum tempo. Acho que Simone ainda não se apercebera da sua condição. Julgava que Avery tinha trazido a gripe para o Jardim. Acabara por adormecer com uma mão sobre a barriga, e Danelle prometera ficar com ela até de manhã.

O cheiro a vômito azedo agarrava-se a mim, suficientemente forte para me deixar também enjoada. Há muito tempo que eu ganhara o privilégio de usar o meu duche sempre que queria, mas a ideia de estar presa noutro pequeno espaço era quase fisicamente dolorosa. Detive-me no quarto apenas o tempo suficiente para enfiar o vestido e a roupa interior na conduta da roupa suja — demasiado estreita para uma pessoa lá caber, como me informou Bliss — e saí para o Jardim.

À noite, o Jardim era um lugar de sombras e luar, onde se podia ouvir com mais clareza todas as ilusões que o transformavam naquilo que era. Durante o dia havia conversas e movimento, às vezes jogos ou canções, e isso disfarçava o som dos canos a transportarem água e nutrientes através dos canteiros, das ventoinhas que faziam circular o ar. À noite, a criatura que era o Jardim largava a sua pele sintética para revelar o esqueleto por debaixo.

Eu gostava do Jardim à noite, pela mesma razão que adorava os contos de fadas originais. Era o que era, nada mais, nada menos. A não ser que o Jardineiro nos visitasse, a escuridão no Jardim era o mais próximo que chegávamos da verdade.

Atravessei a gruta e entrei na queda-d'água, deixando que esta se derramasse sobre mim e lavasse o azedo da doença e da futura morte. Tinha força suficiente para massajar os músculos doridos e cansados de três dias curvada sobre alguém, empoleirada num banco desconfortável e à espera, a cada

segundo, que Lorraine ou o Jardineiro viessem investigar. Deixei a água lavar tudo isso, então usei as rochas húmidas para me içar até ao cimo do penhasco e à rocha dos banhos de sol. Espremi a maior parte da água do cabelo e depois deitei-me de olhos fechados, esparramada sobre a rocha ainda quente do sol. A cada inspiração e expiração, sentia os meus músculos relaxarem lentamente.

— Directa, mas não muito modesta.

Sentei-me tão depressa que dei um jeito às costas e passei os minutos seguintes a amaldiçoar as pessoas que não anunciavam a sua presença. Desmond estava a alguns metros de distância, as mãos enfiadas nos bolsos, o pescoço inclinado para contemplar o telhado de vidro da estufa.

— Boa noite — cumprimentei com azedume, arranjando uma posição mais confortável na rocha. Toda a minha roupa estava no quarto ou a lavar, portanto, não fazia muito sentido gritar e tentar encontrar alguma coisa com que me tapar. — Vieste ver as vistas?

— São mais vistas do que esperava.

— Pensei que estava sozinha.

— Sozinha? — repetiu ele, encontrando os meus olhos e tendo o cuidado de não os fazer descer. — Num jardim cheio de raparigas?

— Que estão todas a dormir ou ocupadas nos seus quartos — ripostei.

— Ah!

Essa foi a última palavra articulada durante algum tempo. Com certeza não era da minha competência fazer conversa, então virei-me na pedra e olhei para o Jardim, vendo a superfície do lago ondular e balançar onde a água chegava ao riacho. Por fim, ouvi os seus passos na pedra e uma coisa escura pairou à minha frente. Quando estendi a mão para lhe tocar, ele largou-a no meu colo.

O seu pulôver.

A cor era difícil de distinguir ao luar, talvez vermelho-escuro, com o emblema da escola cozido no peito. Cheirava a sabonete e a *aftershave* e a cedro, algo aconchegante e masculino e, sobretudo, estranho no Jardim. Torci o cabelo molhado num nó em cima da cabeça e enfiei o pulôver, e, quando tudo ficou coberto, ele sentou-se ao meu lado na rocha.

— Não conseguia dormir — disse em voz baixa.

— Então vieste até cá.

— Não consigo entender este sítio.

— Dado que não faz sentido, isso é compreensível.

— Então não estás aqui por opção.

Suspirei e revirei os olhos.

— Pára de procurar informações que não tens intenção de usar.

— Como sabes que não vou usá-las?

— Porque queres que ele tenha orgulho em ti — respondi com brusquidão. — E sabes que, se falares disto a alguém, não terá. Perante isso, que importa se estamos aqui por opção ou não?

— Deves... deves pensar que sou um ser humano desprezível.

— Acho que podes vir a sê-lo. — Olhei para o seu rosto triste e sério e decidi correr um risco praticamente pela primeira vez desde que chegara ao Jardim. — Também acho que tens potencial para ser melhor.

Ele ficou em silêncio durante bastante tempo. Um passo tão pequeno, um empurrão minúsculo, mas já parecia demasiado grande. Como podia um progenitor ter tanto controlo sobre um filho ao ponto de o orgulho paternal significar mais que a verdade?

— As nossas escolhas fazem de nós quem somos — acabou por dizer.

Não era aquilo a que eu chamaria uma resposta substancial.

— Que escolhas estás a fazer, Desmond?

— Acho que não estou a fazer quaisquer escolhas agora.

— Então estás automaticamente a fazer as erradas. — Ele endireitou-se, boca aberta para protestar, mas eu levantei a mão. — Não fazer uma escolha é uma escolha. A neutralidade é um conceito, não um facto. Na verdade, ninguém consegue viver a sua vida dessa maneira.

— Pareceu resultar para a Suíça.

— Como nação, talvez. Como achas que as pessoas se sentiram quando souberam o que a sua neutralidade permitiu? Quando souberam dos campos, das câmaras de gás e das experiências, achas que ficaram satisfeitas com a sua neutralidade?

— Então porque não te vais embora? — perguntou. — Em vez de julgar o meu pai por te dar comida e roupas e um abrigo confortável, porque não voltas lá para fora?

— Não julgas realmente que temos códigos, pois não?

Ele esmoreceu, a indignação a desvanecer-se tão depressa como surgiu.

— Ele mantém-vos trancadas?

— Os colecionadores não deixam as borboletas voar em liberdade. É contrário ao seu propósito.

— Podias perguntar.

— Não é fácil perguntar-lhe seja o que for — respondi, repetindo as suas palavras de há uma semana ou mais.

Ele encolheu-se.

Estava cego, mas não era estúpido. O facto de escolher ser ignorante irritava-me mesmo. Despi o pulôver e deixei-o cair no seu colo, deslizando da rocha.

— Obrigada pela conversa — murmurei, descendo rapidamente o caminho que ia até ao nível principal do outro lado do penhasco. Ouvi-o tropeçar quando foi atrás de mim.

— Maya, espera. Espera! — A sua mão fechou-se em torno

do meu pulso e puxou-o para trás, quase a desequilibrar-me. — Desculpa.

— Estás entre mim e a comida. Pede desculpa por isso, se quiseres, e sai do meu caminho.

Soltou-me o pulso, mas continuou a seguir-me pelo Jardim. Saltou à minha frente por cima do pequeno riacho e estendeu a mão para me ajudar do outro lado, algo que achei estranho e encantador. As luzes do tecto da sala de jantar — e da cozinha aberta — estavam apagadas, mas uma luz fraca brilhava por cima do fogão para quem procurasse um petisco tardio. Por momentos, a visão do frigorífico maior e trancado distraiu-o.

Abri a porta do mais pequeno e estudei o conteúdo. Tinha muita fome, mas, como passar o dia ao pé de pessoas a vomitar não faz bem ao apetite, nada me parecia apelativo.

— O que é isso nas tuas costas?

Fechei a porta, bloqueando a luz, mas era demasiado tarde.

Ele aproximou-se por trás de mim, encaminhou-nos para o fogão e, à luz fraca, estudou as asas com todo o seu requintado e excruciante pormenor. Em circunstâncias normais, eu podia ter-me esquecido do seu aspecto. Ele dava-nos espelhos, se pedíssemos; eu nunca o fizera. Bliss, porém, fazia questão de mostrar a todas as suas asas com alguma regularidade.

Por isso, não podíamos esquecer-nos do que éramos.

As borboletas são criaturas com um tempo de vida curto, e isso também fazia parte do que ela queria lembrar-nos.

As pontas dos dedos dele roçaram nos veios mais escuros do castanho sobre as asas superiores, que se estendiam em belas linhas cada vez mais estreitas até à extremidade. Fiquei imóvel, apesar dos arrepios que senti nas costas com a sua tentativa de exploração. Ele não perguntara se o podia fazer, mas devia ser igualzinho ao pai, supus. Os meus olhos fecharam-se, as minhas mãos a formarem punhos junto aos flancos, enquanto os seus dedos desciam para as asas inferiores de rosas e roxos. Não

seguuiu as linhas até mais abaixo, mas sim para dentro, em direcção à minha coluna, até poder passar um polegar pela tinta preta que cobria todo o centro das minhas costas.

— Que lindo — sussurrou. — Porquê uma borboleta?

— Pergunta ao teu pai.

De repente, a sua mão começou a tremer contra a minha pele, contra a marca de propriedade do pai. Mas não a afastou.

— Ele fez-te isto?

Não respondi.

— Doeu muito?

O que mais doía era estar ali, a *deixá-lo* fazer aquilo, mas não o disse. Não disse que doía como a porra ver aquelas primeiras linhas aparecerem nas costas de cada rapariga nova, não disse que a pele ficara tão ferida que não dormira de barriga para cima durante semanas, não disse que ainda não conseguia dormir de barriga para baixo porque me fazia lembrar a primeira violação no banco das tatuagens, quando ele se enfiara dentro de mim e me dera um novo nome.

Não disse nada.

— Ele... ele faz isto a todas? — perguntou a tremer.

Assenti.

— Meu Deus.

Corre, gritei em silêncio. Corre e diz à Polícia ou abre as portas e deixa que sejamos nós a dizer. Faz alguma coisa — qualquer coisa — além de ficares aí especado!

Mas ele não o fez. Ficou atrás de mim, a sua mão contra o mapa de tinta e cicatrizes, até que o silêncio se tornou uma coisa viva e ofegante entre nós. Então fui eu que me afastei, para de novo abrir o frigorífico e fingir que havia alguma coisa normal naquele momento. Tirei uma laranja, fechei a porta com a anca e encostei-me à parte do balcão perpendicular ao resto. Não era bem uma ilha, mas criava uma separação à altura da cintura entre a cozinha e a sala de jantar.

Desmond tentou juntar-se a mim ali, mas as suas pernas cederam e ele deslizou para o chão ao lado dos meus pés, encostando-se aos armários. O seu ombro roçava o meu joelho enquanto eu descascava metodicamente a laranja. Tentava sempre tirar a casca inteira, uma espiral perfeita. Até agora, nunca conseguira. Partia-se sempre.

— Porque faz ele isso?

— Porque achas que é?

— Merda. — Ele levantou os joelhos e curvou-se sobre eles, cruzando os braços sobre a nuca.

Soltei o primeiro gomo e chupei-o, colocando as sementes na casca.

E o silêncio cresceu.

Depois de o gomo ficar sem sumo, enfiei-o na boca e mastiguei. Hope costumava gozar com a minha forma de comer laranjas, dizendo que deixava os rapazes muito pouco à vontade. Eu deitava-lhe a língua de fora e dizia-lhe que os seus rapazes não precisavam de assistir. Fosse como fosse, Desmond não estava a ver. Passei para o segundo gomo, depois para o terceiro e o quarto.

— Ainda acordada, Maya? — perguntou o Jardineiro, da porta, num tom ligeiro. — Sentes-te bem?

Desmond olhou para cima, o rosto pálido e aflito, mas não se levantou nem disse nada que anunciasse a sua presença. Sentado no chão contra os armários, não seria visto, a menos que o Jardineiro fosse até ao balcão e olhasse para baixo. O Jardineiro nunca entrava na cozinha.

— Sinto — respondi. — Só me apeteceu vir comer alguma coisa depois de me lavar na queda-d'-água.

— E não quiseste dar-te ao trabalho de te vestir? — Ele riu e entrou na sala de jantar, sentando-se na cadeira grande e estofada que lhe estava reservada. Tanto quanto eu sabia, ele nunca tinha visto a coroa tosca que Bliss fizera nas costas. Era

vagamente parecida com um trono, nisso concordava com ela, com uma almofada alta de veludo vermelho-escuro e madeira quase preta a subir em espiral acima da sua cabeça. Ele empurrou-a para trás, um cotovelo a descansar na beira da mesa porque a cadeira não tinha braços.

Encolhi os ombros, soltando outro gomo da laranja.

— Parecia uma tolice dar-me a esse trabalho.

Ele parecia estranhamente descontraído, sentado nas sombras vestindo apenas umas calças de pijama em seda. A sua aliança simples de ouro brilhava, reflectindo a luz do fogão. Não sabia se ele estivera a dormir na sua suíte ou se estivera com uma das outras raparigas, embora, geralmente, ele não dormisse nos nossos quartos. A não ser que a mulher estivesse fora, ele costumava passar pelo menos uma parte da noite na casa que eu nunca tinha visto nem conseguia ver, nem sequer da árvore mais alta do Jardim.

— Vem sentar-te comigo.

Aos meus pés, Desmond pressionou o punho contra a boca com um olhar aflito.

Deixando o resto da laranja no balcão, com a casca e as sementes, contornei-o obedientemente e entrei nas sombras para me juntar a ele à mesa. Comecei a baixar-me para o banco mais próximo, mas ele puxou-me para o seu colo. Uma mão acariciou-me as costas e a anca, algo que ele fazia sem pensar, enquanto a outra me apertava uma das mãos contra a minha coxa.

— Como estão as raparigas a reagir à presença do Desmond?

Se ele tivesse ideia da *proximidade* de Desmond, duvido de que estivéssemos a ter aquela conversa.

— Estão... cautelosas — respondi, por fim. — Acho que estamos todas à espera de ver se ele é mais como o senhor ou como o Avery.

— E o que acham? — Lancei-lhe um olhar de esguelha e ele

riu-se, dando um beijo na minha clavícula. — Com certeza não têm medo dele! O Desmond nunca faria mal a ninguém.

— Tenho a certeza de que todas se adaptarão ao facto de ele estar aqui.

— E tu, Maya? O que achas do meu filho mais novo?

Quase olhei para a cozinha, mas, se ele não queria que o pai soubesse que estava ali, eu não o denunciaria.

— Acho que está confuso. Não sabe o que pensar disto tudo.

— Respirei fundo, permiti-me um momento para me convencer de que a próxima pergunta era por causa de Desmond, para lhe dar outra visão da realidade do Jardim. — Porquê as vitrinas?

— O que queres dizer?

— Depois de nos ter aqui, porque fica connosco?

Ele demorou a responder, os seus dedos a descreverem símbolos absurdos na minha pele.

— O meu pai apanhava borboletas — disse ele, por fim. — Ia caçá-las e, se não conseguia apanhá-las em boas condições, pagava a outros por elas e fixava-as nas suas vitrinas enquanto ainda estavam vivas. Cada uma tinha um fundo de veludo preto, uma pequena placa de bronze com os nomes comuns e latinos, criando um verdadeiro museu de vitrinas nas paredes do seu escritório. Amiúde, pendurava os bordados da minha mãe entre elas. Por vezes, eram borboletas sozinhas, outras vezes, diversas de várias tonalidades, bordadas no pano.

A sua mão deixou a minha coxa e percorreu-me as costas, tocando nas asas. Nem sequer tinha de olhar para elas para conhecer a sua forma.

— Ele era muito feliz naquele escritório e, quando se reformou, passava quase todos os dias lá dentro. Mas houve um pequeno incêndio naquela parte da casa, provocado por um curto-circuito, e todas as borboletas foram destruídas. Todas, a colecção que passara décadas a juntar. Nunca mais foi o mesmo e morreu não muito tempo depois. Suponho que sentiu que

toda a sua vida ardera naquele incêndio.

»No dia seguinte ao seu funeral, eu e a minha mãe tínhamos de assistir a uma feira do Dia da Independência na cidade. Iam dar-lhe um prémio pelo seu trabalho de caridade e ela não queria desiludir ninguém por não comparecer. Deixei-a na companhia de amigos e vagueei pela pequena feira, e então vi-a: uma menina com uma máscara de borboleta feita de penas a distribuir pequenas borboletas de penas e pétalas de rosa de seda às crianças que saíam do labirinto. Era tão vibrante e luminosa, tão viva, que era difícil acreditar que as borboletas podiam morrer.

»Quando lhe sorri e entrei no labirinto, ela seguiu-me. Não foi difícil levá-la dali para casa. De início, mantive-a na cave, até conseguir construir o Jardim e transformá-lo num lar. Ainda estava a estudar e acabara de herdar o negócio do meu pai, e não muito tempo depois casei, portanto, acho que ela se sentiu muito sozinha, mesmo quando a passei para o Jardim. Então trouxe a Lorraine para junto dela, e outras, para serem suas amigas.

Ficou perdido por momentos nas suas recordações, mas para ele não eram dolorosas. Para ele, faziam sentido, estavam certas. Em vez de trazer Eva para um jardim, construíra um em volta dela e fizera o papel do anjo com a espada flamejante para a manter lá dentro. Mudou a minha posição no seu colo, puxando-me contra o peito até conseguir colocar a minha cabeça entre o seu pescoço e o ombro.

— A morte dela custou-me muito e não suportei pensar que teria apenas aquela breve existência. Não queria esquecê-la. Enquanto pudesse lembrar-me, uma parte dela continuaria a viver. Construí as vitrinas, pesquisei maneiras de a preservar da deterioração.

— A resina — sussurrei, e ele assentiu com a cabeça.

— Mas, primeiro, o embalsamamento. A minha empresa tem

formaldeído e resinas de formaldeído na divisão de fabrico para fazer vestuário, acreditas? É fácil encomendar mais do que eles precisam e trazer o resto para aqui. Substituir o sangue por formaldeído retarda a deterioração, o suficiente para a resina preservar tudo o resto. Mesmo quando partires, Maya, não serás esquecida.

O mais doentio era o facto de ele realmente achar aquilo reconfortante. A menos que houvesse um acidente ou eu o irritasse, dali a três anos e meio encheria as minhas veias de formaldeído. Sabia que ele ficaria comigo o tempo todo, talvez até a escovar-me o cabelo e a prendê-lo no seu penteado final, e, depois de todo o meu sangue desaparecer, meter-me-ia numa vitrina e enchê-la-ia de resina para me dar uma segunda vida que nenhum incêndio poderia destruir. Tocaria no vidro e sussurraria o meu nome sempre que passasse e lembrar-se-ia de mim.

Sentada no seu colo, percebi bem o que ele sentia a respeito de tudo isto.

Empurrou-me suavemente, abrindo as pernas para me fazer ajoelhar entre elas, uma mão enfiada no meu cabelo.

— Mostra-me que não me vais esquecer, Maya. — Puxou a minha cabeça para si, a outra mão ocupada com o cordão das calças. — Nem sequer nessa altura.

Nem sequer quando eu estivesse morta há muito tempo e ver-me ainda fosse o suficiente para lhe provocar uma erecção.

Obedeci porque obedecia sempre, porque ainda queria aqueles três anos e meio, mesmo que isso significasse ouvir aquele homem dizer que me amava. Obedeci quando ele quase me sufocou e obedeci quando ele me puxou de novo para o seu colo, obedeci quando ele me disse para prometer que nunca o esqueceria.

E daquela vez, em vez de escrever os poemas e as histórias de outro no interior do meu crânio, interroguei-me sobre o

rapaz do outro lado do balcão da cozinha, a ouvir tudo.

O que me convenceu de que o meu antigo vizinho era pedófilo não foram apenas os olhares que ele me lançava. Foram os olhares que os filhos adoptivos lançavam uns aos outros, o segredo doentio que partilhavam entre eles. Todos sabiam o que estava a acontecer, não apenas a si, mas aos outros. Nenhum deles dizia uma palavra. Eu via aqueles olhares magoados e sabia que seria apenas uma questão de tempo até ele enfiar a mão no meu vestido, até me pegar na mão e a pousar no seu colo e sussurrar que tinha uma prenda para mim.

O Jardineiro beijou-me quando terminou e mandou-me ir descansar um pouco. Ainda estava a pôr as calças no sítio quando saiu da sala de jantar. Voltei para o outro lado do balcão, peguei no resto da laranja e sentei-me ao lado de Desmond, cujo rosto estava molhado e brilhante das lágrimas. Ele olhou para mim com olhos opacos.

Olhos magoados.

Comi o resto da laranja no tempo que levou a encontrar algo para dizer, e então ele não disse nada, apenas me entregou o seu pulôver. Vesti-o e, quando ele estendeu o braço para a minha mão, deixei-o agarrar nela.

Ele nunca iria à Polícia.

Ambos o sabíamos.

Tudo o que a última meia hora tinha mudado era o facto de agora ele se odiar um pouco por isso.

— Não perguntou quem sobreviveu.

— Não me vai deixar vê-las até eu lhe contar tudo o que quer saber.

— É verdade.

— Então descobrirei quando tivermos terminado, quando

puder mesmo passar tempo com elas. Seja como for, a minha presença lá não pode mudar nada.

— De repente, consigo acreditar que não chorou desde os seis anos.

Um breve sorriso passa pelo seu rosto.

— Maldito carrossel — concorda num tom agradável.

* * *

Bliss fez um carrossel, já falei nisso?

Era capaz de fazer tudo em cerâmica plástica, levando tabuleiro após tabuleiro de figurinhas ao forno, com Lorraine a franzir a testa enquanto a supervisionava. Ela era a única de nós que podia usar o forno. Também fora a única que pedira.

Na noite anterior à sua morte, naquelas longas horas que passámos juntas na cama, Lyonette contou-nos histórias de quando era mais nova. Não nos deu nomes ou locais, mas contou-as na mesma, e aquela que a fez sorrir, a de que gostava mais do que qualquer uma das outras, era sobre um carrossel.

O pai fazia as figuras de madeira para vários carrosséis e, por vezes, a pequena Cassidy Lawrence desenhava algumas e o pai juntava os desenhos no projecto seguinte, deixando-a escolher as cores ou a expressão de um rosto. Certa vez, o pai deixou-a acompanhá-lo quando foi entregar os cavalos e os trenós a uma feira itinerante. Dispuseram as figuras no carrossel e ela sentou-se no parapeito a vê-los meter os fios nos varões dourados para que os cavalos subissem e descessem e, quando tudo ficou pronto, ela correu à volta do carrossel, a acariciar os cavalos e a sussurrar os seus nomes junto às orelhas para que eles não se esquecessem. Conhecia cada um deles e amava-os a todos.

Aquilo recordava-me o Jardineiro. No entanto, não se podem analisar isoladamente as características dele, pois, no geral, era um homem horrível.

Mas os cavalos não eram dela e, quando chegou a hora de ir para casa, teve de os deixar todos para trás, provavelmente para nunca mais os ver. Não podia chorar porque prometera ao pai que não choraria, prometeu que não faria uma cena quando tivessem de partir.

Foi quando fez o seu primeiro cavalo de origâmi.

Na cabina da carrinha, a caminho de casa, fez as suas primeiras duas dúzias de cavalos de origâmi, usando papel de um caderno e recibos dos restaurantes de comida rápida para treinar até conseguir fazê-los bem e quando chegou a casa passou a usar papel de computador. Fez cavalo após cavalo e pintou-os das mesmas cores daqueles que tinha deixado para trás, sussurrando os nomes deles durante o processo. Quando terminou, pintou cuidadosamente umas cavilhas finas e espetou-as nos cavalos, fixando-as com um pouco de cola.

A seguir fez o carrossel. Desenhou e pintou o chão, todas as imagens no tecto inclinado, até as fotografias nos elaborados arabescos ao longo da parte de baixo do telhado, e a mãe ajudou-a a montar tudo. O pai até a ajudou a fazer uma manivela para a base, para que tudo pudesse girar lentamente. Os pais ficaram muito orgulhosos dela.

Na manhã do dia em que foi raptada, quando saiu de casa para a escola, o carrossel ainda estava em lugar de destaque em cima da lareira.

Depois de Lyonette morrer, tive a nova rapariga sem nome para me manter ocupada.

Bliss tinha a sua cerâmica plástica.

Não mostrou a ninguém aquilo que estava a fazer e nenhuma de nós perguntou, deixando-a trabalhar para aliviar a dor à sua própria maneira. Estava inusitadamente focada naquele projecto. Para ser franca, desde que não fosse uma réplica da *Lustrous Copper*, não me sentia demasiado preocupada. Ela fizera o mesmo por algumas das outras raparigas mortas e, não

sei porquê, achava aquelas borboletas com cinco centímetros de altura mais macabras e perturbadoras que as raparigas nas vitrinas.

Mas então a infecção da rapariga nova chegou a um ponto crítico — a sua tatuagem não ia sarar como deve ser. Mesmo que a infecção não a matasse, as asas ficariam irremediavelmente imperfeitas, e isso era algo que o Jardineiro não podia aceitar. Não quando nos escolhia pela beleza.

As paredes tinham descido de madrugada, como para a sua sessão normal de tatuagem, mas, quando subiram, ela não estava na sala de tatuagem ou na cama. Nunca apareceu nas vitrinas. Não houve adeus.

Não houve... nada.

Não restara nada dela, nem mesmo um nome.

Bliss estava no meu quarto quando regressei depois de ter ido procurar, sentada de pernas cruzadas na minha cama com a saia a cobrir o pacote no colo. Sombras escuras tingiam a pele pálida sob os seus olhos e perguntei-me quanto dormira ela desde que Lyonette se despedira de nós.

Sentei-me ao seu lado na cama, uma perna enrolada sob o corpo, e encostei-me à parede.

— Ela está morta?

— Se não está, estará em breve — respondi com um suspiro.

— E então vais acompanhar a chegada de outra rapariga nova.

— Provavelmente.

— Porquê?

Tinha-me interrogado sobre isso durante a semana anterior.

— Porque Lyonette achava que era importante.

Ela afastou o tecido do colo, e lá estava o carrossel.

Lyonette fizera outro carrossel de origâmi quando chegara ao Jardim; encontrava-se na prateleira por cima da cama de Bliss desde a sua morte. Reproduzira todos os desenhos e cores, tal

como Bliss fizera depois em cerâmica. Os varões dourados até tinham os sulcos em espiral. Estendi o braço e toquei na bandeira vermelha em cima e o carrossel girou um pouco.

— Tive de o fazer — sussurrou —, mas não posso ficar com ele.

Bliss rompeu em soluços furiosos e desolados na minha cama. Não sabia do meu carrossel. Não sabia que estivera sentada num cavalo pintado de preto e vermelho e, por fim, percebera que os meus pais não me amavam ou, pelo menos não me amavam o suficiente. No dia em que, finalmente entendi — e aceitei — que não era desejada.

Tirei-o suavemente do colo dela e empurrei-lhe o joelho com os dedos dos pés.

— Duche.

Ela soltou um soluço e saiu da cama para obedecer e, enquanto lavava duas semanas de tristeza e fúria, estudei os cavalos para ver se algum deles era igual ao que eu molhara com as minhas últimas lágrimas dez anos antes.

E a resposta era quase. Aquele cavalo tinha chanfros prateados em vez de dourados e fitas vermelhas na crina preta, mas, de resto, eram muito, muito parecidos. Pus-me de joelhos e pousei-o na prateleira ao lado de *Simba*, ao lado dos animais de origâmi e das outras figuras de cerâmica, ao lado das pedras que Evita pintara e do poema que Danelle escrevera e de todas as outras coisas que, de alguma forma, consegui acumular após seis meses no Jardim. Perguntei-me se poderia convencer Bliss a fazer uma menina minúscula com cabelo escuro e pele dourada para se sentar naquele cavalo preto e vermelho e girar, girar, girar no carrossel e ver o resto do mundo afastar-se dela.

Mas, se eu tivesse pedido, ela teria perguntado porquê, e aquela criança não precisava da pena tanto como precisava de ser finalmente esquecida.

Bliss saiu do duche, corpo e cabelo embrulhados em toalhas

violeta e rosa, e finalmente adormeceu enroscada contra mim como uma das filhas de Sophia. Pus um braço atrás da cabeça e fiquei encostada à parede. De vez em quando, estendia a mão e dava um empurrãozinho ao carrossel para poder ver o cavalo preto e vermelho deslizar um pouco mais.

* * *

Ele gostava de poder permitir-lhe essa distração. Deixá-la divagar, deixá-la evitar o comboio para cima do qual terá de a empurrar.

Mas Victor inclina-se para a frente na cadeira e aclara a garganta, e, quando ela vira os olhos infelizes na sua direcção, ele acena devagar.

Inara suspira e dobra as mãos sobre o colo.

Durante a semana seguinte, Desmond não foi ao Jardim. Não usou os seus códigos, não entrou com o pai, apenas se manteve longe. Foi Bliss quem perguntou por ele ao Jardineiro, no seu habitual modo brusco, mas ele riu e disse-lhe para não se preocupar, que o filho estava apenas concentrado nos próximos exames finais.

Por mim, tudo bem.

Quer estivesse a esconder-se, a manter-se à distância ou apenas a pensar nas coisas, eu não me importava com a ausência de outro homem que tinha de entreter. Agradecia o espaço para pensar.

Afinal, Avery estava de volta ao Jardim, o que significava que tinha de haver uma interferência constante e subtil para proteger as raparigas mais frágeis do seu interesse. Fazer isso da cabeceira de Simone tornava tudo mais difícil.

Ela perdera peso na última semana e meia, incapaz de

aguentar qualquer coisa no estômago por mais de meia hora. Durante o dia, eu ficava com ela, e durante a noite, quando Danelle vinha substituir-me, ia para o Jardim e dormia na rocha dos banhos de sol, onde podia fingir que as paredes não estavam a aproximar-se e o tempo não começava a esgotar-se.

Eu *gostava* de Simone. Era engraçada e irónica e via sempre o lado positivo das coisas. Ajudei-a a voltar para a cama depois de outra sessão de vômitos e ela apertou-me a mão.

— Vou ter de fazer um teste, não vou?

Bliss disse que Lorraine tinha ficado com elas durante o pequeno-almoço, a fazer perguntas.

— Sim — respondi devagar. — Acho que sim.

— Vai ser positivo, não vai?

— Acho que sim.

Ela fechou os olhos, uma mão a afastar o cabelo húmido da testa.

— Eu devia ter percebido mais cedo. Vi a minha mãe e a minha irmã mais velha passarem por gravidezes e enjoadas durante dois meses.

— Queres que eu faça chichi no teste por ti?

— Qual é o nosso problema, para que *isso* seja considerado uma declaração de amor e amizade? — Mas abanou a cabeça devagar. — Não quero que morramos ambas, e sabemos que seria esse o resultado.

Ficámos em silêncio durante algum tempo, porque algumas coisas simplesmente não têm resposta.

— Podes fazer-me um favor? — perguntou, por fim.

— De que precisas?

— Se tivermos o livro na biblioteca, podes ler-mo?

Quando ela me disse o que queria, quase ri. Quase. Não porque era engraçado, mas porque fiquei aliviada por poder-lhe fazer aquilo. Fui buscá-lo à biblioteca, sentei-me ao lado dela na cama com a sua mão na minha e abri o livro na página

apropriada para começar a ler.

Fazia tanto frio! A neve não parava de cair e a noite aproximava-se. Aquela era a última noite de Dezembro, véspera do dia de Ano Novo. Perdida no meio do frio intenso e da escuridão, uma pobre rapariguinha seguia pela rua fora, com a cabeça descoberta e os pés descalços.

* * *

— Que livro é esse?

— Parte de um livro — corrige a rapariga. — É *A Menina dos Fósforos*, Hans Christian Andersen.

Victor quase consegue lembrar-se, um *ballet* qualquer que a filha Brittany dançou quando era muito mais nova, mas confunde-o com recordações de *O Quebra-Nozes* e de *O Soldadinho de Chumbo*.

— É o tipo de história que faz mais sentido no Jardim do que no mundo real.

Li outras histórias quando aquela acabou, mas calei-me quando Lorraine entrou. Ela tinha um tabuleiro com dois almoços e, no meio deles, um teste de gravidez.

— Tenho de estar aqui quando o fizeres — disse ela.

— Não me digas.

Suspirando, Simone sentou-se encostada à cabeceira da cama e pegou no copo de água, bebendo-o de uma vez. Dei-lhe o outro copo do tabuleiro, este com sumo de fruta, e ela bebeu-o também. Esforçou-se por comer o almoço, que era apenas sopa e torradas, mas a maior parte permaneceu intocada. Quando a água finalmente atravessou o seu aparelho urinário, ela tirou o teste do tabuleiro, foi até à pequena casa de banho e puxou a cortina para se ocultar.

Lorraine estava à entrada como um abutre, os seus ombros curvados e os olhos na cortina.

Simone inclinou-se para a frente para me olhar, depois indicou, com a cabeça, a cabra junto à porta. Assentindo, respirei fundo e comecei a ler *O Soldadinho de Chumbo*.

A plenos pulmões.

Isso fez-me receber uma carranca feroz da cozinheira-enfermeira, mas, pelo menos, deixou Simone urinar em paz. Ouvimos o autoclismo e, um momento depois, ela saiu de trás da cortina e atirou o teste plástico a pingar à mulher mais velha.

— Diverte-te. Vai fazer queixinhas. Sai daqui.

— Não queres...?

— Não. Sai. — Simone atirou-se para a cama, deitando a metade superior do seu corpo no meu colo. — Podes continuar a ler?

Pousei o livro nas suas costas, escondendo as asas castanhas de uma *Mitchell's Satyr*[\[9\]](#), e retomei a leitura onde a interrompera. Ela dormiu durante a maior parte da tarde, acordando de vez em quando para correr até à sanita. Danelle juntou-se a nós um pouco mais tarde e escovou o cabelo castanho-escuro de Simone, apanhando-o num nó elegante. Bliss trouxe-nos o jantar e prendeu-lhe no cabelo pequenas flores de espora-dos-jardins em cerâmica e, depois de eu ter comido e de Simone ter empurrado a comida pelo prato, Bliss levou os tabuleiros para a cozinha.

Quando o fim do dia fez as sombras mudarem de forma no corredor, o Jardineiro apareceu à entrada.

Com um vestido.

Tinha várias camadas de seda transparente em tons de castanho e creme, para combinar com as suas asas e realçar o seu tom de pele escuro. Simone observou o nosso repentino silêncio, viu o vestido e virou depressa o rosto antes que ele

pudesse ver as suas lágrimas.

— Minhas senhoras?

Pestanejando rapidamente, Danelle beijou a curva da orelha de Simone, o mais perto da cara que foi capaz, e saiu em silêncio do quarto. Simone sentou-se devagar e abraçou-me, enterrando o nariz no meu ombro. Apertei-a com toda a força que consegui, sentindo os tremores começarem.

— O meu nome é Rachel — murmurou contra a minha pele.
— Rachel Young. Vais lembrar-te?

— Sim. — Beije o seu rosto e larguei-a com relutância. Com o livro de contos de fadas na mão, caminhei até à entrada, onde o Jardineiro me beijou ao de leve.

— Ela não sentirá dor — murmurou.

Estará morta.

Aquela era a parte em que eu devia voltar para o meu quarto ou para o quarto de Bliss ou de Danelle. Aquela era a parte em que devíamos reunir-nos em pequenos grupos, fingindo ser algo diferente do que somos, e lamentar a perda que ainda não tinha acontecido. Era onde devíamos esperar que Simone morresse.

E, pela primeira vez, não consegui fazê-lo.

Simplesmente, não consegui.

As luzes bruxulearam, soou o aviso para entrarmos nos quartos antes de as paredes descerem. Saí para o caminho de areia, apercebendo-me de movimento nas sombras do outro lado do Jardim. Não sabia se era Avery, Desmond ou outra das raparigas, e naquele momento não me importei. As luzes apagaram-se e as paredes silvaram atrás de mim, encaixando-se nos sulcos com um estrondo que se repercutiu no silêncio.

Embrenhando-me mais no Jardim, caminhei ao longo da margem do riacho até chegar à queda-d'água. Larguei o livro numa rocha a distância segura da água e das gotículas e cruzei os braços sobre a barriga, agarrando os cotovelos e sentindo

um peso instalar-se no meu peito. Deixei a cabeça tombar para trás e, encostada ao penhasco, olhei para as vidraças. Começavam a ver-se estrelas a cintilar na noite, algumas brilhantes e prateadas, outras pálidas e azuis ou amarelas e uma única luz vermelha, que podia ser um avião.

Um pequeno clarão de luz atravessou o céu e, embora eu conhecesse a ciência — sabia que eram apenas detritos cósmicos, apenas rocha ou metal ou sucata de um satélite que entrara em combustão na atmosfera —, só conseguia pensar naquela história estúpida. «Foi alguém que morreu», pensou para consigo a menina; porque a avó, a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas que já não era viva, dizia-lhe muita vez: «Quando vires uma estrela cadente, é uma alma que vai a caminho do Céu.»

E aquela estúpida miúda continuava a acender fósforos para captar vislumbres de famílias que não eram — nunca podiam ser — a sua e morreu congelada naqueles duros momentos de realidade entre fósforos, porque, embora os fósforos possam queimar, são luz, não calor.

A minha respiração ficou presa naquele peso sólido, em expansão, e não era capaz de passar. Não conseguia inspirar nem expirar, e aquele nó de ar viciado sufocava-me. Folhas e ramos agitaram-se ao longe quando caí de joelhos, tentando respirar sem conseguir. Fechei a mão num punho e bati com ela no peito, mas, à excepção de uma segunda dor latejante, nada mudou. Porque não conseguia respirar?

Uma mão tocou-me no ombro e eu rodei, afastando-a com uma palmada enquanto caía para trás devido ao movimento descordenado.

Desmond.

Pus-me de gatas, depois em pé e atravessei a queda-d'-água, entrando na gruta, mas ele seguiu-me, apanhando-me quando tropecei numa cova no chão, e caí novamente. Depôs-me

suavemente no solo e ajoelhou-se à minha frente. Estudou o meu rosto enquanto eu tentava respirar.

— Sei que não tens razão nenhuma para confiar em mim, mas fá-lo de qualquer maneira, só por um minuto.

A sua mão veio em direcção ao meu rosto e eu dei-lhe outra palmada. Abanando a cabeça, ele rodou-me rapidamente e prendeu os meus braços junto aos flancos com um braço, e com a outra mão tapou-me o nariz e a boca.

— Inspira — sussurrou contra o meu ouvido. — Não interessa se enches os pulmões, vais conseguir fazer entrar algum ar. Inspira.

Tentei, e talvez ele estivesse certo, talvez houvesse algum ar, mas não conseguia senti-lo. Sentia apenas a mão dele entre mim e aquilo de que eu precisava para viver.

— Estou apenas a obrigar-te a inspirar uma alta concentração de dióxido de carbono — continuou ele em voz baixa. — Inspira. O dióxido de carbono entra na tua corrente sanguínea no lugar do oxigénio e atrasa as reacções do teu corpo. Inspira. Quando o teu corpo atingir um ponto crítico, quando estiveres prestes a desmaiar, as respostas naturais do teu corpo vencem os factores psicológicos. Inspira.

De cada vez que ele mandava, eu tentava obedecer, realmente tentava, mas não havia ar. Deixei de lutar, sentindo os membros pesados, e caí contra o seu peito. A mão dele continuou a tapar-me o nariz e a boca. Sentindo-me toda tão pesada, mal conseguia dar pelo peso no peito, e devagar, à medida que ele ia repetindo as suas indicações, o ar entrou. Senti uma tontura repentina, mas recomeçara a respirar. Ele moveu a mão para o meu ombro, fazendo-a deslizar para cima e para baixo no meu braço enquanto continuava a sussurrar:

— Inspira.

Por fim, aquilo tornou-se de novo um hábito, algo em que não precisava de pensar, e fechei os olhos, sentindo uma

enorme vergonha. Nunca antes tivera um ataque de pânico, embora tivesse visto muitos noutras pessoas, e a minha própria incapacidade de fazer qualquer coisa sensata era mortificante. Mais ainda, ter tido alguém a testemunhá-lo. Quando tive cinquenta por cento de certeza de que não aterroria de cara no chão se me levantasse, tentei pôr-me em pé.

Os braços de Desmond apertaram-se à minha volta. Não a magoar, mas com força suficiente para eu não sair dali sem me debater.

— Sou um cobarde — disse ele em voz baixa. — E, pior do que isso, acho que posso ser igual ao meu pai. Mas, se conseguir ajudar-te desta maneira, por favor, deixa-me fazê-lo.

Se a menina dos fósforos tivesse alguém encostado a ela, alguém quente e sólido junto às suas costas, com o corpo a envolvê-la, teria sobrevivido?

Ou teriam ambos morrido congelados?

Arrastando-se até as suas costas tocarem na parede, Desmond puxou-me devagar até eu estar quase de lado entre as suas pernas, a cara apoiada no seu peito e quase a ouvir o bater do seu coração. Cronometrei as minhas respirações ainda trémulas por esse som, sentindo-o acelerar sempre que me mexia. Ele não tinha a estrutura robusta do irmão, a óbvia ameaça de músculo, nem a força do pai. Era esguio como um corredor, todo ângulos magros e longos planos. Cantarolava baixinho, algo que não reconheci e não ouvia bem encostada ao seu peito, mas os seus dedos tocavam na minha pele como em teclas de um piano.

Ficámos sentados na gruta húmida com a roupa encharcada da queda-d'-água, agarrados um ao outro como crianças a lutar contra um pesadelo, mas, quando adormecesse, o pesadelo ainda lá estaria. Quando acordasse, o pesadelo ainda lá estaria. Todos os dias durante três anos e meio, o pesadelo estaria sempre, *sempre* lá, e não havia como fugir a isso.

Por algumas horas, no entanto, eu podia fingir.

Podia ser a menina dos fósforos e riscar as minhas ilusões contra a parede, perdida no calor até o brilho desaparecer e me deixar de novo no Jardim.

— Elas não eram apenas companheiras de cativeiro, pois não? — pergunta Victor depois de lhe dar um momento para se recompor. — Eram suas amigas.

— Algumas são amigas. Todas são família. Acho que é isso que acontece.

Às vezes, era difícil obrigarmo-nos a conhecer outras pessoas. Só custaria mais quando elas morressem ou seria difícil para elas quando nós morrêssemos. Outras vezes, era difícil acreditar que valia a pena. No coração do Jardim, porém, estava a solidão e a ameaça sempre presente de nos irmos abaixo, e ligarmo-nos às outras parecia o mais seguro de dois males. Não o menor, necessariamente, mas o mais seguro.

Sabia que Nazira estava ainda mais preocupada com o esquecimento do que Bliss. Ela era uma artista e enchia caderno de rascunhos atrás de caderno de rascunhos com a família e os amigos. Desenhava roupa que adorara, a casa e escola, o pequeno balouço no parque da cidade onde dera o seu primeiro beijo. Desenhava-os uma e outra vez e entrava em pânico se os pormenores mudassem ou ficassem menos claros.

Havia Zara, a *Cabra*, e, quando Bliss dá esse nome a alguém, sabemos que ela é um terror. Bliss era geralmente mordaz e não tolerava tretas; o comportamento normal de Zara era cruel. Eu percebia que ela não acreditava na ilusão, mas transformava num inferno a vida de quem precisava de se apegar a essa ilusão. Como Nazira, que acreditava que, se não esquecesse

nada de antes, veria tudo de novo. Não se passava uma semana em que não tivesse de interromper uma discussão entre elas, geralmente arrastando Zara até ao riacho e enfiando-a lá até ela arrefecer. Não era uma amiga, mas, em momentos calmos, eu gostava dela. Adorava livros, como eu.

Glenys corria, corria e corria, voltas sem fim pelos corredores, até que o Jardineiro mandou Lorraine dar-lhe o dobro da comida que nos dava a nós. Ravenna era uma das poucas com um leitor de MP3 e uma coluna e dançava durante horas. *Ballet*, *hip-hop*, valsa, sapateado sem sapatos, todas as aulas que devia ter tido durante anos, e, se passássemos por ela, agarrava-nos o braço e puxava-nos para dançar. Hailee gostava de pentear toda a gente e fazia uns penteados fantásticos, e Pia queria saber como tudo funcionava, e Marenka fazia um ponto-de-cruz lindo. Até tinha uma tesoura de bordar pequenina, superafiada, que o Jardineiro exigia que ela usasse pendurada numa fita em volta do pescoço para que ninguém se pudesse magoar. Adara escrevia histórias e Eleni pintava, e às vezes Adara pedia a Eleni ou a Nazira que lhe ilustrassem algumas cenas.

E depois havia Sirvat. Sirvat era... Sirvat.

Era difícil de conhecer.

Não apenas por ser reservada, que era, ou calada, que também era. Mas por nunca sabermos que diabo ia sair da boca dela. Foi a última ambientada por Lyonette. Lyonette pedira-me para não a ajudar com ela, porque Sirvat era muito estranha, e nem Lyonette nem eu conseguíamos adivinhar qual seria a minha reacção. Então, a primeira vez que a vi foi depois de as suas asas estarem feitas. Encontrava-se esparramada na margem do rio, cara na lama, com Lyonette a olhar para ela, confusa.

— O que estás a fazer? — perguntei.

Ela nem sequer olhou para mim, metade do seu cabelo

castanho-claro coberto de lama.

— Há mais maneiras de morreres por causa da água do que afogares-te nela. Beber demasiada é tão letal como não beber nenhuma.

Olhei para a perplexa Lyonette.

— Ela está mesmo com tendências suicidas?

— Acho que não.

Não estava, a maior parte do tempo. Aprendemos que Sirvat era mesmo assim. Identificava flores que poderíamos teoricamente comer para nos matarmos, mas não comia nenhuma. Sabia mil maneiras diferentes de uma pessoa poder morrer e tinha um fascínio pelas raparigas nas vitrinas que nenhuma de nós queria entender. Visitava-as quase tantas vezes como o Jardineiro.

Sirvat era estranha. Eu não passava muito tempo com ela, e ela nem sequer parecia notar, muito menos importar-se.

Mas a maioria de nós conhecia-se. Mesmo quando decidíamos não partilhar as nossas vidas antes do Jardim, havia uma intimidade no grupo. Para o melhor ou para pior — quase sempre para o pior —, éramos Borboletas. Um facto irrefutável.

— E choravam-se umas às outras. — Não é uma pergunta.

A boca dela inclina-se. Não é um sorriso nem mesmo uma careta, apenas um reconhecimento de que devia haver ali algum tipo de expressão.

— Sempre. Nunca tínhamos de esperar que alguém aparecesse na vitrina. Chorávamo-las todos os dias, tal como elas nos choravam, porque moríamos todos os dias.

— O Desmond aproximou-se de alguma das outras raparigas?

— Sim e não. Com o tempo. Era... — Ela hesita, os olhos a irem várias vezes de Victor para as suas mãos feridas, antes de

suspirar e unir as mãos no colo, escondidas sob a mesa. — Bom, tem de saber que foi complicado.

Ele assente.

— O que pensava o pai acerca dele?

No dia a seguir a Simone ir para a vitrina — não que a víssemos, com as paredes ainda descidas —, o Jardineiro levou-me até à sua suíte para um elegante jantar privado. Tanto quanto percebia sem ter de perguntar especificamente, eu era a única que ele levava lá. Suponho que devia considerar isso lisonjeiro, mas só o considerava perturbador. A conversa foi agradável. Ele não mencionou Simone, e eu não falei nela porque não queria saber o pior. O único mistério que aquele sítio tinha era a forma *como* ele nos matava.

Depois da sobremesa, o Jardineiro mandou-me sentar com um novo copo de champanhe e descontraír enquanto arrumava as coisas. Escolhi a poltrona em vez do sofá, levantando o apoio para os pés e dispondo a minha saia comprida para tapar os pés. Eu podia ter apresentado os Óscares com aquele vestido e perguntei-me quanto dinheiro ele gastaria no Jardim e a sustentar-nos. Tinha música clássica a tocar num velho giradiscos. Então fechei os olhos e reclinei a cabeça contra o estofo.

O tapete grosso da suíte amortecia os seus passos, mas ouvi-o voltar. Ficou ali bastante tempo, apenas a observar-me. Eu sabia que às vezes ele gostava de nos ver dormir, mas, de alguma forma, era mais assustador quando eu estava acordada.

— O Desmond incomodou-te na outra noite?

Os meus olhos abriram-se, e ele aproveitou isso para se sentar no braço da poltrona.

— Incomodou-me?

— Estive a ver algumas das gravações e vi-te afastá-lo. Ele seguiu-te até à gruta, mas não há câmaras lá dentro. Ele

perturbou-te ou magoou-te?

— Oh. Não.

— Maya.

Consegui esboçar um pequeno sorriso, não sei se para ele ou para mim.

— Eu estava perturbada, sim, mas antes de o Desmond chegar. Tive um ataque de pânico. Nunca tinha passado por um antes, por isso, não sabia o que fazer, e de início interpretei mal a sua chegada. Ele ajudou-me.

— Um ataque de pânico?

— Se, após ano e meio, essa é a minha reacção mais forte, não creio que seja particularmente alarmante, pois não?

Ele retribuiu o sorriso, caloroso e sincero.

— E ele ajudou-te?

— Sim, e ficou comigo até eu me acalmar.

Ficara comigo durante a noite, mesmo quando ouvimos duas portas isoladas abrirem-se, quando ouvimos o pai percorrer os corredores com Simone a soluçar. Às vezes ele gostava de uma última queca antes de matar uma rapariga; melhor no quarto dela do que naquelas salas secretas, acho. Des ficou comigo até de manhã, quando todas as portas se levantaram e as outras raparigas saíram para o Jardim para se ampararem ante a dolorosa perda que ele não compreendia, porque não sabia que ela estava ou, estaria em breve, morta. Acharia que ela fora apenas expulsa? Ou levada a fazer um aborto?

— O meu filho mais novo pode ser difícil de conhecer.

— Quer dizer que não consegue ler a reacção dele perante nós.

Ele riu-se e assentiu, sentando-se ao meu lado na poltrona. Pôs um braço em volta dos meus ombros, encostando a minha cabeça contra o peito, e por um momento podíamos ter sido duas pessoas quaisquer a enroscarem-se para ver um filme.

No entanto, se tivéssemos sido duas pessoas quaisquer, eu

não estaria coberta de pele de galinha.

Nunca me cobrira de pele de galinha com Topher ou quando nos sentávamos nos sofás de Jason ou de Keg ou com qualquer dos outros dos rapazes do trabalho. A intimidade com o Jardineiro era tão ilusória como as asas que ele desenhava nas nossas costas; não tornava nada real.

— Ele não gosta de falar disso comigo.

— Tendo em conta que somos uma espécie de harém, não imagino que a maioria dos rapazes se sinta à vontade para discutir isso com os pais. Podem pedir-lhes sugestões para abordar alguém ou sobre o que fazer num primeiro encontro, mas o sexo é geralmente proibido, mesmo se sabe que têm vontade de o praticar.

E seguiu-se mais uma lembrança de que não éramos duas pessoas quaisquer, porque tudo o que ele fez foi rir-se e virar a cabeça para me beijar. Ocorreu-me que eu podia ir à sua cozinha privada e pegar numa faca para lha espetar no coração. Podia tê-lo matado naquele momento, mas o que me deteve foi a ideia de que Avery herdaria o Jardim.

— O Avery ficou muito excitado quando o trouxe aqui pela primeira vez. Falava disso sempre que estávamos sozinhos. Talvez um pai não precise de saber tantos pormenores sobre o filho. Mas parece-me que o Desmond não fez mais do que olhar em volta.

— Isso desilude-o? — perguntei num tom neutro.

— Intriga-me. — A sua mão percorreu o meu braço até à parte de trás do meu pescoço, onde ele me puxou o laço do vestido. A seda preta soltou-se nos seus dedos e ele viu-a escorregar da minha clavícula até à cintura, deixando-me os seios a descoberto. Passou um dedo pelo mamilo enquanto falava. — Ele é um jovem saudável, rodeado de mulheres bonitas, e sei que não é virgem, mas não aproveita as oportunidades.

— Talvez ainda esteja a adaptar-se.

— Talvez. Ou se calhar o que lhe agrada não é a variedade.

— Levantou-me um pouco na cadeira para poder ficar por baixo de mim, com melhor acesso aos meus seios e levantando-me o vestido pelas ancas até às coxas. — Ele procura-te quando chega, mesmo que não vá ao teu encontro.

— Parece que sou uma pessoa muito directa — observei com secura, e ele riu-se.

— Sim, percebo por que motivo ele te interroga. O que farias, se ele te procurasse como eu?

— Parti do princípio de que, como consigo e com o Avery, devemos fazer o que nos for pedido. Estou enganada?

— Então deixarias que te tocasse? — Ele inclinou a cabeça para o meu peito, os lábios a moverem-se contra a pele sensível. — Deixá-lo-ias ter prazer contigo?

Desmond não era o pai.

Mas era filho do pai.

— A menos que me diga o contrário, faço o que me pedem.

Ele gemeu e arrancou-me o vestido, deixando-o cair junto à cadeira, e, quando a sua boca e as suas mãos tornaram o meu corpo traidor, nenhuma palavra foi dita excepto o meu nome, uma e outra vez, gritos ásperos contra o silêncio.

Há certas qualidades, tais compósitos com uma dupla vida... Cindido é o Silêncio: mar e cais, corpo e alma. Um vive solitário...

Ele possuiu-me uma e outra e outra vez naquela noite, na cadeira, no tapete, na cama enorme, e recitei tudo aquilo de que me lembrei, até receitas de bebidas, mas, muito antes de a manhã chegar, tinha ficado sem palavras e senti o veneno escorrer através de fendas para a minha alma. Tinha-me habituado à sensação doentia que me invadia por deixar o Jardineiro foder-me, mas nunca me habituara à dor nauseante que surgia por deixá-lo acreditar que me amava.

Quando ele, por fim, me levou ao quarto, sentou-se na beira

da cama estreita e tapou-me com o cobertor, afastando-me o cabelo do rosto e dando-me um beijo demorado.

— Espero que o Desmond perceba que és uma mulher extraordinária — sussurrou contra os meus lábios. — Podias ser tão boa para ele.

Depois de ele sair, levantei-me e meti-me no chuveiro, esfregando a pele até quase estar em ferida, porque queria fingir que era capaz de fazer desaparecer a sensação do seu toque. Bliss encontrou-me lá e, com inesperado tacto, não disse uma palavra. Ajudou-me a enxaguar o resto do sabonete e do amaciador e fechou a água, secando-me o cabelo enquanto eu limpava o resto do corpo, e, depois de o meu cabelo ter sido escovado e entrançado, enroscámo-nos debaixo dos cobertores.

Pela primeira vez, compreendi por que motivo ela pensava em saltar da rocha.

Pela primeira vez, aqueles anos a mais não pareciam valer a possibilidade irrisória de uma fuga.

Pela primeira vez em ano e meio, senti cada picada da agulha na pele a tatuar a minha prisão. Se nunca tivera grande tendência para sentir esperança, também nunca tivera muita para sentir desespero, mas sentia-me sufocar com cada lembrança. Respirei fundo, ouvindo o eco da voz de Desmond na gruta, e deixei que isso me lembrasse de continuar a respirar, para que nem Bliss, que me apoiara durante momentos que as outras nem sequer imaginavam, não visse como eu estava apavorada.

Aterrorizada falou, deixando cair as suas asas até que se arrastaram no pó; com dor soluçou, deixando cair as penas até que se arrastaram pelo pó, até que tristemente se arrastaram pelo pó.

Mas as minhas asas não podiam mover-se e eu não podia voar e não conseguia sequer chorar.

Tudo o que me restava era o terror, a agonia e a tristeza.

Victor sai da sala sem dizer uma palavra.

Um momento depois, Yvonne entra no corredor vinda da sala de observação e entrega-lhe duas garrafas de água.

— Ramirez ligou com uma actualização — relata. — As raparigas em estado mais delicado estão a estabilizar. Continuam a querer conversar com Maya antes de responderem a muitas perguntas. A senadora Kingsley começou a pressionar Ramirez para chegar a Maya.

— Merda. — Ele esfrega a cara. — Será que a Ramirez a consegue manter presa no hospital?

— Durante algum tempo. Está a tratar das negociações entre a senadora e a filha. Acha que talvez consiga ganhar algumas horas, com tudo o resto que está a acontecer.

— Muito bem, obrigado. Avisas o Eddison quando ele voltar?

— Sim.

Os políticos são como os Serviços Sociais, pensa ele. Úteis em última instância, mas uns chatos até lá.

Regressa à sala de interrogatório e entrega a Inara uma das garrafas.

Ela aceita com um aceno, desenroscando a tampa com os dentes em vez de usar as mãos doridas. Metade da garrafa desaparece antes de ela a pousar, os olhos fechados. Um dedo faz desenhos na superfície metálica da mesa enquanto se prepara para a próxima pergunta.

Ele observa o movimento, sentindo uma certa angústia quando percebe que o que julgara serem símbolos absurdos são, na verdade, asas de borboletas, desenhadas repetidas vezes no metal como um lembrete do que a trouxe ali.

— Estou a ficar sem tempo para a proteger — diz ele, por fim.

Ela limita-se a olhá-lo.

— Algumas pessoas poderosas querem saber o que aconteceu. Não vão ter a mesma paciência consigo, Inara, e eu

tenho sido muito paciente.

— Eu sei.

— Tem de se deixar de rodeios. Diga-me o que preciso de saber.

Durante algum tempo, o Jardineiro teve de continuar a sentir-se intrigado com o filho mais novo. Desmond ia ao Jardim regularmente, mas não tocava em ninguém, a não ser para ajudar.

E trouxe os seus livros da escola.

Durante o dia, eu ficava com a recém-chegada, uma miúda linda de ascendência japonesa. À noite, Danelle ficava com a rapariga adormecida e eu sentava-me no penhasco, agarrando-me à ilusão de espaço. Desmond juntava-se frequentemente a mim, e das primeiras vezes ficámos em silêncio, cada um de nós perdido na leitura. Há muito tempo que eu não estava com um homem sem me sentir ameaçada. Não propriamente segura, mas não ameaçada. Às vezes, falávamos sobre os seus estudos. Nunca sobre o Jardim. Nunca sobre o pai dele.

Eu odiava-o, acho, por se recusar a juntar as peças, mas não o revelei. O Jardineiro nunca nos deixaria partir, e Avery era demasiado perigoso para tentarmos influenciá-lo. Não sabia se Desmond era a esperança, mas era o mais próximo dela que conseguia ver.

Eu queria viver e queria que as outras raparigas vivessem e, pela primeira vez, queria que o mito da Borboleta que escapara fosse verdadeiro. Queria acreditar que conseguiria sair sem acabar numa vitrina ou na margem do rio.

Então, uma noite, Desmond trouxe o violino.

O Jardineiro dissera-me que o filho era músico e eu tinha visto a maneira como os seus dedos tocavam silenciosamente acordes em livros, em pedras ou joelhos ou qualquer superfície

disponível quando ele estava a pensar. Era como se traduzisse os seus pensamentos em música para eles poderem fazer sentido.

Estava deitada de barriga para baixo na rocha, com o meu livro e uma maçã à frente, de olho em três das raparigas no Jardim principal. Encontravam-se submersas até ao pescoço no nosso pequeno lago, salpicando-se umas às outras o melhor que podiam, e eu sabia que os sensores deviam ter alertado o Jardineiro de que alguém estava na água, mas tudo o que tinham de fazer era brincar tempo suficiente para ele se descontrair e passar para outra coisa. Ele não fora ao Jardim naquela noite — mencionara qualquer coisa sobre uma festa de caridade com a mulher quando fui buscar a rapariga nova para a devolver ao seu quarto depois da primeira sessão de tatuagem —, mas não duvidava de que tinha uma forma de nos ver se quisesse. Eleni e Isra estavam lá há três e quatro anos, respectivamente, e já tinham passado a fase das tolices, mas Adara chegara apenas uns dois meses antes de mim. A maior parte do tempo aguentava-se bem, mas, de vez em quando, mergulhava numas crises de depressão quase paralisantes. Eram do foro clínico e sem a medicação admirava-me que não fossem mais frequentes, mas tentávamos garantir que ela não ficava sozinha durante esses episódios. Quase conseguira sair da crise mais recente, mas o seu humor ainda oscilava.

Desmond subiu pelo caminho, com o estojo na mão, e parou ao lado da rocha.

— Oi.

— Olá — respondi.

No Jardim, a normalidade era sempre relativa.

Olhei para o estojo na sua mão. Será que pedir-lhe que tocasse para mim massajaria o seu ego? Ou fá-lo-ia sentir que eu lhe devia um favor? Eu conseguia ler bem o Jardineiro e Avery; Desmond era mais difícil. Ao contrário do pai e do

irmão, não sabia o que queria.

Eu era boa a fugir das pessoas, não a manipulá-las. Isso era novidade.

— Tocas para mim? — perguntei, por fim.

— Não te importavas? Tenho teste amanhã e não queria acordar a minha mãe. Ia ensaiar fora de casa, mas, hum... — Apontou para cima.

Não olhei. Podia ouvir a chuva bater no vidro. Tinha saudades de sentir a chuva.

Havia quase sempre música a tocar no apartamento. Kathryn gostava de música clássica, mas Whitney gostava de *rap* sueco, e Noémie gostava de *bluegrass*, enquanto Amber gostava de *country*, e acabávamos por ser o mais ecléticas possível no que dizia respeito à música. Algumas raparigas tinham rádios ou leitores nos quartos, mas, para a maioria, a música era uma coisa rara.

Fechei o livro e sentei-me enquanto Desmond aplicava resina no arco e esticava os dedos. Era fascinante assistir a todos os pequenos rituais de aquecimento, mas, quando ele finalmente pousou o arco nas cordas para tocar a sério, percebi por que motivo o pai lhe chamava músico.

Era mais do que apenas tocar. Embora eu não fosse especialista, ele parecia tecnicamente bom, mas conseguia fazer as notas chorar ou rir. Preenchia cada música de emoção. Lá em baixo, na lagoa, o trio parou de brincar e pôs-se a boiar para poder ouvir. Fechei os olhos e deixei a música envolver-me.

Às vezes, quando Kathryn e eu estávamos sentadas na escada de incêndio ou no terraço às três ou quatro da manhã depois do trabalho, um tipo do prédio ao lado ia para o terraço dele tocar violino. O seu dedilhar era um pouco desajeitado e o arco não se movia sempre no ritmo certo, mas, sentado na semiescuridão que era o mais perto da verdadeira noite que a cidade

conseguia chegar, era como se o violino fosse a sua amante. Ele nunca parecia perceber que tinha público, tudo nele se concentrava no instrumento e nos sons que ambos faziam. Era quase a única coisa que Kathryn e eu fazíamos juntas com frequência. Mesmo que tivéssemos a noite de folga, certificávamo-nos de que estávamos acordadas para ir lá fora ouvir o rapaz tocar.

Desmond era melhor.

Ele passou suavemente de música para música e quando, por fim, baixou o arco, as últimas notas pairaram, expectantes.

— Não acho que vás ter problema em passar no exame — sussurrei.

— Obrigado. — Ele examinou o instrumento, embalando-o suavemente, e, quando ficou satisfeito com o facto de tudo estar como devia, guardou-o no estojo forrado a veludo. — Quando eu era mais novo, sonhava ser músico profissional.

— Sonhavas?

— O meu pai levou-me a Nova Iorque e conseguiu que eu passasse alguns dias com um violinista profissional, para ver como seria. Detestei. Tudo parecia... Bem, sem alma, acho. Se eu realmente fizesse aquilo para ganhar a vida, acabaria por odiar a música. Quando disse ao meu pai que preferia fazer algo que me deixasse continuar a amá-la, ele disse que estava orgulhoso de mim.

— Parece muitas vezes orgulhoso de ti — murmurei, e ele lançou-me um olhar estranho.

— Ele fala contigo a meu respeito?

— Um pouco.

— Hum...

— És filho dele. Ama-te.

— Sim, mas...

— Mas?

— Mas não parece um pouco estranho que ele fale sobre o

filho com as prisioneiras?

Decidi não lhe contar tudo o que o pai dissera sobre ele.

— Mais estranho do que ele ter prisioneiras?

— É verdade.

E ali estava ele, finalmente capaz de nos chamar prisioneiras e incapaz de tentar qualquer coisa para mudar esse facto.

O riacho que ligava a queda-d'água e a lagoa tinha cerca de um metro de profundidade, mas Eleni conseguiu nadar até às rochas antes de se levantar.

— Maya, vamos entrar agora. Precisas de alguma coisa?

— Não me ocorre nada, obrigada.

Desmond abanou a cabeça.

— Às vezes pareces a governanta deste sítio.

— Que irmandade tão estranha.

— Odeias-me?

— Porquê, por seres filho do teu pai?

— Começo a perceber quanto sou filho dele — disse em voz baixa. Sentou-se ao meu lado na rocha, colocando os braços sobre os joelhos dobrados. — Uma das raparigas na minha aula sobre Freud e Jung tem uma tatuagem de borboleta no ombro. É feia e está mal desenhada, uma daquelas fadas tipo borboleta com um rosto que parece o de uma boneca derretida, mas ela usava um vestido caikai e tinha-a à mostra e durante o resto da aula só consegui pensar nas tuas asas e em como são lindas. São horríveis mas também são lindas.

— É quase assim que nós as vemos — respondi num tom neutro, curiosa para ver onde ele ia chegar com aquilo.

— Duvido que a visão das tuas asas *te* excite.

Oh.

Sim, era mesmo filho do seu pai.

Mas, ao contrário do pai, tinha vergonha disso.

— Numa das minhas outras aulas, estávamos a falar de acumuladores compulsivos e pensei na história do meu pai

sobre a colecção de borboletas do meu avô, mas depois, claro, pensei na versão do meu pai e, de repente, estava de novo a pensar em ti e em como consegues ter um ar mais digno apenas com tinta e cicatrizes do que a maioria das pessoas consegue totalmente vestida. Há semanas que tenho uns... uns *sonhos* e acordo suado e erecto e não sei se são pesadelos ou não. — Afastou o cabelo do rosto, deixando essa mão atrás do pescoço. — Não quero acreditar que sou o tipo de pessoa capaz de fazer isto.

— Talvez não sejas. — Encolhi os ombros quando me olhou de lado. — É complicado viver com isto, mas não significa que alguma vez o farias.

— Mas tenho de viver com isto.

— Certo e errado não significa que haja uma escolha fácil.

— Porque *não* me odeias?

Eu tinha pensado nisso muitas vezes nas últimas semanas e ainda não sabia se encontrara a resposta.

— Talvez estejas tão preso aqui como nós — disse eu devagar. No entanto, odiava-o *mesmo* um pouco, com semelhante intensidade mas de maneira diferente da que odiava o pai e o irmão.

Ele pensou naquilo durante algum tempo. Houve um relâmpago e tentei perceber as emoções no seu rosto. Tinha os olhos do pai, mas era muito mais autocrítico do que o Jardineiro alguma vez seria. O Jardineiro agarrava-se aos seus delírios. Desmond acabava por confrontar as duras verdades ou, pelo menos, o seu início. Não sabia o que fazer com elas, mas não tentava torná-las insignificantes.

— Porque não tentas fugir?

— Porque algumas raparigas antes de mim tentaram.

— Fugiram?

— Tentaram.

Ele estremeceu.

— Há apenas uma porta que sai deste espaço e está sempre fechada com código. Tem de se marcar o código para entrar e sair. Quando os jardineiros vêm, os quartos ficam à prova de som. Podíamos gritar e bater o que quiséssemos que nunca ninguém nos ouviria. Podíamos ficar aqui quando as paredes descessem por causa dos jardineiros, mas alguém tentou isso há dez anos e nada aconteceu, a não ser o facto de ela ter desaparecido. — E reaparecido em vidro e resina, mas Desmond ainda não tinha visto aquelas Borboletas. Parecia esquecer-se do que o pai havia dito sobre ficar connosco depois de morrermos. — Não sei se o teu pai contrata pessoas apáticas ou se faz com que aquilo pareça banal, mas ninguém veio salvar-nos. Basicamente, temos medo.

— Da liberdade?

— Do que acontece se *quase* chegarmos lá. — Olhei para a noite para além das vidraças. — Sejamos francos, ele podia matar-nos a todas rapidamente se sentisse necessidade disso. E, se uma de nós tentasse e falhasse, quem pode ter a certeza de que não nos punia a todas?

Ou pelo menos aquela que fizesse a tentativa e a mim, porque ele acha que elas me contam tudo. Como não saberia eu de tal plano?

— Lamento.

Que comentário mais asinino.

Abanei a cabeça.

— Só lamento que tenhas entrado aqui.

Outro olhar de esguelha, algures entre o magoado e o divertido.

— Lamentas muito? — perguntou ele depois de um minuto.

Estudei o seu rosto ao luar. Ele ajudara-me duas vezes com os ataques de pânico, mesmo que só soubesse de um. Era frágil de uma maneira que o pai e o irmão não eram, alguém que queria ser bom, fazer o bem, e simplesmente não sabia como.

— Não — acabei por dizer. — Não muito.

Não se eu pudesse descobrir alguma maneira de ele se tornar útil.

— És uma pessoa muito complicada.

— E tu és uma complicação.

Ele riu-se e estendeu a mão entre nós, com a palma para cima, e não hesitei em agarrá-la, entrelaçando os dedos nos seus. Encostei-me a ele, apoiando a minha cabeça no seu ombro, e encontrei um silêncio confortável entre nós. Fazia-me lembrar um pouco Topher, embora mais complexo, e só por algum tempo quis fingir que aquele rapaz não era filho do seu pai, que era meu amigo.

Adormeci assim e, quando o sol matinal me incidiu nos olhos, sentei-me lentamente e descobri que nos tínhamos enroscado durante a noite, a mão dele na minha anca e o outro braço a fazer de almofada ao meu rosto. A rapariga nova só acordaria dali a algumas horas, mas Desmond tinha aulas e, a certa altura, um exame de violino em que passaria sem sequer se esforçar.

Hesitante, estendi a mão e afastei-lhe uma vírgula de cabelo escuro da testa. Ele mexeu-se e, inconscientemente, seguiu o gesto, e não pude deixar de sorrir.

— Acorda.

— Não — murmurou ele, e agarrou a minha mão para proteger os olhos.

— Tens aulas.

— Ignora-as.

— Tens um exame de violino.

— Já sei tocar.

— Tens exames finais na próxima semana.

Ele suspirou, mas o suspiro transformou-se num bocejo enorme e, a contragosto, sentou-se para esfregar os olhos.

— És mandona, mas é bom acordar contigo.

Desviei a cabeça porque não sabia o que o meu rosto revelava. As pontas dos seus dedos, com alguns calos provocados pelas cordas, tocaram no meu queixo e trouxeram o meu rosto para junto do seu, e a única coisa nele era um sorriso meigo.

Inclinou-se para a frente, depois conteve-se e começou a afastar-se. Encurtei a distância entre nós, os seus lábios macios contra os meus. O toque leve no meu queixo recuou até que a sua mão pudesse acariciar a minha face e ele aprofundou o beijo até eu sentir a cabeça à roda. Há tanto tempo que não beijava ninguém de verdade, em vez de apenas permitir que me beijassem. O Jardineiro achava que o filho podia amar-me, e pensei que ele podia ter razão. Também pensei que o amor seria para o filho uma motivação diferente do que era para o pai. Assim esperava, pelo menos.

Quando Desmond se afastou, deu-me um beijo na cara.

— Posso vir ver-te depois das aulas?

Assenti enquanto reconhecia em silêncio que a minha vida tinha atingido um nível totalmente novo de anormalidade.

— E o Jardineiro ficou contente com isso?

— Por acaso, ficou. Quero dizer, tenho a certeza de que havia um certo grau de interesse pessoal naquilo... afinal, se o Desmond estivesse emocionalmente ligado a uma ou a mais de nós, era pouco provável que corresse o risco de alguma coisa nos acontecer. Isso devia ser uma parte, mas acho que, sobretudo, gostava mesmo de ver o filho feliz.

Victor suspira.

— Quando eu pensava que esta história não podia ficar mais estranha...

— Pode sempre ficar mais estranha. — Ela sorri ao dizê-lo, mas ele sabe que não deve confiar no seu sorriso. Não é um

sorriso nada agradável, não algo que deva ser tão facilmente exibido numa rapariga da sua idade. — A vida é assim, certo?

— Não — responde Victor. — Não é. Ou, pelo menos, não devia ser.

— Mas isso não é a mesma coisa. É e *não devia ser* são coisas inteiramente diferentes.

Ele começa a pensar que Eddison não vai voltar.

Não pode realmente culpá-lo.

Se aquela é a coisa estranha que ela está a admitir, como será a que ainda está a esconder?

— Como mudaram as coisas depois dos exames finais?

* * *

Ele esteve mais presente no Verão, tirando cerca de uma hora ou mais no início da tarde, quando passeava com os pais na estufa exterior. Se vinha de manhã, ficava no cimo do penhasco ou na biblioteca, respeitando a privacidade das minhas conversas com as outras raparigas na gruta. Danelle viera substituir Lyonette nas conversas mais delicadas, tal como começara a fazer o turno da noite com as nossas recém-chegadas.

O turno da noite não dava muito trabalho, uma vez que elas estavam num sono drogado, mas ainda assim... Sentia-me grata por poder ter algum espaço.

Apesar das asas que se espalhavam pelas suas faces e testa, Danelle era uma opção sensata. Eu habituara-me às suas duas *Red-Spotted Purples*[\[10\]](#), com o contraste das cores intensas e ricas com as mais claras. Não direi que lhe ficavam bem, tal como as que eu tinha nas costas não me ficavam bem, mas tornara-as uma parte de si e aprendera com a experiência. Ela e Marenka foram as últimas a receber as asas no rosto; depois disso, tinham dissuadido todas as outras de tentarem cair nas

graças do Jardineiro até àquele ponto. Algumas chegaram perto, mas ainda não tinham ultrapassado o limite.

Eu ocupava-me das primeiras conversas e ela trocava comigo assim que a nova rapariga mostrava sinais de acordar. Danelle evitava conhecer as novas raparigas até elas estarem mais ou menos instaladas, assim como as outras com asas nos rostos.

Depois da primeira sessão, estive por acaso presente na sala quando o Jardineiro tatuou a borboleta da rapariga nova. Ela odiava agulhas, mas se eu lhe lesse em voz alta — e a deixasse apertar-me a porra do braço — ela conseguia permanecer imóvel. Era a pedido dela que eu estava lá, e não do Jardineiro, embora eu ache que ele gostava. Enquanto lia em voz alta *O Conde de Monte Cristo* e me perguntava se isso seria ironia, vi o azul-gelo de uma *Spring Azure*[\[11\]](#) espalhar-se pela sua pele de porcelana, interrompido por veios ou franjas ocasionais de branco-prateado e uma faixa estreita azul-escura nas pontas das asas superiores.

Com os tabuleiros do almoço, Bliss trouxe um saco de gelo para eu pôr no braço agora com nódoas negras constantes.

O Jardineiro não me tocava se Desmond estava no Jardim, mas o interesse do filho por mim despertava uma emoção correspondente nele. Não era segredo entre as raparigas que ele gostava mais de mim — sinceramente, acho que ficaram aliviadas —, mas tinha passado de vir ter comigo duas ou três vezes por semana para quase todos os dias.

Ainda procurava outras raparigas, claro, mas quando estava com outra pessoa não se importava se o filho mais novo se encontrava no Jardim ou não. E ainda havia Avery, mas as suas presas quase haviam sido arrancadas pela destruição da sala de jogos e pelo orgulho claro que o pai tinha em Desmond. Com o irmão mais novo a servir de exemplo de como o pai queria que fôssemos tratadas, era difícil para ele ceder às coisas de que gostava.

Comecei a detestar o almoço, porque todos os dias, quando Desmond ia partilhar a refeição e o início da tarde com a mãe, o Jardineiro vinha ter comigo com um desejo que lhe fazia tremer as mãos. Comecei a comer o almoço no quarto apenas para não ter de suportar a indignidade de ele vir à sala de jantar e chamar o meu nome acima das conversas. Mesmo sabendo que Desmond não tinha feito mais do que beijar-me, só o facto de pensar que ele poderia fazer mais era suficiente para que o Jardineiro quase se viesse nas calças.

E, porra, a possibilidade de ele vasculhar todos os vídeos de segurança à espera de ver o filho comigo bastava para fazer o meu cérebro desligar-se por completo.

Pelo menos, essas visitas tinham um limite de tempo específico, porque ele precisava de estar em casa às duas menos um quarto para acompanhar a mulher na sua caminhada. Enquanto a família passeava na estufa exterior, eu passava a hora com a rapariga que ele rebaptizara de Tereza. Ainda não fizera dezassete anos, era filha de dois advogados e quase nunca falava acima de um sussurro. Quando o fazia, era importante, como quando me pedia para ler enquanto o Jardineiro pintava as suas asas. Também era atraída para conversas sobre música. Tocava piano, soubemos, e queria ser pianista profissional. Ela e Ravenna podiam conversar durante horas sobre *ballet*. Prestava atenção, notava as *nuances* de qualquer situação, portanto, pareceu entender a nossa existência precária mesmo antes de eu lhe mostrar as vitrinas nessa primeira semana.

Para bem dela, para ter uma maneira de se manter ancora-da à realidade, pedi ao Jardineiro para lhe dar um teclado.

Ele instalou um piano vertical num dos quartos vazios, substituindo a cama por um belo instrumento e por uma parede inteira de armários de partituras. Com excepção das refeições, do sono e das visitas do Jardineiro — numerosas, porque ela

era nova —, Tereza estava naquele quarto a tocar piano até ter câibras nas mãos.

Desmond encontrou-me no corredor uma tarde, encostada à parede do lado do jardim. Tinha a cabeça inclinada para um lado enquanto ouvia.

— O que acontece se alguém tiver um colapso? — perguntou ele em voz baixa.

— O que queres dizer com isso?

Ele assentiu na direcção da entrada.

— Podemos ouvi-lo na música. Ela está a desintegrar-se, a ficar agitada, a mudar o ritmo, a martelar nas teclas... Talvez não fale, mas isso não significa que esteja a adaptar-se.

Nunca conseguíamos esquecer-nos de que estudava Psicologia.

— Ela vai quebrar ou não vai. Há um limite para o que posso fazer a fim de evitar isso.

— Mas o que acontece se ela quebrar?

— Sabes bem o que acontece. Mas não queres admiti-lo. — Ele nunca pergantara por que motivo Simone não tinha voltado. A chegada de Tereza foi recebida com consternação, seguida de um esforço óbvio e concertado para não pensar muito nisso.

Desmond empalideceu, mas assentiu para indicar que compreendia. Então mudou prontamente de assunto. Se não olharmos para a coisa má, a coisa má não pode ver-nos, certo?

— Bliss espalhou cerâmica na rocha. Disse que, se me sentasse em cima dela, ma enfiava pelo nariz.

— No que estava ela a trabalhar?

— Não faço ideia. Ainda estava a modelar a cerâmica.

As tardes de Verão eram quase insuportavelmente quentes no Jardim, o calor a penetrar o vidro. A maioria das raparigas passava as tardes na água ou na sombra, para lhe escapar, ou nos quartos, onde realmente se podia sentir o ar mais frio

entrar. Eu não ia perturbar Bliss se ela estava a trabalhar em alguma coisa, sobretudo se o fazia na parte mais quente do Jardim. Então peguei na mão de Desmond e levei-o pelo corredor. Estava mais fresco no canto de trás, onde a base do penhasco seguia directamente contra o vidro do corredor e tapava a luz do Sol.

Virei-me para o meu quarto e Desmond começou logo a estudar a prateleira por cima da minha cama. Tocou no carrossel para o fazer girar.

— Não sei porquê, mas não te vejo como fã de carrosséis — disse ele, virando-se para mim.

— Não sou.

— Então porque...?

— Outra pessoa era.

Ele olhou de novo para o carrossel e não disse nada. Não podia fazer mais perguntas sem tocar em coisas em que se esforçava tanto por não pensar.

— Os presentes que damos dizem tanto sobre nós como os que recebemos e guardamos — acabou ele por murmurar. Tocou no focinho do dragão triste, que agora tinha um pequeno urso de peluche vestido com pijama a fazer-lhe companhia. — São as coisas que são importantes ou as pessoas?

— Pensei que já tinhas acabado as aulas.

Ele esboçou um sorriso tímido.

— Hábito?

— Certo.

O meu quarto tinha mudado um pouco desde aquele primeiro dia. Os lençóis eram de um rosa-escuro, o cobertor roxo, com pilhas de almofadas castanho-claras. A sanita e o duche estavam dissimulados por cortinas de um castanho a condizer, com braçadeiras rosa e roxas soltas nas paredes para o caso de eu as querer prender por qualquer motivo. Havia duas estantes ao longo de uma parede, com os vários livros que

o Jardineiro me dera pessoalmente, em vez de os juntar à biblioteca, e as bugigangas espalhavam-se por essas prateleiras, embora as mais importantes — ou, pelo menos, as mais pessoais — ficassem na prateleira por cima da cama.

Para além das bugigangas, não se podia dizer que o quarto reflectia algo sobre mim, uma vez que eu não escolhera nada nele. Até as bugigangas eram difíceis de perceber, para dizer a verdade. Evita pintara-me uma vez um lindo crisântemo numa pedra, mas isso mostrava a sua personalidade alegre, não minha. O facto de eu guardar aquilo significava apenas que *ela* era importante para mim.

E depois havia a coisa que me fazia sempre ter consciência de que aquele espaço *não* era meu: a luz vermelha da câmara a piscar acima da porta.

Sentei-me na cama, de costas contra a parede, e vi-o inclinar-se para ler as lombadas dos livros.

— Quantos destes foram escolhidos pelo meu pai?

— Talvez metade.

— *Os Irmãos Karamazov*?

— Não, esse foi escolhido por mim.

— A sério? — Ele sorriu-me por cima do ombro. — É um pouco maçudo, não é?

— Aparentemente. É divertido discuti-lo.

Eu tinha muitas conversas sobre livros com Zara, mas nunca sobre os clássicos. Isso era algo que Noémie e eu tínhamos feito, dissecá-los, entrar em debates que podiam durar dias ou até semanas sem nunca ficarem totalmente concluídos. Reler Dostoievski mantinha Noémie viva na minha mente de uma maneira que não era tão dolorosa como lembrar-me directamente dela e das outras em Nova Iorque. Havia um livro para cada uma das raparigas do apartamento. Era mais subtil que os desenhos de Nazira ou as figuras de Bliss, mas tinha o mesmo motivo.

— Porque não me admira que gostes de livros com várias camadas de sentido? — Ele terminou a leitura e parou junto à cama, com as mãos nos bolsos.

— Podes sentar-te na cama, sabes?

— Eu, hum... Esse é o teu espaço — disse ele, atrapalhado.
— Não quero abusar.

— Podes sentar-te na cama, sabes?

Desta vez ele sorriu e tirou os sapatos, sentando-se ao meu lado em cima dos cobertores. Tínhamo-nos beijado algumas vezes desde a primeira, cada uma hesitante e apenas um pouco avassaladora. O pai e, em menor medida, o irmão pairavam entre nós quando parecia que podíamos ir um pouco mais longe, e eu não sabia o que pensar disso.

Na verdade, não sabia muita coisa quando se tratava de Desmond.

Conversávamos um pouco sobre os seus amigos, a escola, mas mesmo isso às vezes era difícil. Eu estava no Jardim há tempo suficiente para que o mundo exterior se tivesse tornado algo surreal como uma lenda em que quase se acredita. Por fim, chegou a hora de jantar, altura de ele regressar a casa por algum tempo para que a mãe não perguntasse onde passava o tempo todo, e percorremos o corredor de mãos dadas. Se eu o acompanhasse até à entrada, será que me mandaria embora antes de marcar o código? Perguntei-me se aquela precaução era algo que o pai lhe incutira. Se eu corresse pela porta, teria ele pena e deixar-me-ia ir?

Conseguiria eu trazer a Polícia até aqui para salvar as outras antes que alguma coisa lhes acontecesse?

Se eu não estivesse concentrada no problema da porta, teria notado aquilo de imediato, teria reconhecido a estranheza do silêncio, mas demorei um minuto a perceber que devíamos ter ouvido música de piano durante este trajecto. Soltei-lhe a mão, sem me importar se ele me seguia, e corri para a sala da

música, com medo do que veria.

Tereza estava viva e sem ferimentos.

Mas quebrada.

Encontrava-se no banco do piano, com uma postura correcta e perfeita, e até as mãos nas teclas, arqueadas e prontas. Parecia que podia começar a tocar a qualquer momento.

A menos que olhássemos para o seu rosto, para as lágrimas que lhe escorriam em silêncio pela faces, para a expressão absolutamente vazia nos seus olhos, não compreenderíamos que aquilo que fazia de Tereza quem era já lá não estava. Às vezes isso acontecia tão depressa como um piscar de olhos, um batimento cardíaco, como qualquer coisa que devia ter sido normal de um momento para o outro.

Sentei-me atravessada no banco ao lado dela, uma mão contra as suas costas. Ainda a olhar para o vazio, ela estremeceu.

— Se podes voltar, por favor, tenta — sussurrei. — Sei que é mau, mas depois disto não há nada. Pior do que nada.

— Achas que podemos piorar tudo se tentarmos alguma coisa? — perguntou Desmond com cuidado.

— Tentar o quê?

— Levanta-te do banco e segura-a na beirinha. — Ele sentou-se na outra ponta e deslizou com cuidado até conseguir chegar às teclas todas. Tereza não resistiu nem se debateu quando lhe afastei as mãos. Desmond respirou fundo e começou a tocar, uma coisa suave e terna e cheia de dor.

A respiração de Tereza prendeu-se, o único sinal de que ela ouviu.

Fechei os olhos enquanto a música continuava, o meu peito dorido com lágrimas que eu não sabia derramar. Ele não tocava apenas, vertia-se na música, e, quanto mais tocava, mais Tereza tremia nos meus braços, até que finalmente começou a soluçar e enterrou o rosto no meu peito. Desmond continuou a tocar,

mas a música mudou para algo mais leve, não alegre, mas reconfortante. Tereza chorou, mas estava *lá*, ainda um pouco quebrada, sem algumas das suas peças essenciais, mas a reagir. Abracei-a com força e, por um momento agonizante, perguntei-me se não teria sido melhor deixá-la ficar quebrada. Deixá-la morrer.

Como não aparecemos para o jantar ou pedimos tabuleiros, Lorraine informou o Jardineiro. Ainda estávamos na sala de música, a persuadir Tereza a tocar algo para nós, quando ele apareceu à porta. Vi-o *lá*, mas não pensei muito nisso, demasiado concentrada na rapariga que ainda tremia. Desmond manteve a voz baixa, não fez movimentos bruscos e, por fim, ela voltou a pôr as mãos nas teclas, tocando uma única nota.

Desmond tocou uma nota mais abaixo.

Tereza tocou outra, ele respondeu, e gradualmente as notas tornaram-se acordes e progressões, até estarem a tocar um dueto que quase reconheci. Quando terminou, ela inspirou profundamente e devagar, exalou e depois tornou a fazer o mesmo.

— Habituo-nos — sussurrou ela quase inaudivelmente.

Tive o cuidado de não olhar para a porta.

— Sim, habituamo-nos.

Ela assentiu, usou a saia para limpar o rosto e a garganta e começou outra música.

— Obrigada.

Ouvimo-la tocar mais um pouco, até que o Jardineiro entrou na sala para chamar a minha atenção. Curvou o dedo e contive um suspiro, levantando-me e juntando-me a ele no corredor. Desmond seguiu-me.

Desmond salvara-a, mas não admitiria para si aquilo de que a salvara.

— A Lorraine disse que não jantaste — comentou ele em voz baixa.

— A Tereza estava a passar por um momento difícil — respondi. — Era um pouco mais importante que o jantar.

— Vai ficar bem?

Tinha de ficar ou iria parar a uma vitrina. Olhei para Desmond, que pegou na minha mão e a apertou ao de leve.

— Acho que não será o último momento difícil que ela vai ter, mas parece-me que será o pior. O choque teve um efeito retardado, acho. No entanto, o Desmond conseguiu que ela voltasse a tocar, e isso é bom sinal.

— O Desmond? — O Jardineiro sorriu, a preocupação substituída por orgulho, e agarrou no ombro do filho. — Fico feliz por ouvir isso. Há alguma coisa que eu possa fazer para a ajudar? — Mordi o lábio e ele abanou o dedo. — Maya, a verdade.

— Talvez fosse melhor não ter sexo com ela durante algum tempo — respondi com um suspiro. — Passe tempo na sua companhia, tudo bem, mas acho que o sexo vai exigir mais do que ela pode dar agora.

Ele pestanejou, um pouco admirado, mas Desmond assentiu.

— E mantém o Avery longe dela — acrescentou. — Ele sempre gostou de partir coisas.

— Quanto tempo?

— Duas semanas, talvez? Só precisamos de ficar de olho nela, de ver como está a evoluir.

Demasiado consciente da presença do filho para ceder ao que estava nos seus olhos, o Jardineiro depositou um beijo na minha testa.

— Cuidas tão bem delas, Maya. Obrigado.

Assenti, porque parecia mais seguro do que falar.

Ele passou por nós e entrou no quarto; a música de Tereza vacilou, mas ganhou força quando ele se limitou a puxar uma cadeira do canto para a ouvir.

Desmond e eu ficámos no corredor durante várias músicas, à

espera para ver se a animação regressaria, mas ela parecia estar num recital; ouvíamos apenas graciosidade e talento. Quando pareceu não haver uma ameaça imediata de ela voltar a ir-se abaixo, ele puxou-me a mão e conduziu-me pelo corredor.

— Tens fome?

— Não.

O pai teria insistido para que eu comesse, porque saltar refeições não era saudável. O irmão teria insistido para que eu comesse porque teria sido divertido ver-me comer cheia de náuseas. Mas Desmond limitou-se a dizer «okay», e levou-nos para a gruta.

Estava vazia, pois as outras raparigas ainda continuavam todas na sala de jantar, e, quando chegámos ao centro do espaço húmido, ele parou, virou-se e abraçou-me.

— Ele tem razão acerca de uma coisa — disse Desmond contra o meu cabelo. — Cuidas bem delas.

A única razão por que o sabia fazer era o apartamento, já que Sophia cuidava de todas nós ao seu jeito extravagante. E Lyonette. Sophia cuidava das filhas, mas Lyonette ensinara-me a cuidar das Borboletas.

— Deve ser difícil uma pessoa adaptar-se a um lugar como este se viveu na rua — disse ele. — Estar segura, mas não poder sair.

Não éramos da rua e não estávamos seguras; eu só não sabia como fazê-lo entender isso, com as raparigas nas vitrinas escondidas.

Acabámos por ir à cozinha, assim que o pânico diminuiu o suficiente para o meu apetite voltar, e, enquanto comíamos bananas e bolachas, Adara espreitou lá para dentro e prometeu ficar com Tereza todas as noites. A depressão de Adara dava-lhe uma perspectiva diferente da nossa, e ela tivera de se recompor várias vezes antes.

Dei-lhe um beijo no rosto porque não tinha palavras para lhe

agradecer.

Danelle também ofereceu o seu tempo à causa, convidando o Jardineiro a ir ao seu quarto como costumava fazer nos dias em que ganhara as asas no rosto. Não acho que ele ignorasse as razões, mas creio que se sentia sensibilizado, porque, mesmo que não fosse por ele, era, pelo menos, por Tereza. Fazer uma coisa boa a outra Borboleta era o mesmo que fazê-la a ele.

Desmond encheu um copo com leite e sentou-se ao meu lado na bancada, passando o copo entre nós.

— Se eu fizesse algo verdadeiramente patético, achas que podias fingir que gostavas para não magoares o meu ego?

Olhei para ele com cautela.

— Adorava apoiar-te e dizer que sim, mas não posso prometer isso sem saber o que é.

Ele despejou metade do copo de um gole.

— Anda. Vou mostrar-te.

— Ainda estou a apoiar-te se disser que tenho medo mas que vou de qualquer maneira?

— Tem de servir. — Ele levantou-me da bancada e pegou-me na mão enquanto saíamos da cozinha e íamos para o Jardim. Ainda havia um pouco de luz, o crepúsculo a tingir o céu, e observei as cores a mudar. Ele fez-nos passar atrás da queda-d'-água e entrar na gruta, depois soltou-me a mão.

— Espera aqui.

Voltou menos de um minuto depois.

— Fecha os olhos.

Quando Desmond me dizia para fazer algo — ou, melhor, quando eu realmente a fazia —, não sentia que estava apenas a obedecer. Obedecia ao Jardineiro, obedecia a Avery.

Desmond era mais cuidadoso com o que me pedia para fazer.

A queda-d'-água abafou o som dos seus movimentos, mas, ao fim de algum tempo, ouvi música. Uma música que realmente reconheci. *Sway* era a canção preferida de Sophia, a que ela

dançava com as filhas no final de cada visita, e não era capaz de ouvir as últimas notas sem chorar. Desmond pegou-me nas mãos, pousou uma delas na anca e aproximou-se.

— Abre os olhos.

Vi um *iPod* e uma coluna numa parte seca do chão, perto do corredor. Ele sorriu-me, um pouco nervoso, e encolheu os ombros.

— Danças comigo?

— Eu nunca... Eu não... — Respirei fundo e, de alguma forma, o seu sorriso nervoso contagiou os meus lábios. — Não sei dançar.

— Tudo bem. E eu só sei dançar a valsa.

— Sabes?

— As festas de caridade da minha mãe.

— Ah. — Ele puxou-me ainda mais para si, até que a minha face pousou no seu ombro, e fez-nos balançar para a frente e para trás. Segurou as nossas mãos unidas contra o peito, a outra mão a deslizar para o fundo das minhas costas. Baixinho, quase inaudivelmente de início, começou a cantar. Deixei-o conduzir-me, enterrando a cara no seu ombro para esconder o que o meu rosto revelava.

Há um momento em que sabemos que, de repente, tudo mudou. A maioria das pessoas tem esse momento muitas vezes na vida.

Tive-o aos três anos e percebi que o meu pai não era como o resto da sua família.

Tive-o aos seis anos e fiquei sentada no maldito carrossel enquanto todos se afastavam.

Tive-o quando fui obrigada a apanhar um táxi para casa da minha avó; quando a minha avó morreu e quando Noémie me serviu aquela primeira bebida no apartamento.

Tive-o quando acordei no Jardim, quando recebi um novo nome que devia erradicar tudo o que eu fora antes.

E, naquele momento, nos braços daquele rapaz estranho e cheio de segredos, soube que, mesmo que nada mudasse, tudo seria diferente.

Talvez eu pudesse mudá-lo. Convencê-lo ou enganá-lo ou manipulá-lo de forma a contribuir para a liberdade que queria para todas nós — mas isso teria um preço.

— Des...

Podia sentir o seu sorriso contra a minha têmpora.

— Sim?

— Neste momento, acho que estou capaz de te odiar.

Ele não parou de dançar, mas o sorriso desapareceu.

— Porquê?

— Porque isto é muito lixado. — Inspirei devagar e profundamente, pensando no que dizer a seguir. — E porque me vai destroçar o coração.

— Isso significa que também me amas?

— A minha mãe ensinou-me que o homem deve sempre dizer isso primeiro.

Ele inclinou-se um pouco para trás, apenas o suficiente para me ver o rosto.

— A sério?

— Sim.

Acho que ele não sabia se eu estava a falar a sério ou não.

A música terminou, passando para algo que eu provavelmente devia ter reconhecido, e ele impôs algum espaço entre nós.

— A quem estou a dizer isto? Porque podes responder quando te tratam por Maya, mas não é quem tu és.

Abanei a cabeça.

— Não posso pensar assim. Não quando não tenho a possibilidade de voltar a ser essa pessoa.

A expressão dele tornou-se abatida, mas, sinceramente, o que esperava? Então ajoelhou-se, segurando as minhas mãos, e

sorriu.

— Amo-te, Maya, e juro que nunca te magoarei.

Acreditei numa parte disso.

Não queria sentir-me culpada por acreditar.

Mas acreditei. Então sentei-me no seu joelho e beijei-o e ele empenhou-se tanto em retribuir o beijo que se desequilibrou e caímos sobre a pedra húmida. Riu e continuou a beijar-me e a beijar-me e eu soube que nunca poderia acreditar no resto. Desmond não era bom, independentemente de quanto desejasse sê-lo, e melhor que a família não era suficiente. Cada dia em que ajudava a manter-nos aqui magoava-me.

* * *

— Dessa vez não recitei Poe, para o caso de estar a interrogar-se.

— Não, daquela vez tenho a certeza de que prestou toda a atenção — concorda Victor, seco. — Então, estava a falar a sério?

— O quê, eu e o Des?

— Bem, sim, mas mais especificamente em relação ao que disse sobre a sua mãe.

— Por acaso, sim.

Ele pensa naquilo por um momento, tenta dar-lhe sentido.

Não consegue.

— Ainda quer descobrir quem sou e de onde vim?

— Sim.

— Porquê?

Ele suspira e abana a cabeça.

— Porque não posso levar uma pessoa falsa a depor.

— Não sou uma pessoa falsa, fui feita com cuidado e de forma genuinamente artesanal.

Ele não devia rir-se. Não devia mesmo rir-se, mas ri e depois

não consegue parar e encosta-se à mesa a tentar, pelo menos, amortecer o som. Quando, por fim, olha para cima, ela está a sorrir, desta vez de forma genuína, e ele retribui com gratidão.

— O mundo real intromete-se, não é? — pergunta ela delicadamente, e o riso dele esmorece.

— É melhor ficar sisudo?

— Custa-lhe perguntar e custa-lhe ouvir, embora já tenha ouvido antes muita coisa semelhante. Gosto de si, agente especial Victor Hanoverian. As suas filhas têm sorte. A história está quase a acabar, de qualquer maneira. Depois, durante algum tempo, não pode magoar.

* * *

O fim do Verão trouxe uma mudança ao Jardim. Desmond passara tanto tempo connosco que se tornara presença habitual, e, mesmo sendo eu a única em quem ele tocava, não fui a única que chegou a conhecê-lo. Tereza falava mais com ele do que falava comigo, porque a música atravessou a barreira da nossa gaiola e fazia-a esquecer, mesmo que apenas por um momento. Até Bliss parecia gostar de Desmond, embora eu não possa garantir que não era por minha causa.

Aos poucos, as raparigas sentiram-se confortáveis com ele como nunca se sentiriam com o pai e o irmão, porque ele nunca lhes pediria nada. A maioria tinha perdido a esperança de ser salva, então não havia sequer muita amargura por ele não contar nada a ninguém.

E o Jardineiro andava radiante.

Da primeira vez que conversámos sobre Des, ele disse que «a mãe tem muito orgulho nele». Julguei que isso significava que ele não tinha, mas agora sabia que não era assim. Sentia-se sempre orgulhoso de Desmond, mas, quando confrontado com uma rapariga que conhecia apenas Avery, tinha de reconhecer

o filho que partilhava abertamente o mesmo fascínio por um harém. Agora, que Desmond fazia parte do Jardim, a felicidade do pai era completa. A crise de Tereza foi a única nesse Verão. Não houve acidentes nem vigésimos primeiros aniversários, nada que nos obrigasse a recordar que não podíamos divertir-nos nem um pouco.

Bem, tirando o facto de o Jardineiro e Avery ainda nos violarem quando lhes apetecia. Isso arrefecia um pouco a nossa alegria.

Mas o Jardineiro mudou a forma como me tratava. Depois de Desmond e eu fazermos sexo, o Jardineiro não voltou a tocar-me assim. Tratava-me como uma... Bem, como uma governanta, acho. Ou uma filha. Eu não era como Lorraine, ele não me negara o seu afecto, mas, de alguma forma, decidira que agora eu era de Desmond. Com Avery, ele partilhava; mas a Desmond dava.

Fodido, não?

Durante algum tempo estive disposta a aceitar isso sem questionar. Se queria ter alguma esperança de mudar Desmond, não podia ser apenas uma paixoneta. Precisava que ele me amasse de verdade, que estivesse disposto a lutar por mim, e isso não aconteceria se ainda continuasse a partilhar-me com o pai e o irmão.

O Jardineiro até desligou a câmara no meu quarto porque Des lho pediu, disse que o embaraçava pensar que o pai estava a vê-lo ter relações sexuais; não confiava o pai que ele não me magoaria, uma vez que me amava tanto?

Certo, tenho a certeza de que a conversa foi um pouco mais viril do que isso, mas Bliss pôs toda a gente a rir com a sua versão dos acontecimentos.

No entanto, Desmond era como o pai. Sempre que eu tentava levá-lo até à porta, ele despachava-me educadamente, mas com firmeza, para eu não poder vê-lo marcar o código.

— Isto daria cabo da minha mãe — disse ele quando finalmente mencionei o assunto. Agir contra o pai seria complicado, eu percebia isso, mas porque não nos dar a oportunidade de nos salvarmos? — O nome da minha família, a nossa reputação, a nossa empresa... não posso ser eu a destruir isso.

Porque um nome é mais importante que uma vida. Que todas as nossas vidas.

No fim-de-semana antes de o semestre de Outono começar, tivemos um concerto no Jardim. Desmond trouxe umas colunas melhores e montou-as no penhasco, e, apenas nessa noite, o Jardineiro deu-nos roupas de cores vivas e guloseimas, e, porra, foi patético ver como estávamos felizes. Continuávamos a ser prisioneiras, continuávamos a ter a morte sentada nos nossos ombros e a fazer a contagem decrescente até aos nossos vigésimos primeiros aniversários, mas, de qualquer maneira, aquela noite foi mágica. Todas riram, dançaram e cantaram, por muito que desafinassem, e o Jardineiro e Desmond dançaram connosco.

Avery estava sentado à parte a fazer uma birra, porque tudo aquilo fora ideia do irmão.

Depois de limparmos tudo e de as raparigas se terem recolhido, Des levou a coluna mais pequena para o meu quarto e dançámos, balançando no mesmo sítio enquanto nos beijávamos. A intimidade com Des não era real, tal como não era com o pai, mas ele não percebia isso. Eu nunca o dissera, mas ele pensava que eu também o amava. Pensava que aquilo era felicidade, que, de alguma forma, era uma relação saudável e estável, o tipo de coisa à volta da qual se constrói uma vida. Ou não percebia ou ignorava os meus lembretes frequentes de que as coisas enjauladas têm vidas mais curtas.

Quando caímos na cama, eu estava quase tonta dos seus beijos e ele não conseguia parar de rir. As suas mãos estavam

em toda a parte, e ele seguia-as com a boca, o seu riso a fazer-me cócegas na pele. O sexo com Des não era intimidade, mas era divertido. Deixou-me louca com as suas brincadeiras, até que, finalmente, nos fiz rolar e o preendi, mordendo o lábio quando desci para ele. Ele gemeu e agitou as ancas, depois riu quando uma canção pouco indicada para o momento começou a tocar. Bati-lhe na barriga, ele sentou-se para me beijar até eu ficar de novo tonta, depois deitou-me de barriga para cima ao fundo da cama.

Foi então que vi Avery, de pé junto à porta e de sobrolho franzido enquanto se masturbava.

Gritei — não estou orgulhosa disso — e Desmond olhou para cima para ver o que me tinha alarmado.

— Avery! Sai daqui!

— Tenho tanto direito a ela como tu — grunhiu Avery.

— Sai daqui!

Havia uma pequena parte de mim prestes a morrer de riso. Felizmente, essa parte foi abafada por uma sensação geral de fúria e mortificação. Pensei em pegar num cobertor, mas Avery já me tinha visto nua antes, e Desmond... bem, as suas partes pudendas não estavam exactamente à mostra naquele momento. Fechei os olhos enquanto eles discutiam, porque não queria saber se Avery ainda segurava na pila enquanto discutia com o irmão.

E porque o riso ameaçava ganhar.

O Jardineiro apareceu. Porque era certo que acabaria por aparecer.

— Que diabo está a acontecer? Avery, guarda isso.

Abri os olhos e vi Avery apertar as calças e o Jardineiro a tentar abotoar a camisa. Vejam só, a família toda, excepto Eleanor. Praguejando em voz baixa, Desmond afastou-se de mim e entregou-me o meu vestido antes de pegar nas suas calças.

Às vezes, as pequenas coisas são o mais importante.

— Importam-se de explicar por que motivo a vossa discussão se ouve em todo o Jardim? — perguntou o Jardineiro, a sua voz baixa e ameaçadora.

Os irmãos começaram a falar um por cima do outro, mas o pai interrompeu-os com um gesto brusco.

— Maya?

— O Des e eu estávamos a fazer sexo e o Avery decidiu fazer-se convidado para a festa. Ficou parado à porta a bater uma punheta.

Depois de estremecer por causa das minhas palavras cruas, o Jardineiro fixou o olhar no seu primogénito, o horror a juntar-se lentamente à fúria.

— Em que estavas a pensar?

— Porque é que ele pode tê-la? Nunca te ajudou a trazer ninguém para cá, nunca saiu contigo para as procurar, mas entregaste-lha como uma maldita noiva e eu nem sequer tenho autorização para lhe tocar?

O Jardineiro levou um minuto a encontrar a voz.

— Maya, dás-nos licença?

— Claro — respondi educadamente. Porque a cortesia é tão cabra como o desdém. — Quer que eu saia?

— Nada disso, este é o teu quarto. Desmond, junta-te a nós, por favor. Avery, anda.

Fiquei na cama até não conseguir ouvir os passos deles, depois enfiei o vestido e corri pelo corredor até ao quarto de Bliss. Ela estava sentada no chão com um monte de cerâmica ao lado e o que parecia ser um massacre de ursinhos de peluche em tabuleiros de bolachas à sua frente.

— Qual foi o problema?

Deitei-me na sua cama enquanto lhe contava, e ela riu, quase histérica.

— Quanto tempo achas que falta para ele expulsar o Avery?

— Não sei se algum vez o fará — respondi, pesarosa. — O Avery é difícil de controlar quando está cá. Deve ser muito mais difícil lá fora.

— Nunca saberemos.

— Isso é verdade.

Entregou-me uma bola de cerâmica para amassar.

— Posso perguntar-te uma coisa pessoal?

— Pessoal como?

— Ama-lo?

Quase perguntei qual deles — sobretudo porque acabáramos de falar de Avery —, mas percebi o que ela quisera dizer meio segundo antes de fazer figura de idiota. Olhei para a luz vermelha da câmara a piscar e deslizei da cama para me sentar junto dela.

— Não.

— Então porque estás a fazer isso tudo?

— Acreditas que uma Borboleta fugiu?

— Não. Talvez. Mais ou menos? Espera... Bem, porra. De repente, o mundo faz de novo sentido. Achas que vai resultar?

— Não sei — respondi com um suspiro, amassando a bola de cerâmica. — Ele tem medo de ser parecido com o pai, mas também... Orgulho? Pela primeira vez na vida, consegue ver que o pai está orgulhoso dele. Isso ainda significa mais para ele do que eu, e está demasiado assustado para pensar no certo e no errado.

— Se nunca tivesse havido um Jardim, se o tivesses conhecido numa biblioteca, ou coisa parecida, achas que o amarias?

— Sinceramente? Acho que não sei o que é esse tipo de amor. Já o vi noutras pessoas, mas em mim? Talvez eu não seja capaz disso.

— Não consigo decidir se isso é triste ou seguro.

— Não me ocorre nenhuma razão para não poder ser ambas

as coisas.

O casal do outro lado da rua amava-se muito, e a chegada do bebê tornou-os, de alguma forma, mais completos, em vez de diminuir o que tinham entre eles. Rebekah, a chefe das empregadas, do Evening Star, amava profundamente o marido — que, por acaso, era sobrinho de Guilian — e, por vezes, vê-los juntos era tão doce que todas nos derretíamos um pouco.

Ao mesmo tempo que os provocávamos, é claro.

Taki e Karen tinham-no.

Mas, de cada vez que via isso, sabia que estava na presença de algo extraordinário, algo que nem todos encontravam ou eram capazes de reconhecer e manter.

E eu admito sem problema que sou uma pessoa perturbada.

— Isso é justo. E sincero. — Ela tirou-me a cerâmica e deu-me outra, esta de uma tonalidade fúcsia que me tingiu a pele. — Nunca te agradecemos.

— O quê?

— Cuidas de nós — disse ela em voz baixa, os seus brilhantes olhos azuis fixos no ursinho que se formava nas suas mãos. — Não és maternal, nada disso, nem pensar. Mas és meiga e forte e ouves-nos e influencias o Jardineiro naquela sala privada dele.

— Não precisamos de falar disso.

— Tudo bem. Dá-me a cerâmica e vai lavar as mãos.

Perplexa, obedeci, esfregando as manchas fúcsia da pele. Ela entregou-me uma bola de cerâmica turquesa. Daquela vez, quando me sentei ao seu lado, olhei com atenção para todas as peças. Metade das partes dispersas dos ursinhos — cabeças, patas e caudas — era preta, a outra metade branca. Alguns tinham uniformes, os pretos em tons de vermelho e os brancos em tons de azul. Metade dos de cada cor eram ligeiramente maiores e os seus uniformes mais ornamentados, e vários pareciam estar emparelhados.

— Estás a fazer um jogo de xadrez?

— O vigésimo aniversário da Nazira é daqui a algumas semanas.

E o meu décimo oitavo aniversário era algumas semanas depois disso, mas os aniversários não eram geralmente comemorados no Jardim. Parecia uma coisa grotesca, como se estivéssemos a celebrar a nossa maior proximidade da morte. As outras pessoas podiam olhar para um aniversário e dizer: «Uau! Um ano mais velha!» Nós comentávamos os nossos aniversários com: «Foda-se. Um ano a menos.»

— Não é um presente de aniversário — continuou ela com amargura. — É para lhe dizer que lamento que a sua vida seja uma merda.

— Bom presente.

— E vem numa péssima altura — concordou. Fez uma corda com uma pequena bola de cerâmica dourada, cortou-a ao meio, entrançou-a e o rei vermelho adquiriu uma trança de cordão para o seu uniforme. — Também o odeias um pouco?

— Mais do que um pouco.

— Ele iria contra a família.

— Ao passo que agora está a ir apenas contra a decência e a lei — suspirei. Estendi-lhe a cerâmica amolecida e ela entregou-me uma bola azul. Eu sabia que não podia pedir para fazer um dos ursos; as minhas criações era horríveis. — Bliss, garanto que não há um aspecto disto que eu não tenha analisado. Deixou de fazer sentido há muito tempo, se é que alguma vez fez.

— Então deixa-te ir e vê.

— Sim.

— Ele vem aí.

Soaram passos no corredor, cada vez mais altos, e um momento depois Desmond entrou e sentou-se no chão ao meu lado, entregando a cada uma de nós uma laranja.

— Isso é um jogo de xadrez?

Bliss revirou os olhos e não respondeu. Então, enquanto ela fazia os ursinhos soldados, eu amassei a cerâmica plástica e Desmond mexeu no seu *iPod* e na coluna para continuar o concerto.

E aquela laranja? Foi a primeira e única vez que consegui tirar a casca numa espiral perfeita.

Eddison regressa finalmente com dois sacos, um com garrafas de refrigerante e água, o outro com sanduíches de almôndegas. Quando entrega uma à rapariga, também tira um pequeno saco de plástico do bolso e coloca-o sobre a mesa diante dela.

Ela pega no saco e depois olha para o conteúdo.

— O meu pequeno dragão azul!

— Falei com os técnicos. Disseram que o seu quarto foi protegido pelo penhasco. — Senta-se em frente a ela, ocupado a desembrulhar a sua sanduíche. Por uma questão de cortesia, Victor finge não ver o seu rubor. — Vão guardar tudo numa caixa para si quando for possível, mas entretanto deram-me isso para lhe entregar.

Ela abre o saco e embala a pequena criatura de cerâmica nas mãos, um polegar a acariciar o minúsculo ursinho de pijama debaixo do braço.

— Obrigada — sussurra.

— Contou-nos mais coisas. Um pouco.

Ela sorri.

— Vic, os técnicos estão a revistar a casa. Hão-de avisar-nos se encontrarem as fotos.

Durante algum tempo, a conversa pára enquanto comem, embora a rapariga tenha de cobrir as mãos com guardanapos para conseguir segurar a sanduíche quente. Quando a refeição termina e os restos são deitados fora, ela pega no dragão triste

e envolve-o com as mãos.

Victor decide que é a sua vez de ser corajoso.

— O que aconteceu ao Avery?

— O que quer dizer?

— O pai puniu-o?

— Não, apenas tiveram uma longa conversa sobre respeitar a privacidade uns dos outros e sobre o facto de as Borboletas não serem objectos para passar de mão em mão, mas indivíduos que têm de ser acarinhados. Quando ouvi o Des dizer isso, recordei que o Avery não estava autorizado a tocar-me de maneira nenhuma, devido a ter-me queimado com o ferro. Bem, «devido ao incidente anterior», e o Des nunca tinha feito perguntas sobre a cicatriz na minha anca. Se não perguntarmos, podemos manter a cabeça enterrada na areia.

— Então as coisas voltaram ao normal.

— Tanto quanto possível.

— Mas algo tinha de mudar.

— Algo mudou. Ela chamava-se Keely.

* * *

Ou, mais propriamente, ele chamava-se Avery e a sua vítima chamava-se Keely.

Passei a ver Desmond muito menos depois de o semestre começar. Era o seu último ano e tinha uma grande carga horária, mas vinha à noite e trazia os livros para poder estudar, e eu, tal como ajudara Whitney, Amber e Noémie a estudar no apartamento, ajudei-o. Sem álcool. Bliss também ajudou, zombando dele sempre que se enganava em alguma coisa.

Ou mesmo quando não acertava cem por cento.

Na verdade, Bliss aproveitava qualquer oportunidade para zombar dele.

A disposição de Avery ia de mal a pior ao ver o irmão tornar-

se uma parte integrante do Jardim. Como eu disse, a maioria das Borboletas gostava de Desmond. Ele não lhes pedia nada. Bem, fazia-lhes perguntas e deixava ao critério delas responder ou não.

Às vezes perguntava-lhes os seus nomes, mas tornara-se uma tradição no Jardim só dar o nome na despedida. Mas dissemos-lhe que Simone fora Rachel Young, que Lyonette fora Cassidy Lawrence. Dizíamos-lhe o nome de qualquer uma que já não podia ser prejudicada.

Desmond não era uma ameaça para elas.

Avery, por outro lado, magoou tanto Zara durante o sexo que o pai o baniu durante um mês inteiro, depois teve de o drogar para evitar os ataques de fúria que se iam seguindo. Zara mal conseguia andar depois disso e toda ela estava magoada. Fazíamos-lhe companhia a toda a hora apenas para a ajudar nas coisas básicas, como lavar-se, ir à casa de banho e comer.

Lorraine era uma enfermeira razoavelmente competente, embora pouco compassiva, mas não fazia milagres.

A infecção instalou-se na anca de Zara e a solução era levá-la a um hospital ou colocá-la numa vitrina.

Acho que podem adivinhar qual das duas o Jardineiro escolheu.

Pela primeira vez, ele disse-nos naquela manhã, para podermos ter um dia inteiro com ela e nos despedirmos.

Lancei-lhe um olhar de esguelha quando me disse aquilo; respondeu com um sorriso torto e um beijo na têmpora.

— Mesmo quando é apenas um abraço rápido e um sussurro roubado, vocês partilham coisas umas com as outras nesses momentos. Se puder dar a Zara, e a vocês, algum conforto, gostaria de garantir que o têm.

Agradei-lhe porque ele parecia esperar isso, mas uma parte de mim perguntou-se se não seria melhor que aquilo acontecesse de repente em vez de arrastar a situação durante

todo o dia.

Antes de ir para as aulas, Desmond levou-nos um carrinho-de-mão para podermos transportar Zara pelo Jardim. Sorriu quando chegou com o carrinho, sorriu enquanto me beijava o rosto e depois saía, e Bliss praguejou tanto que Tereza corou.

— Ele não sabe, pois não? — arquejou ela quando foi capaz de falar sem obscenidades. — Na verdade, não faz ideia.

— Sabe que a Zara está doente. Acha que está a ter uma atitude simpática.

— Aquele... aquele...

Algumas coisas não precisam de tradutor.

Naquela tarde, enquanto o Jardineiro passeava com a mulher na outra estufa, que estava muito mais perto do que parecia, Zara conseguiu sentar-se na cama com o suor a molhar o seu cabelo alaranjado.

— Maya? Bliss? Podem levar-me a dar uma volta?

Pusemos um cobertor dobrado no carrinho-de-mão e algumas almofadas por baixo e à volta dela, estabilizando a sua anca tanto quanto possível.

Não era o seu único osso partido, mas era decididamente o mais doloroso.

— Só uma volta pelo corredor — instruiu ela.

— Andas à procura de um imóvel? — perguntou Bliss, e Zara assentiu.

Era uma coisa sobre a qual não podíamos deixar de pensar. Quando morríamos, para que vitrina iríamos? Eu tinha a certeza de que sabia qual o Jardineiro escolhera para mim; estava mesmo ao lado da de Lyonette e colocada de forma a ser vista da gruta. Bliss achava que ficaria do meu outro lado, apenas nós as três, especadas para sempre na porra da parede para que as futuras gerações de Borboletas se interrogassem sobre nós e tivessem medo.

Caminhámos lentamente pelo corredor, eu a empurrar o

carrinho e Bliss a fazer os possíveis por estabilizar a parte da frente. Zara deteve-nos perto da entrada, onde o cheiro a madressilva enchia o ar e se misturava com um odor mais químico proveniente de uma das salas que nunca víramos aberta. Como a sala de tatuagem, o quarto de Lorraine e a antiga sala de jogos de Avery, as paredes eram opacas e sólidas, com um teclado ao lado de uma porta robusta. Não devíamos estar ali.

E eu ainda nunca vira Des marcar o seu código na porta principal.

— Achas que, se eu pedisse esta, ele ma daria?

— Por causa da madressilva?

— Não, porque todas evitamos esta parte. Assim não seria muito vista.

— Pergunta. O pior que ele pode fazer nesse momento é dizer não.

— Se eu te pedisse agora para me matares, fazia-lo?

Estudei a vitrina vazia porque não queria ver se ela estava ou não a falar a sério. Zara podia ser cruel, gozava com a outras raparigas até chorarem, mas não tinha muito sentido de humor.

— Acho que não sou assim tão boa amiga — disse eu, por fim.

Bliss não disse nada.

— Achas que dói?

— Ele diz que não.

— E acreditas?

— Não — suspirei, encostando-me à entrada do Jardim. — Acho que ele não faz ideia. Parece-me que quer acreditar que não há dor.

— Como achas que ela será?

— Quem?

— A próxima Borboleta. — Esticou a cabeça para trás para me olhar, os seus olhos castanhos febris. — Ele não vai caçar

há muito tempo. Não desde a Tereza. Está tão feliz com o Desmond que não procurou ninguém.

— Pode não procurar.

Ela resfolegou.

No entanto, nem sempre procurava. Às vezes uma rapariga morria e ele não ia caçar. Não até outra morrer. Outras vezes trazia uma rapariga, outras trazia duas, embora não o tivesse feito desde que eu chegara. Tentar entender por que motivo aquele homem fazia as coisas como fazia era um esforço inútil.

Ainda estávamos ali quando Lorraine saiu do seu quarto para começar o jantar. Pareceu assustada de início, uma mão a subir para o cabelo castanho-escuro, um pouco desbotado e cheio de fios grisalhos, que ainda usava comprido e apanhado como o Jardineiro gostava. Mesmo que ele nunca olhasse para ela, nunca comentasse, continuava a usá-lo assim. Olhou para Zara, cheia de ligaduras, para a sua palidez, com excepção das duas manchas vermelhas no rosto, depois para a vitrina vazia.

Os olhos de Zara semicerraram-se.

— Gostavas de estar ali, Lorraine?

— Não tenho de te aturar — retorquiu a mulher.

— Sei como podes estar.

A suspeita misturou-se com a esperança nos olhos azuis desvanecidos.

— Sabes?

— Sim. Ficando magicamente trinta anos mais nova. Tenho a certeza de que então ele adoraria matar-te e exhibir-te.

Lorraine fungou e passou por nós, batendo no tornozelo de Zara. O movimento agitou a anca partida e infectada e ela conteve um grito.

Os olhos de Bliss acompanharam a cozinheira-enfermeira.

— Vou mandar a Danelle ajudar-te.

— Porquê? Onde vais...? — Lancei um segundo olhar à sua expressão.

— Certo. Deixa estar. Danelle.

Zara e eu vimo-la afastar-se a correr.

— O que achas que ela vai fazer? — perguntou ao fim de algum tempo.

— Não vou perguntar e não quero saber de antemão — respondi fervorosamente. — Dependendo do que for, talvez também não queira saber depois do facto consumado.

Poucos minutos depois, não apenas Danelle mas também uma Marenka muito confusa juntaram-se a nós.

— Eu devia perguntar o que Bliss está a fazer?

— Não — respondemos em uníssono.

— Então não devo perguntar por que motivo ela me pediu a tesoura emprestada — murmurou Marenka com uma mão na garganta onde costumava estar a fita com a tesoura de bordar.

— Certo.

Danelle pensou um pouco, aceitou o facto e tocou ao de leve no carrinho-de-mão.

— Para o Jardim? Ou de volta ao teu quarto?

— Quarto — resmungou Zara. — Acho que vou tomar outro analgésico.

Entre nós, Danelle, Marenka e eu, conseguimos colocá-la de novo na cama com um copo de água e um comprimido. Então Bliss entrou, as mãos atrás das costas e uma expressão satisfeita.

Meu Deus, eu não queria saber.

— Tenho uma prenda para ti, Zara — anunciou alegremente.

— A cabeça do Avery numa bandeja?

— Anda perto. — Atirou qualquer coisa para a colcha.

Zara ergueu a cabeça para ver bem, depois desatou a rir. Pendia da sua mão, as pontas a soltarem-se devagar.

— A trança da Lorraine?

— Diverte-te!

— Achas que podia levá-la comigo?

Danelle esfregou as pontas do cabelo entre os dedos.

— Provavelmente, podíamos voltar a entranchá-lo para te fazer uma liga.

— Ou prendê-lo no teu cabelo como se fossem extensões.

— Uma coroa.

Todas as que entraram ali à tarde e à noite tinham uma sugestão a fazer, e era indicativo do nosso desprezo universal por Lorraine ninguém expressar pesar ou pena pela nossa cozinheira-enfermeira. Quando chegou a hora de jantar, todas levámos os nossos tabuleiros e juntámo-nos, as vinte e poucas, no quarto de Zara, joelho contra joelho no chão e até no chuveiro.

Adara levantou um copo de sumo de maçã.

— À Zara, que consegue cuspir sementes mais longe do que qualquer outra pessoa!

Todas rimos, até Zara, que levantou o copo de água para agradecer o brinde.

Nazira levantou-se a seguir, e acho que ficámos todas um pouco apreensivas; Nazira e Zara davam-se tão bem como Avery e Desmond.

— À Zara, que pode ser uma cabra, mas é a nossa cabra.

Zara atirou-lhe um beijo.

Era doentio. Acho que não há uma pessoa que duvide disso. Era doentio e errado e profundamente absurdo e, mesmo assim, fez-nos sentir muito melhor. Uma a uma, levantámo-nos e brindámos a Zara, algumas na brincadeira, outras sérias, e com certeza houve muitas lágrimas, embora não para mim, mas talvez o Jardineiro tivesse razão, talvez aquilo ajudasse.

Quando chegou a minha vez, pus-me em pé e levantei o meu copo de água.

— À Zara, que nos deixa demasiado cedo, mas que iremos recordar de uma forma não assustadora durante o resto da vida.

— Por muito curta que seja — acrescentou Bliss.

Estávamos tão passadas que nos rimos.

Depois de todas terem feito o seu brinde, Zara levantou o copo mais uma vez.

— À Zara — disse em voz baixa —, porque, quando ela morrer, a Felicity Farrington vai finalmente descansar em paz.

— À Zara — murmurámos em conjunto e despejámos os copos.

Quando o Jardineiro chegou, não trazia vestido mas trazia Desmond, e sorriu ao ver-nos todas juntas.

— Está na hora, minhas senhoras.

Lentamente, todas beijaram Zara, pegaram nas suas travessas e saíram do quarto com o Jardineiro a beijar cada uma no rosto. Esperei até ao fim, sentando-me na cama para poder pegar-lhe na mão húmida. A trança grisalha de Lorraine estava presa como uma coroa em volta do seu duplo nó.

— Posso fazer alguma coisa? — sussurrei.

Ela enfiou a mão sob a almofada e deu-me um exemplar gasto, sublinhado e anotado de *Sonho de Uma Noite de Verão*.

— Eu gostava muito de teatro na escola — murmurou ela. — Quando fui levada do parque, ia encontrar-me com as minhas amigas para um ensaio. Passei três anos a escrever notas para uma produção que nunca chegarei a fazer. Achas que tu e a Bliss podiam organizar uma leitura para todas? Apenas... para se lembrarem de mim?

Peguei no livro e segurei-o contra o coração.

— Prometo.

— Toma conta da próxima rapariga e tenta não me visitar muito, *okay*?

— *Okay*.

Puxou-me para um abraço apertado e cravou os dedos nos meus ombros. Apesar da calma que aparentava, eu sentia-a tremer. Deixei-a abraçar-me o tempo que quis, e, quando

finalmente respirou fundo e se afastou, beijei-a no rosto.

— Acabei de te conhecer, Felicity Farrington, mas amo-te e hei-de lembrar-me sempre de ti.

— Acho que é o máximo que posso pedir — disse ela com uma gargalhada. — Obrigada, sinceramente, por tudo. Tornaste tudo mais fácil do que podia ter sido.

— Gostava de ter feito mais.

— Fazes o que podes. O resto pertence-lhes a eles. — Com a cabeça, ela indicou os homens à porta. — Acho que me vais ver daqui a uns dias.

— Junto à madressilva, portanto, quase nunca te veremos — concordei, de forma quase inaudível. Beijei-a de novo e saí do quarto, segurando o livro com tanta força que os nós dos dedos estalaram.

O Jardineiro olhou para a trança que obviamente não era de Zara e depois para mim.

— A Lorraine tem estado a chorar — murmurou. — Diz que Bliss a atacou.

— É só cabelo. — Olhei-a directamente nos olhos. — Ela não é o senhor ou os seus filhos. Não temos de tolerar que ela nos magoe.

— Vou falar com ela. — Deu-me um beijo no rosto e foi ter com Zara, mas Desmond ficou para trás com uma expressão perplexa e um pouco preocupada.

— Há alguma coisa que me está a escapar? — perguntou ele em voz baixa.

— Muitas.

— Sei que vais ter saudades, mas vamos cuidar dela. Vai ficar bem.

— Não.

— Maya...

— Não. Não sabes. Devias saber, já viste o suficiente... bem... Eu é que sei. Não me podes dizer que ela vai ficar bem. Neste

momento, não me podes dizer nada.

Avery era o primogénito do Jardineiro, mas, no que importava, Desmond era o seu herdeiro.

E, em pouco tempo, descobriríamos se era igual ao pai.

Olhei para Zara, mas o Jardineiro estava à frente. Ignorando o olhar ferido de Desmond, afastei-me.

Devolvendo o meu tabuleiro à cozinha — e sentindo uma alegria rancorosa ao ouvir Lorraine fungar e ao ver o cabelo quase rapado —, recusei a oferta de várias raparigas para me juntar a elas e voltei para o meu quarto sozinha. Ao fim de cerca de meia hora, as paredes desceram. Afinal, Zara estava demasiado ferida para um último encontro e Desmond encontrava-se presente. Enfiei-me na cama com a peça, li todas as notas nas margens e conheci um pouco de Felicity Farrington.

Por volta das três da manhã, a parede que me impedia o acesso ao corredor subiu. Só aquela parede — as dos dois lados que davam para as vitrinas e, se olhássemos com atenção, para os quartos de Marenka e Isra, estavam descidas. Encontravam-se ali há semanas, e era estranhamente adorável não ver cadáveres de cada vez que abria os olhos. Fechei o livro sobre o dedo, preparando-me para ver o Jardineiro na entrada, com a mão no cinto e os olhos cheios de excitação.

Mas era Desmond, os seus olhos verde-pálidos assombrados e magoados de uma maneira que eu não via há meses. Agarrou-se à parede de vidro para não cair, os joelhos a ceder a cada tentativa de suportar o seu peso.

Fechei o livro como deve ser, pu-lo na prateleira e sentei-me na cama.

Ele deu alguns passos vacilantes para dentro do quarto e caiu, pesado, sobre os joelhos. Enterrou o rosto nas mãos, então encolheu-se violentamente, olhando para as mãos como se, de alguma forma, se tivessem separado do resto. Um cheiro

químico doentio e azedo emanava dele, o mesmo cheiro que eu sentia sempre que passava perto das madressilvas junto à porta da frente. Todo o seu corpo tremia quando se dobrou, pressionando a testa contra o chão de metal frio.

Quase dez minutos se passaram antes de dizer uma palavra e, mesmo assim, a sua voz estava rouca e quebrada.

— Ele prometeu que cuidaríamos dela.

— E cuidou.

— Mas ele... ele...

— Tirou-lhe a dor e impediu-a de se decompor — disse eu num tom neutro.

— ... assassinou-a.

Então não era inteiramente igual ao pai.

Despi a roupa e ajoelhei-me diante dele, desabotoando-lhe a camisa. Ele lançou-me um olhar enjoado e afastou-me as mãos.

— Vou meter-te no chuveiro, cheiras mal.

— Formaldeído — murmurou ele. Desta vez, deixou-me despi-lo e cambaleou atrás de mim enquanto eu o puxava pelo quarto para se sentar no chuveiro. Uma torção do meu pulso fez o jorro de água quente cair sobre ele.

Não houve nada sexual no que aconteceu a seguir. Foi como dar banho às filhas de Sophia quando estavam meio adormecidas. Quando lhe dizia para se inclinar para a frente ou levantar o braço ou fechar os olhos, ele obedecia, mas entorpecido, como se aquilo não fizesse sentido. O meu champô e gel de banho eram ambos bastante frutados, mas eu lavei-o da cabeça aos pés até que o único cheiro químico que restava fosse o da sua roupa.

Embrulhei-o em toalhas e usei um dos seus sapatos para empurrar a roupa para o corredor, depois voltei para nos secar a ambos. Tive de lhe limpar o rosto várias vezes — invisível no duche, um fluxo constante de lágrimas escorria pela sua cara.

— Ele injectou-lhe algo para a pôr a dormir — sussurrou. —

Pensei que íamos levá-la para o carro, mas ele abriu uma sala que eu nunca tinha visto antes. — Um estremecimento percorreu o seu corpo. — Assim que ela adormeceu, meteu-a num vestido laranja e amarelo e deitou-a numa mesa de embalsamamento e depois... ele ligou...

— Por favor, não me digas — pedi.

— Não, tenho de dizer, porque ele vai fazer isso contigo um dia, não vai? É assim que ele... que ele vos *mantém*, embalsamando-vos enquanto ainda estão vivas. — Outro estremecimento, um soluço que fracturou a sua voz, mas ele continuou. — Ficou ali a *explicar-me* todos os passos. Para um dia eu poder fazer aquilo sozinho, disse. O amor era mais do que apenas prazer, disse. Também tínhamos de estar dispostos a fazer as coisas difíceis, disse. Disse... disse...

— Vá lá, ainda estás a tremer.

Deixou-me levá-lo para a cama e tapá-lo com os lençóis, e sentei-me ao lado dele, em cima da colcha, as mãos no regaço.

— Disse que, se eu realmente te amasse, não deixaria outra pessoa cuidar de ti.

— Des...

— Mostrou-me algumas das outras. Pensei... pensei que ele simplesmente as devolvia às ruas! Não percebi... — Foi-se completamente abaixo, chorando com uma intensidade que quase sacudia a cama. Massajei-lhe as costas, descrevendo círculos enquanto ele se engasgava com os soluços, incapaz de o consolar mais do que aquilo porque ele ainda não sabia toda a verdade. Zara tivera uma infecção óssea e ele pensava que todas as pessoas quebradas se matavam ou se deixavam ir abaixo tão completamente que morriam. Não sabia das atitudes e das idades.

Naquele momento, quando estava tão perto de se ir abaixo, não tive coragem de lhe dizer. Não podia usá-lo se estivesse quebrado. Precisava dele corajoso.

Não achei que alguma vez o fosse ser.

— Ela escolheu a vitrina — conseguiu dizer alguns minutos depois. — Ele fez-me levá-la para lá, mostrou-me como a colocar, como fechar completamente o vidro para despejar a resina. Antes de fechar o vidro, ele... ele...

— Deu-lhe um beijo de despedida?

Ele acenou de forma brusca e soltou um soluço.

— Disse que a amava!

— No seu entender, ama.

— Como podes aguentar estar ao pé de mim?

— Às vezes, custa-me — admiti. — Digo a mim mesma que não sabes tudo, que ainda ignoras muito do que o teu pai e o teu irmão fazem, e alguns dias é a única forma de conseguir sequer olhar para ti. Mas tu...

— Por favor, diz-me.

— Mas tu és um covarde — suspirei. — Sabes que manter-nos aqui é errado. Sabes que é contra a lei, sabes que ele nos viola e agora sabes que nos mata. Algumas dessas raparigas podem até ter famílias à procura delas. Sabes que isto é errado, mas não o denuncias. Disseste que ias aprender a ser mais corajoso por mim, mas não o fizeste. E, sinceramente, não sei se consegues.

— Descobrir isto... ver tudo exposto... mataria a minha mãe.

Encolhi os ombros.

— Se deixares passar tempo suficiente, também me vai matar. A cobardia pode ser o nosso estado natural, mas ainda é uma escolha. Cada dia que sabes da existência do Jardim e não chamas a Polícia nem nos deixas ir estás a fazer a mesma escolha uma e outra vez. É o que é, Desmond. Simplesmente, não podes fingir mais.

Ele recomeçou a chorar, ou talvez ainda não tivesse parado, tudo aquilo um choque demasiado grande.

Passou o resto daquela manhã escura deitado em silêncio na

minha cama e, quando a luz do Sol chegou ao Jardim, pegou na sua roupa a tresandar a formaldeído e foi-se embora.

Não falou comigo durante semanas e só entrou no Jardim uma vez: para ver Zara depois de a resina ter solidificado e a parede revelar a sua vitrina. Todas as paredes subiram então, e a realidade que se diluía durante o Verão voltou com uma força retumbante. Éramos Borboletas, e as nossas curtas vidas terminariam numa vitrina.

— Espere, pensei que tinha dito que as coisas mudaram com Keely — interrompe Eddison.

— Sim, sim. Estou a chegar lá.

— Oh.

Ela esfrega os polegares no pescoço do dragão azul e respira fundo.

— A Keely chegou há quatro dias.

Levei algum tempo a cumprir a minha promessa a Zara. O Jardineiro concordou prontamente em arranjar-nos um cenário completo para o *Sonho de Uma Noite de Verão* quando lhe expliquei o meu plano, mas queria que tudo fosse «feito como deve ser». Encomendou todos os tipos de trajes e deu a Bliss uma caixa de cerâmica que pesava tanto como ela para nos fazer coroas de flores. Distribuímos os papéis e ensaiámos a linguagem com as raparigas. Algumas tinham lido uma peça ou duas nas aulas de Inglês, mas a maioria não tivera muito contacto com teatro.

Eu vivera quase dois anos com Noémie, que andava pelo apartamento em roupa interior a ler solilóquios enquanto lavava os dentes.

Sim, lavar os dentes, que, por essa razão, demorava uma

eternidade.

Quando chegou a noite, o Jardineiro mandou Lorraine organizar um banquete no próprio Jardim, espalhado dos dois lados do pequeno riacho. Tínhamos umas cadeiras estranhas que eram um misto de otomanas e *pufs*, tudo de cores garridas, e cada uma de nós usava vestidos de seda semitransparentes de belas cores, que, para variar, nada tinham que ver com as asas pintadas nas nossas costas. Eu ia fazer o papel de Helena e o Jardineiro tinha-me dado um vestido em tons de verde-floresta e musgo, com uma camada rosa-escura. Foi dessa cor que Bliss fez a minha coroa de rosas de cerâmica.

A maioria de nós usava o cabelo solto sob as coroas, simplesmente porque, durante aquela noite, *podíamos*.

Havia uma certa tensão no nosso riso enquanto nos preparávamos. Estávamos a fazer aquilo por Zara, mas o Jardineiro transformara tudo numa festa elegante. Mesmo sabendo os nossos motivos, tenho a certeza de que ele estava convencido de que era uma prova de que éramos felizes sob o seu cuidado extremoso e queríamos organizar esta festa para ele. Aquele homem tinha um talento extraordinário para só ver o que queria.

Nem sequer notara que Lorraine tinha comprado uma peruca para poder ainda parecer ter um cabelo comprido e bem tratado com que ele quisesse brincar, a cabra doentia.

E convenceu Desmond a comparecer.

Estava surpreendido, acho, com a reacção do filho à morte de Zara. Des era parecido com o pai, mas não tinha a sua perspectiva. Desmond só conseguia encarar aquilo como um homicídio, mas tal não o forçava a agir.

No fim da primeira semana de silêncio e ausência do filho, o Jardineiro veio ao meu quarto antes do pequeno-almoço.

— O Desmond parece muito abalado — anunciou assim que abri os olhos. — Vocês discutiram?

Bocejei.

— Ele está com problemas em processar o que aconteceu à Zara.

— Mas a Zara está bem. Não sofre. — Parecia sinceramente confuso.

— Quando disse que ia cuidar dela, ele pensou que queria dizer levá-la a um hospital.

— Isso teria sido uma tolice. Iam fazer perguntas.

— Estou apenas a reproduzir.

— Sim, claro. Obrigado, Maya.

Tenho a certeza de que nas semanas seguintes houve várias conversas entre pai e filho acerca das quais nada soube, mas Desmond apareceu na peça com cara de quem não dormia há uma eternidade. Devia ter apresentado algum trabalho na escola naquele dia, porque trazia camisa e gravata com as calças de cáqui. Certo, a camisa estava aberta no colarinho, a gravata larga e as mangas enroladas, mas era mais formal do que o costume e senti-me um tanto enojada comigo própria por pensar que a camisa verde-espuma do mar combinava muito bem com os seus olhos.

Ele tinha dificuldade em olhar directamente para qualquer uma de nós, em especial para mim. Certa noite, enquanto fazíamos bolachas de chocolate falsas para enganar Lorraine, eu fizera a Bliss o resumo da nossa última discussão. Bliss encolheu os ombros e disse que eu fora mais meiga do que ela teria sido.

Como as bolachas de cerâmica tinham sido ideia sua, não discuti.

A leitura da peça começou muito bem. Até às anotações de Zara, eu nunca tinha prestado muita atenção às palavras — assim que ouvimos «ser ou não ser» mutilado por pasta dos dentes, é difícil importarmo-nos —, mas era uma peça muito engraçada, e nós puxámos por ela onde pudemos. Bliss fez o

papel de Hermia, e, durante uma das cenas em que discutíamos, ela lançou-se mesmo a mim do outro lado do riacho, fazendo o Jardineiro rir com verdadeiro gosto.

No meio de um dos discursos de Marenka como Puck, a porta da frente escancarou-se e Avery apareceu com um embrulho sobre o ombro. Marenka parou e voltou-se para mim, os olhos arregalados atrás da máscara de pavão. Levantei-me e fui para o seu lado, vendo Avery entrar a correr no jardim. Ao fim de um momento, o Jardineiro e Desmond estavam ao nosso lado.

— Trouxe uma nova para nós! — anunciou Avery, o rosto franzido num sorriso. Largou o fardo na areia. — Encontrei-a, apanhei-a. Olha, pai! Vê o que encontrei para nós!

O Jardineiro estava demasiado ocupado a olhar para o filho mais velho, portanto, ajoelhei-me e afastei o cobertor com mãos trémulas. Algumas das raparigas gritaram. Oh-foda-se-oh-foda-se-oh-merda.

A menina lá dentro ainda não tinha atingido a puberdade. Um lado do seu rosto estava coberto de sangue proveniente da têmpora, a pele clara já a começar a arroxear, e outras contusões, arranhões e impressões podiam ser vistas através dos rasgões na sua roupa enquanto eu afastava o resto do cobertor. Mais sangue encharcava as suas coxas e o tecido em volta. Merda, a roupa interior tinha escrita a cor-de-rosa e roxo a palavra «sábado», o tipo de coisa que sabemos que não fazem em tamanhos grandes. Uma parte bastante inapropriada do meu cérebro notou que ainda só era quinta-feira.

Era pequena, com membros magros e desajeitados que davam a impressão de que ela crescera de repente. Bonita, de um género pré-adolescente, com um rabo-de-cavalo de cabelo quase cor de cobre, meio solto, mas muito, muito nova. Voltei a embrulhá-la no cobertor para esconder o sangue e abracei-a, sem palavras.

— Avery — sussurrou o chocado Jardineiro. — Que diabo

fizeste?

Eu não queria mesmo participar naquela conversa. Danelle ajudou-me a levantar com a menina nos braços, sustentando a cabeça dela.

— Bliss, emprestas-nos o teu vestido com costas?

Ela assentiu e correu para o quarto.

Danelle e eu dirigimo-nos rapidamente para o meu quarto, onde despimos a menina, deitámos a roupa estragada na conduta da roupa suja e a limpámos. Tive de lavar o sangue das suas coxas e introduzir suavemente nela alguma água para lavar os fluidos e pedaços de pele rasgada; Danelle estava ocupada a vomitar. Voltou, passando uma mão trémula pela boca.

— Ela ainda nem sequer tem pêlos lá em baixo — sussurrou.

Nada de pêlos no sexo ou nas axilas, nem seios nem ancas... era mesmo ainda uma criança.

Danelle segurou-a para que eu pudesse lavar-lhe o cabelo. Bliss já chegara com o vestido — a única coisa que provavelmente lhe servia e a manteria totalmente tapada, embora estivesse um pouco larga —, então secámo-la, vestimo-la e enfiámo-la na minha cama.

— Agora que ela está aqui, achas que...? — Nem sequer Bliss conseguia terminar esse pensamento.

Abanei a cabeça, inspeccionando a mão da menina onde várias unhas se tinham partido. Ela devia ter lutado.

— Eles não vão tocar-lhe.

— Maya...

— *Não* vão tocar-lhe.

Um bramido dorido ecoou pelo Jardim. Encolhemo-nos.

Mas não era de mulher, por isso, não nos mexemos.

Outras raparigas fugiram do som, enchendo o meu quarto, até que finalmente tive de dizer à maior parte para sair. Não tínhamos ideia de quando a criança acordaria, e ela estaria

aterrorizada e com dores e não precisava de vinte e tal pessoas a observá-la. Apenas Danelle e Bliss ficaram, Danelle mantendo-se atrás da menina para que o seu rosto não fosse visto de imediato.

No entanto, a estante da minha parede direita não escondia Lyonette por completo.

Bliss puxou a cortina da minha sanita o mais possível, levantando a parte de baixo e prendendo-a entre vários dos livros para a fixar. Se soubéssemos que algo estava lá, ainda conseguíamos ver os seus cabelos, a curva das suas costas, mas um olhar casual nada revelaria.

E esperámos.

Bliss foi logo buscar garrafas de água, além de conseguir a custo algumas aspirinas de Lorraine. A aspirina não ia fazer muito a longo prazo — era boa contra as dores de cabeça provocadas pelas drogas, mas isso não era o que ela tinha —, no entanto, era melhor que nada.

Então o Jardineiro apareceu à minha porta. Olhou para a parede e para o arranjo da cortina, depois para a menina na cama, e assentiu, enfiando a mão no bolso. Tirou um pequeno comando à distância e, depois de mexer nele durante algum tempo, as paredes desceram dos dois lados, deixando a frente aberta.

— Como está ela?

— Inconsciente — respondi. — Foi violada, agredida com muita força na cabeça e vai ter muito mais dores.

— Havia alguma coisa a indicar o seu nome? Ou de onde veio?

— Não. — Pousei a mão dela na de Bliss para poder atravessar o quarto e detive-me junto ao homem pálido, com um ar repentinamente abatido. — Ninguém lhe toca.

— Maya...

— Não, ninguém lhe toca. Nada de asas, de sexo, nada. Ela é

uma *criança*.

Para meu choque, ele assentiu.

— Deixo-a ao teu cuidado.

Danelle aclarou a garganta.

— Senhor? Ela ainda não acordou. Não pode ser levada para algum lado? Deixada num hospital ou algo assim? Não saberia de nada.

— Não posso ter a certeza de que ela não viu o Avery — respondeu ele a custo. — Tem de ficar.

Danelle mordeu o lábio e desviou o olhar, as suas mãos a acariciarem o cabelo da menina.

— Acho que é melhor sair daqui — disse-lhe eu. — Não sabemos quando ela vai acordar. Seria melhor não haver nenhum homem presente.

— Claro. Dizes-me se... se ela precisar de alguma coisa?

— Ela precisa da mãe e da sua virgindade — respondeu Bliss.
— Precisa de estar segura em casa.

— Bliss.

Ela resfolegou, mas calou-se ao ouvir o seu tom de advertência.

— Dizes-me? — repetiu ele de novo, e eu assenti. Não me dei ao trabalho de ficar a vê-lo partir.

Ainda não saíra há muito tempo quando Desmond chegou, aquele olhar magoado ainda mais intenso.

— Ela vai ficar bem?

— Não — respondi. — Mas acho que vai sobreviver.

— Aquele grito? O meu pai bateu no Avery com uma bengala.

— Sim, porque isso vai fazê-la sentir-se muito melhor — rosnou Bliss. — Vai-te foder.

— O que lhe fez ele?

— O que achas que ele lhe fez? Que lhe apertou a mão?

— Desmond. — Calei-me até que ele finalmente me olhou

nos olhos. — O teu irmão é assim, mas é o que vocês os três fazem, portanto, agora não podes estar aqui. Sei que estás cheio de pena e de nojo de ti próprio, mas não quero nenhum homem perto desta criança. Tens de ir embora.

— Não fui eu que a magoei!

— Foste sim — respondi. — Podias ter evitado isto! Se tivesses ido à Polícia ou deixado uma de nós ir para podermos lançar o aviso, o Avery não teria podido raptá-la, maltratá-la, violá-la, trazê-la para um sítio onde isso lhe vai acontecer uma e outra vez até ela morrer demasiado nova. Deixaste que isto acontecesse, Desmond, permitiste-o activamente, portanto, sim, foste tu que a magoaste. Se não vais fazer nada para a ajudar, tens de te afastar dela.

Ele olhou para mim, o rosto pálido e chocado. Então virou-se e afastou-se.

Como podia uma criança valer menos que um nome? Como é que todas as nossas vidas podiam valer menos que uma reputação?

Bliss viu-o sair, depois estendeu o braço para me tocar na mão.

— Achas que ele vai voltar?

— Não me interessa.

Era verdade. Estava profundamente cansada, exausta. Já não tinha energia para pensar na inutilidade contínua de Desmond.

A menina recuperou a consciência por volta das duas da manhã, a gemer quando começou a sentir todas as dores. Sentei-me na cama e apertei-lhe suavemente a mão.

— Mantém os olhos fechados — disse, baixando a voz para um tom reconfortante como Lyonette me tinha ensinado. Nunca tinha feito aquilo antes, mas aquela criança precisava que eu fosse mais meiga, mais determinada, por ela. Sophia, pensei, teria percebido essa diferença. — Vou pôr um pano húmido no teu rosto para ajudar a diminuir um pouco essa dor.

Danelle espremeu o pano e entregou-mo.

— Onde... o quê?

— Já falamos disso, prometo. Consegues engolir comprimidos?

Ela começou a chorar.

— Por favor, não me drogues! Porto-me bem, prometo, não vou lutar mais!

— É uma aspirina, mais nada. Prometo. É só para ajudar a atenuar a dor.

Ela deixou-me endireitá-la o suficiente para lhe meter o comprimido na língua e lhe dar um pouco de água.

— Quem és tu?

— Chamo-me Maya. Fui levada pelas mesmas pessoas que te levaram, mas não vou deixá-las magoar-te mais. Não poderão tocar-te.

— Quero ir para casa.

— Eu sei — sussurrei, ajustando o pano sobre os seus olhos.

— Sei que queres. Sinto muito.

— Não quero continuar cega, por favor, deixa-me ver!

Protegi-lhe os olhos com a mão e afastei o pano, vendo-a pestanejar mesmo com a pouca luz. Os seus olhos eram de cores diferentes, um azul e outro cinzento, e o azul tinha duas pintas na íris. Inclinei a mão para que ela pudesse ver o meu rosto sem olhar directamente para a luz do tecto.

— Melhor?

— Tenho dores — choramingou. As lágrimas escorreram-lhe pelos cantos dos olhos até ao cabelo.

— Eu sei que tens, querida. Eu sei.

Ela rolou e pousou o rosto no meu colo, os seus braços magros a envolverem as minhas ancas.

— Quero a minha mãe!

— Eu sei, querida. — Curvei-me sobre a menina, o meu cabelo a cair em volta dela como uma espécie de escudo, e

abraçei-a com força sem a magoar. — Sinto muito. — Jillie, a filha de Sophia, teria agora onze anos; aquela menina parecia ter mais ou menos a mesma idade, talvez um ano mais velha. Mas pensar em Jillie naquele momento custava. Aquela criança parecia tão jovem e frágil, tão quebrada. Não queria imaginar a pequena e corajosa Jillie daquela forma.

Ela chorou até adormecer e, quando voltou a acordar, algumas horas mais tarde, Bliss trouxera-nos fruta.

— A Lorraine não fez o pequeno-almoço — sussurrou ela para mim e Danelle. — Passou a noite sentada na cozinha a olhar para a parede, segundo a Zulema e a Willa.

Assenti com a cabeça e peguei numa das bananas, sentando-me ao lado da menina.

— Toma, deves estar com fome.

— Nem por isso — disse ela com ar infeliz.

— Parte disso deve-se ao choque, mas, mesmo assim, tenta comer. O potássio vai ajudar os teus músculos, ajudá-los a não estarem tão contraídos e doridos.

Ela soltou um suspiro trémulo, mas pegou na banana e deu-lhe uma dentada.

— Esta é a Bliss — disse eu, apontando para a minha pequena amiga. — E esta é a Danelle. Podes dizer-nos o teu nome?

— Keely Rudolph — respondeu ela. — Vivo em Sharpsburg, Maryland.

Há uma eternidade, Guilian dissera-me qualquer coisa acerca de Maryland.

— Keely, achas que podes ser corajosa por mim?

As lágrimas brotaram de novo dos seus olhos, mas, Deus a abençoe, ela assentiu.

— Keely, estamos num sítio chamado Jardim. Um homem e os seus dois filhos trouxeram-nos para cá e mantêm-nos aqui. Certificam-se de que temos comida e roupa, de que temos

aquilo de que precisamos, mas não nos deixam sair. Lamento muito que tenhas sido raptada e trazida para cá, mas não posso mudar isso. Não posso prometer que voltarás a ver a tua casa ou a tua família.

Ela fungou e eu pus um braço sobre os seus ombros, puxando-a contra mim.

— Eu sei que é difícil. Não digo isto só por dizer, sei mesmo. Mas prometo que vou cuidar de ti. Não vou deixar que te magoem. Nós aqui somos uma espécie de família. Às vezes discutimos e nem sempre gostamos umas das outras, mas somos uma família, e os membros de uma família olham uns pelos outros.

Bliss esboçou um sorriso de esguelha; embora não soubesse muito, sabia que eu não tinha sido criada assim.

No entanto, eu tivera uma amostra disso no apartamento e aprendera o resto aqui. Éramos uma família estranha, mas, ainda assim, uma família.

Keely olhou para Danelle e encolheu-se contra mim.

— Porque tem ela uma tatuagem na cara? — sussurrou.

Danelle ajoelhou-se diante da cama, pegando nas duas mãos de Keely.

— Esta é outra coisa para a qual tens de ser corajosa — disse ela baixinho. — Queres ouvir agora ou queres esperar um pouco?

Mordendo o lábio, a menina lançou-me um olhar incerto.

— A escolha é tua — disse eu. — Agora ou mais tarde, podes escolher. Se ficares mais descansada, prometo que não te vai acontecer.

Ela respirou fundo, trémula, e assentiu.

— Agora, então.

— O homem que nos guarda? Chamamos-lhe Jardineiro — disse Danelle simplesmente. — Ele gosta de nos imaginar como Borboletas no seu Jardim e tatua asas nas nossas costas porque

isso o ajuda a fingir que somos. Quando cá cheguei, pensei que, se o fizesse gostar mais de mim do que das outras, me deixaria ir e eu poderia voltar para casa. Estava errada, mas não aprendi suficientemente depressa e ele tatuou-me as asas na cara para mostrar às outras que achava que eu estava feliz com o que ele fazia.

Keely olhou para mim de novo.

— Tu também tens asas?

— Nas costas, sim.

Os seus olhos voltaram-se para Bliss, que assentiu.

— Mas não vais deixar que ele me faça aquilo?

— Não vou deixá-lo tocar-te.

Levámo-la para o Jardim ao início da tarde, Bliss à frente para avisar as outras raparigas. Habitualmente, a maioria ficava longe da nova rapariga até ela se instalar. Keely era diferente. Sozinhas ou aos pares, o mais pacificamente possível, todas as raparigas, menos Sirvat, vieram dizer olá, apresentar-se e, talvez o mais importante, prometer que ajudariam a protegê-la. Eu não me importava que Sirvat se afastasse disso.

Marenka ajoelhou-se e deixou Keely percorrer com o dedo o branco, castanho e preto das asas no seu rosto para que ela não continuasse assustada.

— Vou mudar as minhas coisas para poderes ficar ao lado da Maya — disse ela. — Assim, se tiveres medo ou não quiseses ficar sozinha, não precisas de recear perder-te. Estarás mesmo ao lado dela.

— Obrigada — conseguiu dizer Keely.

Lorraine recuperou o suficiente para nos preparar um almoço frio, embora chorasse o tempo todo. Queria acreditar que ela talvez tivesse finalmente percebido quem era o Jardineiro, que estava horrorizada pelo facto de uma criança tão nova ter sido raptada, que estava mortificada por ter tido ciúmes de raparigas mortas. Queria mesmo acreditar nisso, mas não era

capaz. Não sabia por que motivo ela estava tão chocada e chateada, mas devia ser apenas por causa de si própria. Talvez o ter comprado a peruca — ou, mais provavelmente, Bliss não ter sido castigada pelo ataque — a tivesse feito perceber, por fim, que o Jardineiro nunca mais a amaria.

Levámos os nossos almoços para o penhasco, onde o sol estava quente e o espaço à nossa volta era amplo. Keely ainda não tinha muito apetite, mas comia para nos fazer a vontade. Então viu Desmond a subir o caminho e colou-se a mim. Bliss e Danelle também se aproximaram, protegendo-a de todos os lados.

Desmond não era a ameaça, mas era um homem. Eu entendia o impulso.

Ele parou a uma distância segura, ajoelhando-se sobre a rocha e abrindo os braços.

— Não te vou magoar — disse ele em voz baixa. — Não vou tocar-te nem sequer aproximar-me mais.

Abanei a cabeça.

— Porque estás aqui?

— Para perguntar o nome dela e de onde veio, para poder fazer o que está certo.

Comecei a levantar-me da rocha, mas os braços de Keely apertaram-se em torno da minha cintura.

— Está tudo bem — sussurrei, abraçando-a. — Vou só falar com ele. Podes ficar aqui com a Bliss e a Danelle.

— E se ele te magoar? — choramingou ela.

— Não. Este não. Volto já. Vais continuar a ver-me.

Ela soltou-me lentamente para transferir o seu aperto para Danelle. Bliss era macia e curvilínea, mas não afectuosa.

Passei por Desmond e dirigi-me à beira do penhasco; ao fim de um momento, ele seguiu-me. Manteve-se a cerca de um metro de distância, enfiando as mãos nos bolsos.

— O que estás a fazer?

— O que é correcto — respondeu ele. — Vou chamar a Polícia, mas preciso de saber o nome dela. Deve haver um alerta.

— Porquê agora? Sabes do Jardim há seis meses.

— Que idade tem ela?

Olhei para Keely por cima do ombro.

— Ela e as amigas estavam no centro comercial a comemorar o seu décimo segundo aniversário.

Ele praguejou e estudou os pés, as pontas dos seus sapatos um pouco fora da beira da rocha.

— Tenho tentado convencer-me de que o meu pai está a dizer a verdade, que, embora vocês não estejam aqui por opção, pelo menos vieram de um sítio de onde ele vos pôde salvar.

E, ainda assim, perante aquela criança de doze anos, ele continuava a iludir-se.

— Das ruas, talvez, ou de famílias más — continuou. — Algo que tornasse isto apenas um pouco melhor, mas não consigo... sei que foi o Avery que a raptou, não o meu pai, mas isso tem de parar. Tens razão: sou um cobarde. E sou egoísta, porque não quero ferir a minha família e ir para a prisão, mas aquela menina é... — Ele parou, ofegando com a força das suas palavras e o emaranhado de emoção por detrás delas. — Continuei a dizer a mim mesmo que precisava de aprender a ser mais corajoso, e, meu Deus, que ideia mais estúpida. Não se aprende a ser corajoso. Só tem de se fazer o que é certo, mesmo que isso nos assuste. Então vou ligar à Polícia e dizer o máximo de nomes que souber e falar-lhes do Jardim.

— Vais mesmo ligar? — perguntei.

Ele lançou-me um olhar furioso.

— Sim, estou a perguntar porque não posso ir dizer àquela criança que vem aí ajuda se vais voltar atrás ou enterrar a cabeça na areia. Vais mesmo fazer isso?

Ele respirou fundo.

— Sim. Vou mesmo fazer isso.

Estendi a mão e toquei ao de leve no seu rosto para o fazer olhar para mim.

— Ela chama-se Keely Rudolph e vive em Sharpsburg.

— Obrigado. — Virou-se para se ir embora, depois parou, voltou atrás e puxou-me para um beijo abrasador.

E então afastou-se sem mais uma palavra.

Voltei para a rocha.

— Precisamos de ficar no meu quarto durante o resto do dia — disse eu às meninas. — Vão andando, vou dizer às outras.

— Achas mesmo que ele vai fazer isso? — perguntou Bliss.

— Acho que vai finalmente tentar, e Deus o ajude se não resultar. Vai, depressa.

Era como o derradeiro jogo das escondidas, localizar cada rapariga e dizer-lhe para ficar no seu quarto. Não me interessava se ficavam nos seus próprios quartos, apenas que saíssem do Jardim propriamente dito, porque, assim que o Jardineiro soubesse daquela chamada, as paredes iam descer e eu nem queria pensar no que aconteceria a qualquer rapariga que ele encontrasse fora delas. Cada palavra era sussurrada porque eu não sabia o alcance dos microfones e não sabia se o Jardineiro já tinha ouvido o que o filho pretendia fazer.

Encontrei Eleni e Isra na gruta, Tereza na sala de música, Marenka no quarto que já não seria dela, com Ravenna e Nazira a ajudarem-na a arrumar os seus bordados. Willa e Zulema estavam na cozinha a ver Lorraine chorar com uma tal intensidade que lhe entortava a peruca, Pia estava junto à lagoa a estudar os sensores do nível da água. Uma a uma, encontrei-as e dei-lhes a notícia, e elas afastaram-se rapidamente.

Sirvat foi a última que encontrei, completamente encostada à vitrina de Zara. As intrincadas asas pretas, brancas e

alaranjadas de uma *Pearl Crescent*[12] enchiam as suas costas e tinha os olhos fechados enquanto permanecia imóvel.

— Sirvat, que diabo estás a fazer?

Ela abriu um olho e fixou-me.

— A tentar imaginar como é estar lá dentro.

— Uma vez que ela está morta, não creio que te possa ajudar com isso. Ela também não sabe.

— Sentes o cheiro?

— A madressilva?

Ela abanou a cabeça e afastou-se do vidro.

— A formaldeído. O meu professor de Biologia usava-o para preservar os espécimes que depois dissecávamos. Eles devem ter uma grande quantidade naquela sala, porque o cheiro aqui é muito forte.

— É onde ele nos prepara para as vitrinas — respondi com um suspiro. — Sirvat, temos de ficar nos quartos. Vai haver merda da grossa.

— Por causa da Keely?

— E do Desmond.

Ela tocou na porta trancada, protegida pelo seu código.

— Sempre tivemos de ser muito cuidadosos com o formaldeído. Mesmo diluído em álcool, nem sempre é estável.

Nunca tive pena de não ser mais chegada a Sirvat. Ela era estranha. Mas deixou-me tirá-la dali e levá-la para o seu quarto. Corri de novo para o penhasco e subi a uma das árvores para tentar ver se estava a acontecer alguma coisa, mas não conseguia sequer ver a casa, muito menos a frente da propriedade. O Jardineiro tinha muito dinheiro e muito espaço, uma má combinação quando se trata de tendências psicopatas.

As luzes tremeluziram violentamente e eu lancei-me para a beira do penhasco, raspando braços e pernas e chocando com a parede enquanto descia à pressa e atravessava a queda-d'água para chegar ao meu quarto antes que as paredes descessem.

Bliss entregou-me uma toalha.

— Ocorre-me, meia hora demasiado tarde, que talvez tivesse sido melhor ficarmos todas num único sítio. Se o Desmond disser à Polícia que estamos na estufa interior, eles insistirão em verificá-la, certo? Se estivéssemos lá fora, eles ver-nos-iam.

— Acredita ou não, pensei nisso. — Despi o vestido encharcado e enfiei o que recebera na chegada de Desmond, aquele com as costas. Não era um dos favoritos do Jardineiro, porque tapava as asas, mas de momento não me importava. Queria correr, lutar, fazer quase tudo menos estar sentada naquele quarto minúsculo à espera. — Se ele for capaz de convencer a Polícia a não investigar ou se for capaz de convencer o Desmond a não fazer o telefonema, o que achas que fará a quem desobedeceu ao recolher?

— Raios!

— Bliss... tenho medo — sussurrei. Sentei-me na cama e peguei na mão de Keely. Ela apertou-ma e enroscou-se em mim, à procura de conforto. — Detesto não poder ouvir nada.

Marenka e eu tínhamos experimentado uma vez gritar a plenos pulmões durante uma visita dos jardineiros que faziam a manutenção. Os nossos quartos ficavam lado a lado e não conseguimos ouvir nada. Até as saídas de ar se fechavam quando as paredes desciam.

Passaram-se horas antes de as paredes subirem. Ao início, ficámos nos quartos, demasiado assustadas para sairmos, apesar de termos odiado estar quietas. Depois não aguentámos mais e fomos para o Jardim ver como o nosso mundo mudara.

Talvez, finalmente, fosse para melhor.

— E mudou? — pergunta Eddison quando se torna claro que ela não vai continuar.

— Não.

III

Inara esfrega os polegares no pequeno dragão triste, uma das crostas a prender-se na crista dele e a rasgar-se.

Victor troca um olhar com o parceiro.

— Pega no casaco — diz ele, afastando-se da mesa.

— O quê?

— Vamos dar um pequeno passeio.

— Vamos fazer o quê? — murmura Eddison.

A rapariga não faz perguntas, simplesmente pega no casaco dele e enfia-o. O pequeno dragão azul permanece numa mão.

Ele leva-os até à garagem, abrindo a porta do passageiro para Inara. Ela olha para o carro por um momento, a sua boca torcida numa expressão a que ele não pode realmente chamar sorriso.

— Algum problema?

— Tirando quando vim aqui e para o hospital, e talvez quando fui de Nova Iorque para o Jardim, não entro num carro desde o táxi que me levou a casa da minha avó.

— Então há-de compreender porque não a deixo conduzir.

Os lábios dela estremecem. O riso fácil e o ambiente descontraído que finalmente tinham conseguido na sala desapareceram diante daquilo para que tinham estado a trabalhar até ali.

— Há alguma razão para eu ter de ir atrás? — queixa-se Eddison.

— Gostavas que eu inventasse uma?

— Tudo bem, mas eu escolho a música.

— Não.

A rapariga levanta uma sobrancelha e Victor faz uma careta.

— Ele gosta de *country*.

— Por favor, não o deixe escolher — diz ela de forma agradável enquanto se senta.

Rindo, espera que as pernas dela estejam dentro antes de fechar a porta.

— Para onde vamos na nossa pequena excursão? — pergunta Eddison enquanto os homens passam para o outro lado do carro.

— A primeira paragem é no café, depois vamos para o hospital.

— Para ela poder ver as amigas?

— Isso também.

Revirando os olhos, Eddison cala-se e instala-se no banco de trás.

Quando chegam ao hospital, os cafés na mão — chá para Inara —, todo o edifício está cercado pelas carrinhas dos jornalistas e curiosos. A parte dele que já fez este trabalho durante demasiado tempo pergunta-se se todos os pais que já perderam uma filha entre os dezasseis e os dezoito anos estão lá fora com uma vela e uma foto ampliada, à espera do melhor ou talvez até à espera do pior, desde que o pesadelo de não saberem acabe por fim. Alguns olham fixamente para os seus telemóveis, à espera de uma chamada que, para muitos, nunca acontecerá.

— Os quartos das raparigas estão isolados? — pergunta ela, afastando o rosto da janela do carro e deixando o cabelo cair para a frente para o esconder ainda mais.

— Sim, com guardas à porta. — Ele olha para a entrada de emergência a fim de ver se consegue fazê-la entrar por lá, mas quatro ambulâncias ocupam o espaço e há bastante actividade em torno delas.

— Eu passo por alguns repórteres, se tiver de ser. Eles não podem esperar que eu fale sobre isso.

— Costumava ver os noticiários na cidade?

— Víamo-los de vez em quando no Taki quando íamos buscar comida — responde ela com um encolher de ombros. — Não tínhamos televisão e a maioria das pessoas com quem saíamos só tinha as suas ligadas a consolas de jogos ou a leitores de DVD. Porquê?

— Porque eles esperam mesmo que fale disso, apesar de saberem que não está autorizada a fazê-lo. Empurrarão os microfones contra o seu rosto e far-lhe-ão perguntas pessoais sem sensibilidade e partilharão as suas respostas com qualquer pessoa que as queira ouvir.

— Então... eles são como o FBI?

— Primeiro Hitler, agora os jornalistas — diz Eddison. — Que alegria ter uma opinião tão boa a nosso respeito.

— Está claro que não sei o suficiente sobre jornalistas para os achar ofensivos, portanto, não sei se são muito maus.

— Se não se importa de passar por eles, podemos entrar — diz Victor antes que possam acrescentar qualquer outra coisa. Estaciona o carro e contorna-o para abrir a porta a Inara. — Vão estar aos gritos — adverte ele. — Vão ser barulhentos e intrusivos e haverá *flashes* a brilhar por todo o lado. Haverá pais a fazer perguntas sobre as suas meninas, querendo saber se as viu. E haverá pessoas a insultá-la.

— Insultar-me?

— Há sempre algumas pessoas que acham que a vítima deve ter merecido — explica ele. — São idiotas, mas muitas vezes dizem o que pensam. Claro que você não merece, ninguém *merece* ser raptado ou violado ou assassinado, mas vão dizê-lo de qualquer maneira, porque acreditam ou porque querem alguns segundos de atenção, e, como defendemos a liberdade de expressão, nada podemos fazer acerca disso.

— Acho que me habituei tanto aos horrores do Jardim que me esqueci de como o Exterior pode ser horrível.

Ele daria tudo para lhe dizer que não é verdade.

Mas é, por isso, permanece em silêncio.

Saem do estacionamento para a entrada principal, os agentes a flanquearem a rapariga de forma protectora, e as luzes e os sons elevam-se de forma febril. A rapariga ignora-os com grave dignidade, olhando para a frente, recusando sequer ouvir as perguntas, muito menos responder-lhes. Há barricadas para manter todos afastados do caminho para o hospital, com a Polícia local a vigiá-las. Estão quase na porta quando uma mulher empreendedora rasteja sob a barricada e por entre as pernas de um agente, o fio do microfone a arrastar atrás dela.

— Como se chama? É uma das vítimas? — pergunta, agitando o microfone diante dela.

A rapariga não responde, nem sequer olha para ela, e Victor faz sinal ao agente para afastar a mulher.

— Com uma tragédia como esta, deve ao público a história completa!

O seu polegar ainda esfrega pensativamente o pequeno dragão azul, mas ela vira-se para olhar a jornalista, que se debate nos braços do polícia.

— Acho que, se soubesse mais sobre o caso que pretende denunciar — diz ela em voz baixa —, não insinuaria que devo alguma coisa a *alguém*. — Assente na direcção do agente e continua a dirigir-se para as portas de correr. Alguns gritos seguem-na, os mais próximos da porta a perguntar-lhe por raparigas desaparecidas, mas tudo se desvanece num rugido abafado quando as portas se fecham atrás deles.

Eddison sorri-lhe.

— Estava à espera de que a mandasse à merda.

— Pensei nisso — admite ela. — Então lembrei-me de que vocês provavelmente também apareceriam no enquadramento

e não quis que a mãe de Hanoverian lhe lavasse as orelhas por ouvir uma linguagem tão suja.

— Sim, sim, vamos lá, meninos.

Para um hospital, há uma presença policial significativa, até para o átrio principal. FBI, Polícia local, representantes de outros departamentos policiais, Serviços Sociais, todos a falarem ao telemóvel ou a clicar em portáteis ou *tablets*. Aqueles que não estão ligados à tecnologia estão a braços com algo muito mais difícil: as famílias.

Enquanto Eddison larga os copos vazios no caixote perto das portas, Victor acena para o terceiro membro da sua equipa, sentada ao lado de um casal na casa dos trinta. Ramirez acena com a cabeça, mas não tira o braço dos ombros da mulher exausta ao seu lado.

— Inara, esta é...

— A agente Ramirez — termina Inara por ele. — Conhecemo-nos antes de eu ser levada. Ela prometeu impedir os médicos de serem uns idiotas.

Victor faz uma careta.

Ramirez sorri.

— Arrogantes — emenda. — Prometi *tentar* evitar que fossem arrogantes. Embora ache que na altura se chamava Maya.

— Chamava. Chamo. — Ela abana a cabeça. — É complicado.

— Estes são os pais da Keely — diz Ramirez, indicando o casal.

— Ela continua a perguntar por si — diz o pai de Keely. Está pálido e de olhos vermelhos, mas estende-lhe a mão. Ela ergue as mãos queimadas e cortadas numa desculpa silenciosa. — Sei que ajudou a protegê-la quando ela lá chegou!

— Tentei — corrige ela. — Não que ela tenha sorte por ter lá estado, mas ainda bem que não esteve lá muito tempo.

— Íamos levá-la para um quarto particular — acrescenta a mulher dele através de uma fungadela. Segura uma mochila da *Hello Kitty* e um punhado de lenços de papel. — Ela é tão nova, e as perguntas que os médicos estão a fazer são tão pessoais. — Tapa o rosto com os lenços de papel e o marido pega no fio da meada.

— Ela entrou em pânico, disse que se não pudesse tê-la a si queria ficar com... com...

— A Danelle e a Bliss?

— Sim. Eu não... não entendo por que motivo...

— Isto é demasiado terrível para perceber — diz Inara num tom meigo. — É assustador. A Keely não esteve lá muito tempo, mas durante aqueles dois dias não esteve sozinha. Nós as três estivemos com ela o tempo todo, e muitas vezes também algumas das outras raparigas. É reconfortante estar com pessoas que sabem exactamente aquilo por que passámos. Vai melhorar. — Olha para o dragão que tinha na mão. — Não é que ela não esteja radiante por vos ver. Está. Teve imensas saudades vossas. Mas estar sozinha num quarto agora é... provavelmente deixá-la-ia em pânico. Tenham paciência com ela.

— O que fizeram à nossa menina?

— Ela vai contar-vos tudo à medida que puder. Tenham paciência com ela — repete. — E desculpem, sei que devem ter um milhão de perguntas e preocupações, mas, realmente, preciso de ir ver as outras, incluindo a Keely.

— Certo, certo, claro. — O pai de Keely aclara a garganta várias vezes. — Obrigado por a ajudar.

A mulher levanta-se e abraça a rapariga surpreendida, que lança um olhar cauteloso ao sorridente Victor. Como ele não faz nenhum movimento para ajudar, ela esboça uma careta e afasta-se delicadamente dos braços da mulher.

— Que pais estão aqui? — murmura enquanto se afastam.

— Metade dos pais das sobreviventes, com mais alguns a caminho — responde Ramirez, correndo para os alcançar junto aos elevadores. — Ainda não notificaram os pais das raparigas mortas. Querem ter certeza absoluta de que são elas.

— Isso seria bom, sim.

— Agente Ramirez! — chama uma voz estridente, seguida pelos rápidos cliques de saltos nos mosaicos.

Victor geme. Estavam tão perto de passar despercebidos.

Mas vira-se, juntamente com os parceiros, para enfrentar a mulher que se aproxima. Inara continua a olhar para o ecrã acima do elevador, vendo os números diminuírem.

A senadora Kingsley é uma mulher elegante, de cinquenta e poucos anos, com o cabelo preto disposto em redor do rosto para dar uma impressão de suavidade que a sua expressão severa contrapõe. Ainda parece fresca, apesar de estar no hospital desde a noite anterior. O seu fato vermelho contrasta com a pele escura, o pequeno pino da bandeira americana na sua lapela quase afogado pela cor.

— Então esta é ela? — exige, parando diante deles. — Esta é a rapariga que estão a esconder?

— Estivemos a interrogá-la, senadora, não a escondê-la — diz Victor. Estende a mão para segurar o ombro de Inara, virando-a devagar mas com firmeza.

Os olhos de Inara passam pela mulher. Esboça um sorriso tão obviamente falso que o faz estremecer.

— Deve ser a mãe da Ravenna.

— O nome dela — diz a senadora — é Patrice.

— Era — concorda Inara. — E será. Agora é Ravenna. O Exterior ainda não é real.

— E que diabo significa isso?

O sorriso desaparece. O polegar de Inara esfrega o dragão triste. Ao fim de um momento, ela endireita-se e fixa a mulher nos olhos.

— Significa que, neste momento, a senhora é demasiado real para ela. Os últimos dois dias foram muito difíceis. Passámos tanto tempo a viver na fantasia terrível de outra pessoa que já não sabemos como ser reais. Isso acabará por acontecer, com o tempo, mas o seu real é muito... — Ela olha para o grupo de assessores que mantém uma distância respeitosa. — É muito público — diz, por fim. — Se puder livrar-se da comitiva, talvez seja mais fácil para ela.

— Estamos apenas a tentar chegar ao fundo desta questão.

— Esse não é o trabalho do FBI?

A senadora olha para ela.

— Ela é minha filha. Não vou ficar sentada a assistir...

— Como qualquer outro progenitor?

Victor faz mais uma careta.

— A senhora representa a lei, senadora. Por vezes, isso significa recuar para a deixar funcionar.

Eddison volta-se para carregar de novo no botão de chamada do elevador. Victor vê os seus ombros a estremecer.

Mas Inara ainda não terminou.

— Às vezes significa ser mãe ou senadora, não ambos. Acho que ela gostaria de ver a mãe, mas, com aquilo por que passou, os ajustes que terá de fazer, não acho que consiga lidar com a senadora. Agora, se nos dá licença, temos de ir ver a Ravenna e as outras.

O elevador apita e ela entra assim que as portas se abrem. Ramirez e Eddison juntam-se a ela.

Victor indica-lhes que subam. A senadora pode ficar sem palavras por enquanto, mas isso nunca parece durar muito tempo.

E não dura.

— Fui informada de que aquela mulher, Lorraine, era cúmplice do que foi feito à minha filha. Prometo-lhe, agente, se ouvir a menor indicação de que aquela rapariga faz parte disso,

usarei todo o peso...

— Senadora. Vamos fazer o nosso trabalho. Se quer saber o que aconteceu à sua filha, se quer chegar à verdade, tem de nos deixar fazer o nosso trabalho. — Estende a mão para lhe tocar no cotovelo. — Tenho uma filha um pouco mais nova que a Patrice. Prometo que isto não é algo que eu encare de ânimo leve. Temos aqui jovens incrivelmente fortes que viveram um inferno, e vou honrá-las dando-lhes o meu melhor, mas a senhora tem de recuar um passo.

— O senhor conseguiria? — pergunta ela com astúcia.

— Espero nunca ter de descobrir.

— Que Deus o ajude, agente, se isto lhe rebentar na cara.

Victor vê-a afastar-se, depois prime o botão para subir. Enquanto espera pelo elevador, vê-a juntar o seu grupo de pessoas, dar ordens e fazer perguntas, os elementos mais jovens da equipa a esforçarem-se por responder. Os mais velhos são mais calmos, menos temerosos.

Ele sobe até ao quarto andar e sai para um silêncio perceptível, tão diferente do átrio cheio e frenético. Os outros esperaram por ele. Um grupo de médicos e enfermeiras conversa junto ao balcão de enfermagem, mas a presença de guardas armados junto às portas mantém o volume baixo.

Uma das enfermeiras acena a Ramirez.

— Precisa de falar de novo com as meninas?

— Temos alguém que precisa de as ver. — Aponta para a rapariga, e a enfermeira segue o seu gesto com um sorriso fácil.

— Ah, sim, lembro-me de ti. Como estão as tuas mãos?

Ela levanta-as para a enfermeira observar.

— Os pontos estão a sarar e não há inchaço — murmura. — Isso é bom. Andas a arrancar as crostas das feridas pequenas?

— Algumas.

— Bem, não faças mais isso. Vais querer que curem. Vamos cobri-las com ligaduras, apenas por precaução.

Em poucos minutos, as suas mãos estão de novo embrulhadas numa gaze que é cuidadosamente esticada em volta dos seus dedos para permitir alguma mobilidade. Enquanto a enfermeira a tem estacionária, aproveita para fazer uma verificação rápida dos ferimentos menores no flanco e no braço.

— Estás ótima, querida — conclui a mulher com uma mão no ombro dela. — Senhor agente, agora pode levá-la.

A rapariga faz continência e a enfermeira dispensa-a com um sorriso.

Quando chegam à primeira das portas, Inara respira fundo, tirando o pequeno dragão azul do bolso para se confortar.

— Não imagino como vai ser a dinâmica — confessa.

Victor fez-lhe uma festa no ombro.

— Descubra.

O agente à porta muda desajeitadamente o peso para o outro pé.

— Estão todas duas portas abaixo.

— Todas? — pergunta Eddison bruscamente.

— Elas insistiram.

— Por serem jovens traumatizadas?

— Sim, senhor. — Ele tira o chapéu para coçar o cabelo loiro.

— Uma delas ensinou-me algumas expressões que nunca ouvi, nem sequer numa apreensão de drogas.

— Provavelmente, foi Bliss — murmura a rapariga. Em vez de discutir com o homem, avança mais duas portas, seguida pelo trio de agentes, e acena ao polícia ali parado. — Posso entrar?

Ele olha para os agentes do FBI, que acenam todos.

— Sim, minha senhora.

Embora palavras e vozes individuais sejam indistintas, ouvem o som da conversa através da parede. Pára assim que a porta se abre, depois aumenta quando as ocupantes do quarto

vêm a rapariga.

— Maya! — Um borrão preto e branco de rabo à mostra voa através do quarto e lança-se nos braços dela. — Onde raio estiveste?

— Olá, Bliss. — Fazendo uma festa nos caracóis pretos em desalinho da rapariga mais baixa, ela olha em volta. O quarto de duas camas tem agora quatro. Todas as raparigas feridas que conseguem andar estão agrupadas nas camas das outras em estado mais grave, de mãos dadas ou sentadas com os braços em volta de ombros ou cinturas. Alguns dos pais mais corajosos estão sentados em cadeiras ao lado das camas, mas a maioria está junto à parede mais afastada a falar entre si e de olho nas filhas.

Victor inclina-se contra a parede com um sorriso, observando uma sombra pequena a rastejar entre duas das camas para abrir caminho entre as duas jovens. É uma alegria ver o sorriso meigo da rapariga, a força com que aperta a criança contra ela.

— Olá, Keely. Conheci os teus pais.

— Acho que os magoei — sussurra Keely, mas Inara abana a cabeça.

— Eles estão apenas assustados. Tem paciência com eles e contigo.

Victor e os colegas ficam junto à porta durante quase uma hora, vendo as raparigas rirem e trocarem piadas e insultos enquanto confortam colapsos momentâneos ou lágrimas ocasionais. Apesar da sua óbvia aversão, a rapariga deixa que a apresentem aos pais. Ouve-os com paciência enquanto lhe falam das suas buscas pelas filhas, lhe dizem que nunca desistiram da esperança, e o único sinal do seu cinismo é a sobrelha subida que provoca em Danelle um ataque de riso suficientemente forte para fazer disparar o seu monitor cardíaco.

Consegue identificar Ravenna — parece uma versão mais

jovem da mãe — e observa atentamente a breve conversa delas, desejando poder ouvir qualquer coisa. A filha da senadora tem ligaduras a cobrir-lhe a maior parte de uma perna. Ravenna é a bailarina, recorda ele. Quando Inara toca suavemente nas ligaduras, ele pergunta-se se as feridas terão efeitos negativos nisso.

Consegue dar nome a algumas das Borboletas a partir das histórias dela. Para as outras, tem de ouvir os nomes que são lançados no ar, tentar atribuí-los às suas donas. Com excepção de Keely, que nunca recebeu o seu nome de Borboleta, nenhuma delas usa o nome original. Ainda são os nomes do Jardim nas suas línguas, nas suas mentes, e ele vê os pais encolherem-se ao ouvi-los. Inara disse que às vezes era mais fácil esquecer; pela primeira vez, pergunta-se se alguma delas o fez. Ou talvez ela tenha razão e as raparigas ainda não estejam prontas para que aquilo seja real.

É tentador ficar ali mais tempo, aproveitar aquela visão para afastar alguns dos horrores dos últimos dias, mas Victor não pode desconstrair-se completamente. Ela ainda tem de ver mais coisas e de lhes contar mais coisas.

Coisas que precisam de saber.

Ele levanta o pulso para ver as horas e de imediato os olhos de Inara se viram para ele, uma pergunta que não precisa de palavras. Ele assente. Ela suspira, fechando os olhos por um momento, a fim de se recompor. Então começa o processo de tranquilizar todas de que voltará. Está quase na porta quando Bliss lhe pega na mão.

— O que lhes contaste? — pergunta sem rodeios.

— A maior parte do que é importante.

— E o que disseram eles?

— O Avery está morto. É provável que o Jardineiro sobreviva e vá a julgamento.

— Então vamos ter de falar.

— Está na altura, e vê as coisas desta maneira: talvez seja mais fácil contar ao FBI do que aos teus pais.

Bliss faz uma careta.

— Os pais dela vêm a caminho — murmura Ramirez a Victor. — Estão num avião vindo de Paris, onde o pai dá aulas. É difícil saber se desistiram de a procurar ou se simplesmente tiveram de fazer o que era melhor para as crianças que ainda tinham.

Pela sua expressão, é claro que Bliss não está inclinada a dar-lhes o benefício da dúvida.

Com um último abraço a Keely, Inara sai do quarto com Victor e Eddison; Ramirez fica para conversar com os pais. Passam por uma série de quartos vazios com guardas nas portas, todos os quartos onde as raparigas deviam estar, mas não estão, depois por uma série de quartos vazios que formam uma barreira entre as raparigas e os quartos ao fundo do corredor, com os seus próprios guardas.

Quando param, Eddison olha pela pequena janela da porta e lança ao parceiro um olhar curioso. Victor limita-se a assentir.

— Eu espero aqui — diz o jovem.

Victor abre a porta, faz a rapariga entrar e fecha-a cuidadosamente atrás deles.

O homem na cama está ligado a uma incrível variedade de máquinas, todas a emitir *bips* suaves com os seus próprios sons e ritmos. Uma cânula nasal leva oxigénio ao seu corpo, mas um *kit* de intubação aguarda ali perto para a eventualidade muito real de vir a ser necessário. Os pensos cobrem grande parte do que o lençol deixa à mostra: há ligaduras, zonas cobertas de pomada brilhante e materiais sintéticos para retirar o calor das queimaduras e prevenir as infeções. As queimaduras estendem-se para um lado do couro cabeludo, uma confusão de pele descolorida e cheia de bolhas.

A rapariga olha fixamente para ele de olhos arregalados, os

pés fincados a apenas um metro dentro da porta.

— Ele chama-se Geoffrey MacIntosh — diz Victor num tom meigo. — Já não é o Jardineiro. Tem um nome e uma série de ferimentos que o desfiguram, já não é o deus do Jardim. Nunca mais será. Chama-se Geoffrey MacIntosh e será julgado por tudo o que fez. *Este homem já não a pode magoar mais.*

— E a Eleanor? A mulher dele? — sussurra ela.

— Está no quarto ao lado para poderem monitorizar o seu coração. Desmaiou em casa. Tanto quanto percebemos, nunca soube de nada disto.

— E a Lorraine?

— Algumas portas abaixo. Está a ser interrogada para determinar até que ponto pode ser acusada pelo seu papel em tudo isto. Haverá uma série de avaliações psicológicas antes de ser tomada uma decisão.

Ele pode ver o nome tomar forma nos seus lábios, mas ela não pergunta. Deixa-se cair numa das cadeiras encostadas à parede, inclinando-se contra os joelhos para estudar o homem inconsciente na cama do hospital.

— Nenhuma de nós o tinha visto tão zangado — diz ela a medo. — Nem sequer quando o Avery feria alguém com gravidade. Estava *furioso*.

Ele oferece-lhe a mão e tenta esconder a sua surpresa quando ela realmente a agarra, a gaze a roçar na sua pele.

— Nenhuma de nós alguma vez o tinha visto assim.

* * *

Encontravam-se os três na extremidade do Jardim, perto da porta, e o Jardineiro enlouquecera. Gritava com Desmond, e Avery encontrava-se ao seu lado com um ar todo presunçoso. Acho que percebeu que o pai já não estava muito chateado por causa de Keely.

Em vez de me aproximar, inspecionei o que conseguia ver do Jardim. Tinham estado lá pessoas, isso era bastante claro. Marcas de botas eram visíveis na areia e algumas plantas tinham sido pisadas. Alguém tinha até deixado um invólucro de pastilha elástica na margem do riacho. Ter-se-iam os polícias mostrado pouco interessados? Ter-lhes-ia o Jardineiro dado uma explicação que fizesse sentido?

— As dimensões — sussurrou Bliss. — Se ele baixou *todas* as paredes, eles podem não ter percebido que havia corredores. Há calhas de ambos os lados da porta principal.

Então talvez tivessem procurado e não tivessem conseguido encontrar-nos.

Desmond fizera mesmo o telefonema.

O meu coração doía porque queria estar orgulhosa dele, mas, na verdade, só conseguia pensar que já estava mais do que na altura. Saber que tínhamos sido raptadas, violadas, assassinadas e expostas não fora suficiente, mas, pelo menos, a criança de doze anos violada e brutalizada acabara por ser.

— Isto é errado! — gritou ele quando o pai, por fim, respirou fundo. — Raptá-las é errado, mantê-las aqui é errado, matá-las é errado!

— Não te compete tomar essa decisão!

— Compete sim! Porque é ilegal!

O pai esbofeteou-o com tanta força que ele tropeçou para trás e caiu.

— Esta é a minha casa e o meu Jardim. Aqui, eu sou a lei, e tu foste contra isso.

A rir como uma criança no Natal, Avery desapareceu e voltou momentos depois com uma bengala de bambu, provavelmente a mesma que fora usada nele no dia anterior. A sério, uma bengala. Quem é que bate com uma bengala nos filhos adultos? Ou, melhor, quem é que bate com uma bengala nos filhos em qualquer idade? Mas Avery entregou a bengala

ao pai e atacou o irmão mais novo, rasgando-lhe a roupa até as suas costas e parte do seu traseiro estarem à mostra.

— Isto é para o teu próprio bem, Desmond — disse o Jardineiro enquanto enrolava as mangas. Desmond debateu-se, mas Avery tinha-o bem preso pelo pescoço.

Com o rosto de Keely encostado à minha barriga para que não pudesse ver, ficámos a ver o Jardineiro bater no filho com a bengala. Deixou marcas vermelhas que depressa se transformaram em vergões, e Avery, o cabrão anormal, aplaudiu cada golpe. Desmond continuou a debater-se, mas não gritou, apesar da dor horrível que aquilo devia ter provocado. O Jardineiro contou-os e, depois de vinte golpes, largou a bengala.

Os aplausos de Avery pararam.

— Só isso? — perguntou ele. — Deste-me os mesmos por marcar aquela cabra!

Pousei uma mão na anca e senti a cicatriz alta deixada por aquela marca. Vinte golpes de uma bengala seriam o equivalente?

— Avery, não te metas nisto.

— Não! Ele podia ter-nos posto a ambos na prisão, até no corredor da morte, e deixa-lo safar-se com vinte? — Largou o irmão no carreiro arenoso e endireitou-se. — Ele quase destruiu todo o teu trabalho de trinta anos. Virou as costas ao que significa ser teu filho. Virou-te as costas!

— Avery, já te disse...

Avery tirou algo da parte de trás do cinto e, de repente, sem se importar com o que o pai lhe dizia, ficou no comando.

Uma arma faz isso.

— Deste-lhe tudo! — gritou, apontando a arma ao irmão. — O teu querido Desmond, que nunca fez nada para te ajudar a abastecer o Jardim, e estavas tão orgulhoso dele. «As Borboletas gostam dele.» «Ele não as magoa.» «Ele entende-as

melhor.» Que interessa essa merda? Também sou teu filho, o teu primogénito. Sou aquele de quem devias estar orgulhoso.

O pai ergueu as mãos, olhando para a arma.

— Avery, sempre tive orgulho em ti...

— Não, tinhas medo de mim. Até eu sei a diferença, pai.

— Avery, por favor, baixa a arma. Não há lugar para isso aqui.

— Não há lugar para isso aqui — repetiu ele com um sorriso sarcástico. — Disseste sempre o mesmo em relação a tudo o que quis!

Com um profundo e doloroso gemido, Desmond rolou, de modo a ficar de barriga para cima, e soergueu-se nos cotovelos.

A arma disparou.

Desmond voltou a tombar com um grito, o sangue a surgir no peito da sua camisa esfarrapada. O Jardineiro lançou-se para a frente com um soluço e a arma disparou outra vez. O Jardineiro caiu de joelhos com as mãos no flanco.

Empurrei Keely para Danelle e fi-las esconderem-se atrás de uma rocha.

— Fiquem aqui — sussurrei.

Bliss agarrou-me a mão.

— Ele vale a pena?

— Provavelmente, não — admiti. — Mas telefonou.

Abanando a cabeça com tristeza, ela não insistiu e eu soltei-me das suas mãos. Estava quase perto de Desmond quando Avery me agarrou pelo cabelo e me fez tombar.

— E aqui está a cabra, a pequena rainha do Jardim. — Bateu-me com a pistola com tanta força que ouvi sinos, e parte da arma abriu-me a cara com o impacto. Deixando cair a arma, ele pontapeou-me até eu cair de joelhos e começou a mexer no cinto. — Bem, agora eu sou o rei do Jardim, então é melhor aprenderes a mostrar algum respeito.

— Se puseres isso perto da minha boca, arranco-ta à dentada

— rosnei e, atrás da rocha, Bliss aplaudiu.

Ele bateu-me outra vez e mais outra e levantou a mão para o fazer de novo quando a voz de Nazira o deteve.

— Estou a ouvir sirenes!

Eu não conseguia ouvir nada, excepto os sinos a soar dentro do meu crânio, mas algumas das outras raparigas disseram que também conseguiam ouvi-las. Não percebi se estavam a tentar distraí-lo ou se as sirenes eram reais.

Avery largou-me e correu pelo Jardim com intenção de subir ao penhasco, a fim de ver por si mesmo. Rastejei para junto de Desmond, que tentava manter a pressão sobre o peito com uma mão. Afastei-lha e pressionei eu, o seu sangue quente e pegajoso a ser bombeado contra a minha mão.

— Por favor, não morras — sussurrei.

Ele apertou-me a mão com pouca força, mas não tentou responder.

O Jardineiro gemeu e aproximou-se do outro lado do filho.

— Desmond? Desmond, responde!

Os olhos verde-pálidos — os olhos do pai — abriram-se.

— A única maneira de as proteger dele é deixá-las ir — arquejou. O suor perlava-lhe o rosto. — Ele vai matá-las a todas e vão ter dores constantes.

— Mantém-te acordado, Desmond — suplicou o pai. — Vamos levar-te ao hospital e decidir o que fazer. Maya, continua a manter a pressão!

Eu não tinha deixado de o fazer.

Mas agora também ouvia as sirenes.

Avery saltou e praguejou no alto do penhasco e as raparigas correram para junto de nós, provavelmente a pensar que o Jardineiro e Desmond eram uma aposta mais segura do que o maluco do Avery. Até Lorraine estava connosco e ninguém tentou mandá-la embora. Bliss pegou na arma com as mãos trémulas, mas manteve os olhos postos em Avery.

E as sirenes soaram mais alto.

— Não percebo porque voltaram — sussurra Inara, apertando a mão dele com força. — Não encontraram nada da primeira vez, certo? Senão o Jardineiro não teria subido as paredes.

— Um dos agentes que ficou na esquadra meteu no computador os nomes que Desmond dera ao telefone. Reconheceu o nome de Keely porque ela desaparecera há pouco tempo, mas, quando meteu alguns dos outros, surgiram alertas do FBI. O chefe dele entrou em contacto connosco e encontrámo-nos todos lá. Cassidy Lawrence, por exemplo. Desaparecera há quase sete anos do Connecticut. Não havia razão para dizer o seu nome juntamente com o de Keely, a menos que houvesse de facto uma ligação entre eles.

— Então Lyonette contribuiu para que fôssemos finalmente encontradas? — pergunta ela com um sorriso fraco.

— Sim.

Ficam em silêncio alguns minutos, a ver o homem na cama inspirar e exalar.

— Inara. . .

— O resto.

— Espero que esta seja a última coisa difícil que lhe peço.

— Até me pedir para depor em tribunal — suspira.

— Lamento muito, a sério, mas o que aconteceu depois?

Maldita Sirvat.

O Jardineiro tirou o comando à distância do bolso e marcou uma série de números no pequeno painel.

— Sirvat, por favor, vai à sala à direita da porta e traz algumas toalhas e tubos de borracha.

— Aquela ao lado da Zara? — perguntou ela.

— Sim, essa mesma.

Um sorriso lento espalhou-se pelo seu rosto e ela deu meia volta com uma gargalhada. Sirvat estava ali há cerca de ano e meio e sempre fora uma rapariga solitária e... estranha.

O Jardineiro ajustou o cinto para que pressionasse a ferida no seu flanco e acariciou o cabelo do filho, dizendo-lhe para ficar acordado, fazendo-lhe perguntas e implorando-lhe que respondesse. Des apertou-me a mão em resposta a algumas coisas e ainda respirava, mas não tentou falar, o que me pareceu ser o melhor.

— Quando lhe atarmos as toalhas, deixa-nos levá-lo até lá fora? — perguntei.

O Jardineiro olhou para mim, quase através de mim, aparentemente a sopesar as suas Borboletas e o filho, mesmo naquele momento. Por fim, assentiu.

Então senti o cheiro e fiquei imóvel.

Danelle foi a seguinte a dar por ele, enrugando o nariz.

— O que é aquilo?

— Formaldeído — murmurei. — Temos de nos afastar daquela sala.

— Que sala?

O Jardineiro empalideceu ainda mais.

— Nada de perguntas, minhas senhoras, venham.

Tivemos de arrastar Desmond pela areia, o Jardineiro a tropeçar e a oscilar atrás de nós. Atravessámos a queda-d'-água — quem tentasse contorná-la e permanecer seca era empurrada por Bliss — e juntámo-nos na gruta.

Acima do som da água, ouvimos Sirvat rir e depois...

* * *

Ela abana a cabeça.

— Não sei como descrever a explosão — diz. — Foi enorme, todo aquele som e calor. Algumas das pedras caíram do alto do penhasco, mas a gruta não desabou como eu temia. Havia chamas e vidro por todo o lado e aqueles pequenos aspersores estúpidos a dispararem para o vapor. O ar entrava pelo telhado partido e as chamas elevavam-se em direcção a ele. Começou a sair algum fumo, juntamente com as verdadeiras borboletas, mas, mesmo assim, o fumo era tão espesso que mal conseguíamos respirar. Tínhamos de sair dali.

— Atravessaram o riacho?

— Até chegarmos ao lago. Cortámos os pés nos vidros, mas as chamas estavam a espalhar-se e a água parecia a melhor opção. A metade dianteira do Jardim era um fogaréu enorme. Perguntei ao Jardineiro... — Ela engole em seco, olha para o homem na cama. — Perguntei ao Sr. MacIntosh se havia uma saída de emergência, qualquer outra forma de sair, mas ele disse... que nunca pensara que alguma coisa fosse acontecer.

Ela torce a mão na dele até a sua outra mão conseguir enfiar-se debaixo das ligaduras para tocar nas crostas. Ele afasta-a com suavidade.

As chamas estavam a espalhar-se tão depressa. As vidraças caíam e partiam-se em cima de nós. Willa esquivou-se a uma, mas ficou directamente debaixo de outra que lhe cortou a cabeça quase ao meio. Podíamos ver as chamas para lá do vidro, a consumirem a estufa exterior.

O Jardineiro abanou a cabeça, apoiando-se em Hailee.

— Se chegar à sala dos fertilizantes, haverá uma segunda explosão — disse ele, tossindo.

A maioria das raparigas já estava a chorar.

Tentei pensar em qualquer maneira de não ficarmos encurraladas e lixadas.

— O penhasco — disse. — Se partíssemos um pouco do vidro na parede, podíamos sair para o tecto dos corredores.

— E depois deslizar pelos vidros rachados ou partidos da estufa exterior? — murmurou Bliss. — E se calhar ainda partir tornozelos, pernas e *costas* quando aterrarmos?

— Bem. É a tua vez.

— Não faço a mais pequena ideia. É a tua vez.

Desmond riu-se e depois gemeu.

Pia gritou e virámo-nos para ver Avery segui-la com o antebraço queimado e coberto de bolhas sobre a garganta dela. Tinha um vidro espetado no ombro, fuligem e golpes na cara. Riu-se e mordeu-lhe o pescoço enquanto ela se debatia.

— Avery, larga-a — gemeu o Jardineiro.

Apesar do rugido das chamas, ouvimos o pescoço dela estalar.

Ele atirou o seu corpo para o lado e depois recuou quando se ouviu um estrondo. Virei-me e vi Bliss com a arma levantada, os pés bem fincados no chão; deu-lhe outro tiro. Ele berrou de dor e lançou-se para a frente, e ela disparou mais dois tiros até que ele finalmente caiu de cara nas flores.

Uma das árvores maiores, com todos os ramos em chamas, partiu-se junto às raízes e tombou contra a parede com um gemido terrível. O vidro partiu-se, as chapas de metal cederam sob o seu peso e o telhado preto entre as duas secções da estufa caiu debaixo dela. Podíamos ver a estufa exterior através das chamas dançantes.

— Ainda não me ocorreu nada — disse Bliss, tossindo devido ao fumo. — A sério, ainda é a tua vez de pensar em alguma coisa.

— Vai-te foder — murmurei, e ela brindou-me com um sorriso fraco.

Prendi o tornozelo atrás do joelho de Ravenna e puxei-a para tomar o meu lugar a pressionar o peito de Desmond. Calculei

que não lhe fazia bem nenhum ser deslocado daquela forma, mas, pelo menos, eu tinha de tentar salvá-lo. Ele esforçara-se, mesmo que não tivesse sido bem-sucedido. Podíamos tentar.

E eu não queria que ele morresse. Não quando finalmente nos dera a oportunidade de viver.

Corri para a árvore caída, afastando os pedaços maiores de vidro e os ramos mais pontiagudos. Senti muitas dores nas mãos, mas, se houvesse a possibilidade de aquilo ser a saída, tinha de tentar. A seguir, Glenys e Marenka começaram a ajudar-me e depois Isra juntou-se a nós e tentámos abrir um caminho em torno do tronco. Conseguimos limpar um lado e, com as quatro a empurrar e a fazer força do outro, afastámos o tronco o suficiente para a estufa exterior.

Marenka tirou um bocado de vidro do meu braço e livrou-se dele.

— Acho que sei como vamos carregá-la lá para fora.

— Tentemos então.

Ela levantou Desmond pelos ombros, prendendo as mãos sob as suas axilas. Pus-me entre as pernas dele e agarrei-o pela parte de trás dos joelhos. Não era bonito, e muito menos fácil, mas estávamos mais ou menos em fila indiana.

Bliss foi à frente, Danelle e Keely perto dela. Isra ficou para trás, afastando detritos à medida que caíam, o Jardineiro ao lado dela. Não a ajudar, porque não podia, era verdade, mas a fazer que as raparigas mais assustadas — ou paralisadas — nos seguissem. O fumo intensificava-se, mais espesso, e estávamos todas a sufocar. Havia vultos do outro lado da estufa exterior e, de repente, uma grande fenda abriu-se ao longo de um dos vidros de dois metros. Alguém lhe batia com um machado. Parámos, à espera de ver se conseguiam entrar, e, depois de mais algumas pancadas, o centro do vidro estilhaçou-se. Usando a cabeça do machado, um bombeiro soltou o resto do vidro e atirou para cima dos estilhaços uma lona grossa

dobrada ao meio.

— Venham! — gritou ele, ou ela, através da máscara.

Outros bombeiros seguiram-se, e dois deles tiraram-nos Desmond. Não era particularmente puro, mas inspirámos o primeiro ar fresco desde há muito tempo, e as poucas raparigas que não estavam já a chorar começaram assim que pisaram a relva fria de Outono e sentiram o ar gelado à nossa volta. Algumas caíram de joelhos com o choque e tiveram de ser levadas.

Eu estava a tentar contar cabeças depois de levarem Desmond, e via Isra fazer a mesma coisa na estufa exterior, ambas a tentarmos perceber quantas perdêramos antes de chegarmos a este ponto. Então houve um... um... estrondo ensurdecedor e outra explosão irrompeu de uma das salas. A última vez que vi Isra, ela estava a voar numa bola de fogo, com três raparigas ainda agarradas a si, e o Jardineiro no chão com chamas por cima dele. Tentei correr para as raparigas, mas um dos bombeiros agarrou-me o pulso e puxou-me dali para fora.

— E depois as ambulâncias, o hospital e o quarto onde o conheci. — Ela suspira. — E é isso. A história toda.

— Não exactamente.

Ela fecha os olhos, levando a mão com o pequeno dragão azul à cara.

— O meu nome.

— O Jardineiro já tem o nome dele. O seu é realmente assim tão terrível?

Ela não responde.

Victor levanta-se e põe-na em pé.

— Vamos. Mais uma coisa para ver.

Ela segue-o pela porta, passando por um Eddison de testa

franzida a falar com um agente da Polícia Científica num corta-vento, e entra na porta do outro lado do corredor. Desta vez, leva-a até à cama antes de ela poder ver quem é, e, quando isso acontece, sustém a respiração.

Os olhos de Desmond abrem-se lentamente, desfocados devido aos medicamentos, mas, quando a vê, um leve sorriso curva os seus lábios.

— Ei — sussurra ele.

Ela tem de forçar a palavra várias vezes antes de a sua voz corresponder.

— Ei.

— Sinto muito.

— Não... não, tu... fizeste a coisa certa.

— Mas devia tê-la feito muito mais cedo. — A sua mão move-se sobre o cobertor, um tubo de plástico curvado debaixo do adesivo que mantém a agulha sob a sua pele.

Ela faz menção de querer pegar-lhe na mão, mas os seus dedos apertam-se num punho antes de lhe tocarem. Olha para ele, a boca ligeiramente aberta, o lábio inferior a tremer de choque.

Os olhos dele fecham-se lentamente enquanto se imobiliza. Adormecido ou inconsciente, não se sabe.

— Ainda está fraco — diz Victor em voz baixa. — Tem uma longa recuperação pela frente, mas os médicos dizem que, provavelmente, o pior já passou.

— Ele vai safar-se? — sussurra. Os seus olhos brilham, molhados, mas nenhuma lágrima cai. Segurando o pequeno dragão azul numa mão, cruza os braços sobre a barriga, uma sensação de protecção de que já não devia precisar. — Será julgado como cúmplice — diz, ao fim de algum tempo.

— Isso não depende de nós. Pode haver um acordo de algum tipo para ele, mas...

— Mas devia ter feito o telefonema seis meses antes, e em

breve todos saberão.

Victor coça a cabeça.

— Admito que pensei que ficaria mais aliviada se o visse vivo.

— Estou aliviada, mas...

— É complicado?

Ela assente com a cabeça.

— Talvez tivesse sido melhor ele não saber as consequências da sua cobardia. Foi muito pouco e muito tarde, mas acabou por fazer o que era certo, e agora vai ser punido por demorar tanto tempo. Talvez pudesse ter morrido corajoso, mas vai viver cobarde.

— Então nunca se tornou real?

— Suficientemente real para deixar cicatrizes. Mas não muito real. Como podia ter sido mais?

— Talvez seja julgado. Deve ser chamada a testemunhar contra ele.

Ainda a olhar para o jovem na cama, ela não responde.

Ele não sabe se há alguma coisa a dizer.

— Inara...

— Inara! — chama uma voz feminina do corredor. — Ina... sim, estou a ver o seu distintivo, seu estupor arrogante, mas é a minha família lá dentro! Inara! — Há sons de uma altercação, então a porta escancara-se e revela uma mulher de altura mediana com cerca de trinta anos, cabelo castanho-avermelhado-desbotado a ameaçar soltar-se de um carrapito.

Inara imobiliza-se quando está prestes a voltar-se para a intrusa, os seus olhos incrivelmente abertos. Quando fala, é num sussurro.

— Sophia?

Sophia entra no quarto, mas Inara encontra-a a meio caminho, e as duas abraçam-se com toda a força. Balançam de um lado para o outro com a intensidade do abraço.

A Sophia? A mãe do apartamento? Como sabia ela que Inara estava aqui?

Um Eddison furioso entra no quarto, olhando para a mulher ao passar. Empurra um caderno preto grosso para as mãos de Victor.

— Estava numa gaveta escondida e trancada na secretária dele no escritório. Os técnicos tinham começado a analisar os nomes quando encontraram algo interessante.

Victor quase não quer saber, mas este é o seu trabalho. Afastando os olhos das duas mulheres, vê um *post-it* a sair do caderno, mais ou menos a meio. Abre-o algumas páginas antes.

Uma jovem de olhos aterrorizados e chorosos fita-o de uma foto, os ombros curvados e as mãos parcialmente levantadas como a tentar esconder da objectiva os seios nus. Ao lado, uma foto de trás, mostrando asas acabadas de fazer. Por baixo, aquelas mesmas asas numa vitrina nova, as extremidades das asas desfocadas pelo vidro e pela resina incolor. No espaço vazio, há dois nomes — Lydia Anderson, em cima, e, em baixo, Siobhan — escritos com uma letra masculina firme, seguida por «*Gulf Fritillary*» e datas com quatro anos de intervalo.

A página seguinte tem uma rapariga diferente, e a outra a seguir, a do *post-it*, tem apenas duas fotos. E apenas uma data. Sob a foto de uma beldade de cabelo castanho-avermelhado com olhos cor de avelã, a letra diz...

— Sophia Madsen — lê Victor em voz alta, atordoado.

A mulher olha para ele por cima do ombro de Inara. Diz a palavra seguinte por ele.

— Lara.

— Como...?

— Ninguém falaria da fuga de uma Borboleta se nenhuma tivesse fugido — murmura Inara na direcção do cabelo de Sophia. — Teria sido demasiado doloroso.

— A fuga foi real. A senhora... fugiu?

Ambas assentem.

Eddison franze a testa.

— Os técnicos introduziram o nome e confrontaram-no com a nossa lista de funcionários do Evening Star. Mandaram alguém ao restaurante e a ambas as moradas listadas, mas ela não estava lá.

— Claro que não — respondeu Sophia. — Como podia lá estar quando vinha a caminho daqui? — Afasta-se de Inara. Não a solta, recua apenas o suficiente para a ver de alto a baixo. A camisola de Sophia está puída e é enorme, a gola muito aberta a escorregar por um ombro, revelando a alça de um *soutien* e a extremidade de uma asa desbotada, esticada devido ao peso.

— O Taki viu-te nas notícias a ser trazida para o hospital e correu para o apartamento para nos apanhar. Elas ligaram-me e, oh, Inara!

Inara geme no abraço renovado de Sophia, mas não lhe pede para a soltar.

— Estás bem? — pergunta Sophia.

— Vou ficar — responde Inara em voz baixa, quase timidamente. — As minhas mãos são o pior, mas, se tiver cuidado, devem sarar.

— Não é só isso que estou a perguntar, e *estou* a perguntar. Agora tenho a minha casa, posso infringir as regras do apartamento.

O rosto de Inara ilumina-se, toda a incerteza e choque a desaparecerem.

— Conseguiste recuperar as tuas filhas!

— Sim, e elas ficarão radiantes por te ver. Sentiram a tua falta tanto como nós. Dizem que ninguém lhes lê tão bem como tu.

Eddison não consegue disfarçar bem a sua gargalhada num acesso de tosse.

Inara lança-lhe um olhar azedo.

Por seu lado, Victor sente-se quase aliviado ao ver Inara contornar a pergunta mais invasiva. Pelo menos, ela faz aquilo com todos. Aclara a garganta para lhes chamar a atenção.

— Desculpem interromper, mas tenho de insistir numa explicação.

— Geralmente insiste — murmura Inara.

Apenas Sophia sorri.

— É o trabalho dele. Mas talvez... — Olha para o rapaz na cama, os olhos de Victor a seguirem-na. Desmond nem sequer se agitou com todo o barulho. — Noutro lado?

Victor acena com a cabeça e leva-as para fora do quarto. No corredor, vê a senadora Kingsley sozinha diante da porta do quarto das Borboletas, a respirar fundo. Devia parecer mais meiga apenas com a blusa e a saia; em vez disso, parece apenas assustada. Victor pergunta-se se o fato dela é como o *gloss* de Inara, uma forma de se proteger contra o resto do mundo.

— Acha que ela vai entrar? — pergunta Inara.

— Daqui a pouco — responde ele. — Assim que perceber que isto não é algo para que se possa preparar.

Leva-as para um quarto na zona-de-ninguém entre as Borboletas e a família MacIntosh. É privado, pelo menos, e um dos guardas aproxima-se para garantir que não são perturbados. Inara e Sophia instalam-se lado a lado numa das camas vazias, de frente para a porta e para quem tenta entrar. Victor senta-se na cama oposta. Não fica admirado por Eddison decidir ficar em pé em vez de se sentar.

— Sr.^a Madsen? — pergunta Victor. — Por favor?

— Gosta de ir directo ao assunto, não é? — Sophia abana a cabeça. — Desculpe, mas não, ainda não. Esperei mais do que o senhor.

Victor pestaneja, mas anui.

Pegando na mão de Inara com as suas, Sophia aperta-a com

força.

— Pensámos que alguma coisa do passado te tinha apanhado — diz ela. — Pensámos que tinhas fugido.

— Era uma suposição lógica — responde Inara.

— Mas a tua roupa toda...

— É apenas roupa.

Sophia abana novamente a cabeça.

— Se tivesses fugido, terias levado o teu dinheiro. A propósito, a Whitney e eu abrimos-te uma conta. Não nos sentíamos à vontade com todo aquele dinheiro lá em casa.

— Sophia, se estás a tentar encontrar uma maneira de dizer que isto é, de alguma forma, culpa tua, não vais encontrá-la por mim. Todas fugíamos de alguma coisa. Todas sabíamos isso. Sabíamos não fazer perguntas se alguém desaparecia.

— Mas devíamos ter feito. E a altura...

— Não havia como saber.

— A altura? — pergunta Victor.

— A festa que o Jardineiro... o Sr. MacIntosh...

Sophia solta uma risada assustada.

— Ele tem um nome. Quero dizer, claro que sim, mas... que estranho.

— A festa no Evening Star — continua Inara. — Eu não disse nada acerca do facto de o Sr. MacIntosh ser assustador, apenas falei do encontro com o Avery. Mas então chegámos a casa com todas aquelas asas de borboleta.

— Bebi até quase cair para o lado — diz Sophia, carrancuda. — Era como estar de volta ao Inferno.

— Levei-a até às escadas de incêndio para apanhar ar e ela acabou por me contar tudo sobre o Jardim.

— Nunca tinha contado a ninguém.

— Porque não? — pergunta Victor. Do canto do olho, vê Eddison parar.

— De início, parecia não haver nada a dizer. Não sabia o

nome dele, estivera tão em pânico ao sair que não prestara atenção ao que me rodeara. Não sabia onde ficava a propriedade. Tinha apenas uma tatuagem e um bebê na barriga e uma história louca. Achei que, se fosse à Polícia, eles seriam como os meus pais: partiriam do princípio de que eu estava bêbeda ou drogada ou que fora promíscua e mentia para evitar as consequências.

— Voltou para os seus pais?

Ela faz uma careta.

— Correram comigo. Disseram que eu os envergonhava. Não tinha para onde ir. Tinha dezanove anos e estava grávida e não havia ninguém que me ajudasse.

Eddison empoleira-se na ponta da cama de Victor.

— Então a Jillie é do Jardineiro?

— A Jillie é minha — responde ela, mostrando-lhe os dentes.

Eddison levanta as duas mãos num gesto apaziguador.

— Mas ele é o pai.

Sophia murcha e Inara inclina-se contra ela para a confortar.

— Essa era a outra razão para não dizer nada. Se ele tivesse descoberto a existência dela, eu podia tê-la perdido. Nenhum tribunal do mundo a teria deixado ficar com uma prostituta viciada em heroína quando podia viver com uma família rica e respeitada. Pelo menos, quando os Serviços Sociais levavam as minhas filhas, eu podia esforçar-me por recuperá-las. Se ele tivesse levado a Jillie, eu nunca mais a teria visto, e acho que a Lotte nunca teria superado isso. São as minhas meninas. Tive de as proteger.

Victor olha para Inara.

— Não era isso que o Desmond estava a fazer? A proteger a sua família? Não o tinha em grande conta por causa disso.

— Não é o mesmo.

— Não é?

— Sabe que não — diz ela secamente. — A Sophia estava a

proteger as filhas. Crianças inocentes que não merecem sofrer pelo que aconteceu. O Desmond estava a proteger criminosos. Assassinos.

— Como escapou? — pergunta Eddison.

— Ia ter de fazer um teste de gravidez — responde Sophia. — Estava a ganhar peso, e às vezes vomitava depois do almoço. A Lor... a nossa enfermeira levou-me o teste, mas foi chamada para tratar de um ferimento antes de poder ver-me fazê-lo. Entrei em pânico. Corri em busca de uma saída que me pudesse ter escapado nos últimos dois anos e meio. E vi o Avery.

— O Avery já ia ao Jardim.

— Tinha-o descoberto apenas algumas semanas antes. O pai dera-lhe um código, mas ele tinha dificuldade em lembrar-se dele. Era muito lento a introduzi-lo. Naquele dia, escondi-me na madressilva e vi-o marcá-lo. Ele até disse os números enquanto premia os botões. Esperei um pouco, depois marquei-o. Quase me esquecera de que as portas podiam abrir-se normalmente.

Victor esfrega a cara.

— Contou a alguma das outras?

Ela começa a responder, furiosa, mas então os seus ombros curvam-se.

— Acho que percebo porque é uma pergunta válida — admite. — Afinal, ao não ir à Polícia, deixei-as lá para morrerem, não é? Mas tentei. — Ela encontra os seus olhos. — Juro que tentei. Elas tiveram demasiado medo de fugir. Eu tive demasiado medo de ficar.

— Medo?

— O que acontece se quase fugimos? — pergunta Inara, mas parece mais um lembrete do que uma pergunta.

— Passara mais ou menos um mês desde que uma rapariga chamada Emiline ficara fora do quarto durante a visita regular dos jardineiros — diz Sophia. — Tentou dizer aos homens o

que se passava, mas o Jardineiro deve ter arranjado alguma desculpa. Quando voltei a vê-la, estava numa vitrina. É difícil tentar fugir quando vemos que o castigo é esse. Mas culpo-me por as ter deixado para trás.

— Não. — Victor abana a cabeça. — Deu-lhes a oportunidade. Não pode salvar alguém contra a sua vontade.

— Por falar nisso, a Lorraine está aqui.

Sophia volta-se para Inara com consternação.

— Oh, não. Ainda?

Inara anui.

— Pobre mulher — murmura. Inara lança-lhe um olhar de esguelha, mas não diz nada. — Estive na rua com outras prostitutas mais tempo do que estive no Jardim, mas nunca vi uma mulher tão quebrada como a Lorraine. Ele amava-a e depois deixou de a amar, e nunca foi culpa dela. Odeia-a se tiver de ser, mas eu sinto só pena dela. Mais do que nós, talvez, ela nunca teve uma oportunidade.

— Agora nunca irá para a vitrina.

— Nunca iria para a vitrina já quando eu a conheci. Isso muda alguma coisa?

— Inara? — Todos se voltam para olhar para Eddison; tanto quanto Victor se lembra, é a primeira vez que Eddison a trata pelo nome. — Foi raptada de propósito? É isso que está a esconder?

— De *propósito*? — arqueja Sophia, saltando da cama.

— Não, eu...

— Fizeste isso de propósito?

— Não! Eu...

Victor ignora o sermão impressionante de Sophia, virando-se de lado e olhando para o parceiro.

— Como conseguiu passar de cúmplice a ser apanhada de propósito? — pergunta ele, com a cabeça a mil. Se Eddison tiver razão, aquilo pode mudar tudo. Seria impossível salvá-la

da senadora e dos tribunais. Fazer tal coisa sem ir à Polícia? Ver-se por acaso no meio de tais perigos é uma coisa, mas escolher ir para lá? Pondo-se propositadamente em perigo e, talvez, às outras raparigas?

— Se ela não estava a esconder que fez parte daquilo, o que estava a esconder?

— Estava a esconder a Sophia! — grita Inara, agarrando o braço da amiga e puxando-a bruscamente. Sophia cai na cama, surpreendida. — De propósito, realmente, pareço-vos assim tão estúpida?

— Quer que eu responda a isso? — pergunta Eddison com um sorriso.

Ela olha para ele, furiosa.

— Estava a esconder a Sophia — repete Inara em voz mais baixa. Olha para Victor. — Compreendo que a minha palavra possa não valer muito, mas juro que é verdade. Sabia que, se o nome da Sophia surgisse, o mesmo aconteceria à verdade sobre a Jillie, e eu não podia... a Sophia esforçou-se tanto por recuperar a sua vida. Não podia ser eu a virá-la do avesso. Não podia ser eu a causa de ela perder as filhas. Precisava de tempo para pensar.

— Sobre quê? — pergunta Victor.

Ela encolhe os ombros.

— Precisava de ver se havia uma maneira de evitar ligá-la ao Jardim. Esconder o livro teria sido o mais fácil, mas isso... bem... Então pensei que, se conseguisse prolongar isto o tempo suficiente, poderia telefonar-lhe, avisá-la, mas ela..

— Não esperava que ela viesse até aqui.

Inara abana a cabeça.

— Mas sabia do Jardim — insiste Eddison.

— Não que eram eles. — Inara segura o triste dragão nas duas mãos. — Quando ela me falou do Jardim, foi apenas por ter visto as asas de fantasia, nada mais. Nenhuma das que

trabalhou naquela noite descreveu os clientes. Porque haveríamos de o fazer? E eles estavam a angariar fundos para *Madame Butterfly*, o tema fazia sentido. Eu não sabia.

Victor acena lentamente.

— Mas sabia do Jardim, portanto, quando acordou lá, não entrou em pânico.

— Exacto. Tentei descobrir o código do Avery, mas ele era mais cuidadoso. Bem, afinal, tinham passado dez anos. Procurei em todo o lado, mas não consegui encontrar outra saída. Até tentei partir o vidro junto às árvores. Nem rachou.

— E depois o Desmond.

— O Desmond? — pergunta Sophia.

— O filho mais novo do Jardineiro. Tentei... — Inara abana a cabeça, afastando o cabelo do rosto. — Sabes como a Hope consegue que os tipos com quem vai para a cama façam tudo por ela? Que entrariam num edifício em chamas se dissesse que o seu colar favorito estava lá?

— Sim...

— Tentei isso.

— Oh, querida. — Sophia bate com o ombro no de Inara, um sorriso a iluminar as suas feições cansadas. — Sendo como és, imagino que não tenha corrido bem.

— Na verdade, não correu.

— Ele telefonou para a Polícia — recorda Victor.

— Não creio que tenha sido por causa de alguma coisa que fiz — confessa ela. — Acho que foi sobretudo por causa do Avery.

— Espere, o quê?

— Eles não podiam coexistir no Jardim. Talvez nunca, mas especialmente ali, e não com o orgulho do pai em jogo. Competiam pelo seu amor. O Avery fez algo drástico e o Desmond fez algo drástico em resposta. Ambos perderam.

— Mas você ganhou.

— Não acho que alguém tenha ganho — diz ela. — Há dois dias, éramos vinte e três, incluindo a Keely. Agora somos treze. Quantas acha que podem mesmo adaptar-se ao Exterior?

— Acha que haverá suicídios?

— Acho que um trauma não passa só porque fomos resgatadas.

Eddison levanta-se e tira o álbum a Victor.

— Preciso de entregar isto à Polícia Científica — diz. — Querem alguma coisa?

— Vê se alguém entrou em contacto com o advogado da família MacIntosh. O Geoffrey e o Desmond ainda não estão em condições de precisar de um, mas a Eleanor sim. Vê como está a Lorraine, também, e se os psicólogos já fizeram alguma avaliação.

— Certo. — Ele acena a Inara e sai do quarto.

Inara ergue uma sobrancelha.

— Sabe, mais uns dias presa com ele numa salinha e até podia começar a considerá-lo um amigo. — Sorri a Victor, um sorriso doce e pouco sincero, mas mesmo assim real. Desvanece-se. — E a seguir?

— Haverá mais interrogatórios. Muitos mais interrogatórios. Será incluída neles, Sr.^a Madsen.

— Calculei que sim. Trouxe uma mala para cada uma.

— Mala? — repete Inara.

— Está no porta-bagagens. Pedi o carro ao Guilian. — Sorri e abana Inara. — Pensaste que eu ia desistir de ti? Guardámos todas as tuas coisas e a tua cama ainda lá está. Disse-te que eu e a Whitney te abrimos uma conta com aquele dinheiro todo que tinhas em casa. Já deve ter acumulado alguns juros. E o Guilian diz que tem muito gosto que voltes ao restaurante.

— Tu... guardaste as minhas coisas? — pergunta ela com voz débil.

Sophia toca com meiguice no nariz de Inara.

— Também és uma das minhas meninas.

Inara pestaneja rapidamente, os olhos brilhantes, e a seguir as lágrimas derramam-se das pestanas para o rosto. Espantada, ela toca na pele húmida com a ponta do dedo.

Victor aclara a garganta.

— O carrossel acabou — diz ele. — Desta vez, a sua família está à sua espera.

Inara inspira com dificuldade, tentando recompor-se, mas os braços de Sophia envolvem-na, puxando-a devagar para o seu colo. Ela começa a chorar sem fazer barulho. Apenas os tremores que lhe sacodem o corpo e a sua respiração irregular a denunciam. Sophia não lhe faz festas no cabelo escuro e brilhante. Isso seria muito parecido com o Jardineiro, imagina Victor. Em vez disso, passa com um dedo pela curva da orelha de Inara, uma e outra vez, até que Inara solta uma gargalhada trémula e se endireita.

Victor estende-lhe um lenço no espaço entre as camas. Ela pega-lhe e limpa o rosto.

— As pessoas voltam? — sugere ele.

A voz dela revela espanto.

— E outras pessoas esperam que voltem.

— Sabe que há mais uma coisa.

O polegar dela roça o pequeno dragão azul triste.

— Tem de compreender que ela não é real. Nunca foi. Eu não era uma pessoa real até me tornar Inara.

— E a Inara pode ser uma pessoa real. Agora tem dezoito anos, se estiver a dizer-me a verdade.

Ela fita-o com uma expressão irónica.

Ele sorri, depois continua:

— Pode mudar legalmente o seu nome para Inara Morrissey, mas apenas se tivermos o seu nome legal actual.

— Sobreviveste ao Jardineiro e aos filhos — observa Sophia.
— Mesmo que os teus pais apareçam, não lhes deves nada. A

tua família está aqui no hospital e em Nova Iorque. Os teus pais não são nada.

A rapariga inspira lentamente, exala ainda mais devagar e depois repete:

— Samira — acaba por dizer com voz trémula. — O nome na minha certidão de nascimento era Samira Grantaire.

Victor estende a mão. Inara olha para ela por um momento, depois pousa o dragão de cerâmica na coxa para poder inclinar-se e apertá-la. Sophia agarra-lhe a outra mão.

— Obrigado, Samira Grantaire. Obrigado por nos dizer a verdade. Obrigado por cuidar das outras raparigas. Obrigado por ser tão corajosa.

— E tão teimosa — acrescenta Sophia.

A rapariga ri, o seu rosto luminoso e franco e coberto de lágrimas e Victor conclui que foi um bom dia. Não é ingénuo ao ponto de pensar que tudo está bem. Ainda haverá dor e trauma, todas as feridas da investigação e do julgamento. Há raparigas mortas a chorar e raparigas vivas que lutarão durante anos para se adaptarem à vida fora do Jardim, se alguma vez o conseguirem.

Isso ainda conta como um bom dia para ele.

AGRADECIMENTOS

Às vezes acho que esta parte é mais difícil do que escrever o livro todo.

Mas há muitas pessoas a quem estou profundamente grata pela existência deste livro. À mãe e à Deb, por responderem a perguntas médicas perturbadoras e bizarras e, assim, evitarem que eu fosse incluída em listas por perguntar ao Google coisas assustadoras. Ao meu pai e aos meus irmãos, por apoiarem este meu sonho estranho e difícil. A Sandy, por não desistir do monstro silencioso e assustador que parecia não ter um lar. A Isabel e Chelsea, por serem as primeiras leitoras e não perguntarem : «Qual é o teu problema?» A Tessa, por ter a paciência e o talento para me tirar dos becos onde continuei a enfiar-me. A Alison e a JoVon, por arriscarem nele, e a Caitlin, por fazer tantas perguntas fantásticas e por me obrigar — apesar da minha histeria — a encontrar formas de melhorar este livro.

Aos amigos que me perdoaram por ser muito antissocial enquanto escrevia isto e aos colegas de trabalho que devem estar fartos de me ouvir falar dele e aos editores que estão muito contentes por o receber.

A vocês, por me aturarem tanto tempo.

«Nunca a beleza foi tão assustadora»



Perto de uma mansão isolada, encontra-se um belo e luxuriante jardim com flores exuberantes, árvores frondosas e... uma colecção de preciosas «borboletas». Jovens mulheres sequestradas e tatuadas para se parecerem com as suas homónimas. Quem toma conta deste estranho lugar é o aterrorizador Jardineiro, um homem retorcido, obcecado com a captura e a preservação dos seus espécimes únicos. Quando o Jardim é descoberto pela Polícia, uma das sobreviventes é interrogada. Os agentes do FBI Hanoverian e Eddison têm a tarefa de juntar as peças de um dos quebra-cabeças mais complicados das suas carreiras. A menina, cujo nome é Maya, ainda se encontra em choque e o seu relato está cheio de episódios arrepiantes, no limite da credibilidade. Tortura, todas as formas de crueldade e privação pareciam estar na agenda da estufa dos horrores, mas no testemunho da jovem há lacunas e reticências... Maya continua a sua terrível história e os agentes do FBI precisam de descobrir quem, ou o quê, Maya tenta esconder...

À medida que a verdade emerge devagar de um casulo

cuidadosamente construído, Dot Hutchison faz que nos questionemos se este é um conto de beleza terrível ou um lindo conto de terror.

Os leitores dizem:

«Perturbador, mas muito bom.»

«Um *thriller* psicológico escuro, tortuoso e intenso.»

«Uma história arrepiante e impossível de largar. Passaram anos desde que um livro me tocou tão profundamente. Cheguei a tremer enquanto o lia. Brrrr.»

«Depois de ler a primeira página, percebi que já não podia parar. Perturbador, inteligente, memorável.»

«Devorei o livro numa noite de puro terror e prazer total. Não o perca!»

DOT HUTCHISON. Autora de livros para jovens adultos, estreia-se no mundo da ficção para adultos com o aterrorizador *thriller* O JARDIM DAS BORBOLETAS. Classificado pelos leitores de todo o mundo como o *thriller* mais aterrorizador que leram nos últimos tempos, tão sinistro quanto *O Silêncio dos Inocentes* e tão cativante como *O Coleccionador de Ossos*. Os direitos foram vendidos para treze línguas e os direitos para o cinema estão em opção com duas produtoras especializadas em filmes de terror.

www.dothutchison.com

Título original: *The Butterfly Garden*

Edição em formato digital: novembro 2017

Copyright © 2016 Dot Hutchison

© 2017, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Ana Lourenco

Revisão: Alice Soares

Capa: Panóplia®

Fotografia da autora © Arabella Blizzard

ISBN: 978-989-665-388-0

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Suma de Letras é uma chancela de:

www.megustaleer.com



Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou

privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Notas

- [1] *Callophrys Eryphon*. (N da T)
- [2] *Lycaena cuprea*. (N da T)
- [3] *Myscelia ethusa*. (N. da T.)
- [4] *Vanessa virginiensis*. (N. da T.)
- [5] *Neophasia terlooii*. (N. da T.)
- [6] *Anthocharis midea*. (N. da T.)
- [7] *Agraulis vanillae*. (N. da T.)
- [8] *Calephelis muticum*. (N. da T.)
- [9] *Neonympha mitchellii*. (N. da T.)
- [10] *Limenitis arthemis*. (N. da T.)
- [11] *Celastrina ladon*. (N. da T.)
- [12] *Phyciodes tharos*. (N. da T.)

Índice

O jardim das Borboletas

Parte I

Capítulo 1

Parte II

Capítulo 2

Parte III

Capítulo 3

Agradecimentos

Resenhas

Sobre a autora

Créditos

Notas da tradução